

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Pais de crianças Sobredotadas:
Representações e dimensões parentais**

Neuza Carina Monteiro Rodrigues

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Pais de crianças Sobredotadas:
Representações e dimensões parentais**

Neuza Carina Monteiro Rodrigues

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

Dissertação orientada pela Prof. Doutora Sara Bahia

2010

Agradecimentos

Agradeço, antes de mais, à Professora Sara Bahia, por toda a inspiração, todo o apoio, orientação e paciência.

À Universidade da Beira Interior e à Faculdade de Psicologia de Lisboa por todos os ensinamentos, todos os conhecimentos que me proporcionaram, a nível académico, prático e pessoal. À secção de Educação, colegas e professores, que me acompanharam nesta fase mais compacta e direccionada do percurso académico e que me permitiram crescer.

Ao Bruno, meu companheiro de todas as horas, por todo o amor, carinho, apoio e força. Obrigado pela oportunidade de estar ao teu lado.

A toda a minha família, especialmente Mãe, Pai e Mana, por todo o suporte, preocupação e conselhos, que me ajudaram a chegar onde cheguei e a ser quem sou hoje. Obrigado por tudo. Sem vocês nada disto teria sido possível...

A todos os meus amigos. Às minhas queridas amigas, que me fizeram conhecer o verdadeiro sentido de amizade. E especialmente a ti, Mimi, que estives-te sempre a meu lado e percorres-te todo este caminho comigo, por toda a amizade, por todas as risadas, por todas as conversas, por estares sempre aí para mim.

A mim... por toda a ambição (e garra!) que me permitiu chegar até aqui sem vacilar...

Resumo

A temática da sobredotação tem vindo a ser alvo de um crescente interesse por parte da comunidade científica (Almeida, Pereira, Miranda & Oliveira, 2003). Contudo, acresce a necessidade de conhecer mais acerca das crianças sobredotadas e dos contextos em que se desenvolvem (Pereira, 2000). Com este trabalho pretendemos compreender de que forma o desenvolvimento destas crianças, os contextos em que este desenvolvimento ocorre, as dimensões parentais e o acompanhamento educacional de que são alvo estão relacionados entre si. A metodologia consistiu na análise de conteúdo de 15 entrevistas a pais e filhos, bem como a aplicação de um questionário sobre dimensões parentais.

De uma forma geral, os resultados obtidos indicam que as características parentais e dos filhos parecem embrenhar-se e influenciar-se reciprocamente num ambiente estimulador de capacidades, talentos, aptidões e criatividade. Ainda permitiram perceber que as crianças sobredotadas, apresentam uma representação equilibrada, relativamente aos seus pais, das dimensões “afectividade” e “controlo”. Este estudo pretende ser um ponto de partida para um novo olhar sobre a junção de duas temáticas tão marcantes: parentalidade e sobredotação.

Palavras-chave: sobredotação; parentalidade; dimensões parentais;

Abstract

The theme of giftedness has motivated an increased interest from the scientific community (Almeida, Pereira, Miranda & Oliveira, 2003). However, the need to know more about gifted children and the contexts in which they develop still remains (Pereira, 2000). This study aimed at understanding the relation between the development of gifted children, the contexts in which this development occurs, the parental dimensions and educational guidelines. The methodology consisted of content analysis of 15 interviews with parents and gifted children, as well as the application of a questionnaire on parental dimensions.

Overall, the results indicate that the characteristics of parents and children are related and influence one another in a stimulating environment of skills, talents, skills and creativity. Gifted children have a balanced representation, of their parents' parental dimensions of "affection" and "control". This study is intended to be a starting point for a new look on the relationship between two central issues : parenting and giftedness.

Keywords: giftedness, parenting, parental dimensions;

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento teórico	4
1. Sobredotação	4
1.1. Das teorias à sua definição	4
1.2. Criatividade como característica da sobredotação	7
1.2.1. Definição	7
1.2.2. Criatividade e sobredotação	9
1.2.3. Características das pessoas criativas	9
1.3. Características – sobredotação	10
1.4. Problemas dos sobredotados	12
1.5. Mitos acerca da sobredotação	13
2. Parentalidade	15
2.1. Das teorias à sua definição	15
2.2. Parentalidade e sobredotação	17
3. Objectivos e questões	19
Capítulo II – Metodologia	21
1. Breve abordagem: metodologia qualitativa	21
2. Instrumentos metodológicos de recolha de dados	22
2.2. Entrevista	22
2.2. Estrutura dos instrumentos: Guiões	23
2.2.1. Entrevista: Pais	24
2.2.2. Entrevista: Crianças	24
2.3. Questionário: Índice de Parentalidade Autorizada	25
3. Caracterização do contexto e população	25
4. Procedimentos	26
5. Análise do conteúdo – Tratamento de dados	27
5.1. Categorização	27
Capítulo III – Apresentação e descrição dos resultados	29
1. Apresentação e descrição dos dados: “pais”	29
2. Apresentação e descrição dos dados: “filhos”	35

2.1. Dados das entrevistas	35
2.2. Dados dos questionários	36
3. Apresentação e descrição dos dados relativos a pais e filhos	37
Capítulo IV – Conclusões	40
1. Conclusões questão a questão	40
1.1. Questão 1	40
1.2. Questão 2	41
1.3. Questão 3	44
1.4. Questão 4	44
1.5. Questão 5	45
2. Síntese geral	46
3. Limitações e implicações futuras	47
Referências bibliográficas	48
Anexos	
1. Anexo: Guião de entrevista aos pais	
2. Anexo: Guião de entrevista aos filhos	
3. Anexo: Transcrição das entrevistas aos pais	
4. Anexo: Transcrição das entrevistas aos filhos	
5. Anexo: Categorização das entrevistas aos pais (acerca de si)	
6. Anexo: Categorização das entrevistas aos pais (acerca dos filhos)	
7. Anexo: Categorização das entrevistas aos filhos	
8. Anexo: Categorização em N-VIVO (exemplo)	
9. Anexo: Questionário “Índice de Parentalidade Autorizada”	

Introdução

A problemática da sobredotação tem vindo a ser alvo de um crescente interesse e de tentativas de compreensão por parte da comunidade científica (Almeida, Pereira, Miranda & Oliveira, 2003), devido aos avanços e difusão social de temas da psicologia e da educação (Oliveira, 2007).

Não obstante, acresce a necessidade de conhecer mais acerca das crianças sobredotadas e dos contextos em que estas se desenvolvem, bem como dos estímulos de que são alvo (Pereira, 2000). O presente estudo serve o objectivo de conhecer aspectos desenvolvimentais, parentais, contextuais e educacionais que possam estar relacionados com a problemática, ao mesmo tempo que pode orientar na elaboração de novas abordagens no diagnóstico e na intervenção junto destes sujeitos.

A partir dos anos 60, novas teorias sobre o conceito de inteligência despontam, ultrapassando a visão unitária da sobredotação e permitindo novas ópticas quanto a esta, vista agora como um constructo multidimensional, relacionando diversas áreas da capacidade (Oliveira, 2007) e perspectivando a criatividade como característica incontornável, como é exemplo a teoria “Modelo dos Três Anéis” de Renzulli (1978), que considera que a sobredotação possui como características uma capacidade intelectual global acima da média, criatividade e motivação ou empenho na tarefa.

De entre as novas teorias que emergem com esta nova visão, insurgem ainda, pela primeira vez, teorias que perspectivam as componentes sociais como factores fundamentais da sobredotação, destacando o papel da família e interacções estabelecidas entre a criança e os factores ambientais, referindo que a influência positiva destes factores pode levar ao desenvolvimento de competências que facultam o evolutivo desenvolvimento de talento numa determinada área de realização (Modelo Multi-factorial da Sobredotação de Monks «1988, citado por Oliveira, 2007»; e Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento de Gagné «2000»).

Sendo a família considerada como o primeiro mapa que orienta o indivíduo no difícil percurso que é a vida e delineia o seu desenvolvimento, a parentalidade, seus estilos e dimensões (Modelo de Baumrind «1966» e Modelo de Diferenciação entre Estilos Parentais e Práticas Parentais de Darling e Steinberg «1993») podem também relacionar-se com a problemática da sobredotação. O modelo ecológico de Bronfenbrenner (1977) considera mesmo que o desenvolvimento da criança é

compreendido como sendo o resultado da inter-relação e interdependência dos vários sistemas onde a criança está inserida.

Com este trabalho pretendemos aprofundar o conhecimento da forma como as características e dimensões parentais podem estar relacionadas com características de sobredotação nos filhos. Pretendemos ainda compreender de forma mais integrada como o desenvolvimento destas crianças, os contextos em que este desenvolvimento ocorre e o acompanhamento educacional de que são alvo estão relacionados entre si.

Sendo o problema de partida a existência de algumas lacunas no conhecimento actual sobre a relação entre a sobredotação e a parentalidade, gostaríamos de responder, em termos concretos, às seguintes questões:

1. Existem aspectos comuns entre as percepções dos pais de crianças sobredotadas em relação a si próprios, nomeadamente em termos da sua auto-caracterização, criatividade, representação do seu desenvolvimento e concepções educacionais ou estilos parentais?
2. As opiniões e perspectivas dos pais de crianças sobredotadas sobre os seus filhos são semelhantes?
3. Existem aspectos comuns entre as percepções das crianças sobredotadas em relação a si próprias, nomeadamente em termos da auto-definição e da opinião sobre os contextos em que estão inseridas, em relação às influências parentais a que são sujeitas e às expectativas de futuro?
4. É possível identificar estilos educacionais e dimensões de parentalidade comuns entre pais de crianças sobredotadas?
5. As características e dimensões parentais estão relacionadas com características de sobredotação dos filhos?

Para cumprir os propósitos deste estudo realizámos entrevistas semi-estruturadas a pais de crianças sobredotadas, com o objectivo de conseguir caracterizá-los, obter informações acerca da sua auto-caracterização, do seu desenvolvimento, das suas concepções, dos seus estilos parentais, opiniões e perspectivas sobre os seus filhos; bem como às próprias crianças, com o objectivo de caracterizar a sua auto-percepção em relação aos contextos em que está inserida, sua auto-definição, influências parentais a que é sujeita e suas expectativas de futuro. Aplicámos ainda a estas últimas o questionário: “Índice de parentalidade autorizada”, a versão portuguesa de Gaspar e Alarcão (2003), que avalia as dimensões de afectividade e de controlo parental, sendo

que estas constituem as duas dimensões mais importantes na definição dos estilos parentais.

A investigação aqui apresentada assume-se como uma investigação qualitativa, e pretende ser um ponto de partida para a análise profunda dos contextos que rodeiam a problemática da sobredotação. As conclusões poderão contribuir para o desenvolvimento de novas considerações ou estudos sobre a sobredotação e permitir um novo olhar sobre a junção de duas temáticas tão marcantes: parentalidade e sobredotação.

Relativamente à sequência estrutural do trabalho, este encontra-se dividido em quatro capítulos distintos. O primeiro é respeitante à revisão da literatura que enquadra o âmbito do estudo e à formulação das questões de investigação. No segundo capítulo serão apresentados o procedimento, as características sucintas dos instrumentos, bem como as características da amostra. O terceiro capítulo é dedicado à apresentação dos resultados e à sua análise interpretativa. Por fim, o quarto capítulo engloba o conjunto de conclusões possíveis de realizar, atendendo às limitações do estudo, sendo igualmente proposto um conjunto de implicações fruto desta investigação.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. Sobredotação

1.1. Das teorias à sua definição

Segundo Oliveira (2007), o conceito de sobredotação, assim como o conceito de inteligência, tem sofrido uma evolução temporal. Anteriormente, o conceito de sobredotação estava unicamente interligado ao domínio cognitivo, relacionando-se, desta forma, com um elevado nível de inteligência e habilidade intelectual geral (Oliveira, 2007). Na altura, as capacidades intelectuais eram analisadas com recurso a testes estandardizados de inteligência, sob um enfoque psicométrico, que pretendiam avaliar o Quociente de Inteligência (QI) (Almeida, Guisande e Ferreira, 2009, citados por Oliveira, 2007). Assim, o desempenho em provas destinadas a determinar a inteligência, foi considerado, no passado, o indicador mais fiel da existência de qualidades de sobredotação. De acordo com este critério, o sobredotado seria aquele que nos testes de inteligência obtinha, por referência a uma norma estatística, resultados significativamente acima da média (Senos e Diniz, 1998).

A partir da década de 60 procede-se a uma nova viragem no estudo da sobredotação, marcada por uma expansão gradual do conceito. Assim, reconhecem-se as limitações dos testes de QI, procede-se a novas reconceptualizações da inteligência e recorre-se a novas metodologias, nas quais o ponto central deixa de ser os resultados para se centrar nos processos (Pereira, 2000). Assim, em forma de síntese, até à década de 60 do século passado, imperou uma perspectiva de explicação associada a factores intelectuais e hereditários; a partir dos anos 60, novas teorias sobre o conceito de inteligência despontam, permitindo novas ópticas quanto à sobredotação, vista agora como um constructo multidimensional, relacionando diversas áreas da capacidade e do talento (Oliveira, 2007).

Nos anos 70, Renzulli, investigador na área da sobredotação, concebeu um modelo designado por “Modelo dos três anéis da Sobredotação” (1978), no qual evidenciou três grupos de características que interagem nesta: capacidade intelectual superior à média (podem ser capacidades gerais; ou mais específicas, relacionadas com determinada área), criatividade (capacidade para resolver problemas de forma original) e motivação

ou envolvimento na tarefa (altos níveis de interesses, interligados a uma motivação intrínseca). Assim, segundo o autor, entende-se sobredotação como uma interacção entre estes três grupos básicos de traços humanos. As crianças sobredotadas e com talento são aquelas que possuem, ou são capazes de desenvolver, este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa da realização humana (Peixoto e Vilas Boas, 2002). Contudo, nenhuma destas características, isoladamente, será suficiente para a expressão da sobredotação, mas é sim, a interacção entre os três factores que permite a realização criativa - produtiva (Renzulli, 1978). Desta forma, para além da inteligência, também a motivação e a criatividade passam a ser percebidas como grandes variáveis associadas à sobredotação (Oliveira, 2007).

Posteriormente, Monks (1988, citado por Oliveira, 2007) estendeu este modelo, apresentando o Modelo Multi-factorial de Sobredotação, que considera, como factores fundamentais, as componentes sociais de desenvolvimento e expressão do talento e excelência, ou seja, a família, a escola e o grupo de pares. Assim, do seu ponto de vista, a sobredotação é o resultado das interacções estabelecidas entre a criança e os factores ambientais. Estas relações, como não são estáticas, vão-se alterando e podem anular, modificar ou desenvolver o potencial de sobredotação (Monks, 1997). Neste modelo, os elementos de oportunidade e de suporte parecem influenciar de forma decisiva a transformação do potencial em rendimento, pois o desenvolvimento da sobredotação não ocorre no isolamento social: experiências e processos de socialização podem ser de importância crucial para o desenvolvimento de características individuais de sobredotação. Por isso, cada factor social tem a sua influência em cada uma das características de sobredotação, ou seja, habilidade acima da média, criatividade e envolvimento na tarefa. Segundo o autor, os factores sociais podem ser críticos no desenvolvimento do potencial do indivíduo ao longo da sua vida, principalmente na infância e na adolescência, períodos em que os processos evolutivos se encontram em plena expansão e desenvolvimento (Monks, 1997).

Neste decorrer, dados da investigação conduzida nos anos 80 e 90 do século XX provam a existência de múltiplas componentes a integrar na noção de inteligência. Este facto é observado por Sternberg e Davidson (1986) na sua obra *Conception of giftedness* e nas obras de Gardner (1993). Os investigadores definem a sobredotação em termos de múltiplas qualidades e nem todas são de origem intelectual ou cognitiva. O QI é, por vezes, visto como uma medida inadequada de sobredotação. A motivação, a elevada

auto-estima e a criatividade são qualidades chave nas definições de sobredotação apresentadas por estes autores (Pocinho, 2008).

Assim sendo, a inteligência passa a ser vista numa perspectiva multidimensional, na qual são incorporadas a criatividade e características não-intelectuais, de ordem motivacional e personalística, tais como a persistência, a auto-confiança e coragem de correr riscos (Pereira, 2000).

Também o Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento (MDST) apresentado por Gagné (2000) diferencia quatro modelos de aptidão: inteligência, criativo, sócio-afectivo e sensório-motor. Segundo este, a aprendizagem e o treino destas aptidões, bem como a influência positiva de factores ambientais, intrapessoais e da sorte, levam ao desenvolvimento de competências que facultam o evolutivo desenvolvimento de talento numa determinada área de realização. Assim, o desenvolvimento de talentos ocorre através da transformação de capacidades inatas excepcionais em competências adquiridas através da aprendizagem e da prática sistemática (Gagné, 2000).

Actualmente, segundo Pereira (2000), parece existir alguma unanimidade quanto a três características comuns presentes nas múltiplas definições do conceito. São elas: a alta inteligência, em que se exaltam as aptidões cognitivas, medidas por testes psicométricos; a criatividade, em que se valoriza a capacidade de actuar de forma única e inovadora; e os talentos específicos, em que se valoriza o desempenho em domínios específicos.

Assim, em forma de síntese, segundo Bahia (2009) a sobredotação passou a ser alargada não só às áreas intelectuais e académicas, a que foi durante décadas confinada, mas também a outras áreas da expressão e da realização humana, temáticas muito presentes nas novas concepções de inteligência. Almeida e colaboradores (2001) referem, ainda, que o conceito mais actual de sobredotação vai além do pensamento analítico, lógico e linear, passando a incluir a excelência na resolução de problemas de natureza diversa, artística ou expressão motora.

Contudo, a ampliação progressiva do conceito, introduzida pelas abordagens multifactoriais, traduz-se frequentemente num conhecimento ambíguo, devido à falta de uma operacionalização correcta (Vilas Boas e Peixoto, 2003). O uso da mesma designação para sujeitos tão desiguais, provoca necessariamente equívocos e arbitrariedades, que se reflectem na investigação e na educação (Pereira, 2000).

Assim, fica claro que existem diversas dificuldades na escolha de uma definição de sobredotação. A questão principal reside no que pode ser incluído no conceito. O

conceito em si remete-nos para a área da competência, mas os aspectos mais qualitativos da realização, assim como dimensões da personalidade, podem incluir-se num conceito mais abrangente de sobredotação (Mettrau e Almeida, 1994).

Desta forma, conclui-se que não há unanimidade relativamente ao conceito de sobredotação, pois trata-se de um conceito ou constructo psicológico a ser inferido a partir de uma constelação de traços ou características de uma pessoa, sendo uma tarefa difícil, ou mesmo impossível, propor uma definição precisa e aceite universalmente a seu respeito (Alencar, 1986). As crianças sobredotadas não constituem um grupo homogéneo e facilmente detectável em qualquer situação, sendo que cada criança trás consigo uma disposição única de traços, características e atributos, que advêm não somente da sua constituição e plano genético, como também de muitos factores de influência presentes no ambiente a que é exposta, dentro dos vários grupos a que pertence, sendo de realçar a importância da qualidade da interacção entre factores determinantes (Serra, 2008).

1.2.Criatividade como característica fundamental da sobredotação

1.2.1. Definição

Segundo Bahia (2007), a criatividade pode ser consensualmente definida como a capacidade para superar ideias tradicionais, regras, padrões ou relações já existentes e de criar novas ideias, formas, métodos, interpretações com significado, sendo também sinónimo de originalidade, progressão ou imaginação. No seu sentido mais abrangente, a criatividade é parte integrante da vivência humana e a sua integração no domínio da investigação psicológica é imprescindível (Bahia, 2007).

A percepção da criatividade centrou-se, até aos anos 70, na caracterização da pessoa criativa e no desenvolvimento de programas promotores da expressão criativa (Bahia, 2007). A partir dos anos 80 surge a perspectiva multifacetada abrangendo os diversos factores envolvidos nas diferentes áreas da actividade humana criativa. A atenção, desta forma, passou a centrar-se na influência do meio, nomeadamente, nos factores sociais, culturais e históricos do desenvolvimento da criatividade. A abordagem individual foi, assim, substituída por uma abordagem sistémica da criatividade (Bahia, 2007).

Desta forma, é possível referir que as actuais interpretações de criatividade são, na sua essência, integradores de múltiplas perspetivações (Amabile, 1983; Sternberg e Lubart, 1991; Csikszentmihalyi, 1988). Desta forma, o produto criativo desponta como consequência de um processo, de um sujeito, com todas as suas características cognitivas e de personalidade, que se insere num contexto sócio - cultural que valoriza ou, pelo contrário, inibe a sua criatividade (Bahia, 2007).

Por sua vez, um clima auxiliador da criatividade depende, também, do modo como se estimula a valorização da autonomia, do pensamento e do julgamento independente. As palavras de ordem na promoção de um clima criativo são: inovar, criar novas imagens, interpretações e associações, desafiar, aguçar a curiosidade, formular e inventar questões, questionar o conhecimento, relativizar, compreender que não há respostas para tudo, improvisar. Contudo, o clima de criatividade depende principalmente da crença na possibilidade de promoção da criatividade, bem como do prazer que quem orienta tem em mostrar as coisas que conhece, o seu entusiasmo pela descoberta, a sua percepção de que o conhecimento não é linear e a valorização que atribui aos aspectos estéticos do próprio conhecimento (Bahia, 2007).

A expressão dos “4 P’s da criatividade”, largamente divulgada por Simonton (1988), refere-se às abordagens centradas na pessoa, no processo, no produto e no meio potenciador. Assim, estes englobam a pessoa criativa e os seus atributos, o processo criativo, que inclui as operações mentais realizadas e o conhecimento, o produto criativo e as suas propriedades e, ainda, o meio que potencia a criatividade, colocando a tónica na cultura e nas suas contingências. Estas quatro dimensões afirmam-se como uma ferramenta útil para estudar e sistematizar a informação sobre a criatividade.

De referir que existe uma distinção entre criatividade quotidiana e alta criatividade. Csikszentmihalyi (1990) refere que criatividade quotidiana implica aprender, explorar, ultrapassar barreiras, gerar ideias, rejeitar, resolver, identificar, julgar, receber informação, experimentar; sendo que, a alta criatividade, por sua vez, depende da área, do produto, do trabalho para além das regras, dos juízes que apreciam e julgam a sua novidade e valor. Mesmo que “limitada”, a criatividade do quotidiano, tem interesse em termos da desejável compreensão mais abrangente do conceito (Bahia, 2007). Logo, se se pode estimular a “pequena criatividade” e se esta se encontra relacionada com a “grande criatividade”, então, devem-se promover formas criativas de pensamento, ambicionando produções criativas e inovadoras que possam dar resposta aos mais

diversos desafios da nossa época. Nesse sentido, torna-se essencial investir na criatividade (Sternberg e Lubart, 1991).

1.2.2. Criatividade e Sobredotação

A criatividade tem sido também encarada como um dos componentes da sobredotação, assim como consta na concepção de sobredotação proposta por Renzulli (1978). Cropley (1993) considera igualmente a criatividade como elemento da sobredotação, destacando que a combinação entre criatividade e inteligência favorece uma realização marcante. Já Runco (1994, citado por Alencar, 2005) inclui tanto o pensamento crítico como criativo na sua concepção de sobredotação.

A estas perspectivas acrescem ainda autores como Torrance (1962), e Guilford (1967), que colocam a tónica na criatividade como factor determinante da sobredotação, independentemente da capacidade intelectual medida pelos testes de inteligência unitária.

Ainda, segundo Pereira (2000), o ser-se criativo é a forma mais elevada de sobredotação.

1.2.3. Características das pessoas criativas

Segundo diversos trabalhos, parece existir consenso relativamente à existência de características da “personalidade criativa”, ou seja, associadas à dimensão criativa (Landrum, 1993, citado por Morais, 2001). A análise das características pessoais dos criativos proporciona um quadro mais completo do tema.

Uma das figuras mais influentes no estudo da personalidade criativa foi Maslow (1968) que descreveu a coragem, a liberdade, a espontaneidade e a aceitação de si próprio como traços que permitem que as pessoas atinjam plenamente o seu potencial. Barron e Harrington (1981), por outro lado, descreveram a independência, a autoconfiança, a atracção pela complexidade, a orientação estética e a assunção de riscos, como traços criativos quer de pessoas eminentes quer de pessoas comuns.

As pessoas criativas que possuem competências bem desenvolvidas consideram o seu trabalho intrinsecamente motivante, tendem a ser independentes, não convencionais, a arriscar, apresentam interesses extensos e maior abertura a novas experiências (Simonton, 1988). São peritos no reconhecimento de diferenças e semelhanças;

avançam com conexões, apreciam e sabem escrever, desenhar, compor música; apresentam flexibilidade na mudança de directrizes e estão prontos a questionar normas e pressupostos (Sternberg, 1988). Perspectivam as situações sob múltiplos prismas, encontram problemas e colocam questões novas (Csikszentmihalyi e Getzels, 1988). Conseguem passar rapidamente da concentração em aspectos específicos do trabalho para uma abordagem mais lata do seu trabalho num quadro geral e defendem e incentivam a mudança (Kelly e Caplan, 1993).

Quanto aos factores pessoais relevantes, como refere Winner (1996), os níveis de capacidade desempenham um papel menos importante do que os factores de personalidade e de motivação. Ao nível da pessoa, a questão reside, por isso, na orquestração entre factores cognitivos, afectivos e motivacionais. Contudo, essa dinâmica escapa muitas vezes às investigações. Consequentemente, a análise dos seus resultados deverá necessariamente ter em conta que cada uma se refere a uma ínfima parte do todo (Bahia, 2007).

Relativamente à visão de que a criatividade se baseia num conjunto de características que definem o génio, torna a investigação redutora, em primeiro lugar, por esquecer a multiplicidade de variáveis contextuais que ajudam à emergência da criatividade, e, em segundo lugar, porque prevê a existência dessas características de modo permanente e imutável o que justificaria uma produção excelente, fixa e regular, o que realmente não acontece, mesmo a nível dos grandes criativos (Simonton, 1988).

1.3. Características - Sobredotação

Nem todos os indivíduos sobredotados apresentam as mesmas características de desenvolvimento e comportamento, mas embora apresentem um perfil heterogéneo, algumas características são evidenciadas (Bernardo, 2008)

Renzulli (1998) é um dos autores que destaca algumas características afectivas e emocionais na sobredotação. Segundo este, os sobredotados apresentam preocupação moral em idades precoces, frequentemente questionam regras/autoridade, demonstram auto-consciência, sensibilidade/empatia e capacidade de reflexão, apresentam um sentido elevado de justiça e uma imaginação muito fértil.

Tuttle e Becker (1983), por sua vez, expõem como características da criança sobredotada, curiosidade, persistência no empenho de satisfazer os seus interesses e problemas, auto e hetero crítica, sentido de humor bastante aguçado, propensão para não

aceitar afirmações, respostas ou avaliações superficiais, entendimento de princípios gerais, facilidade em propor ideias para um estímulo específico, sensibilidade a problemas sociais e pessoais, liderança em várias áreas e o relacionamento eficaz entre ideias aparentemente diversas.

Torrance (1975) apresenta outras características da crianças sobredotadas, mas altamente criativas: reacção positiva a elementos novos, estranhos do seu ambiente; persistência em examinar e explorar estímulos com o objectivo de os conhecer melhor; curiosidade; gosto em investigar; questionamento constante; resolução de problemas de uma forma original e inventiva; independência; individualidade; grande imaginação, ideias fantasiosas, preferência por ideias complexas, pouco interesse pelo conformismo e ocupação do tempo de forma produtiva, sem ser necessária a estimulação do professor.

Já Juntune (citado por Falcão, 1992) apresenta uma caracterização de crianças sobredotadas por tipos. Esta investigadora identifica seis tipos: o tipo intelectual, que passa pela flexibilidade, fluência de pensamento, capacidade de pensamento abstracto, produção de ideias e rapidez de pensamento, elevada compreensão e memória, capacidade de resolver e lidar com problemas; o tipo académico, que evidencia aptidões académicas específicas, motivação pelas disciplinas escolares do seu interesse, capacidade de avaliar, sintetizar e organizar o conhecimento e capacidade de produção académica; o tipo criativo, relaciona-se com originalidade, imaginação, capacidade de resolução de problemas de uma forma inventiva, sensibilidade e reacções por vezes extravagantes, facilidade de auto-expressão, fluência e flexibilidade; o tipo social, revela capacidades de liderança, auto-confiança e sucesso com os pares, fácil adaptação a situações novas, preocupação com os problemas sociais, alto poder de persuasão e de influência; o tipo talento especial, que se destaca na área das artes ou técnicas, demonstrando alto desempenho; e finalmente, o tipo psicomotor, que se caracteriza por apresentar habilidades e interesse pelas actividades psicomotoras.

Através da análise das linhas orientadoras dos investigadores referidos, é possível compreender que a sobredotação, devido à sua natureza multidimensional, abarca uma multiplicidade de características (Bernardo, 2008).

1.4. Problemas dos sobredotados

A sobredotação, por si só, não tem que culminar necessariamente em problemas, estes podem acontecer apenas se a criança e jovem não estiver integrada num contexto adequado (Coelho, 2006). Segundo Terrassier (1989), pode identificar-se dois possíveis problemas: a dissincronia evolutiva e o efeito pigmaleão negativo. A dissincronia evolutiva refere-se à disparidade que existe entre o rápido desenvolvimento da capacidade intelectual e outras áreas de evoluem de forma normal. Este fenómeno pode originar problemas de identificação dos sobredotados e repercutir-se negativamente ao nível da aprendizagem e, sobretudo, desfasamentos e transtornos na criança nos mais variados aspectos. Quando as irregularidades se encontram no funcionamento externo, a dissincronia resulta de um desfasamento entre a norma interna do desenvolvimento precoce e a norma social que está adequada à maioria das crianças. Esta situação pode conduzir à dissincronia escolar - social e à familiar. A primeira resulta da diferença de velocidade existente entre o currículo escolar e a capacidade intelectual da criança. A segunda resulta da discrepância que pode existir entre o contexto familiar e as potencialidades do sobredotado. Já quanto às irregularidades no funcionamento interno, a dissincronia refere-se à desigualdade dos ritmos de desenvolvimento interno das crianças e jovens sobredotadas, que, por sua vez, pode ser uma dissincronia intelectual e psicomotora (precocidade dos sobredotados em relação às crianças normais para andar, falar e ler); dissincronia da linguagem e do raciocínio (tem um pensamento mais rápido do que a sua capacidade expressiva); dissincronia afectivo-intelectual (as suas capacidades intelectuais tornam-nos capazes de adquirir e processar mais informação, enquanto que o nível afectivo e emocional é menor).

O efeito pigmaleão negativo, por sua vez, consiste no facto das expectativas que pais e professores têm sobre a criança e jovem poderem influenciar os seus resultados escolares. Ou seja, este efeito produz-se quando professores e pais ignoram a precocidade intelectual da criança e conduzem-na a comportar-se dentro da “normalidade”. Esta situação pode originar dois tipos de efeitos: o efeito externo e o interno. Enquanto o primeiro é originado pela incompreensão dos pais, professores e companheiros, isto é, estes ao não valorarem as suas necessidades diferenciais e ao tentarem ajustá-las à norma, provocam-lhes a negação das suas capacidades, o segundo efeito, o interno, resulta da tentativa de ajuste do sobredotado ao que se espera dele, o

que causa uma imagem de si mesmo de fracasso e de frustração, pois está a negar as suas verdadeiras capacidades e interesses (Terrassier, 1989).

1.5. Mitos acerca da sobredotação

Segundo Winner (1996), têm vindo a surgir na sociedade ideias erróneas acerca da sobredotação, o que, por sua vez, dificulta a compreensão do termo. Como referem Peixoto e Vilas Boas (2002) essas crenças resultam da ignorância acerca desta temática e têm permanecido até aos dias de hoje, constituindo um dos entraves à provisão de condições educativas adequadas às necessidades específicas deste grupo de alunos.

Fazendo uma compilação, Winner (1996), refere os principais mitos a ser combatidos, sendo o primeiro, o facto de a criança sobredotada possui um potencial intelectual global: espera-se que a criança sobredotada tenha um desempenho uniforme em todos os aspectos académicos, o que gera expectativas irreais quanto a ela; talentosos mas não sobredotados: as crianças precoces na área académica são consideradas sobredotadas enquanto as que apresentam capacidades excepcionais na área artísticas são consideradas talentosas, esquecendo-se que não existem diferenças relativamente à precocidade e à enorme necessidade de adquirirem mais conhecimentos; ser sobredotado exige um Q.I. excepcional; os resultados obtidos nos testes de Q.I. não são indicadores absolutos de sobredotação, uma vez que estes estão mais vocacionados para as áreas da linguística, lógico-matemática e espacial; o mito de que a sobredotação se deve a factores genéticos, biológicos e por outro lado, a perspectiva de que a sobredotação é resultado do estímulo, do esforço e do trabalho árduo dos pais e professores: as pesquisas tendem a mostrar que ambos os aspectos são importantes, já que, só a predisposição genética para a sobredotação, sem oportunidade para a desenvolver, não garante a manifestação do comportamento de sobredotação, assim como a estimulação e os ambientes favoráveis ao desenvolvimento das inteligências, por si só, também não resultam na manifestação de sobredotação sem que haja uma elevada “capacidade acima da média” e um elevado índice de criatividade, como define a teoria de Renzulli (1978); pais organizadores: é bastante difundida a ideia de que as crianças sobredotadas são produto de pais impulsivos e ambiciosos que conduzem e regram as suas vidas, levando-as a um desempenho excepcional; criança sobredotada constitui um modelo de saúde psicológica e de boa adaptação social: muitas vezes a criança sobredotada é ridicularizada, quer porque os seus interesses são diferentes e

possui uma acumulação de informações bem superior aos das outras crianças da mesma faixa etária, quer porque a sua figura é pouco atlética, é pouco sociável e bastante solitária; todas as crianças são sobredotadas: esta concepção defende uma falsa igualdade entre as crianças e discrimina as necessidades educativas sentidas pelas crianças sobredotadas; uma criança sobredotada será, futuramente, um adulto proeminente: para chegar à notoriedade que este mito profetiza é necessário que o adulto faça ou represente uma mudança significativa para a sociedade ou grupo num determinado campo do saber ou do fazer. Geralmente, isto exige anos de dedicação e esforço na mesma área, elevada criatividade, depende do apoio e estímulo recebidos, da personalidade, e fundamentalmente das oportunidades que a pessoa teve. Especialmente em classes desfavorecidas, onde as oportunidades determinam o sucesso, o atendimento deve promovê-las para favorecer o desenvolvimento da sobredotação.

Finalmente, Winner (1996), enfatiza a necessidade de vermos o conceito de sobredotação para além da conotação intelectual, emocional e política e conclui que, uma criança pode ser sobredotada numa área, mas mediana ou até possuir dificuldades de aprendizagem noutra; ter um QI elevado é irrelevante no que se refere à sobredotação para a arte ou para a música; o cérebro dos sobredotados é atípico; a família desempenha um papel mais importante que a escola, no desenvolvimento dos dons; a sobredotação pode conduzir à depressão e isolamento social; pode-se prever, mais fielmente, o futuro de uma criança sobredotada na vida adulta pela personalidade do que pelo grau da sua sobredotação.

Outro aspecto muito expandido e até narrado em estudos, refere-se ao facto de, com alguma frequência, os pais das crianças sobredotadas esperarem que elas demonstrem perfeccionismo em muitas áreas do seu desenvolvimento e desempenho, para além da área específica de sobredotação. Esta exigência implícita é comunicada de forma subtil à criança, provocando-lhe um stress desnecessário quando acompanhada de sentimentos de não conseguir atingir o que os seus pais esperam dela (Zuccone e Amerikaner, 1986). Assim, muitas dificuldades podem surgir quando a família encara a criança sobredotada como “genial”, pressionando-a para atingir altos níveis de desempenho, o que gera ansiedade na criança e nos próprios pais, quando percebem o desfasamento entre as suas expectativas e os níveis de realização da criança (Carmo, 2002).

2. Parentalidade

2.1.Das teorias à sua definição

O conceito de parentalidade é definido por alguns investigadores como sendo o conjunto de actividades propositadas no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro e de modo a socializar a criança e atingir o objectivo de torná-la progressivamente mais autónoma (Maccoby, 2000). É descrita como uma das tarefas mais complexas, difíceis e com maiores desafios e responsabilidades para o ser humano (Kane, 2005). Os critérios que poderão definir uma parentalidade suficiente debruçam-se em princípios socialmente construídos, uma vez que o conceito tende a depender de impressões subjectivas, crenças culturais ou preocupações relacionadas com determinados contextos. Estas concepções e práticas de parentalidade são significativamente diferentes de cultura para cultura, sugerindo que os pais possuem crenças específicas sobre as formas mais indicadas de exercer as suas responsabilidades (Barroso, 2007)

O modelo teórico de Baumrind (1966), incorporando processos emocionais e comportamentais dos pais, levou a que alguns modelos de socialização comessem a ser percebidos como modelos parentais. Esta mudança conceptual permitiu a produção de um quadro de referência teórico que possibilitou a categorização dos vários efeitos dos estilos parentais na socialização da criança. Na tipologia de Baumrind (1966), a dimensão emocional encontra-se relacionada com a ligação afectiva criada entre os pais e a criança, e o padrão comportamental encontra-se relacionado com o papel activo que os pais desenvolvem na promoção de respeito pelas regras e pelas convenções sociais, assim como no assegurar de sucesso e integração social. Com este quadro teórico como referência, surgem quatro categorias de estilos parentais: autoritários, permissivos, autoridade democrática e negligentes.

Os estudos sugerem que o estilo com autoridade democrática, que se pauta pelo respeito da individualidade da criança, pela transmissão de valores sociais e pela existência de um modelo disciplinar suficientemente flexível para promover o seu desenvolvimento (Darling e Steinberg, 1993), parece possuir as características que aumentam a competência das crianças e o seu bem-estar psicossocial (Brenner e Fox, 1999). Por seu lado, os pais que apresentam um estilo autoritário, caracterizado pela ênfase na obediência, pelo estrito cumprimento das regras e restrição da autonomia,

tendem a ter filhos mais descontentes, retraídos e desconfiados (Kaufmann, Gesten, Lucia, Salcedo, Rendina-Gobioff, e Gadd, 2000). Um terceiro estilo, denominado de permissivo, é descrito como sendo de boa responsividade à criança ou adolescente mas com lacunas ao nível da imposição de limites disciplinares, isto é, são pais que tendem a valorizar a auto-expressão e auto-regulação (Papalia, Olds e Feldman, 2001). Por último, o quarto estilo parental, qualificado como negligente, é o produto de comportamentos parentais que não respondem com adequação às necessidades e comportamentos da criança (Brenner e Fox, 1999).

Ainda que exista um considerável suporte empírico para a tipologia de Baumrind (1966), há alguns anos começaram a existir alternativas a este modelo teórico, iniciando-se uma diferenciação entre estilos parentais e práticas parentais. Deste modo, Darling e Steinberg (1993) definem estilo parental como sendo uma constelação de atitudes para com a criança, que são comunicadas à mesma, criando o ambiente emocional em que os comportamentos parentais são expressos: tom de voz, linguagem corporal, descontrolo emocional, desatenção, entre outros. Já as práticas, estes descrevem como sendo um conjunto de comportamentos direccionados para objectivos específicos através dos quais os pais exercem os seus deveres parentais. Por outras palavras, as práticas são técnicas, estratégias e ou métodos empregues pelos pais para cumprir actividades concretas em certos domínios, enquanto o estilo parental não se encontra necessariamente sujeito à obtenção de um resultado particular (Barroso, 2007).

A criança precisa de modelos para se desenvolver e é na família que encontra os primeiros referenciais de vida em sociedade: adquire determinados hábitos, transforma outros e inicia a sua vida cidadã (Gomes e Alves, 2004). A criança não reproduz, necessariamente e de maneira directa, as formas de agir de sua família (Lahire, 1997, citado por Mettrau, 2002), mas apoia-se nos modelos parentais para construir os seus próprios. Deste modo, a família é considerada, aqui, como o primeiro mapa que orienta o indivíduo no difícil percurso que é a vida e, como todos os mapas, indica diversos caminhos pelos quais só o próprio condutor é capaz de decidir qual o melhor a seguir. A heterogeneidade vivenciada no universo familiar permite que o indivíduo tenha acesso a experiências diversificadas e ímpares, sem que, de forma alguma, se torne cópia fiel de qualquer modelo parental (Mettrau, 2002).

Assim, Bronfenbrenner (1977), através do seu modelo ecológico, refere que as crianças têm de ser compreendidas como fazendo parte de uma rede de sistemas onde, ao nível do microssistema, se encontra a família que, por sua vez, está inserida num

sistema de redes mais alargadas onde constam a vizinhança, a comunidade, entre outros. Logo, deste ponto de vista, o desenvolvimento da criança é compreendido como sendo o resultado da inter-relação e interdependência dos vários sistemas onde a criança está obrigatoriamente inserida.

Também Sameroff e Chandler (1975) propõem um modelo transaccional em que o desenvolvimento reflecte o resultado da combinação das características intrínsecas da criança com o meio. Assim, o desenvolvimento ocorre não como fruto das características das crianças por si só, nem como fruto do contexto por si só (Sameroff e Fiese, 1995), mas como resultado de ambos. De acordo com este modelo, tanto a criança como a família se influenciam reciprocamente ao longo do tempo de formas várias e constantes. Ou seja, propõem um modelo mais alargado para o desenvolvimento da criança que integra características do comportamento da mesma, as contribuições biológicas e as contribuições do meio ambiente. O meio ambiente, referido pelos autores, é encarado em termos da comunidade, da família e dos factores parentais. Assim, o comportamento da criança entende-se dentro de um modelo de regulação em que o mesmo é o produto de transacções entre o genótipo, o fenótipo e o mesótipo. Ou seja, o desenvolvimento é enquadrado dentro de um modelo de regulação, é o produto de transacções entre os aspectos biológicos (genótipo), as características do comportamento da criança (fenótipo) e o resultado da experiência externa onde se podem incluir características culturais, familiares e parentais (mesótipo).

Logo, hoje, o desenvolvimento da criança é compreendido como um processo multifactorial, dinâmico e complexo.

2.2. Parentalidade e sobredotação

Sendo a família é o primeiro grupo social em que a criança se insere, desde que nasce, ela influencia e é influenciada por factores emocionais, sociais e culturais dentro deste grupo (Santos, 2002). Existem, de facto, referências relativas ao empenho, à importância dada à educação, ao tempo dedicado, todo um conjunto de estímulos ricos e proporcionados pelo ambiente em que a criança vive, associados aos pais de crianças sobredotadas (Alencar e Fleith, 2001; Guenther, 2000). Guenther (2000) refere que para aperfeiçoar ou desenvolver a capacidade da criança é necessário encorajar e esclarecer os pais para que compreendam o quanto são importantes na orientação do seu filho e aprendam a controlar os seus receios, as suas expectativas e as suas influências sociais.

Assim, a forma como a família age e sente os seus filhos sobredotados tem uma enorme importância, quer na emergência, quer no desenvolvimento da sobredotação.

Tendo por base a experiência do trabalho clínico com pais de crianças e adolescentes sobredotados, torna-se possível identificar algumas áreas de preocupação mais frequentes por parte dos pais de crianças sobredotadas (Azinheiro e Martins, 2005). Em primeiro lugar, na área dita académica, podemos referir as suas preocupações com possíveis dificuldades relacionadas com o comportamento da criança em contexto de sala de aula, como dificuldades em que os filhos cumpram as actividades académicas propostas pelos professores, realização de trabalhos repetitivos, a desmotivação dos filhos pela não adopção de metodologias pedagógicas diferenciadas que permitam à criança aprender ao seu ritmo, o incumprimento das regras estabelecidas ou de indisciplina, a valorização de certos aspectos como critérios de avaliação que podem penalizar a criança, como a fraca organização dos cadernos e a frequente má caligrafia, ou, ainda, os seus comportamentos de irrequietude e distracção permanente (Azinheiro e Martins, 2005).

Em segundo lugar, é possível mencionar as dificuldades relacionadas com o diálogo pais - escola. Por vezes, os pais sentem dificuldade em comunicar adequadamente à escola as características especiais da criança e o motivo pelas quais estas requerem necessidades educativas especiais. Nessa altura, os pais podem ser menos adequados na forma como colocam as suas exigências à escola e no tipo de exigências que fazem (DeVries, 1999).

Em terceiro lugar, as preocupações dos pais reportam-se à área interpessoal e às competências da criança em se relacionar com os demais (Azinheiro e Martins, 2005). Assim, segundo os autores em cima mencionados, estas dificuldades podem, desde logo, ter lugar no próprio contexto familiar. Assim, apontam-se as dificuldades no estabelecimento de regras e limites, dadas as características destas crianças que questionam com frequência e desafiam a autoridade (Silverman, 1992); as dificuldades em lidar com comportamentos de baixa tolerância à frustração e reacções emocionais negativas excessivas, quando contrariados; os conflitos internos relativos às exigências que podem fazer nas outras áreas da vida da criança, tendo em consideração que o desenvolvimento cognitivo se processa a um ritmo muito superior ao desenvolvimento físico e emocional (Marujo, 2000); as dificuldades em lidar com a dependência emocional, comportamentos de introversão, isolamento dos filhos; as dificuldades na gestão das diferenças que emergem no desenvolvimento e no comportamento dos vários

filhos, tendo em conta as diferenças etárias entre eles. Num contexto mais alargado, tais dificuldades podem passar pelos problemas apresentados por várias destas crianças no estabelecimento de relações significativas com os colegas da turma ou com outras crianças do seu nível etário (Azinheiro e Martins, 2005).

3. Objectivos e questões

Tendo como base o conjunto de evidências apresentadas no enquadramento teórico, a presente investigação pretende dar resposta às seguintes **questões**:

1. Existem aspectos comuns entre as percepções dos pais de crianças sobredotadas em relação a si próprios, nomeadamente em termos da sua auto-caracterização, criatividade, representação do seu desenvolvimento e concepções educacionais ou estilos parentais?
2. As opiniões e perspectivas dos pais de crianças sobredotadas sobre os seus filhos são semelhantes?
3. Existem aspectos comuns entre as percepções das crianças sobredotadas em relação a si próprias, nomeadamente em termos da definição de si própria, e da opinião sobre os contextos em que estão inseridas, em relação às influências parentais a que são sujeitas e às expectativas de futuro?
4. É possível identificar dimensões de parentalidade comuns entre pais de crianças sobredotadas?
5. As características e dimensões parentais estão relacionadas com características de sobredotação dos filhos?

O objectivo principal do estudo em questão, que rege todo o trabalho realizado, prende-se com uma preocupação em aprofundar mais o conhecimento acerca da sobredotação, analisá-la de vários ângulos, perspectivar novas influências, para que se consiga, de forma cada vez mais aperfeiçoada, dar uma resposta educacional positiva. Segundo Peixoto e Vilas Boas (2002), a sobredotação é um tema polémico e ao mesmo tempo fascinante em Educação, sendo por isso importante aprofundá-lo, para melhorar a resposta educativa dada aos pais de crianças sobredotadas, bem como melhorar o nível de intervenção junto deste grupo de crianças, que percebemos existir em sala de aula e às quais não é dada uma resposta educativa satisfatória, como seria desejável.

Assim sendo, com a presente investigação, pretende-se perceber de que forma as características e dimensões parentais podem estar relacionadas com características de sobredotação (terão as características dos pais influência nas características de sobredotação dos filhos? As características de sobredotação serão alimentadas por um contexto educacional e criativo rico? Existem nestes pais dimensões parentais comuns e frequentes? Verifica-se um grande acompanhamento educacional/escolar por parte dos pais de crianças sobredotadas?). Pretende-se também verificar de que forma os contextos em que a criança está inserida, assim como o acompanhamento educacional prestado, se podem relacionar com os interesses ou características de sobredotação destas crianças.

Capítulo II – Metodologia

A presente investigação é um estudo fenomenológico/interpretativo que optou por uma metodologia de carácter qualitativo

Neste capítulo apresenta-se a metodologia subjacente à presente investigação. Após breve abordagem à metodologia qualitativa, caracteriza-se, no segundo ponto, em termos gerais, os instrumentos utilizados para a recolha de dados. No terceiro ponto, realiza-se caracterização dos participantes deste estudo. No quarto ponto recorre-se à apresentação do procedimento e, por fim, no quinto e último ponto caracteriza-se a análise de conteúdo da investigação, analisando o processo utilizado de categorização dos dados.

1. Breve abordagem: metodologia qualitativa

O estudo do trabalho em questão rege-se pelo Paradigma Fenomenológico/Interpretativo. Segundo Boavida e Amado (2006), este paradigma considera a natureza dos fenómenos sociais como resultante de um sistema rico e variado de interacções (múltiplas realidades em interacção) e os métodos usados são flexíveis e adaptáveis aos contextos sociais, de modo a permitirem alcançar a riqueza de pormenores descritivos e uma visão do contexto e dos fenómenos (Bogdan e Biklen, 1994). Trata-se de uma aproximação contextualizada de casos únicos ou de um número restrito de casos, estando afastada a preocupação pelas grandes generalizações. Os designs de investigação são abertos e relativamente não estruturados e as conclusões centram-se em procedimentos interpretativos que implicam a interacção objecto – investigador (Boavida e Amado, 2006).

Tendo em conta os critérios de cientificidade, convém analisar o conceito de credibilidade, aplicabilidade e consistência numa avaliação qualitativa. Assim, quanto à credibilidade, e mais especificamente quanto ao problema da validação na pesquisa qualitativa, segundo Duarte (2007), devem-se ter em conta diversos níveis de credibilidade (descritiva, interpretativa e teórica): a credibilidade descritiva obtém-se durante a recolha de dados e implica a necessidade de garantir a fidelidade da descrição ao que se viu e ouviu; a credibilidade interpretativa consiste no facto de os registos captarem fielmente o ponto de vista ou perspectiva dos actores; a credibilidade teórica

refere-se à interpretação dos dados e à construção teórica que, atravessando a validade descritiva e interpretativa, se vai construindo durante o estudo e é também a sua finalização. Estes critérios foram tidos em conta neste estudo. Relativamente à aplicabilidade é possível verificar que a impossibilidade de generalizar na investigação qualitativa não impede que se possa realizar transferências entre contextos como consequência de certas semelhanças entre eles (Boavida e Amado, 2006). Por último, quanto à consistência, na investigação interpretativa esta interliga-se com a consistência do estilo interactivo do investigador, do tipo de registo e análise dos dados e da interpretação que se faz dos significados individuais, captados durante o trabalho com os participantes.

Todos estes pontos foram tidos em conta no presente estudo.

2. Instrumentos metodológicos de recolha de dados

2.1. Entrevista

Segundo Ghiglione e Matalon (2001) a entrevista é uma técnica privilegiada de recolha de informação que possibilita a obtenção de informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversa tendo em vista um objectivo. Segundo Estrela (1994), a principal finalidade da entrevista consiste, em última instância, na recolha de dados de opinião que permitam não só fornecer pistas para a concretização do processo de estudo, como também, conhecer sob alguns aspectos, os intervenientes do processo. Para Amado (2000) a entrevista é uma técnica que permite ter acesso ao que está na cabeça das pessoas, ao não observável, como sejam, opiniões, atitudes, representações, recordações, afectos, intenções.

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que o entrevistado organiza, com uma encenação livre daquilo que a pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de um tema, visto que o entrevistado se vai servir dos seus próprios meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas, crenças, episódios passados e juízos (Bogdan e Biklen, 1994).

Estrela (1994) refere alguns princípios orientadores da condução da entrevista: evitar, na medida do possível, dirigir a entrevista; não restringir a temática abordada; esclarecer os quadros de referência utilizados pelo entrevistado; recolher o máximo de informação possível; utilizar linguagem acessível a fim de construir um suporte com

sentido para eles; definir claramente o papel dos entrevistados e o papel de entrevistador.

Posteriormente, de uma forma geral, o analista confronta-se com um conjunto de “x” entrevistas, e o seu objectivo final é poder inferir algo, através dessas palavras, a propósito de uma realidade representativa de uma população de indivíduos ou de um grupo social. Assim, o analista pode proceder à análise de conteúdo através de uma grelha de análise categorial, privilegiando a repetição de frequência dos temas, com todas as entrevistas juntas, o que permite observar a relativização, o distanciamento, mostra as constâncias, as semelhanças e as regularidades (Bogdan e Biklen, 1994).

O presente estudo considerou estes aspectos na concepção do guião e na análise dos conteúdos das entrevistas.

2.2. Estrutura dos instrumentos – Guiões

O tipo de entrevista qualitativa varia em função do grau de estruturação (Bogdan e Biklen, 1994), ou do nível de formalidade (Amado, 2000). As entrevistas semi-estruturadas revelaram-se como as mais adequadas para o estudo, visto que têm por objectivo permitir colher informações comuns a todos os entrevistados e, ao mesmo tempo, aprofundar as vivências específicas de cada indivíduo.

Nesta perspectiva as questões derivam de um plano prévio, um guião, embora com grande liberdade de resposta por parte do entrevistado (Duarte, 2007). O guião foi elaborado de acordo com o enquadramento conceptual e redigido tendo por base o conhecimento da realidade em que iria ser aplicado. Este apresenta, como propõem Quivy e Campnhoudt (1998) os tópicos principais a serem abordados, sob a forma de “perguntas-guia” reactivamente abertas, enquadradas em grandes blocos temáticos de informação. Como referem Quivy e Campnhoudt (1998), no decurso da entrevista pode ser possível fazer adaptações, não significa que as perguntas devam ser necessariamente colocadas pela ordem de anotação e sob formulação prevista, na óptica destes autores é fundamental “deixar fluir a entrevista, para que o entrevistado possa falar abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier, ou seja, dar-lhe a possibilidade de moldar o seu conteúdo.

Este tipo de entrevista obedece a um esquema, ou seja, guião, que de acordo com o modelo proposto por Estrela (1994), deverá seguir os seguintes trâmites: formulação do

tema de forma sintética e explícita; definição dos objectivos e a previsão de estratégias de concretização.

Os guiões criados tiveram por base as informações teóricas relatadas anteriormente.

Importa salientar que todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas com fidelidade ao discurso oral dos entrevistados.

2.2.1. Entrevista Pais

A entrevista foi dividida em quatro blocos. O primeiro bloco (bloco A) teve por objectivo legitimar a entrevista e motivar o entrevistado, bem como informar acerca das linhas gerais do trabalho de investigação, reforçar a importância da sua colaboração e a garantir carácter confidencial e anonimato das informações prestadas.

O bloco seguinte (bloco B) destinou-se a obter informações acerca dos próprios entrevistados, analisando de forma anamnésica várias vertentes da vida dos mesmos. Este segundo bloco tem como objectivo a angariação de informações acerca dos entrevistados de forma a ser possível uma posterior análise de aspectos idênticos ou diferenciais entre os mesmos, relativamente às várias áreas examinadas.

O terceiro bloco (bloco C), por sua vez, pretendia a captação da perspectiva dos entrevistados (“pais”), em relação ao desenvolvimento, características e personalidade dos filhos. Esta etapa apresentou como objectivo a obtenção de informações que permitam uma análise da perspectiva dos pais, semelhanças e diferenças no discurso, relativamente a áreas relacionadas com os filhos. Este bloco pretendia ainda alcançar um leque de informações acerca das crianças que se espera que os pais possam fornecer de forma fidedigna, que de outra forma seria difícil obter.

Por fim, o último bloco (bloco D) destinou-se a agradecer toda a disponibilidade prestada.

Para apurar os resultados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, através do programa N-VIVO, versão 8 para Windows.

2.2.2. Entrevistas: Crianças

A entrevista foi dividida em três blocos. Num primeiro bloco, o objectivo principal prendeu-se com a preocupação por transmitir de forma perceptível as linhas gerais do

trabalho de investigação, motivar o entrevistado para a colaboração e garantir confidencialidade e anonimato das informações prestadas.

O bloco dois pretende obter informações acerca dos entrevistados, analisando o contexto social, familiar, escolar e as suas expectativas de futuro. Estas informações têm como objectivo uma posterior análise e cruzamento de todas as entrevistas, sendo possível verificar as semelhanças e diferenças nos discursos.

Por fim, o último bloco destina-se a agradecer toda a disponibilidade prestada.

Para apurar os resultados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, através do programa N-VIVO, versão 8 para Windows.

2.3.Questionário: Índice de parentalidade autorizada:

No âmbito da investigação, foi ainda utilizado o questionário “The Authoritative Parenting Index” (Jackson, Henriksen e Foshee, 1998, adaptado para Portugal por Gaspar e Alarcão, 2003) que avalia as dimensões de afectividade (ítems 1 a 9, relativos à aceitação, apoio, conforto, afecto e envolvimento nas actividades) e de controlo parental (ítems 10 a 16 relativos às regras de comportamento, supervisão e monitorização das actividades). Estas dimensões constituem as duas dimensões mais importantes na definição dos estilos parentais. O objectivo da sua aplicação foi recolher dados mais objectivos sobre as dimensões da parentalidade a partir de um instrumento utilizado em Portugal.

3. Caracterização do Contexto e da População

Participaram no estudo 7 pais e 8 filhos (duas das crianças eram irmãs) que frequentavam o Programa de Enriquecimento da Delegação de Lisboa da Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS) no ano lectivo de 2009/10. Este programa visava proporcionar experiências de descoberta desafiantes e criativas, enriquecer o conhecimento nas áreas da ciência, da arte e da tecnologia, estimular a capacidade de observação e de resolução criativa de problemas, desenvolver a afirmação e a comunicação de ideias, apreciar as produções criativas dos outros e incentivar aplicações práticas para conhecimentos específicos.

Os participantes foram seleccionados de entre as 18 crianças e jovens sobredotados que frequentavam este programa, pois estes pais habitualmente permaneciam nas instalações ao longo das 3 horas de duração das actividades, sendo, portanto, uma amostragem por conveniência.

A amostragem é então constituída por 5 pais e 2 mães, com uma média de idade de 41,7. Relativamente às crianças, fizeram parte da amostra 5 crianças do sexo masculino e 3 do sexo feminino, com uma média de idades de 8,1. Ainda relativamente a estas, de referir que uma rapariga de 6 anos frequentava o 1º ano de escolaridade, dois rapazes de 7 anos e uma rapariga de 8 anos frequentavam o 2º ano de escolaridade, um rapaz de 7 frequentava ainda o 3º ano de escolaridade e, por último, uma rapariga de 9 anos e dois rapazes de 10 anos frequentavam o 5º ano de escolaridade. Duas destas crianças obtiveram aceleração escolar.

Na avaliação psicológica realizada antes da entrada para o programa, todas as crianças tiveram um resultado na WISC acima de 130 e acima do percentil 95 nas Matrizes de Raven.

Os participantes residem na zona de Lisboa, Mafra, Torres Novas e Torres Vedras.

4. Procedimentos

A recolha de dados foi realizada nos meses de Fevereiro a Junho. Os participantes foram previamente informados sobre os objectivos do estudo, tendo sido questionados sobre a possibilidade de participação. No momento das entrevistas, os participantes foram lembrados acerca dos objectivos da investigação, bem como garantida a confidencialidade e o anonimato das suas respostas.

O tempo das entrevistas realizadas aos “pais” variou entre um mínimo de 27 minutos e um máximo de 2 horas e 36 minutos. Por outro lado, as entrevistas realizadas às “crianças” variaram entre num mínimo de 6 minutos e um máximo de 20 minutos. Já a aplicação dos questionários às mesmas realizou-se, em média, em 15 minutos.

Os dados recolhidos nas entrevistas foram analisados com o recurso ao software informático N-VIVO, versão 8 para Windows, que permite desenvolver um projecto de pesquisa, armazenar e organizar os dados em diversos tipos de fontes, identificar elementos significativos para análise e conclusão e obter uma descrição subjectiva e sistemática do conteúdo da comunicação.

Relativamente ao questionário API, este foi cotado com base na própria tabela de cotação e os resultados analisados tendo em conta as variáveis estudadas, sua descrição e significado.

5. Análise do conteúdo – Tratamento de dados

O tratamento dos dados recolhidos através das entrevistas foi feito por análise de conteúdos.

Bogdan e Biklen (1994) referem que a análise de dados consiste num processo de busca e de organização sistemática de transcrição de entrevistas, notas de campo e outros materiais, com o objectivo de aumentar a compreensão dos materiais, permitindo a sua apresentação. Assim, à medida que se vão lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos, o que nos transporta para categorias de codificação. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que se recolheram.

Ainda, segundo Amado (2000), a análise de conteúdo é um processo de esquartejamento do texto e do seu sentido imediato visível, com o objectivo de se descortinarem outros sentidos interpretativos.

5.1. Categorização

Segundo Bogdan e Biklen (1994), as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse, efectuado em razão das características comuns destes elementos.

Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles. A categorização é então um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas, o inventário: isolar os elementos; e a classificação: repartir os elementos e procurar organizar as mensagens. Esta tem como primeiro objectivo fornecer por condensação, uma representação simplificada dos dados em bruto (Bogdan e Biklen, 1994)

A categorização utilizada no estudo emprega o processo onde o sistema de categorias não é fornecido, antes resulta da classificação analógica e progressiva dos

elementos. Este é o procedimento por “acervos”. O título conceptual de cada categoria somente é definido no final da operação.

Um conjunto de boas categorias deve conter a exclusão mútua: esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão; a homogeneidade: num mesmo conjunto categorial só se pode funcionar com um registo e com uma dimensão da análise; a pertinência: uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido; objectividade e fidelidade: o organizador da análise deve definir claramente as variáveis que trata, assim como deve precisar os índices que determinam a entrada de um elemento numa categoria; e a produtividade: um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exactos (Bogdan e Bicklen, 1994).

No presente estudo a categorização foi feita com base no programa N-VIVO. Tendo em conta o recomendado, admitimos ter um sistema de categorias com uma estrutura formal que nos dá uma visão holística do corpo documental e permite-nos descortinar consensos e oposições. No que concerne à validade e fiabilidade neste estudo recorreremos, como referido, à análise do texto no programa N-VIVO e em momentos diferentes, sendo que o resultado da categorização foi sempre o mesmo, o que revela objectividade e fidelidade.

Para apresentação da categorização realizada no presente estudo serão apresentados quadros com pretensão de resumir a informação que de outro modo seria fastidioso apresentar.

Capítulo III - Apresentação e descrição dos resultados

Neste capítulo são apresentados os principais resultados da análise de conteúdo efectuada às entrevistas e a apresentação dos resultados obtidos através do questionário: “Índice de parentalidade autorizada”. Encontra-se dividido em três partes distintas. Num primeiro momento são apresentados os resultados obtidos através das entrevistas aos pais. Num segundo momento são apresentados os resultados obtidos através da entrevista e questionário realizados pelos filhos, e, por último, são compilados e comparados dados relativos aos pais e filhos.

1. Apresentação e descrição de dados: “pais”

Quadro 1 - Categorias mais referidas dos pais em relação a si próprios.

Categorias	Referências
Aproveitamento escolar médio	7 ref
Existências de dificuldades no percurso escolar	7 ref
Existência de hobbies específicos	7 ref
Desenvolvimento normal	7 ref
Problemas de saúde	7 ref
Percepção de criatividade	7 ref
Satisfação profissional	6 ref
Dinâmica familiar actual positiva	6 ref
Bom processo de socialização	6 ref
Frequência universitária/Formação específica	5 ref
Adaptação escolar positiva	5 ref
Atitude favorável face à escola	5 ref
Actividades complementares	5 ref
Pressão para uma formação superior	4 ref
Aptidão social/comunicacional	4 ref
Existência de interesses mais extremados	4 ref
Dinâmica familiar positiva na infância	4 ref
Não existência de um interesse específico na infância	4 Ref
Acompanhamento escolar	4 Ref

O quadro 1 refere-se às categorias mais referidas pelos pais, em relação à sua auto-caracterização, desenvolvimento, suas concepções e estilos parentais.

Assim, todos os pais entrevistados (100%): referem ter apresentado um aproveitamento escolar médio, pautado muitas vezes por altos e baixos, mas essencialmente regular; referem também que sentiram algum tipo de dificuldade durante o seu percurso escolar, sendo que esta dificuldade se pode dever a problemas pedagógicos, relacionados com disciplinas e matérias, ou por sua vez relacionais/sociais e de adaptação; quando questionados acerca dos seus hobbies, referem algum tipo de actividade específica que costumem realizar, ou seja, gosto específico por determinados hobbies que realizam de forma mais fixa/regular; referem que apresentaram um desenvolvimento percebido como normativo, não havendo nenhum tipo de problema ou desvio da norma para a idade, não tendo apresentado problemas de precocidade ou atraso; apresentaram ou ainda apresentam algum problema de saúde que pode requerer algum cuidado ou tratamento; e definem-se como pessoas criativas, sendo que esta pode ser geral, utilizada em todas as áreas, ou mais direccionada para alguma área específica.

Seis dos entrevistados (86%): referem encontrar-se satisfeitos e bastante concretizados profissionalmente, referindo realizar profissões das quais gostam realmente; passam uma imagem positiva da dinâmica familiar, sendo que tentam passar o máximo de tempo juntos e investindo da relação familiar o mais possível; e referem que apresentam um bom processo de socialização, sendo que conseguem manter boas relações com os familiares, vizinhos ou amigos.

Cinco dos entrevistados (71%): frequentaram a universidade ou realizaram uma formação específica; obtiveram uma boa adaptação nos vários cenários escolares ao longo do seu percurso; durante o percurso escolar apresentavam uma atitude positiva quanto à escola, ou seja, gostavam de a frequentar e visionavam-na como algo benéfico; e, os entrevistados, para além da sua profissão, realizam outras actividades complementares.

Quatro dos entrevistados (57%): sofreram dos seus pais pressão para seguir uma formação superior; consideram que uma das suas maiores aptidões se relaciona com a área social, de contacto com os outros; referem que apresentam interesses mais extremados, áreas que se dedicam a analisar mais profundamente; referem que durante a sua infância, a dinâmica familiar que predominava era positiva, havendo um bom entendimento entre todos; referem não ter apresentado na infância nenhum interesse mais específico ou notório; e referem ter recebido, por parte dos pais, um apoio e

acompanhamento escolar, sentindo que estes se interessavam por esta vertente.

Como se pode verificar, foram consideradas relevantes as categorias que apresentavam uma maioria, ou seja, no mínimo 4 referências (57%). Contudo, com esta análise, não descuramos as categorias, que apesar de não congregarem uma maioria, foram aferidas e, portanto, podem ser relevantes para a análise das conclusões.

Quadro 2 - Categorias mais referidas dos pais em relação a si próprios, numa perspectiva actual e passada.

Actualidade
Existência de interesses mais extremados;
Hobbies muito específicos;
Percepção de criatividade;
Frequência universitária/Formação específica;
Dinâmica familiar actual positiva;
Bom processo de socialização;
Satisfação profissional;
Actividades complementares;
Aptidão social/comunicacional;
Problemas de saúde;
Passado
Não existência de um interesse mais específico na infância;
Pressão para uma formação superior;
Dinâmica familiar na infância positiva;
Adaptação escolar positiva;
Atitude favorável face à escola;
Aproveitamento escolar médio;
Existência de dificuldades no percurso escolar;
Desenvolvimento considerado normal;
Acompanhamento escolar

O quadro 2 refere-se à análise das percepções transmitidas pelos pais em relação a si mesmos, desta vez, separando as categorias referentes à actualidade, das categorias relativas ao passado.

Assim sendo, podemos verificar, confrontando as informações, dos entrevistados, que quando ao passado: referem que não apresentavam, enquanto crianças, interesses específicos ou mais obsessivos; sofreram, de alguma forma, pressão dos pais, para

seguirem uma formação superior; mencionam uma dinâmica familiar na infância positiva; não apresentaram problemas de adaptação escolar; manifestavam uma atitude positiva quanto à escola; apresentaram um aproveitamento escolar regular/médio; referem também que sentiram algum tipo de dificuldade durante o seu percurso escolar, sendo que esta dificuldade se pode dever a problemas pedagógicos, relacionados com disciplinas e matérias, ou por sua vez relacionais/sociais e de adaptação; referem que os pais acompanhavam o seu percurso escolar; e, por último, expõem que apresentaram um desenvolvimento considerado normativo, não havendo nenhum tipo de problema ou desvio da norma para a idade, sendo que não apresentaram problemas de precocidade ou atraso relativamente à média da idade.

Já relativamente ao presente, por sua vez: referem a existência de interesses mais extremados; existência de hobbies muito específicos; bem como se percebem como pessoas criativas; predomina a frequência universitária relativamente às habilitações literárias; referem uma dinâmica familiar actual positiva; mencionam apresentar um bom processo de socialização; encontram-se profissionalmente satisfeitos; realizam actividades complementares, para além da sua profissão; referem apresentar aptidão social/comunicacional; e apresentaram, já na idade adulta, ou ainda apresentam algum problema de saúde que pode requerer algum cuidado ou tratamento.

Quadro 3 - Categorias mais referidas dos pais em relação aos filhos.

Categorias	Referências	Categorias	Referências
Gravidez desejada e planeada	8 ref	Problemas de saúde	6 ref
Sinais de precocidade	8 ref	Boa autonomia	6 ref
Bom/muito bom nível de comunicação	8 ref	Comunicação social Limitada	6 ref
Frequência de jardim-de-infância	8 ref	Parto normal	6 ref
Acompanhamento escolar	8 ref	Atitude favorável quanto à escola	6 ref
Facilidade na aquisição de conhecimentos/aprendizagens	8 ref	Existência de actividades extra-curriculares	5 ref
Bom processo de socialização	7 ref	Gravidez sem problemas	5 ref
1ª Infância nos níveis normais	7 ref	Expectativas altas - futuro escolar	5 ref
Níveis desenvolvimentais actuais normais	7 ref	Espírito de liderança	5 ref
Contexto habitacional familiar	7 ref	Interesses mais específicos	5 ref
Expectativas - Ingresso ensino superior	7 ref	Frequência de ama ou creche	5 ref
Criatividade	7 ref	Adaptação escolar regular	5 ref
Não preferência por um percurso	7 ref	Percepção de estimulação	5 ref
Pós-parto normal	7 ref	Aptidão para o cálculo/estratégia	4 ref
Desempenho escolar bom/muito bom	7 ref	Facilidade de separação	4 ref
Preocupações a nível emocional	6 ref	Não aceitação de regras/argumentação	4 ref
Sobredotação – Atitude de preocupação	6 ref		

O quadro 3 refere-se à análise das opiniões e percepções transmitidas pelos pais em relação aos filhos.

Assim, podemos verificar que todos os entrevistados (100%): referem que a gravidez da criança foi planeada e desejada; mencionam que a criança, durante o crescimento, apresentou áreas de desenvolvimento precoce; consideram que a criança fala, comunica e expressa-se bem, sem problemas, melhor do que as crianças de idade igual; referem que a criança frequentou jardim-de-infância; acompanham de perto o percurso escolar das crianças; e consideram que uma das maiores facilidades dos filhos, a nível escolar, se prende com a facilidade de aquisição de conhecimentos e raciocínio lógico.

Sete dos entrevistados (88%): referem que criança apresenta um bom processo de socialização, mantendo boas relações com a vizinhança e família; mencionam que a criança apresentou um desenvolvimento na 1ª infância considerada normal, de forma

geral; consideram que a criança apresenta, actualmente, em alguns níveis, um desenvolvimento normal, sem problemas; divulgam que a criança vive com ambos os pais (e irmãos); referem que têm a expectativa que a criança venha a frequentar o ensino superior; consideram a criança criativa, ou muito criativa; narram que não têm idealizado um percurso escolar específico que gostariam que os filhos seguissem, sendo que consideram que a área a seguir é uma decisão deles; referem que os filhos apresentaram um pós-parto normal, sem problemas de maior; mencionam que a criança apresenta um desempenho escolar muito positivo; e referem uma atitude essencialmente de preocupação e dúvida perante as melhores atitudes a tomar quanto à sobredotação dos filhos.

Seis dos entrevistados (75%): demonstram preocupações relativamente a problemas emocionais que os filhos possam ter ou vir a ter; referem que a criança sofre de alguma doença; expõem que a criança consegue ser autónoma em algumas actividades; consideram que a criança não se dá com pessoas indiscriminadamente, ou seja, consegue manter uma comunicação social mas só com algumas pessoas, demonstrando problemas na comunicação social geral; referem que durante o parto da criança não ocorreram complicações; e mencionam que a criança gosta de frequentar a escola, visionando a mesma como positiva.

Cinco dos entrevistados (62%): referem ainda que a criança frequenta actividades extra-curriculares, fora da escola (para além da ANEIS); apresentam que durante a gravidez não foram detectados nenhuns problemas e procedeu tudo de forma normal; consideram que estas podem vir a ter um percurso escolar ao longo do tempo muito bom; consideram que a criança apresenta espírito de liderança, tentando liderar as brincadeiras; referem que a criança apresenta gostos específicos a que se dedica; expõem que a criança frequentou creche ou ama enquanto bebé; consideram que a criança apresentou sempre, até ao momento, uma boa adaptação ao contexto escolar; e consideram ter estimulado o desenvolvimento intelectual da criança.

Quatro dos entrevistados (50%): sentem que a maior dificuldade na relação com os filhos se prende com a dificuldade destes aceitarem regras e com a exaustiva argumentarem destes; consideram que a criança não tem problemas em separar-se dos pais, mostrando-se bastante independente; e referem que a criança apresenta uma grande aptidão para o cálculo, raciocínio lógico e pensamento estratégico.

2. Apresentação e descrição de dados relativos aos “filhos”

2.1. Dados das entrevistas

Quadro 4 - Categorias mais referidas dos filhos em relação a si mesmo.

Categorias	Referências
Bom processo de socialização	8 ref
Acompanhamento escolar	8 ref
Bom desempenho escolar	7 ref
Boa atitude face à escola	7 ref
Boa dinâmica familiar	7 ref
Curso superior	7 ref
Não existência de pressão escolar parental	6 ref
Existência de interesses específicos	4 ref

O quadro 4 refere-se às categorias mais referidas pelos filhos, em relação a si próprios, nomeadamente em termos da definição de si próprio e da opinião sobre os contextos em que estão inseridos, em relação às influências parentais a que são sujeitas e às expectativas de futuro.

Assim, é possível verificar que todos os filhos entrevistados (100%): referem apresentar um processo de socialização positivo, mantendo boas relações com familiares e gostando de brincar com amigos; e consideram que os pais acompanham o seu percurso escolar, ajudando-os em dúvidas da escola, incentivando o estudo ou revendo os trabalhos realizados.

Sete das crianças (88%): consideram estar a apresentar um bom desempenho escolar, com boas notas; referem gostar de frequentar a escola e visionar a mesma como positiva, gostando também dos colegas e professores; consideram que a dinâmica familiar é boa, referindo passar bastante tempo com os pais (e irmãos); e mencionam que gostariam de seguir um curso superior.

Seis das crianças (75%): referem que os pais, até ao momento, ainda não lhe referiram nenhum curso que gostariam que estes tirassem, bem como nunca referiram o que gostariam que eles fossem.

Quatro das crianças (50%): demonstram ter interesses mais específicos ou obsessivos.

Também aqui foram consideradas relevantes as categorias que apresentavam uma maioria, ou seja, no mínimo 4 referências (50%). Contudo, com esta análise, não descuramos as categorias, que apesar de não congregarem uma maioria, foram aferidas e, portanto, podem ser relevantes para a análise das conclusões.

2.2. Dados do Questionário

Quadro 5. Resultados obtidos através do questionário “Índice de Parentalidade Autorizada”

Nome	Pontuação		Resultados
FR	2,4	2,6	-0,20
TT	3,3	2,6	0,70
AO	3,6	3,7	-0,10
MR	3,1	3,6	-0,50
ML	3,7	3,6	0,10
MT	3,4	2,9	0,50
IN	3,1	2,4	0,70
AB	3,1	3,4	-0,30
Média	3,4	3,1	0,30

Podemos verificar no quadro 5 os resultados obtidos através do questionário “Índice de parentalidade autorizada”. Assim, a negrito encontram-se as crianças que percebem os pais como mais controladores do que afectivos - em particular a MR e a AB. No AO e no FR, apesar deste facto também se verificar, essa diferença não é tão relevante.

As restantes crianças percebem o afecto com mais intensidade do que o controle, embora no caso do ML a diferença seja mínima. No caso do TT e da IN, a afectividade está claramente mais demarcada.

Por seu turno, o FR, o AO, o ML e a AB tendem a equilibrar bastante as duas dimensões.

Todos tendem a equilibrar a representação que têm da afectividade e do controle.

3. Apresentação e descrição dos dados relativos a pais e filhos

Quadro 6 - Categorias mais referidas dos pais em relação aos filhos e dos filhos em relação a si mesmo.

Pais – Em relação aos filhos	Filhos
Bom processo de socialização	Bom processo de socialização
Dinâmica familiar actual positiva	Boa dinâmica familiar
Desempenho escolar bom/muito bom	Bom desempenho escolar
Atitude favorável quanto à escola	Boa atitude face à escola
Acompanhamento escolar	Acompanhamento escolar
Expectativas em relação ao ingresso no ensino superior	Curso superior
Não preferência por um percurso escolar ou profissional	Não existência de pressão escolar parental
Interesses mais específicos ou obsessivos	Existência de interesses específicos

O quadro 6 compila as informações comuns referidas pelos pais em relação aos filhos e dos filhos em relação a si mesmos.

Assim é possível verificar que todas as categorias mais referidas pelos filhos em relação a si mesmos ou aos contextos em que estão inseridos, são confirmadas pelas informações dos pais em relação aos filhos, estando as informações relacionadas.

Logo, os pais consideram que os filhos apresentam um bom processo de socialização, conseguindo estabelecer relações com vizinhos ou familiares, os filhos por sua vez consideram que apresentam um bom processo de socialização, gostando de estar com familiares e de brincar com colegas; os pais consideram que a dinâmica familiar em que a criança está inserida é positiva, primando pela convivência conjunta, o filho, por sua vez, considera que a dinâmica familiar é positiva, gostando a família de estar junta, realizando quando possível algumas actividades em conjuntas; os pais consideram que o desempenho escolar dos filhos está a ser muito positivo, os filhos consideram igualmente que estão a conseguir notas boas escolares; os pais consideram que os filhos gostam de ir à escola, os filhos referem que vêm a escola como algo positivo, gostando dos professores e colegas; os pais consideram que acompanham de perto o percurso escolar dos filhos, os filhos sentem que os pais acompanham o seu percurso escolar, mostrando-se disponíveis para ajudar e direccionar; os pais esperam que os filhos sigam

para o ensino superior, os filhos, por sua vez, querem seguir um curso superior; os pais referem que esperam que os filhos venham a ser o que desejarem, os filhos referem que os pais nunca lhe referiram para seguir determinado curso superior ou determinada profissão; e, por último, os pais sentem que os filhos possuem interesses mais específicos ou obsessivos, os filhos, por sua vez, referem igualmente interesses muito específicos.

Quadro 7 – Semelhanças entre as categorias mais referidas dos pais em relação a si mesmo e dos filhos, igualmente, em relação a si mesmos.

Pais	Filhos
Existência de interesses mais extremados	Existência de interesses específicos
Percepção de criatividade	Criatividade
Pressão para uma formação superior	Expectativas em relação ao ingresso no ensino superior
Dinâmica familiar na infância positiva	Boa dinâmica familiar
Problemas de saúde	Problemas de saúde
Adaptação escolar positiva	Adaptação escolar regular
Atitude favorável face à escola	Atitude favorável quanto à escola
Actividades complementares	Existência de actividades extra-curriculares
Bom processo de socialização	Bom processo de socialização
Desenvolvimento considerado normal	Níveis actuais normais
Acompanhamento escolar	Acompanhamento escolar

O quadro 7 apresenta as semelhanças encontradas entre pais e filhos.

Assim, é possível verificar que: ambos apresentam interesses mais extremados; ambos são percepcionados como criativos; os pais sofreram pressão para seguir uma formação específica e esperam actualmente que os filhos sigam, igualmente, para o ensino superior; os pais referem que durante a sua infância a dinâmica familiar que predominava era positiva e os filhos consideram que a dinâmica familiar em que estão inseridos é positiva; ambos apresentam ou apresentaram já algum problema de saúde; ambos se adaptaram bem aos contextos escolares; ambos percepcionam a escola como algo positivo; os pais realizam actividades complementares à profissão e os filhos, por sua vez, apresentam actividades extra-curriculares; ambos referem apresentam um bom processo de socialização; os pais entrevistados referem que enquanto crianças os seus pais acompanhavam o seu percurso escolar, e os filhos, por sua vez, consideram que os

pais acompanham o seu percurso escolar; e ambos parecem ter apresentado/ estar a apresentar um desenvolvimento normativo a vários níveis do crescimento/ desenvolvimento.

Quadro 8 – Diferenças entre as categorias mais referidas pelos pais em relação a si mesmos e dos filhos, igualmente, em relação a si mesmos.

Pais	Filhos
Não existência de um interesse específico na infância	Existência de interesses específicos
Aproveitamento escolar médio	Desempenho escolar bom/muito bom
Aptidão social/comunicacional	Aptidão para o cálculo/estratégia

O quadro 8 apresenta as diferenças encontradas entre pais e filhos.

Assim, enquanto os pais consideram que não apresentaram nenhum interesse mais específico na infância, os filhos referem apresentar; os pais consideram ter apresentado um aproveitamento escolar médio, já os filhos têm apresentado um desempenho muito positivo; e os pais consideram que uma das suas maiores aptidões é na área social/comunicacional, já quanto aos filhos consideram que a maior aptidão destes é para o cálculo/ estratégia.

Capítulo IV – Discussão e Conclusões

Na conclusão deste trabalho são apresentados os principais resultados, de acordo com o enquadramento teórico e as questões de investigação que lhes estão subjacentes, sendo que a análise sintética dos resultados obtidos permite responder e levantar considerações sobre as questões de investigação previamente formuladas.

São também conjecturadas algumas limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.

1. Conclusões questão a questão

1.1. Questão 1

Existem aspectos comuns entre as percepções dos pais de crianças sobredotadas em relação a si próprios, nomeadamente em termos da sua auto-caracterização, criatividade, representação do seu desenvolvimento e concepções educacionais ou estilos parentais?

A leitura dos principais resultados permite perceber que, de facto, existem aspectos comuns entre os pais de crianças sobredotadas.

Ao analisarmos os pais numa perspectiva desenvolvimental contínua é possível verificar que, a par de um desenvolvimento normativo e de um desempenho intelectual regular, existia, nestes, durante a infância, uma ligação forte ao meio escolar e à importância atribuída ao mesmo, marcada por alguma insistência parental para o prosseguimento escolar a nível superior e um acompanhamento escolar. Sendo que, como refere Lahire (1997, citado por Mettrau, 2002) a criança não reproduz, necessariamente e de maneira directa, as formas de agir de sua família, mas apoia-se nos modelos parentais para construir os seus próprios, tal facto pode ter influenciado as concepções educacionais actuais dos entrevistados, também eles agora pais.

Ao analisar os dados mais referidos pelos pais numa perspectiva passada e presente é possível verificar que estes, ao contrário do que se verificava na infância, apresentam actualmente características de criatividade, interesses específicos mais obsessivos por alguma área que se dediquem a analisar mais profundamente, e aptidões mais demarcadas, o que vai de encontro com a teoria de Gagné (2000), que refere que a

aprendizagem e o treino eficaz e sistemático de aptidões permitem o desenvolvimento de competências, sendo que as habilidades inatas excepcionais, podem apenas revelar-se competências quando sistematicamente treinadas e desenvolvidas. Assim, a conjuntura actual pode anunciar um meio facilitador de criatividade e de desenvolvimento de capacidades.

Logo, o facto de os pais apresentarem características de criatividade, desponta, segundo Bahia (2007), como consequência de um processo que engloba um sujeito, com todas as suas características cognitivas e de personalidade, que se insere num contexto sócio - cultural onde a criatividade é valorizada.

Assim, e com apoio na teoria de Monks (1988, citado por Oliveira, 2007), a sobredotação das crianças do estudo, pode relacionar-se com as interações estabelecidas entre a estas e os factores ambientais, promotores das características de sobredotação. Segundo o autor, os elementos de oportunidade e de suporte parecem influenciar de forma decisiva a transformação do potencial em rendimento, pois o desenvolvimento da sobredotação não ocorre no isolamento social, sendo que os factores sociais podem ser críticos no desenvolvimento do potencial do indivíduo ao longo da sua vida, principalmente na infância e na adolescência, períodos em que os processos evolutivos se encontram em plena expansão e desenvolvimento (Monks, 1997).

Assim, as características de criatividade encontradas nos pais e os seus interesses demarcados podem estar envoltos num clima promotor de estimulação que, desta forma, abrange igualmente os filhos e relaciona-se com as características de sobredotação dos mesmos.

1.2. Questão 2

As opiniões e perspectivas dos pais de crianças sobredotadas sobre os seus filhos são semelhantes?

Foi possível verificar aspectos comuns entre pais, relativamente às opiniões e perspectivas destes em relação aos filhos. As opiniões mais referidas podem ser divididas, nesta análise, em três grandes grupos: características de sobredotação; preocupações educacionais e preocupações emocionais.

Verifica-se que, segundo os pais, os filhos apresentam características específicas, relativamente a criança da mesma idade, como: precocidade, boa comunicação, maior facilidade de aquisição de conhecimentos, desempenho escolar muito bom, autonomia ou facilidade de separação, espírito de liderança, interesses específicos ou obsessivos, não aceitação de regras impostas e forte nível de argumentação. Estas informações parecem ir de encontro com as características de sobredotação e criatividade preconizadas pela bibliografia. Tuttle e Becker (1983), por exemplo, expõem como características da criança sobredotada, curiosidade, persistência no empenho de satisfazer os seus interesses e problemas, auto e hetero crítica, sentido de humor bastante aguçado, propensão para não aceitar afirmações, respostas ou avaliações superficiais, entendimento de princípios gerais, facilidade em propor ideias para um estímulo específico, sensibilidade a problemas sociais e pessoais, liderança em várias áreas e o relacionamento eficaz entre ideias aparentemente diversas. Torrance (1975) refere ainda outras características das crianças sobredotadas, mas altamente criativas: reacção positiva a elementos novos, estranhos do seu ambiente; persistência em examinar e explorar estímulos com o objectivo de os conhecer melhor; curiosidade; gosto em investigar; questionamento constante; resolução de problemas de uma forma original e inventiva; independência; individualidade; grande imaginação, ideias fantasiosas, preferência por ideias complexas, pouco interesse pelo conformismo e ocupação do tempo de forma produtiva, sem ser necessária a estimulação do professor. Estas características, apresentadas no referencial teórico, são, de facto, referidas por pais destas crianças sobredotadas, como características proeminentes nas mesmas.

Existem também aspectos comuns relativamente a preocupações educacionais, sendo que, segundo Azinheiro e Martins (2005), tendo por base a experiência do trabalho clínico com pais de crianças e adolescentes sobredotados, torna-se possível verificar que uma das áreas de preocupação mais frequentes por parte dos pais de crianças sobredotadas é a área dita académica. No presente estudo, os entrevistados referem acompanhar o percurso escolar dos filhos, estimular o seu desenvolvimento intelectual e apresentar expectativas altas relativamente ao percurso escolar dos mesmos. De referir que existem, segundo o enquadramento teórico consultado, referências relativas ao empenho, à importância dada à educação, ao tempo dedicado, todo um conjunto de estímulos ricos e proporcionados pelo ambiente em que a criança vive, associados aos pais de crianças sobredotadas (Alencar e Fleith, 2001; Guenther, 2000), o que vai de encontro com os resultados obtidos no presente estudo, e nos leva,

mais uma vez, a interligar a sobredotação a interações estabelecidas entre a criança e os factores ambientais, promotores de um forte nível de estimulação (Monks, 1997).

Os pais referem ainda preocupações emocionais relativamente aos filhos, sendo que fica patente o problema, também documentado teoricamente, da dissincronia evolutiva afectivo - intelectual, referida por Terrasier (1989) que se refere à disparidade que existe entre o rápido desenvolvimento da capacidade intelectual e outras áreas de evoluem de forma normal. Este fenómeno pode originar problemas de identificação dos sobredotados e repercutir-se negativamente ao nível da aprendizagem e, sobretudo, desfasamentos e transtornos na criança nos mais variados aspectos. Outra das preocupações emocionais e relacionais referida pelos pais reporta-se à área interpessoal e às competências da criança em se relacionar com os demais, sendo notório que, segundo os pais, estas crianças apresentam ainda uma comunicação social limitada e dificuldade de aceitação de regras, argumentando exaustivamente. Segundo Silverman (1992) apontam-se, relativamente às preocupações emocionais dos pais de crianças sobredotadas, as dificuldades no estabelecimento de regras e limites, dadas as características destas crianças que questionam com frequência e desafiam a autoridade, as dificuldades em lidar com comportamentos de baixa tolerância à frustração e reacções emocionais negativas excessivas, quando contrariados. Marujo (2000) refere ainda que existem também problemas em lidar com conflitos internos relativos às exigências que podem fazer nas outras áreas da vida da criança, tendo em consideração que o desenvolvimento cognitivo se processa a um ritmo muito superior ao desenvolvimento físico e emocional; dificuldades em lidar com a dependência emocional, comportamentos de introversão, isolamento dos filhos; as dificuldades na gestão das diferenças que emergem no desenvolvimento e no comportamento dos vários filhos, tendo em conta as diferenças etárias entre eles. Num contexto mais alargado, tais dificuldades podem passar pelos problemas apresentados por várias destas crianças no estabelecimento de relações significativas com os colegas da turma ou com outras crianças do seu nível etário (Azinheiro e Martins, 2005). O presente estudo vai de encontro com os aspectos aferidos pelos autores acima referidos, sendo que estes pais afirmam problemas emocionais nos filhos que estão documentados teoricamente.

1.3. Questão 3

Existem aspectos comuns entre as percepções das crianças sobredotadas em relação a si próprias, nomeadamente em termos da definição de si própria, e da opinião sobre os contextos em que estão inseridas, em relação às influências parentais a que são sujeitas e às expectativas de futuro?

De entre os aspectos comuns nas crianças sobredotadas, inferidos através deste estudo, é de referir a grande compatibilidade de percepções relativamente a aspectos educacionais. Uma boa atitude em relação á escola, um bom desempenho e uma vontade de seguir para um curso superior, vêm acompanhados de uma forte percepção de acompanhamento escolar por parte dos pais. Este facto vai, mais uma vez, de encontro às referências teóricas relativas ao empenho, à importância dada à educação, ao tempo dedicado, a uma estimulação rica, proporcionados pelo ambiente em que a criança vive, associados aos pais de crianças sobredotadas, referidos por Alencar e Fleith (2001) e Guenther (2000).

São também referidos interesses específicos, o que, como refere Gagné (2000), conjuntamente com influências e interações ambientais, pode fazer surgir talentos específicos. Segundo este autor, a sobredotação é uma herança genética, enquanto os talentos são o produto de uma interação de predisposições naturais com os contextos físicos e sociais que envolvem o indivíduo, sendo que o desenvolvimento de talentos é, em grande parte, influenciado pela aprendizagem e pela prática.

1.4. Questão 4

É possível identificar estilos educacionais e dimensões de parentalidade comuns entre pais de crianças sobredotadas?

Existem, de facto, dimensões de estilos educacionais comuns, que nos indicam um meio familiar promotor de estimulação, acompanhamento e expectativas futuras altas, quando ao percurso escolar dos filhos. Segundo Azinheiro e Martins (2005), como já referido, é possível verificar que uma das áreas de preocupação mais frequentes por parte dos pais de crianças sobredotadas é a área académica.

Segundo Bahia, Martins, Meira e Azinheiro (2009), relativamente aos pais de crianças com necessidades educativas especiais, se as descrições de preocupações nestes se centram na esfera emocional e social, a verdade é que as expectativas e práticas futuras, segundo os mesmos, estão centradas no sucesso académico e profissional, o que vem reforçar que, de facto, estes pais ainda se encontram muito focados na importância dos aspectos académicos.

Segundo Baumrind (1966) os processos emocionais e comportamentais dos pais constituem dimensões de parentalidade, sendo que a dimensão emocional se encontra relacionada com a ligação afectiva criada entre os pais e a criança, e o padrão comportamental encontra-se relacionado com o papel activo que os pais desenvolvem na promoção de respeito pelas regras e pelas convenções sociais, assim como no assegurar de sucesso e integração social. No presente estudo, tendo por base o instrumento utilizado, foram tidas em conta as dimensões “afecto” (relacionada com processos emocionais) e “controlo” (relacionada com processos comportamentais), sendo que, é possível verificar, que os resultados indicam equilíbrio entre as dimensões. Metade das crianças avalia os pais como mais afectivos e outra metade como mais controladores. Tendo ainda o quadro teórico de Baumrind (1966) como referência, o estilo com autoridade democrática, que se pauta pelo respeito da individualidade da criança, pela transmissão de valores sociais e pela existência de um modelo disciplinar suficientemente flexível para promover o seu desenvolvimento (Darling e Steinberg, 1993), parece ser aquele que mais se adequa aos pais analisados no presente estudo, visto que as crianças tenderam a equilibrar a representação que têm da afectividade e do controlo e a média representa um valor não desfasado.

1.5. Questão 5

As características e dimensões parentais estão relacionadas com características de sobredotação dos filhos?

Após comparação, é possível identificar aspectos ou características comuns entre os pais e filhos deste estudo.

Torna-se interessante analisar que tanto os pais como os filhos apresentam características relacionadas com sobredotação e criatividade, ou seja, referem interesses específicos ou obsessivos, bem como criatividade. Por outro lado, também apresentam

as mesmas preocupações e concepções relativas a dimensões educacionais. Assim, ambos consideram que é feito um acompanhamento escolar regular, ambos apresentam uma atitude favorável relativamente à escola, ambos apresentaram/apresentam um desempenho escolar bom e os pais frequentaram cursos superiores ou formações específicas, sendo que, por sua vez, os filhos querem igualmente seguir um curso superior.

Desta forma, e tendo por base o modelo de Sameroff e Fiese (1995) é possível referir que tanto a criança como a família se influenciam reciprocamente ao longo do tempo de formas várias e constantes. Bem como, segundo Monks (1997) a sobredotação é o resultado das interações estabelecidas entre a criança e os factores ambientais. Estas relações, como não são estáticas, vão-se alterando e podem anular, modificar ou desenvolver o potencial de sobredotação. Também segundo Gagné (2000), a influência positiva de factores ambientais, é um dos factores que leva ao desenvolvimento de competências que facultam o evolutivo desenvolvimento de talento numa determinada área de realização. Cada criança trás consigo uma disposição única de traços, características e atributos, que advêm não somente da sua constituição e plano genético, como também de muitos factores de influência presentes no ambiente a que é exposta, dentro dos vários grupos a que pertence, sendo de realçar a importância da qualidade da interacção entre factores determinantes (Serra, 2008).

Assim, neste caso, as características dos pais e das crianças parecem embrenhar-se e influenciar-se reciprocamente, num ambiente estimulador de capacidades, talentos, aptidões e criatividade, já que, como refere... só a predisposição genética para a sobredotação, sem oportunidade para a desenvolver, não garante a manifestação do comportamento de sobredotação.

2. Síntese geral

Existem aspectos comuns entre pais de crianças sobredotadas, sendo que sobressaem características de criatividade e interesses demarcados, o que pode indicar um clima promotor de estimulação que, desta forma, abrange igualmente os filhos e relaciona-se com as características de sobredotação dos mesmos. As características dos pais e das crianças parecem embrenhar-se e influenciar-se reciprocamente, num ambiente estimulador de capacidades, talentos, aptidões e criatividade.

Existem dimensões de estilos educacionais comuns entre pais, que indicam um meio promotor de estimulação, acompanhamento e expectativas futuras altas quanto ao percurso escolar dos filhos. O estilo com autoridade democrática parece ser aquele que mais se adequa aos pais analisados no presente estudo, visto que as crianças tenderam a equilibrar a representação que têm da afectividade e do controlo.

3. Limitações e Implicações futuras

Desta forma, seria interessante, após a verificação dos resultados do presente estudo, fazer uma análise comparativa entre famílias de crianças sobredotadas e de crianças não tidas como sobredotadas, de forma a tentar perceber se os aspectos e características do meio encontrado nestas famílias, bem como as características dos pais, são comuns a vários seios familiares, ou por seu lado são mais específicas e estimuladoras no seio de famílias de crianças sobredotadas.

Relativamente às limitações da investigação, estas são maioritariamente relativas ao facto de estarmos perante um estudo de carácter qualitativo, sendo que a fidelidade das declarações prestadas não podem ser filtradas, sendo que nos baseámos apenas na suposta verdade dos factos relatados.

A amostra apresenta um número reduzido, sendo que seria benéfico um número mais extenso de participantes.

Obteve-se através das entrevistas um nível de informação amplo e complexo quando à análise de conteúdo, sendo que as informações obtidas poderiam ser mais esmiuçadas, aperfeiçoadas e aprofundadas. Poderia ser interessante, até na perspectiva de uma próxima investigação, debruçarmo-nos mais vivamente sobre alguns temas ou aspectos relatados pelos participantes, bem como poderia ser interessante acompanhar os entrevistados através de uma investigação longitudinal, e obter mais do que uma entrevista, espaçadas no tempo. Por outro lado, seria igualmente interessante realizar o estudo incluindo mais participante e de zonas mais variadas do país, de forma a obter uma amostra mais representativa.

Finalmente, a inexperiência do investigador pode ter contribuído para algumas lacunas, sendo que durante as entrevistas poderiam ter sido mais focadas algumas temáticas, não ter sido efectuadas perguntas fechadas, bem como a nível da análise de conteúdo as categorizações poderiam ter sido perspectivadas de outros ângulos, se existisse uma prática para a realização da mesma.

Referências Bibliográficas

- Alencar, E. S. (1986). *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alencar, E. S. (1986). *Psicologia e educação do superdotado*. São Paulo: EPU.
- Alencar, E. & Fleith, D. (2001). *Sobredotados: determinantes, educação e ajustamento*. São Paulo: EPU.
- Alencar, E. S. (2005). Criatividade e a sua importância na educação do superdotado. *Sobredotação*, 6, 27 – 40.
- Almeida, L. S., Pereira, M. A., Miranda, L. & Oliveira, E. P. (2003). A investigação na área da sobredotação em Portugal: Projectos e Resultados. *Sobredotação*, 4 (1), 7– 27.
- Almeida, L. S., Silva, E. P. M., Oliveira, E. P., Palhares, C., Melo, A. S. & Rodrigues, A. (2001). Conhecimentos e percepções dos professores na área da sobredotação. *Sobredotação*, 2 (2), 181-198.
- Amabile, T. M. (1983). *The social psychology of creativity*. New York: Springer-Verlag.
- Amado, J. S. (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Edições ASA, Porto.
- Azinhairo, A. & Martins, T. (2005). Intervenção com pais de crianças sobredotadas: reflexões e propostas. *Sobredotação*, 6, 139 – 147.
- Bahia, S. (2007). *Psicologia da Criatividade*. Manual de apoio para a disciplina de Psicologia da Criatividade do Mestrado em teatro e comunidade. Amadora: ESTC/IPL.
- Bahia, S. (2009). Estimular talentos na sala de aula: os múltiplos prismas da questão. In *crianças diferentes*, 160 - 172. Universidade de Évora/ PRODEP: Évora.
- Bahia, S., Martins, T., Meira, A. M., & Azinhairo, A. (2009). Parental attitudes towards inclusion. Comunicação apresentada em *I International Congress on Family, School and Society: Special Education*. Porto, Julho de 2009
- Barron, F., & Harrington, D. M. (1981). Creativity, intelligence and personality. *Annual Review of Psychology*, 32, 439-476.
- Barroso, R. G. (2007). *Práticas educativas Parentais: variáveis preditoras e modeladoras da punição física e do abuso físico*. Tese de Mestrado, Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.

- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37 (4), 887-907.
- Bernardo, C. A. (2008). *As relações interpessoais da criança sobredotada*. Trabalho final de pós – Graduação, Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Boavida, J. & Amado, J. (2006). *Ciências da Educação. Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bogdan, R. & Bicklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brenner, V. & Fox, R. A. (1999). An empirically-derived classification of parenting practices. *Journal of Genetic Psychology*, 160, 343-356.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward and experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-530.
- Carmo, A. M. (2002). Multipotencialidade e sobredotação: que aconselhamento de carreira? *Sobredotação*, 3 (2), 85 – 98.
- Coelho, M. C. (2006). *Sobredotação e competências filosóficas: uma perspectiva transversal*. Trabalho de pós- graduação, Porto: escola superior de educação Paula Frassinetti.
- Cropley, A.J. (1993). Creativity as an element of giftedness. *Internacional Journal of Educacional Research*, 19, 17-30.
- Csikszentmihalyi, M. (1988). Society, culture, and person: a systems view of creativity. In R. J. Sternberg (ed.), *The nature of creativity: contemporary psychological perspectives*, 325-339. NY: Cambridge University Press.
- Csikszentmihalyi, M., Getzels, J. W. (1988). Creativity and problem finding. In F. H. Farley & R. W. Neperud (eds.), *The foundations of aesthetics, art, and art education*, 19-33. New York: Praeger.
- Csikszentmihalyi, M. (1990). *Flow: the psychology of optimal experience*. New York: Harper and Row (tradução: *Fluir: a psicologia da experiência ótima*. Lisboa: Relógio d'água editores, 2000)
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487-496.
- Devries, A. R. (1999). “Pushy parents” ... bad rap or necessary role?”. *California Association for The Gifted*, 30 (3).

- Duarte, C. A. P. (2007). *O papel das mães na educação escolar dos filhos*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação – Área de especialização: teoria e desenvolvimento curricular – relação pedagógica, Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes*. Porto: Porto Editora.
- Falcão, I. J. C. (1992). *Crianças sobredotadas: que sucesso escolar?* Rio Tinto: ASA.
- Gagné, F. (1993). Constructs and models pertaining to exceptional human abilities. In K. A. Heller, F. J. Mönks & A. H. Passow (eds.), *International Handbook of Research and Development of Giftedness and Talent*. Oxford: Pergamon.
- Gagné, F. (2000). Understanding the complex choreography of talent development through DMGT - based analysis. In K. A. Heller, F. J. Mönks, R. J. Sternberg & R. F. Subotnik (Eds.), *International handbook of giftedness and talent (2)*, 67 - 79. Oxford: Pergamon.
- Gardner, H. (1993). *Inteligências múltiplas*. Barcelona: Paidós.
- Gaspar, M., & Alarcão, M. (2003). *Versão portuguesa da Family Unpredictability Scale (FUS)*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Ghigloine, R. & Matalon, B. (2001). *O inquérito, teoria e prática*. Celta editora: Oeiras.
- Gomes, C. S. & Alves, D. (2004). Uma abordagem flexível centrada na família dentro de um programa dirigido a crianças e a jovens com capacidades acima da média ou talentosos. *Sobredotação*, 5, 121 – 136.
- Guether, Z. (2000). *Desenvolver capacidades e talentos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Guilford, J. P. (1967). *The nature of human intelligence*. New York: McGraw-Hill.
- Kane, M. (2005). *Contemporary issues in parenting*. New York: Nova Science Publishers.
- Kauffman, D., Gesten, E. L., Lucia, R. A., Salcedo, O., Rendina-Gobioff, G., & Gadd, R. (2000). The relationship between parenting style and children's adjustment: the parent's perspective. *Journal of Child and Family Studies*, 9, 231 – 245.
- Kelley, R. & Caplan, J. (1993). How bell labs creates star performers. *Harvard Business Review* (July-August), 128-139.
- Lombardo, J. R. (1997). *Necesidades educativas del superdotado*. Madrid: EOS.
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.

- Marujo, H. (2000). Pedestais e quedas livres: intervenção psicológica com crianças e famílias com a experiência da “excelência”. In L. Almeida, E. P. Oliveira & A. S. Melo (orgs), *Alunos sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. Braga: Edições ANEIS.
- Maslow, A. H. (1968). *Toward a psychology of being* (2nd ed.). New York: Van Nostrand Reinhold.
- Mettrau, M. & Almeida, L. S. (1994). A Educação da Crianças Sobredotada: a necessidade social de um atendimento diferenciado. *Revista Portuguesa de Educação*, 7 (1 e 2), 5 - 13. Universidade do Minho.
- Mettrau, M. B. (2002). A família dos sobredotados. *Sobredotação*, 3 (2), 71 - 83
- Monks, F. (1997). Alunos Sobredotados na turma: a questão de identificação e da programação. In M. E. Silva (org), *Conferência sobre Sobredotação*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica, 101 – 119.
- Morais, M. F. (2001). *Definição e avaliação da criatividade: uma abordagem cognitiva*. Braga : CEEP.
- Oliveira, E. P. (2007). *Alunos sobredotados: a aceleração escolar como resposta educativa*. Tese de doutoramento em Psicologia - área de especialização em Psicologia da Educação, Braga: Universidade do Minho.
- Papalia, D.; Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Megraw Hill.
- Peixoto, L. M. & Vilas Boas, C. (2002). Percepção dos professores sobre as “respostas educativas” às crianças sobredotadas: um estudo no concelho de Braga. *Sobredotação*, 3 (2), 207 – 218.
- Pereira, M. (2000). Sobredotação: a pluralidade do conceito. *Sobredotação*, 1 (1, 2), 147 – 178.
- Pocinho, M. (2008). Definição, características e educação de alunos sobredotados. In *Diversidades: o mundo fascinante dos sobredotados*, 5 (19), 9 – 13.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Renzulli, J. S. (1978). What makes giftedness? Reexamining a definition. *Phi Delta Kappan*, 60 (5), 180 – 184, 261.
- Renzulli, J. S. (1998). The three-ring conception of giftedness. In S. M. Baum, S. M. Reis, & L. R. Maxfield (Eds). *Nurturing the gifts and talents of primary grade students...* (pp. 1-27) Mansfield Center, CT: Creative Learning Press.

- Sameroff, A. J. & Chandler, M. J. (1975). Reproductive risk and the continuum of caretaking causality. In F. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scarr – Salapatek, & G. Siegel (Eds.), *Review of child development research* (4), 187-244. Chicago: University of Chicago Press.
- Sameroff, A. J., & Fiese, B. H. (1995). *Transactional regulation and early childhood intervention*. Cambridge: University Press.
- Santos, A. K. C. (2002). *A criança sobredotada na família e na escola*. Lisboa, Editorial Minerva.
- Senos, J. & Diniz, T. (1998). Crianças e jovens sobredotados: intervenção educativa. *Departamento de educação básica*: Ministério da Educação.
- Serra, H. (2008). NEE dos disléxicos e/ou sobredotados. *Saber (e) Educar*, 13, 137 – 147.
- Silverman, L.K. (1992). How parents can support gifted children. *ERIC Clearinghouse on Handicapped and Gifted Children Reston VA*
- Simonton, D. K. (1988). Creativity, leadership, and chance. In R. J. Sternberg (ed.), *The nature of creativity: contemporary psychological perspectives*, 386-426. NY: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. & Davidson, J. E. (1986). *Conceptions of giftedness*. New York: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (1988). Preface. In R. J. Sternberg (ed.), *The nature of creativity: contemporary psychological perspectives*, vii-viii. NY: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J., & Lubart, T. I. (1991). An investment theory of creativity and its development. *Human Development*, 34, 1 – 31.
- Terrasier, J. C. (1989): *Les enfants surdoués ou la précocité embarrassante*. Paris, Les Editions, ESF.
- Torrance, E. P. (1962). *Guiding creative talent*. Englewood cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Torrance, E. P. (1975). Emerging concepts of giftedness. In W. B. Barbe & J. S. Renzulli (Eds.), *Psychology and education of the gifted*, 2. New York: Irvington.
- Tuttle, F. B. & Becker, L. A. (1983). *Characteristics and identification of gifted and talented students*. Washington, DC: National Education Association.
- Winner, E. (1996). *Crianças sobredotadas: mitos e realidades*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Vilas Boas, C. & Peixoto, L. M. (2003). *As crianças sobredotadas: conceitos, características, intervenção educativa*. Braga: Edições ASA.
- Zuccone, C.F. & Amerikaner, M. (1986). Counseling gifted underachievers: a family systems approach. *Journal of Counseling and Development*, 64, 590-592.

Anexos

Guião de entrevistas aos “Pais”

Tema:

Características dos pais de crianças sobredotadas. Sua auto-caracterização, seu desenvolvimento, suas concepções, estilos parentais. Opiniões e perspectivas sobre os seus filhos.

Finalidades:

- ✓ Analisar de forma anamnésica várias vertentes da vida dos entrevistados;
- ✓ Perceber a perspectiva dos entrevistados em relação ao processo de desenvolvimento dos seus filhos
- ✓ Compreender a representação destes sobre as características e personalidade dos filhos;
- ✓ Caracterizar as expectativas destes em relação ao futuro dos filhos;
- ✓ Identificar dimensões dos estilos parentais;
- ✓ Identificar a forma como os entrevistados encaram a sobredotação dos filhos;
- ✓ Saber até que ponto os pais de crianças sobredotadas têm em consideração as características de sobredotação dos filhos na prática parental e orientação educacional;

<i>Blocos</i>	<i>Objectivos</i>	<i>Orientações para perguntar</i>
Bloco A: Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	-Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado;	- Informar acerca das linhas gerais do trabalho de investigação e da razão que subsidiou a entrevista; -Garantir carácter confidencial e anonimato das informações prestadas;
Bloco B: Análise anamnésica/ auto-caracterização	-Analisar de forma anamnésica várias vertentes da vida dos entrevistados; -Perspectivar a sua auto-caracterização e suas perspectivas; - Identificar estilos parentais;	-Dados de identificação; - Percurso escolar; - Percurso profissional; - Hobbies; - Dinâmica familiar; -Processo de socialização; -História do desenvolvimento;
Bloco C: Perspectiva dos entrevistados em relação aos filhos	-Perceber a perspectiva dos entrevistados em relação ao desenvolvimento, características, personalidade e futuro dos filhos;	- Identificação da criança; - Contexto habitacional; - Contexto social; - Gravidez; -Pós-parto; - Desenvolvimento da 1ª infância; - Situação actual da criança; - Situação escolar; - Dados sobre a sobredotação; - Expectativas de futuro;
Bloco D: Validação da entrevista e agradecimentos	-Agradecer a disponibilidade;	- Agradeço a disponibilidade;

Guião de entrevistas aos “Filhos”

Tema:

Caracterizar a auto-percepção da criança em relação aos contextos em que está inserida, sua auto-definição, influências parentais a que é sujeita e suas expectativas de futuro.

Finalidades:

- ✓ Analisar a percepção da criança em relação aos contextos (familiar, escolar social) em que está inserida;
- ✓ Perspectivar a representação que tem si própria;
- ✓ Perceber as influências parentais nos seus interesses ou expectativas de futuro;
- ✓ Adquirir informações que permitam uma comparação com as informações recolhidas nas entrevistas aos pais;

<i>Blocos</i>	<i>Objectivos</i>	<i>Orientações para perguntar</i>
Bloco A: Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	-Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado;	- Informar acerca das linhas gerais do trabalho de investigação e da razão que subsidiou a entrevista; -Garantir carácter confidencial e anonimato das informações prestadas;
Bloco B: Análise de contextos/ auto-percepções	-Analisar a perspectiva dos entrevistados em relação aos contextos em que está inserido; -Perspectivar a sua auto-caracterização e suas perspectivas;	- Dados de identificação; - Contexto social; - Contexto familiar; - Contexto escolar; - Expectativas de futuro;
Bloco C: Validação das entrevistas e agradecimentos	-Agradecer a disponibilidade;	- Agradeço a disponibilidade;

Transcrição das Entrevistas

Entrevistas “Pais”

Mãe da AB

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: Vamos começar por falar acerca das suas habilitações literárias...

Mãe da AB: Frequência universitária. Eu estive ainda no ISCTE, depois decidi que queria ser artista, estive ligada ao Chatipô, dentro deste escolhi a animação sociocultural e também trabalhei fora do Chatipô como actriz, alguns anos. Em 1991 entrei para a câmara de Loures como animadora sociocultural e há pouco tempo matriculei-me de novo na faculdade na Escola Superior de Educação de Lisboa.

Inv.: Como era o seu aproveitamento escolar, o seu desempenho escolar?

M AB: Era um bocado o palhacito da turma, a criativa, não ligava muito àquilo. Inventava brincadeiras e fazia teatros para a turma. Passei sempre com notas regulares, nunca estudei, as minhas notas situavam-se entre os 11 e os 14. Mas nunca estudei... acho que só quando entrei na faculdade. Quer dizer, se houvesse algum trabalho para fazer, para pensar, aí aplicava-me imenso. Mostrava respeito e atenção nas aulas, mas estudar não... e depois fiz sempre coisas em simultâneo, desporto com a escola, artes, dança. Digamos que a escola não era o ponto central da minha vida, tinha outros interesses que me agradavam mais. E eu sabia que ia passando. Na escola gostava imenso de história, ainda pensei ir para Arqueologia, é uma área que me fascinou sempre. Cheguei a fazer o curso de mergulho, porque queria fazer arqueologia subaquática no Algarve. Mas depois segui mesmo a área artística, de animação sociocultural, porque integra mesmo a parte artística, eu trabalho muito com produção de eventos, de espectáculos.

O meu trabalho baseia-se em 3 vertentes: na formação, produção de eventos e o factor de dinamização comunitária. E acho que me aguentei porque não é monótono, é diverso. Todos os dias surgem coisas diferentes.

Inv.: Quais eram as expectativas que os seus pais tinham em relação ao seu percurso escolar? Havia pressão para seguir para um curso superior...?

M AB: É assim, tudo o que eu aprendi sobre cultura, arte, aprendi com os meus pais, desde tenra idade. O meu pai é uma pessoa muito culta. É o chamado “self made men”. Era para sair da escola muito cedo, mas como era muito bom aluno pôde continuar. Aos 14 anos saiu para ir trabalhar e aos 18 anos veio para Lisboa, estudou e fez faculdade. E foi ganhando a sua própria cultura, com a música, com a dança, com o ballet... e nós fomos criados neste ambiente. O meu pai é muito ligado a cinema, fotografia... apesar de ser economista estava muito ligado a estas vertentes e nós crescemos com isto. Mas os meus pais nunca pensaram que eu seguisse a via artística. Ou seja, a parte artística era uma parte importante para o nosso desenvolvimento, mas para o meu pai seria muito importante que eu tivesse seguido uma formação universitária, não tivesse hesitado entre as ciências e as letras, que eu não tivesse tido um percurso tão desprendido e com poucas certezas sobre o que eu queria. Gostava da arqueologia e da história, mas também gostava da biologia marítima.

E todas estas indecisões os aborreceram, mas mais ao meu pai, porque a minha mãe até aceitou melhor a minha entrada no mundo artístico, ia ver todos os espectáculos e ensaios. O meu pai nunca lidou bem com isso, para ele era um complemento e não um objectivo final. O objectivo final era ser uma rapariga universitária culta, mas com uma cultura eclética.

Inv.: A nível escolar qual era a maior dificuldade que sentia? Podemos falar dos aspectos relacionados com as matérias, disciplinas ou também sociais... As maiores dificuldades que sentia na ida à escola, durante o seu percurso escolar...

M AB: Foi a matemática, sem dúvida. Eu gostava de ir à escola, gostava de conviver. Em todas as escolas em que andei eu estive ligada a associação de estudantes, festas que se organizavam, fazia coreografias, fazia textos para o jornal, fazia peças... para mim a escola era uma parte importante. Era um local de criatividade e de convívio e nunca tive vergonha de me expor ao nível artístico, enquanto pessoa sim... era esquisita para os colegas, porque falava um português mais erudito do que a maioria dos colegas, que tinha a ver com a linguagem de casa, dos meus pais, em casa sempre se falou bem português e com uma diversidade de léxico razoável e isso causava alguma diferenciação entre os colegas. Então era a betinha ou a sabichona. E isso causou problemas de adaptação. E o facto de ter estado no conservatório, que é um ambiente muito fechado, muito feminino... sei lá, eu lembro-me que aprendi palavões muito mais tarde do que os outros miúdos. Por muito de eu disfarçasse eles acabavam por perceber que eu não compreendia muito bem o significado. Porque se calhar estive num ambiente muito protegido. Passava muitas horas no conservatório, saíamos e íamos para o ciclo preparatório. E o ciclo preparatório era perto de bairro alto, junto com os meninos do bairro alto, que não tinham nada a ver connosco, e as meninas do conservatório criavam um grupo à parte...

Inv.: Agora o percurso profissional... esta era a profissão que desejava ter?

M AB: Tenho uma sorte muito grande. Tendo optado por deixar de ser atriz, e não sei por não ter trabalho, eu sempre tive trabalho... claro que é uma profissão incerta, e entretanto eu também fui secretária, telefonista, referia mesmo: “tenho 1 mês ou 3 meses para trabalhar”, e arranjava pontinhas. Trabalhei num gabinete de engenharia, trabalhei como telefonista... porque não queria estar dependente do meu pai, que nem sequer era muito a favor da minha profissão e eu não podia dar parte de fraca. Sempre me virei e consegui ir vivendo. E quando acabo o curso, entro para a câmara de Loures... eu apresentei várias candidaturas a várias câmaras, e só um ano depois a câmara de Loures me chama e eu estava a meio de um espectáculo e tive que tomar uma decisão, ou escolho isto que era uma opção segura, que os meus pais apoiavam porque achavam que já tinha feito muitas opções erradas...mas para mim foi muito complicado esta decisão. Mas tive a sorte de não fazendo a coisa que eu mais gosto, que é obviamente estar ligada a preparação de espectáculos e intervir neles de forma mais directa, ia trabalhar em animação, num trabalho diverso todos os dias, num trabalho muito exigente ao nível daquilo que eu tenho que dar, não de funcionária pública como eu imaginava.

Tive sorte porque tenho colegas que deixaram a profissão até muito mais tarde do que eu, eu fiz essa escolha aos 24 anos, e foram parar a bancos e para sítios onde não se identificam. Eu tenho a sorte de não fazendo a primeira coisa, faço a segunda coisa, para a qual nasci. Sou uma privilegiada neste sentido.

Estou satisfeita... completamente. Têm que me por travões, têm que me mandar embora, sou perfeccionista...sempre fui. E como envolve criatividade, criar, produzir, eu asseguro o produto todo, tudo passa por mim.

Inv.: E na infância o que desejava ser?

M AB: Acho que quis ter aquelas profissões normais de toda a gente, hospedeira, cabeleireira, para mim o teatro era uma brincadeira, nem tinha consciência que era uma profissão, apesar de ver muitos espectáculos.

Depois aos 12/13 anos começo a ficar muito ligada à arqueologia, à história, e todo o meu percurso daí até aos 18 anos passou por aí, e pela biologia. Mas a arqueologia foi por um fio... ainda cheguei a fazer, com a Clássica, 3 anos de trabalho de campo, até ainda escavei com os alunos da universidade, que eu consegui integrar por conhecimentos dos meus pais. E também acho que teve a ver com uma viagem que fiz aos 14 anos a Inglaterra e fiquei fascinada com algumas coisas que vi.

Inv.: E para que áreas é que considera que tem mais aptidões?

M AB: Quer que lhe seja sincera? É assim, isto pode parecer ridículo, mas eu sou tão empenhada e perfeccionista que eu acho que seria razoável, ou acho que nunca fui má, ou medíocre, ou excelente em nada na minha vida, mas sou sempre boa a tudo. Acho que fosse o que fosse que eu fizesse... acho que tem a ver com a pessoa, com a sua maneira da ser e de estar... acho que as pessoas têm que fazer qualquer coisa para mudar o mundo. E têm que dar um contributo útil para a sociedade, e têm que dar o seu melhor. Acho que fosse o que fosse onde eu fosse parar, à excepção da matemática... percebe? Eu arranjava forma de me transformar numa peça fundamental. Sou um péssimo número 1, sou um péssimo número 2 e sou um excelente número 3 de uma equipa. Para número 1 não, sou muito espontânea e directa e sou às vezes... sou espontânea, pronto. E depois também tinha uma grande aversão a concluir a licenciatura porque eu associo o término de uma licenciatura a trabalho de gabinete... o que eu não queria era estar presa a uma secretaria o dia inteiro, num trabalho que não envolvesse criatividade, burocrático. Em todos os trabalhos temporários onde estive fui convidada a ficar, porque mesmo nesses trabalhos eu arranjava maneira de inventar e criar estrutura... tenho que ter um trabalho mais autónomo e criativo.

Inv: E realiza mais alguma actividade para além do trabalho actual?

M AB: Eu agora não tenho muito tempo... mas cheguei a, fora do horário do trabalho, dar aulas em bairros sociais. Não era onde eu ia buscar muito dinheiro, mas era complementar. Depois de ter sido mãe é mais complicado. Não tenho um horário fixo, sou a primeira a chegar e a última a sair, desloco-me em transportes públicos. Não tenho sequer uma vida que me permita encaixar muita coisa. Adoro ler e adoro cinema. E adoro ir ao teatro. Disso não abdicó. Mas maior parte das vezes não vou ver o que quero, monto o meu fim-de-semana em função da AB. Mas felizmente ela gosta de ver museus, de ir à Gulbenkian e pronto vou mais ao cinema infantil do que ao meu, mas pronto... felizmente ela agora já lê sozinha e assim já posso ler sozinha, e também leio nas viagens, leio a Visão para estar actualizada onde eu trabalho, e leio um pouco de tudo.

Inv.: E os tempos livres... como se entretém habitualmente?

M AB: Tento estar com a AB, ainda por cima agora ficámos sozinhas.

Mas cinema, teatro, música, música erudita, jazz, ler, artes de uma forma geral, dança contemporânea, ópera, ballet, nos espectáculos também sou eclética, gosto de ver tudo e de ver gente nova, e de ver produtos mais bem concretizados, mas também gosto de ver uma revista, ou um La Ferie. Gosto de ver televisão, a comunicação é muito útil. Mas nas artes é onde eu ocupo o meu tempo. Na televisão, vejo pouco, mais o canal historia, nacional geografic, e os policiais do AXN, adoro policiais! E adoro cozinhar, principalmente quando estou chateada, curo os meus problemas. Às vezes cozinho tanto que tenho que convidar alguém para jantar. Mas adoro cozinhar, acalma-me, relaxa-me. Dá-me prazer encontrar programas para a AB, que a satisfaçam. Também me ocupa muito.

Inv.: Então agora descreva-me um dia normal, o que costuma realizar num dia normal?

M AB: Acordar cedo, despacho-me, acordo a AB para se despachar ela, o que é sempre uma desgraça porque ela não quer ir para a escola. É muito raro o dia em que quer ir à escola. Mas lá a consigo ajudar, tenho que estar ao pé dela para se abstrair e se despachar. Vou deixá-la à escola, fazemos o percurso a pé, calmamente, às vezes menos calmamente... vou para Loures, como à japonesa em frente ao computador enquanto trabalho. Depois, horários não tenho. Tem dias em que vou buscar a AB, e tem dias em que só chego a casa às 20h ou às 21h, e ela já tomou banho e já fez os trabalhos, eu confirmo se está tudo bem na pasta, revejo os trabalhos de casa, controlo o tempo em que ela vê televisão, depois ela lê um bocadinho, eu descanso um pouco... De véspera preparo sempre a minha roupa e a dela para o dia a seguir, para agilizar as coisas... tem que ser eu a escolher porque ela não liga nada a roupas, diz que não tem tempo para essas coisas. Ao domingo vou para a cozinha e preparo a comida para a semana toda e congelo, para também facilitar a vida aos meus pais que vivem connosco.

A AB faz uma dieta, ela tem hipercolesterolémia genética. Eu deixo comidas prontas, assim é só lavar a marmita, preparar as roupas... Terças e quintas a AB tem judo e eu faço um esforço medonho para ir sempre buscá-la. Nos outros dias chego mais tarde. Raramente chego com ela a dormir, mas às vezes acontece, e há fases no ano que eu até lhe explico e até a levo a ver as festas do concelho para ela ver porque a mãe anda tão ocupada... ela vai vivendo com o meu ritmo e percebe-o. Claro que se chego muitas vezes tarde ela acusa-me, porque passa muito tempo com os avós que são idosos e têm menos disponibilidade física e mental... eles adoram-na mas ela é muito exigente. Não é uma criança fácil, questiona as regras o tempo todo, e isso causa atrito porque é caso único na família. O domínio da língua é usado na totalidade para nos manipular, para ser ela a última a concluir... muita argumentação... e eles não lidam bem com isso e às vezes chego a casa e tenho lá grandes problemas. São os meus pais a queixar-se e ela a queixar-se. E se fico mais ausente isso acontece. Tento estar o mais possível para haver equilíbrio.

Inv.: E teve ou tem algum interesse mais extremado por alguma área que se dedique a estudar, que se dedique a analisar...

M AB: Eu diria história, antropologia e sociologia. Possivelmente na minha biblioteca em casa é o que há mais. Leio muitos estudos. Interessa-me muito a área da educação, da infância e da juventude.

Inv.: A dinâmica familiar...a família passa muito tempo junta?

M AB: O sábado é da AB. O domingo é o da casa, limpeza, alimentação. Tento fazer as compras nos dias de semana porque não quero que a AB tenha que ir para supermercados. Aos dias de semana é de manhã a nossa interacção e é a noite quando eu chego.

Inv.: E quais são as actividades que realizam juntas?

M AB: Várias coisas. Museus que ela adora. Cinema, teatro, parques infantis. Às vezes chamamos amigos para ir lá a casa e brincam. Essencialmente. Também vamos muito ao El corte inglês... sinto-me bem lá.

Inv.: Pode relatar-me um diálogo típico entre si e a AB?

M AB: A AB passa entre um carinho profundo e uma meiguice muito grande e também uma crueldade muito grande comigo. Porque de certa forma acha que se o pai desapareceu é por minha causa. Normalmente tenta mandar e está sempre numa luta comigo pelo poder, sempre.

Eu tenho que estar sempre a afirmar a minha posição como mãe. Sempre a tentar manipular, negociar... e é duro e cansativo, ainda por cima sozinha. E com um casal de idosos a achar que têm a solução ideal para os problemas. Toda a gente acha que tem a resolução para os problemas dos outros. E foi um dos motivos que me levou a pô-la na psicóloga... porque não entendia, apesar de saber desta falha tremenda da figura paternal, ainda por cima da forma que foi que ela nunca mais teve notícias e isso causa ansiedade. E eu via no natal como é que ela corria para o telefone... porque estava à espera... e na passagem de ano correu de novo... nos anos já correu menos. E esse misto de raiva e de revolta vem para cima de mim. E depois também tenho que me afirmar a nível cultural. Ou seja, ela tem que perceber que eu sei mais do que ela porque tem a mania que ela é que sabe tudo. Comprámos um livro de inglês há dias e queria fazer-me o teste para ver se eu sabia aquilo tudo e eu disse-lhe “AB a mãe pode entrar na brincadeira... que idade queres que tenha na brincadeira?” “Não, tu! Porque eu acho que tu não sabes isto tudo!” e eu “Oh AB, é melhor brincarmos que eu tenha 7 ou 8 anos porque eu sei tudo... e até mais”. Faz-me esses tipos de testes. E mesmo a psicóloga me diz para empregar palavras caras com ela. Ela diz “a minha avó é burra, o meu avô é muito inteligente. Eu saí ao meu avô”, portanto ela torna-se grosseira.

Inv.: Depois de saberem que ela tinha os níveis cognitivos acima daquilo que é normal para a idade dela, que efeito é que isso teve na família?

M AB: Só sei eu e contei aos meus pais. Mais ninguém sabe. Eu não acho que seja fabuloso. Ela já tem o problema da ausência do pai... e ela desde os 5 anos que é acompanhada em pedopsiquiatria porque comia os dedos dos pés, vai comendo a pele até que chega à carne. E eu comecei a aperceber-me disso, e dizia também que era um rapaz. Eu acho que estava relacionado com o pai. Ele dizia-lhe coisas que não devia dizer e que contribuíram para disfunções, porque lhe dizia que preferia um rapaz a uma menina. O que aliás foi uma das razões da minha separação e do meu afastamento... achar que não era uma presença positiva. Também problemas de auto-estima, o coeficiente emocional uma desgraça, esta mania que uns são burros e que ela é inteligente... o que é uma tanga, um mecanismo de defesa. É uma miúda que acha que qualquer rabisco feito por outro é melhor do que o dela, ela acha que é a pior de todas... ela pediu-me para ir para o apoio escolar este ano, quando fui buscar as notas, dizia que estava com dificuldades. Eu fui falar com a professora que diz que os testes dela estão entre o 96% e 100%... quer dizer... o que vai fazer para o apoio escolar?

É só a percepção dela. Dizia que tinha muitas dificuldades a matemática no início do ano e eu a pensar que ela saía a mim fui falar com a professora, e ela só tinha feito um erro na prova... e eu já não estava a conseguir gerir isto tudo... já estava satisfeita com estes problemas todos.

Mas desde os 4 anos que me falavam na sobredotação, mas eu sempre achei que ela era simplesmente muito estimulada. Porque eu sempre achei que ela não tinha jeito para nada... ela interessa-se por tudo com uma grande facilidade. É de paixões de 15 minutos arrebatadoras. Entretanto quando recebo a notícia penso “mais um problema e eu não tenho recursos” porque no meu imaginário uma criança destas precisa de encontrar o seu caminho, onde ela pode encontrar o seu potencial... eu sentir-me-ia mais segura se fosse notória a vertente dela e eu soubesse onde ia investir, uma zona de conforto e segurança. Ou seja, eu não tenho dinheiro para experimentações, ou para lhe alargar o leque que os meus pais, por exemplo, me fizeram a mim... isso tinha custos altos. E o meu pai podia pagar porque era quem era. Mas eu não conclui licenciatura, estive 3 anos em Cabo Verde... não tenho um ordenado muito bom. Tenho imensas despesas e ela tem um pai ausente de tudo! Eu tenho que assegurar tudo sozinha, com uma grande ajuda dos meus pais. Ela faz judo porque os avós lhe pagam o judo anualmente. Mas fiquei muito assustada porque pensei que se calhar ela tem talentos que vão vir ao de cima e eu não tenho possibilidades de a ajudar a encontrar o seu caminho. E portanto, optei por viver isto sozinha. Acabei por contar aos meus pais porque vivem connosco, mas pedi para que mais ninguém fosse informado. Contei ao padrinho dela... e não contei a mais ninguém, nem ao meu irmão... até porque a AB não tem nenhum talento notório, e depois vão exigir muito. Primeiro vão exigir que ela seja a melhor aluna, como tem sido até agora, e eu estou-me nas tintas para isso, eu sinceramente se calhar até preferia que não. Mas não quero pôr expectativas em cima de ninguém, até porque eu não tenho expectativas nenhuma acerca da AB, a não ser que ela seja uma pessoa equilibrada, realizada e honesta. Como eu fui vítima disto, o meu pai tinha um percurso imaginado e pré-concebido, foi horrível crescer assim e talvez por isso a minha revolta em relação à escola. Sinceramente não quero saber se vai ser canalizadora, ou electricista, ou... compositora, ou linguista. E tudo o que eu tenho feito de investimento tem sido para ela ter saúde e para ser equilibrada, ser emocionalmente feliz e segura, ser uma pessoa honesta, nada mais. E isto veio ainda mais ameaçar o meu projecto, ou os meus sonhos, ou as minhas expectativas. E como eu só tenho esta expectativa, não quero criar à volta... e isto para o meu pai foi um grande orgulho. Acho que o meu pai é a única pessoa das que sabe que está verdadeiramente feliz, porque acha fantástico ter uma neta especial ou porque criou-lhe alguma empatia. Eu sinceramente acho que o meu pai, se isto anda na família, que não sei se anda, mas do lado do meu pai há mais casos, que infelizmente desistiram todos dos seus percursos de vida. O meu primo entrou com 20 anos no Técnico, veio de Peniche, teve cá 3 dias e foi-se embora. Disse que já tinha comprado livros, que os ia ler e arranja barcos em Peniche. É um dos melhores electrotécnicos sem nenhuma licenciatura, completamente desadequado socialmente... há casos efectivamente na família. Eu acho que o meu pai foi... completamente. E julgo que agora se identifica, ou seja, que a neta foi buscar dele... está um pouco aborrecido porque não é nos números... e está sempre a puxar por ela a matemática e já percebeu que não é... mas há alguma empatia e identificação.

Inv.: E na relação com a AB quais são as maiores dificuldades que sente?

M AB: Regras, aceitação de regras. Porque vivemos de rotinas, e devemos viver de rotinas porque é importante para o crescimento.

Até aos 3 anos ela foi um anjo... ela não chorava, ela tentava resolver os problemas dela sozinha, sem chorar.

Ela era bebé e eu vi-a a procurar a chucha, enquanto qualquer outra criança choraria para que lhe resolvessem o problema. E achava piada. Sempre muito desperta e interessada, queria sair, se bem que só comigo, sempre odiou outras pessoas, ir a casa de outras pessoas era horrível, assim como virem outras pessoas a nossa casa. O processo de socialização foi do pior que se pode imaginar. Depois aos 3 anos foi para o jardim-de-infância e foi o grito do Ipiranga. Passei a ter outro Ser em casa, agressivo, intempestivo... o que por um lado deve ter a ver com a ausência do pai. Mas pronto, são as regras... mas a escola está a tratar disso muito bem.

Inv.: Então o processo de socialização foi difícil... com a vizinhança também?

M AB: Sim...

Inv.: E com familiares?

M AB: Também.... Ela não beijava o meu irmão, nem a educadora! Foram precisos 2 anos. E ela adorava a educadora.

Inv.: Relativamente ao seu estado de saúde... já teve algum problema de saúde, operações, internamentos...

M AB: Só tive uma grande depressão na altura da separação. Teria ela 5/ 6 anos... e estive 8 meses sem poder trabalhar. Até aí só tive as amigdalites, tirei a apêndice e nada mais...

Inv.: Considera que apresentou um desenvolvimento normativo? A nível desenvolvimental, sempre ocorreu tudo sem problemas?

M AB: Sim.

Inv.: Viveu com os pais enquanto criança?

M AB: Sim.

Inv.: A dinâmica familiar era boa?

M AB: Havia a pressão que já lhe disse. Era uma casa em que quem mandava era o pai. A minha mãe nunca trabalhou, era mãe e estava dependente do meu pai a todos os níveis. O meu pai era mulherengo. Não nos apercebíamos da razão por trás, mas percebíamos a pressão. Tenho um irmão 9 anos mais velho, ou seja, também não foi propriamente um companheiro de brincadeiras, mas foi uma peça importante. Acho que percebíamos essas tensões. Mas eram ao mesmo tempo um casal coeso. Era centrada na figura paternal. O meu pai é que controlava o dinheiro... controlava a família.

Inv.: E enquanto criança já tinha algum interesse mais obsessivo, já estudava determinada área?

M AB: Gostava de fazer espectáculos, e desde muito cedo fui construindo um guarda-roupa com coisas esquisitas, e fazia espectáculos de natal, sempre que havia uma festa... mesmo sozinha. Eu também tive problemas de integração... eu era dada, mas tinha uma certa ingenuidade e uma certa falta de esperteza. O que eu tinha em termos de erudição os outros tinham em esperteza. Eu não percebia muitas coisas e era gozada. Então gostava de brincar sozinha, a desenvolver histórias, representá-las... tinha um guarda-roupa fantástico com malas da minha bisavó...

Inv.: Então considera-se uma pessoa criativa?

M AB: Sim. Considero-me criativa e os outros consideram-me extremamente criativa.

Inv.: Em que áreas principalmente?

M AB: Escrita e concepção de produtos criativos.

Inv.: Pronto, e agora vamos falar um bocadinho da AB... Ela tem 8 anos, e está a frequentar o 2º ano?

M AB: Exacto.

Inv.: Ele vive com os avós e com a mãe?

M AB: Sim. Como houve situações de violência doméstica quando ela tinha uns 5 meses eu pedi para ir viver com os meus pais.

Inv.: Ela tem o quarto dela, o espaço dela?

M AB: Tem. E tem a cama dela no meu quarto, mas maior parte do tempo dorme na minha cama, é um problema que não estou a conseguir resolver. Queria ver se este ano conseguia ter dinheiro para mudar o quarto e a atrair para o quarto dela.

Inv.: Relativamente ao contexto social, existem recursos onde vivem?

M AB: Sim, ela vai ao ginásio fazer judo. E que a escola tem muitas actividades! Ginástica, natação, inglês, informática, música, expressão dramática... a escola é caída do céu. Consegui alugar um quarto que tenho lá em casa e meti-a nesta escola, estou a pagar 400 euros por mês.

Inv.: Portanto ela com vizinhos... mesmo com crianças, amigos, não tem relações?

M AB: Não, mesmo na escola onde estive só fez 2 amigos, mas só mantém um. Nesta já fez muito mais. Acho que nesta escola a adaptação é melhor, é mais estimulada, tem mais espaços para expandir energia e criatividade e principalmente são inflexíveis nas regras, eles não conseguem escapar. E ela tem melhorado tremendamente.

Inv.: A gravidez foi desejada e planeada?

M AB: Sim.

Inv.: E ocorreram alguns problemas durante a gravidez?

M AB: Sim, eu tive hipertiroidismo, ninguém se apercebeu da situação, apesar de eu estar a perder peso. Portanto, ela não pôde ter um parto normal porque quem tem hipertiroidismo não entra em dilatação. Mais grave ainda, eu fui perdendo líquido amniótico, porque eu fiquei incontinente a partir do 5º mês. Depois tive alergias e tossia muito e com o esforço fui perdendo líquido. A AB já nasceu por parto provocado, por cesariana com epidural, e foi parto provocado. E foi muito depois do tempo, penso que mais dois dias e podia ter havido problemas graves, porque já não tinha líquido e ninguém se apercebeu disso. Ah, e ela nasceu com Apgar 10-10, que consiste em dois testes que são feitos, um à nascença, outro 10 minutos mais tarde, que mede uma data de coisas... desde reflexos... e parece que 10-10 é raríssimo. Ela pesava 2,935 kg.

Inv.: O pós-parto, quanto recém-nascido, correu tudo normal?

M A.AB: Devido aos problemas na gravidez ela não vinha um bebé muito bonito, vinha muito seca, a pele parecia de uma velhinha e tinha perdido peso dentro de mim.

Mas depois a recuperação cá fora foi espectacular, nunca perdeu peso, foi só amamentada até aos 6 meses e meio.

Inv.: E o sono, como era?

M AB: Dormia muito bem. Eu até liguei para saber se era normal e disseram-me que não, que tinha mesmo que acordar para dar de mamar, por exemplo. Era capaz de fazer ciclos de 8 horas de sono.

Inv.: E a alimentação?

M AB: Ela mamou até aos 6 meses e meio e depois houve problemas na transição para os outros alimentos. E houve muita coisa que rejeitou... e houve muitas tentativas, e experiências. O problema grande foi a introdução dos sólidos.

Inv.: E quando é que ela começou a andar? A adquirir o controlo motor...

M AB: Gatinhou pouco... andou muito tarde porque deu uma queda grande numa tentativa e acho que isso deve ter influenciado de alguma forma. Mas acho que foi para aí aos 14 meses.

Inv.: E a falar? Quando começou?

M AB: O mais básico foi a partir dos 9 - 10 meses. E teve uma particularidade, entendia-se bem. Mas depois quando começa a falar já tinha um léxico grande, de repente! Ela quando entrou para o jardim-de-infância era de longe a que se expressava melhor. No primeiro dia no jardim almoçou frango e ela referiu: “prefiro churrasco”, e contava tudo o que se passava lá!

Inv.: E o controlo esfíncteriano, quando deixou de usar fralda?

M AB: Deixou normalmente. Foi um processo rápido. E depois houve para aí umas 5 situações... mas são justificáveis.

Inv.: Actualmente ela dorme bem?

M AB: Dorme pouco. Resiste ao sono. Eu muitas vezes chego tarde e ela quer falar comigo... e ela queixa-se da minha ausência. E acho que isto começou pela vontade de me querer dizer qualquer coisa. Ela só dorme para aí 7 horas e meia ou 8h. E acorda rabugenta. Depois vai para a cama ainda vai ler, ler, ler... a paranóia é a leitura.

Inv.: E actualmente a alimentação?

M AB: Péssima. Só gosta de comer o que não pode comer. Tem colesterol genético. Ela tem uma alimentação de dieta que tenta quebrar o tempo todo. Odeia fruta e vegetais. E teve a coragem de dizer na escola que a alimentação é um hábito e que como não foi habituada a comer estes alimentos em casa que obviamente não era culpa dela não gostar das coisas... é aldrabona. É claro que na minha casa há imensos vegetais! Mas ela não gosta de nada. Não come verdes, espinafres, nem vegetais... tem sempre uma justificação para tudo. Na escola obrigam-na a comer e o colesterol baixou. Para mim é a melhor escola do mundo.

Inv.: A saúde dela...tem colesterol...mais algum problema?

M AB: Tem renite alérgica e problemas do foro psicológico. Ansiedade incontrolável e tendência para a auto-mutilação.

Inv.: Quanto à comunicação... Acha que ela compreende uma conversa como qualquer criança da idade dela?

M AB: A AB não aceita ser tratada como uma criança e exige um tratamento de adulto. Quando é tratada como uma criança enfurece-se. Portanto ela percebe uma conversa e argumenta como um adulto. Mas expressa-se e fala muito bem, tem uma capacidade de argumentação espantosa. Ela não aceita um não, quer sempre saber o porquê das coisas senão diz: “quem diz não só por dizer são os burros”. Ela considera-se muito inteligente e tem tendência para achar as pessoas burras e desinteressantes... e tem também um sentido de humor acutilante, tivemos esta conversa à dias:

- “Mãe sou mesmo um génio não sou?”

- “Sim és AB”

- “Não sei a quem saiu cá em casa!”
- “A mim, claro AB!”
- “Pois é mãe, és um génio. Sais-te de uma lâmpada XXL”.

E depois tem sérios problemas relacionais! Ela é antipática para quem não conhece... e não fala. As pessoas têm que a conquistar.

Inv.: Relativamente à autonomia, ela já consegue ser autónoma a vestir-se ou na higiene pessoal?

M AB: Ela esforça-se por não ser autónoma para que eu cuide dela e tenha aquele momento de atenção. Eu entendo isso e por isso vou colaborando em ajudá-la...

Inv.: Agora o desenvolvimento social... ela brinca bem com outras crianças?

M AB: A AB só consegue ter para aí 2 amigos. Mas com esses consegue brincar, desde que façam as coisas como ela quer. Ela tem tendência a dar-se com líderes e quer dominá-los! Porque os outros não lhe dão gozo... ela escolhe como amigos crianças com histórias de vida complicadas, porque de certa forma são mais adultos. Mas como dominar líderes não é fácil ela anda sempre metida em confusões, mas não pede desculpa, nunca. Para não ter que pedir desculpa arranja estratégias e leva brinquedos que todos gostam, assim rodeiam-na e esquecem logo a chatice com ela. Porque nem sempre compreendem as suas brincadeiras, como o “ritual de iniciação” em que passavam por etapas para chegar mais depressa à adolescência, que é sempre o seu grande objectivo, é ser adolescente.

Inv.: E ela consegue partilhar e esperar bem pela sua vez?

M AB: Não consegue esperar nem ser contrariada! Grita e enfurece-se como se lhe tivesse acontecido um drama. O facto de partilhar ela utiliza como uma estratégia para conseguir outras coisas...

Inv.: Habitualmente como é o temperamento dela?

M AB: Tem vários. Doce, enfurecida, ansiosa... se ela se enfurece pode começar a auto-mutilar-se.

Inv.: E ela separa-se com facilidade da mãe?

M AB: A AB quando vai para fora de casa fica muito ansiosa nos dias antes de ir. Ainda tem algumas dificuldades em ir,,,

Inv.: Ela entretém-se habitualmente com os legos, a ver televisão, programas...

M AB: Vê TV, joga computador, às vezes brinca com os seus brinquedos, joga damas ou ao xadrez com o avô.

Inv.: Ela gosta de desempenhar tarefas em casa?

M AB: Sim, ela gosta de ajudar em casa.

Inv.: Como compara a AB com outras crianças da idade dela?

M AB: Intelectualmente ela está mais acima do que as outras crianças, mas tem muitos problemas relacionais e sociais. Ela consegue ser mesmo muito antipática para quem não conhece... e nesse aspecto está abaixo das outras crianças.

Inv.: Quando à situação escolar dela... Portanto, ela frequenta o 2º ano.

M AB: Sim, mas já está desmotivada para a escola, já nem tem prazer a fazer os trabalhos de casa. Ela tem problemas... ela não gosta dos intervalos... ela não gosta de ir para a escola, principalmente se não tem aulas.

Inv.: Mas ela frequentou creche?

M AB: Sim, ela foi para lá aos 2 anos e 6 meses. E jardim também. E foi no jardim que a educadora reparou que ela se expressava muito bem, mas que tinha problemas relacionais, principalmente mais para o fim, pois já estava farta de lá andar, e nessa altura a educadora começou a falar em pôr a AB num psicólogo... ela chegou a dizer para uma auxiliar: “És uma falhada!”.

E quando passou para o 1º ano ela continuou a ter problemas... talvez porque a turma era muito violenta... ela só conseguiu fazer 2 amigos. Agora, depois que mudou de escola, está melhor, já viu que não pode puxar muito a corda e está mais regrada, mas continua a ter um grupo restrito de amigos...

Inv.: Como está a ser o desempenho dela a nível escolar?

M AB: Muito bom.

Inv.: E quais são as maiores dificuldades que sente nela relativamente à escola?

M AB: São as dificuldades sociais...

Inv.: E as maiores facilidades?

M AB: Ela tem muita facilidade na aquisição de aprendizagens.

Inv.: A atitude dela face à escola, referiu que não é muito boa...

M AB: A atitude dela está pior porque as aprendizagens de lá já não a motivam.

Inv.: E relativamente aos professores?

M AB: Gosta de alguns professores, mas outros acha que são burros... diz “Já vou andar na faculdade e o professor de Inglês só ainda está a fazer a contagem até ao 20”

Inv.: E com os colegas?

M AB: Gosta de 1 ou 2 amigos, mas acha os colegas um pouco burros.

Inv.: Ela realiza os trabalhos de casa em casa?

M AB: Ela realiza os trabalhos de casa supervisionada por mim ou pelo avô. Mas antes era com gosto... agora já não.

Inv.: Acompanha de perto o percurso escolar, ou seja, tem o cuidado de falar com os professores, rever os trabalhos...

M AB: Acompanho. Eu até organizo todos os anos eventos para a escola e a AB fica contente por me ter na escola naquele dia...

Inv.: Considera ter estimulado ou estimular o desenvolvimento intelectual da AB?

M AB: Sim, considero que estimei muito o desenvolvimento intelectual dela.

No início eu não acreditava muito que seria sobredotação, eu associava a estimulação e que as outras crianças é que estavam pouco estimuladas...

Inv.: E quais são as expectativas que tem face à escolaridade dela?

M AB: Não tenho. Ela tem o problema da mutilação, da perda do pai, o seu problema social, relacional, para resolver... nem consigo imaginar o futuro e nem é isso que me está a preocupar agora. São estes problemas.

Inv.: E em que área é que considera que ela é mais competente? Futuramente onde acha que ela pode ser bem sucedida?

M AB: Na criatividade escrita, ela quer ser letrista. É muito dramática na escrita... e acho que é a sua maior aptidão.

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nela?

M AB: Como já referi eu não notei nada, pensava que era muito estimulada e só isso. Foi a psicóloga da escola que a avaliou e que acabou por recomendar a ANEIS.

Inv.: Em casa o que é feito para lidar com esses interesses maiores que a AB tem?

M AB: Nós em casa passámos a falar com ela que forma mais adulta.

Inv.: Relativamente ao futuro, espera que ela siga para o ensino superior?

M AB: Não tenho essa expectativa. Vai ser como ela quiser. Até porque eu não segui e não me arrependi...

Inv.: E vê-a a trabalhar em quê?

M AB: Ela gostava de ser letrista, médica, bombeira, tudo ao mesmo tempo, em part-time. Mas ela será o que ela quiser ser, só espero que ela seja realizada, e preocupa-me que ela não arranje emprego, claro. Mas acho que ela é mais competente na criatividade, imaginação, escrita... as letras que ela escreve são muito dramáticas e eu penso, e a psicóloga também, que as letras são para o pai. Ela fala em grandes desgostos de amor, do seu coração que sangra devido a uma ausência....

Inv.: Como a vê no futuro, não só em relação aos estudos, mas também nas outras esferas do desenvolvimento...

M AB: Eu só espero que ela consiga ultrapassar os problemas relacionais, psicológicos que tem agora, para que se possa tornar numa adulta equilibrada... não tenho mais expectativas...

Inv.: Se tivesse que a definir que palavras utilizaria?

M AB: Doce, “enciclopédia”, extenuante, manipuladora...

Inv.: Muito obrigado pelas informações.

Mãe do ML

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: Vamos começar por falar acerca das suas habilitações literárias...

Mãe do ML: Formalmente tenho o 12ºano, mas depois tenho também três anos de SENJOR, que é uma formação específica para jornalistas. Eu formei-me em jornalismo, na altura ainda não havia licenciaturas... e em Coimbra só passou a haver depois, e a formação mais credível era a que era dada pelo SENJOR, mas depois nunca foram reconhecidos aqueles cursos dentro da União Europeia.

Inv.: E chegou a concluir?

M ML: Sim, sim.

Inv.: Como era o seu aproveitamento escolar, o seu desempenho escolar?

M ML: Médio e muito alto em áreas que me interessavam. Mas nunca chumbei, nunca tive negativas. Excepto a matemática, que a partir do 7º ano não tive professor durante um período inteiro e o professor que veio a seguir passou aquela parte do programa assim a correr... e a turma toda reflectiu isso. E a partir daí fui para letras porque deixei de gostar de matemática.

Inv.: Mas estas áreas de maior interesse já eram de letras?

M ML: Já. Filosofia e Jornalismo, já na altura...

Inv.: Quais eram as expectativas que os seus pais tinham em relação ao seu percurso escolar? Havia pressão para seguir para um curso superior...?

M ML.: Sim... em particular Agronomia porque o meu pai trabalhava no Ministério da Agricultura e achava que seria fácil arranjar-me um emprego lá depois... mas nunca fui pressionada porque nunca chumbei...

Inv.: Mas acompanhavam o percurso escolar?

M ML.: Sim. Mas é assim, eu estive desde os 7, dos 7 não, dos 8 até aos 15 anos num colégio interno. Portanto, antes frequentava o ensino público em Castelo Branco, mas o meu pai achava que a irmã dele que me criava não me conseguia dar regras. E naquela altura as meninas deviam ir para um colégio interno, aprender a bordar, daí as minhas cicatrizes... Eu nunca aprendi essas coisas, mas foi divertido, do que me lembro de lá são só coisas divertidas. Portanto, o percurso escolar era acompanhado mais pela directora do colégio, mas nunca houve um interesse muito grande porque era uma aluna que não chumbava. A não ser quando foi a entrada para a faculdade e eu não quis entrar para Agronomia, mas o meu pai também respeitou, e pronto...

Inv.: Ok. A nível escolar qual era a maior dificuldade que sentia? Podemos falar dos aspectos relacionados com as matérias, disciplinas ou também sociais... As maiores dificuldades que sentia na ida à escola, durante o seu percurso escolar...

M ML.: Talvez o que eu gostasse menos fosse as trocas de professores e as constantes falhas de professores, porque o que me motivava realmente eram os professores, a forma como eles... Eu tive um professor de Filosofia, e eu adoro Filosofia e adorava Filosofia porque a turma inteira estava a ouvi-lo e sendo uma disciplina por vezes chata para miúdos de 15/16 anos, era fabuloso a forma como ele conseguia exprimir...

Inv.: Interessar-se por Filosofia também pode ter a ver com o facto de gostar do professor...

M ML.: Sim, sim. Mas era mesmo isso, hoje tínhamos um professor, amanhã outro...Essa instabilidade era o que mais me chateava.

Inv.: Nas matérias ou nas disciplinas, referiu-me a matemática à pouco... sempre foi a área em que menos se evidenciou?

M ML.: Não gostava muito de História. Gostava de Matemática e gostava imenso de línguas, adorava Inglês, mas a Matemática deixei de gostar quando deixei de perceber. Mas gostava de Física e de Química, por exemplo, porque eram muito experimental. A Matemática acho que deixei de gostar porque falhou, houve ali uma falha grande, que eu recordo perfeitamente, até o facto da sala onde tínhamos aulas estar sempre fechada. E pronto, acho que foi mais por aí...

Inv.: A adaptação no decurso da vida escolar...Como foi? Foi sempre boa?

M ML.: Foi sempre boa. Eu entrei para a escola com 7 anos por imposição do meu pai. Na altura podia ter entrado com 6 anos, mas ele achava que eu era muito imatura, que precisava brincar...

Inv.: É interessante...

M ML.: É, ele hoje tem 84 anos, para ter uma ideia, já foi um pai velho...

Inv.: Mas essa mentalidade não é comum...

M ML.: Não... E ele achava que eu era muito imatura e com 6 anos obrigarem-me a estar sentada era muito e então fez um recrimento ao ministério e eu entrei com 7. No início foi um bocadinho complicado porque as minhas amigas tinham... eu tinha 7 e elas só tinham...

Inv.: 6...

M ML.: 6. Mas foi uma questão que eu contornei facilmente, nunca tive nenhum problema de adaptação a nenhuma escola...

Inv.: A atitude face à escola...Gostava de ir à escola?

M ML.: Adorava... Adorava ir à escola.

Inv.: A relação com os professores era boa?

M ML.: Excelente, sempre.

Inv.: Com os colegas?

M ML.: Sempre...

Inv.: Agora o percurso Profissional...Qual é a profissão actual?

M ML.: Neste momento eu não estou a trabalhar. Trabalhei no Diário de Coimbra durante 4 anos, e depois vim para Lisboa, fazia uns suplementos para o Público. Mas a M. nasceu e não era possível conciliar um horário, do que eu conhecia de trabalhar à noite, com uma bebé... E inscrevi-me num banco, no BBVA, no departamento comercial deles e trabalhei lá... Depois o MI nasceu e mudamo-nos para Mafra, e eu achei que já não fazia muito sentido... Não dava para vir todos os dias para Lisboa, andar com ele de um lado para o outro...Achei que devia fazer qualquer coisa lá. Comecei à procura de uma escola para ele lá. Mas achava aquelas escolas horrorosas, eram prédios fechados. E então, uma amiga minha que é Educadora...Começámos a pesquisar e ela falou-me da pedagogia Waldorf. E então juntei-me a ela, como nós moramos numa quinta com 3 casas, uma das casas, adaptámo-la a uma creche Waldorf e levámos o projecto à câmara, que durante 4 anos andámos ali enrolados com a legislação, tanto é urbano como não é, nas finanças é uma coisa... e foram quatro anos muito desgastantes, mas por outro lado também compensadores porque trabalhámos com um grupo de sete crianças, o máximo foi sempre sete, primeiro começámos por quatro, aliás a escola nasceu por causa do MI, para ele ter acesso à terra porque nós mudámos para uma aldeia e era para eles terem acesso à terra.

Começámos com essa educadora a desenvolver este projecto Waldorf, com base na pedagogia Vardorf, não era completamente radical, não era uma alimentação vegetariana, tínhamos crianças vegetarianas, outras não... mas tudo, desde andarem de galochas, portanto o MI durante aqueles anos, do 1 aos 4 anos, teve um percurso maravilhoso, os materiais eram todos em madeira, os brinquedos... foi muito interessante, mas ao fim de quatro anos... pagámos um projecto de arquitectura, com várias falhas a vários níveis, desistimos porque iríamos para tribunal e estar a comprar uma guerra com a câmara... iam passar-se anos... eu passava 12 horas ali porque a responsabilidade daquelas crianças era minha, eram todos filhinhos únicos, filhinhos da mamã, aqueles bebezinhos que os pais poderiam tê-los em qualquer colégio mas estavam ali por convicção, porque poderiam plantar batatas, porque a vizinhança os conhecia, porque íamos ver gafanhotos, às vezes fazíamos passeios de manhã para ver minhocas, pronto era fantástico e enquanto foi possível aguentar isso o MI esteve ali.

Depois ele foi para o público e eu fechei a escola porque financeiramente era um investimento brutal e a câmara continuava a insistir que tínhamos que ir para tribunal e desisti... portanto esses 4 anos tive com um projecto Valdorf juntamente com uma educadora minha amiga.

Inv.: Então trabalhou sempre na área do jornalismo e também na educação...

M ML.: Exactamente.

Inv.: E qual era a profissão que desejava ter e porquê?

M ML.: Eu desejava ser jornalista, e fui. Também gosto muito de Filosofia e Psicologia e eu estou a pensar no próximo ano escrever-me no ISPA, porque gosto imenso, não para exercer provavelmente, mas estava na dúvida entre Filosofia e Psicologia e uma amiga minha psicóloga acha que eu tenho mais queda para psicologia por achar muito mais apaixonante a psicologia do que a filosofia. Portanto, vamos ver se para o ano consigo. Acho que também é uma forma que eu tenho de criar planos para o futuro, porque como estou numa fase de muita ansiedade de...pronto...

Inv.: Exacto, tem que pensar no futuro...

M ML.: É, ela acha e eu acho também...

Inv.: E na infância o que desejava ser?

M ML.: Desejava tocar numa banda porque na nossa aldeia havia a banda filarmónica que percorria as aldeias, desejava ser mãe, achava que mãe era uma profissão e...

Inv.: E acaba por ser...

M ML.: E é... e acho que era isso, mulher polícia, aquelas coisas... ficção...acho que também o teatro e a ficção.

Inv.: Teatro?

M ML.: Teatro. Ainda cheguei a fazer um curso de teatro, mas era péssima actriz e só o fiz mesmo para conhecer por dentro, acho que foi enriquecedor para mim. Gostei.

Inv.: E para que áreas é que considera que tem mais aptidões?

M ML.: Para...ouvir as pessoas, estar com as pessoas, acho que consigo identificar os tempos que as pessoas precisam...

Inv.: Mais a área social...

M ML.: Sim, mais a área social. Sem dúvida, não tenho paciência para...e o meu marido tem duas empresas e eu podia estar a trabalhar num dos escritórios a fazer trabalho administrativo, a ter ideias para a empresa mas... é assim, graças a Deus também não preciso de o fazer, também temos que ter essa questão em conta. Quando o Ml nasceu e mesmo quando a M. tinha 3 anos quando mudou mesmo para Mafra e nós decidimos que lhe iríamos dar oportunidade a eles e eu queria acompanhá-los, portanto, não iria ter um trabalho que me ocupasse o dia todo...

Claro que cortámos em algumas coisas, não viajamos tantas vezes, mas redireccionámos as nossas receitas e a prioridade passou a ser realmente estar com eles, pronto... e acompanhá-los na escola, eu vou sempre contar histórias às escolas, levo imensas ideias, como faço voluntariado há muitas coisas que às vezes...eu acho que consigo criar redes. Há dias que é o mealheiro de ajuda para o Haiti.

Então levei-o para a escola da M. para ficar lá dois dias, depois levei para a frutaria para ficar outros dois e ele andou a circular, mas na escola da M. a professora não aceitou por lá o dinheiro, aceitou a ideia e fizeram eles próprios vários mealheiros, portanto, o professor de educação física foi com eles ao banco depositarem o dinheiro naqueles nib's e confirmaram aqueles nib's da AMI. Pronto, a esse nível acho que tenho imensa capacidade, mais de criar redes e de ouvir as pessoas...os idosos.

Inv.: Neste momento não está a trabalhar, mas realiza alguma actividade, já referiu o voluntariado...

M ML.: Há o voluntariado, tanto no centro de dia como nos cuidados paliativos, onde fiz também formação em voluntariado e tive que parar agora porque é muito pesado para mim, mas retomarei a seguir porque faz todo o sentido... cada vez faz mais sentido.

Acho que a minha vida por vezes se encaminha por percursos muito interessantes... o voluntariado e ginástica que vou ter que fazer obrigada porque eu para isso sou muito preguiçosa.

Inv.: E os tempos livres... como se entretém habitualmente?

M ML.: A ler, adoro ler... estar com eles a ver os bonecos que eles vêm. Ouvir música e partilhar música com eles e andar a pé... fazemos muitos percursos a pé. Eles agora estão apaixonados pela Carminho, a fadista, porque de tanto ouvirem no carro, até a L. que tem dois anos se põe Inv.: “Mãe Caminho, Caminho”. É engraçado...desmistificar estas coisas, não é? Eu lembro-me quando era pequena de pensar “Fado, que horror”, e pronto, eles agora andam apaixonados por aquilo e a MRna disse-me há dias, ela tem 10 anos, “Ai mãe a Carminho é tão gira, eu a pensar que ela era velha, gorda e assim loira oxigenada!”, e eu “Não MRna não tem nada a ver, as fadistas podem ser completamente diferentes e uma loira, velha oxigenada até pode ter uma voz espectacular, que tu gostes até mais do que da Carminho”.

Inv.: Então agora descreva-me um dia normal, o que costuma realizar num dia normal?

M ML.: Dia normal... acordá-los, prepará-los para a escola, depois tenho ali um período de tempo em que ou vou a internet, ou vejo qualquer programa que tenha gravado no dia anterior, entre as 9h e as 10.30h, que é quando chega a nossa empregada eu tenho um bocadinho de tempo para ler, é um tempo que eu tenho mais para mim... depois a L. acorda às 10.30h, normalmente estou ali com ela ao acordar, fico até à hora de almoço sempre em casa, porque o MI vem almoçar a casa, ele pediu e a carrinha da junta trá-lo e leva-o e ele tem muito ciúmes da L. e como a L. está em casa, eu tento á hora de almoço estar também em casa com ele para, pronto...para lhe dar...pronto...porque ele gosta que eu esteja em casa aquela hora. Depois à 1h da tarde normalmente saiu para o voluntariado ou para fazer alguma coisa que tenha para fazer e vou a livrarias, às vezes adoro enfiar-me em livrarias...pronto basicamente é isto...

Inv.: Depois chegam os filhos, não é?

M ML.: Depois eles chegam, por volta das 17h e retomo novas rotinas...e ou vão para a natação, há dias que vão para a natação, outros que vão para o Inglês... e pronto...depois reunimo-nos em casa todos por volta das 19h e a Cris vai embora e fico eu com eles até por volta das 20h, que é quando o meu marido chega.

Até as 20.30h andam ali a brincar todos juntos ou connosco, ou a ver televisão, às vezes. Às 20.30h jantamos todos juntos, depois ficamos ali a arrumar a cozinha enquanto eles andam a brincar e depois é novamente a rotina dos dentes e essas coisas todas.

Subimos, rezamos sempre um bocadinho juntos e depois eles adormecem e eu desço já exausta, nessa altura já estou completamente exausta e o meu marido fica com a L. até ao fim da noite, 12h, 1h da manhã e aí eu vou para o quarto ler, porque fico muito cansada.

De 15 em 15 dias temos uma babysiter que vai lá e nós vamos sair os dois... na última saída estivemos a jogar slippers que era uma coisa que já não jogávamos para aí há 20 anos, fomos ao salão de jogos no Loures Shopping e estivemos lá os dois na máquina e a jogar snoker e não sei quê. Ou vamos ao cinema, tentamos que aquelas horas sejam só mesmo para estarmos a descontraí-las.

Inv.: E teve ou tem algum interesse mais extremado por alguma área que se dedique a estudar, que se dedique a analisar...

M ML.: Percursos pessoais, adoro ler biografias, conhecer mais as referências que para mim são muito importantes. Em termos de literatura... pesquisar... e outra área que eu também adoro é jardinagem, eu tenho excelente mão para o jardim... para a cozinha sou péssima, mas adoro plantar e o meu marido também...oferecemos muitas vezes árvores quando os bebés nascem, ou uma flor...é uma coisa que costumamos oferecer. Estamos a fazer um pomar lá em casa, em que cada um escolhe uma árvore e vai plantá-la para criar a dinâmica da “minha árvore” e “plantei-a”, a avô, toda a gente vai ter uma árvore ali e gosto...gosto disso...

Inv.: A dinâmica familiar...a família passa muito tempo junta?

M ML.: Passamos o mais possível...

Inv.: E quais são as actividades que realizam todos juntos, enquanto família?

M ML.: Jogos, vemos televisão com eles, portanto, nós conhecemos perfeitamente a família toda da Anna Montanna, a L. é a Princesinha, também conhecemos e adoramos a Princesinha, todos lá em casa, vamos para o cinema, ao cinema não costumamos ir todos juntos, vou eu e eles, ou... o pai não costuma ir com eles, vou sempre eu. Mas vamos a Museus, costumamos ver aquelas pegadas de dinossauro, tentamos fazer coisas ou ir a exposições que vão de encontro aos interesses deles também.

Vamos à praia, à pesca, o meu marido adora pesca, às vezes apanhamos grandes secas na praia, porque ele está lá descontraído e nós os três lá a brincar a fazer buracos na areia, com as mãos e com os pés, e pronto, vivemos muito em família. Somos uma família presente, e eu acho que é muito importante.

Inv.: Pode relatar-me um diálogo típico entre si e o MI?

M ML.: Agora estão a vir-me imensas coisas à cabeça! Deixe-me pensar... Mas assim uma coisa rotineira? Por exemplo, nós temos sempre o hábito de chegar a casa e descalçar os sapatos e ele deixa sempre o casaco desarrumado e eu estou na cozinha e digo-lheInv.: “MI já arrumas-te o teu casaco?” e eInv.: “Eu já!”, “Olha que eu vou ver”! digo eu para ele.

“Olha lá para mim”, e ponho-me assim a fazer-lhe um raio – X aos olhos e ele aí conheça-se a rir e eu digo-lhe “Estás a ver, as mães são uns detectores de mentiras, já arrumar o casaco!”. Pronto, brinco muito com ele, ou lavar os dentes, “Mostra-me os dentes! Que horror esses dentes estão tão mal lavados!

Contas-te até 20?” e ele “Contei!” e eu “Deixa-me ver” e ele “Eu não lavei...” e lá vai ele outra vez. Ou então falamos sobre coisas mais profundas, há dias disse que não queria ser bisavô e o raciocínio dele era que assim podíamos morrer os dois ao mesmo tempo Ou então pergunta-me “Oh mãe quando eu for para o céu ficar lá a minha espera?” e eu “Fico, claro, não te preocupes que eu fico lá a tua espera”.

Ele expressa muito as emoções. estou sempre a dizer que os amo e que os adoro, sempre, que eles são lindos e que... mas não abusivamente, mas eles próprios dizem uns aos outros que gostam... o MI, por exemplo, chateia muito a M., às vezes está a chateá-la, a chateá-la e eu digo “MI, cala-te por amor de Deus, não estás a ver que estas a irritar a M.? Deixa-a em paz!” e ele diz “Eu só estou a chateá-la porque eu a amo!” e eu vejo o verbalizar das minhas emoções, os abraços, mas isso ele não consegue muito bem, abraçar, tira logo e tal, mas eu invisto muito na demonstração de afectos e vejo muito isso nele. E ele verbaliza, pronto, essas coisas... ou há dias a nossa empregada estava a dizer “Ai, a tua mãe está a ficar muito gorda, já não cabe nas calças!” e ele para ela “Cala-te Cris, a minha mãe é perfeita!” toda a gente pode ser gorda, mas a minha mãe é perfeita... é assim, pronto, muito divertido... e temos... há dias estivemos a ler o rapaz de bronze, por exemplo, e eu tento fazer-lhe perguntas e falamos muito, de muitas coisas.

Inv.: Depois de saberem que ele tinha os níveis cognitivos acima daquilo que é normal para a idade dele, que efeito é que isso teve na família?

M ML.: Tentámos manter isso para nós, pais. Nunca expusemos isso assim publicamente, nem na família, nem nos avós, pronto... Falámos, mas não... tentámos manter isso preservado, para nós. A partir daí surgiu uma preocupação em saber como responder, porque nós sempre achámos que a escola deveria estimulá-lo e que isso devia ser para a escola e nós acompanhá-lo mas sem nunca o pressionarmos, a partir daí ficámos sem saber o que fazer, pronto...

Inv.: E na relação com o MI quais são as maiores dificuldades que sente?

M ML.: A insistência dele às vezes, ele não se cala... pronto, é mesmo... eu digo “Tu és uma chato de galochas gigante!”. E ter que o repreender, às vezes, quanto à Cris, ele às vezes trata-a mal, grita com ela, é mal-educado para ela, não faz o que ela manda, mas eu acho que ela é um bocadinho o saco de Boxe dele, e depois outra grande dificuldade que eu tenho é perceber o que ele está a sentir. E essa é uma das grandes preocupações que nós temos sempre... é não perceber o que ele está a sentir.

Inv.: E o processo de socialização. A relação com a vizinhança é boa?

M ML.: É boa. É ótima, visito doentes e às vezes levo-os comigo, pronto para eles perceberem que as pessoas por vezes estão doentes e que não custa nada ir lá desejar bom natal ou levar uma flor. O MI na noite de Natal... eu deixei um saquinho de bolos na casa de uma senhora sozinha, e pronto deixei lá um saquinho de bolos e vira-se o MI para mim e disse assim “Oh mãe tu és uma pessoa tão carinhosa”... portanto eu acho que eles são muito atentos à minha maneira de ser. Nós no natal temos sempre em casa convidados carenciados que iriam passar o natal sozinhos. Este ano foi um senhor que tem as pernas cortadas devido ao diabetes.

Ele estava tão nervoso que a seguir ao jantar vomitou, e eu a seguir estive a despi-lo e a limpá-lo e eu disse “Não faz mal, foi um acidente!” e o MI: “Acidentes acontecem!” e tal... claro que o MI arranjou logo desculpa para não comer o resto do bacalhau!

Mas, portanto, eles lidam com muita naturalidade, por exemplo, com situações dessas, tipo uma pessoa que não tem pernas, que até vomitou porque estava nervoso, que está doente numa cama... não os obrigo a dar beijinhos, mas dizem bom dia.

Vão ao centro de dia comigo às vezes, cumprimentar aqueles velhotes todos que eles adoram, adoram os velhotes e os velhotes a eles, e às vezes vão comigo... portanto é uma relação muito boa, se calhar até mais com pessoas da terceira idade que são as pessoas com quem eu me relaciono.

Mas com os outros também, ele vai sempre com um amigo ao conservatório segunda-feira, e janta em casa do amigo, à sexta vem o amigo para nossa casa.

Há uma senhora que mora em frente à escola, que é uma querida, que é a avó deles todos, pronto, ele tem uma boa relação, e nós também, eu também... o meu marido já não. Ele é muito diferente de mim, ele é fechado, ajuda-me em tudo e apoia-me em tudo, senão não seria possível levar aquelas pessoas lá para casa no natal, ter disponibilidade para ir para o voluntariado e ter uma pessoa em casa a ajudar. Quer que eu tenha liberdade para fazer o que gosto... é muito generoso mas muito fechado.

Inv.: E despende muito tempo com amigos, família? Família sem ser a família mais nuclear...

M ML.: Não muito... mais com a avó paterna, que vamos todos os sábados visitar e com a avó que me criou...

Inv.: Relativamente ao estado de saúde... teve neste momento um problema de aneurismas...

M ML.: Multiplos...

Inv.: Portanto fez operações e esteve internada também derivado a esse problema... antes disso teve algum problema?

M ML.: Não... só dores de cabeça, enxaquecas.

Inv.: Considera que apresentou um desenvolvimento normativo? A nível desenvolvimental, sempre ocorreu tudo sem problemas?

M ML.: Acho que sim.

Inv.: Com quem viveu enquanto criança?

M ML.: Com essa tia que me criou. Eu vim de Santo Tomé no 25 de Abril, e acho que tive um percurso, enquanto bebé, triste, porque vim sozinha com pessoas que não conhecia para junto de pessoas que não conhecia. Depois tive a dádiva gigantesca de ser criada por aquela mulher que era um poço de amor, perdão, generosidade, confidencialidade, respeito pelos outros...

Inv.: Era sua tia?

M ML.: Sim. Que me criou até as 7/ 8 anos, depois quando fui para o colégio foi um choque brutal e pronto... não me recordo assim de... recordo-me que foi muito duro, mas acho que enquanto a minha irmã, que também foi para o mesmo colégio, se lembra das partes más, eu só me lembro das partes divertidas. Não tenho assim rancores...

Inv.: A dinâmica familiar, portanto, viveu um tempo mais com a tia... davam-se bem...

M ML.: Muito. Eu tive um pai de extremos, por um lado autoritário, por outro excêntrico, e depois tive ela, sempre constante. Acho que foi com ela que eu aprendi a viver, a ser, a estar com os outros...

ela era a pessoa que escrevia as cartas de todas as pessoas da aldeia porque ela era a única pessoa que sabia escrever... e aquela confidencialidade, nunca a ouvir falar mal de ninguém... lembro-me disso...

De ajudar, de esconder sempre os disparates que eu fazia. Pronto, ela protegia sempre... e ela foi sempre a minha grande presença.

Inv.: E enquanto criança já tinha algum interesse mais obsessivo, já estudava determinada área?

M ML.: Livros. Eram uns livros da Anita, as bonecas ficavam de lado...

Inv.: Considera-se uma pessoa criativa?

M ML.: Sim.

Inv.: Em que áreas principalmente?

M ML.: Na expressão plástica, no artesanato, se bem que às vezes sou um bocadinho impaciente e a minha ansiedade não me permite ir aos pormenores... E na expressão do que eu sinto, acho que já cheguei a uma altura, acho que já consegui isso de algum tempo para cá, mas cheguei a uma altura em que já não me inibo de exprimir o que sinto, não tenho condicionamentos a esse nível.

Inv.: Pronto e agora vamos falar um bocadinho do ML... Ele tem 7 anos, e está a frequentar o 2º ano?

M ML.: Exacto.

Inv.: Ele vive com os pais e os irmãos, não é?

M ML.: Sim.

Inv.: Ele tem o quarto dele, o espaço dele?

M ML.: Tem.

Inv.: Relativamente ao contexto social, existem recursos onde vivem? Ele tem o Inglês, não é? A natação?

M ML.: E a música, o conservatório. E a catequese. Uma das coisas que mais me preocupa é o excesso de actividades, estou sempre com medo.

A catequese, pronto, penso que eles deverão fazer o percurso católico, que é o crisma, porque é uma condição nossa. O Inglês apareceu assim, por interesse dele. A música foi o ano passado a psicóloga que achou que era uma boa forma de ele descomprimir. E está no conservatório em Loures e adora, ele escolheu precursão. E a natação porque eu acho que saberem nadar é uma ferramenta que eles devem ter, e como o ML não tem muita tendência para o exercício físico eu acho que a natação vai ajudá-lo a desenvolver-se. Ele não gosta de ser o mais baixinho, por exemplo, na turma é dos mais baixos e acho que o exercício físico lhe vai fazer bem.

Inv.: Relativamente às relações com a vizinhança... são boas já me referiu. Com o resto da família...

M ML.: Também...

Inv.: A gravidez foi desejada e planeada?

M ML.: Muito, e muito ansiada. Eu só consegui engravidar do ML ao fim de quase um ano, da M. também, e da L. foram 3 ou 4 anos.

Inv.: Portanto, ele tem uma irmã mais velha...

M ML.: Exacto.

Inv.: E ocorreram alguns problemas durante a gravidez?

M ML.: Não. Tirando a anemia falsiforme que eu sempre tive.

Inv.: Não tomou nenhum tipo de medicação?

M ML.: Não...

Inv.: O parto correu normalmente?

M ML.: Sim, um bocadinho ansioso. Houve ali um momento de ansiedade grande porque marcaram o parto... todos eles ficaram mais tempo do que as 38 ou 39 semanas, até por volta das 40... e o ML

marcaram para 15 de Agosto a indução de parto. Chegámos lá a 15 de Agosto e a enfermeira disse: “Hoje é feriado, hoje não induzimos partos, só cesarianas de urgência” e eu disse: “Olhe, desculpe, mas já é a 3ª vez que eu venho para aqui para ser induzido o parto e a médica marcou-me hoje... Por amor de Deus, não me mande outra vez para casa...”. Eu já estava enfurecidíssima. E ela disse “Pronto, então está bem”. Tive o dia todo com epidural, é que eu detesto dores físicas, se calhar por ter muitas dores de cabeça, não lido bem com a dor. E então estive até às 18h, das 18h às 20h passou o efeito e foi quando o MI nasceu.

Quando ele nasceu eu tive realmente dores, mas ele nasceu e a parteira disse: “Ai meu deus, que problema! Se calhar vou empurrá-lo outra vez para dentro!” porque ele vinha com o cordão a tapar-lhe o nariz e foi uma situação de risco... e nesse momento eu fiquei ansiosa e o meu marido mais porque ele é que percebeu melhor a situação. Ele depois passou aquela noite toda a ser controlado, os níveis de oxigénio e isso tudo, e eu, pronto, aí assustei-me. Mas, pronto, a seguir a isso foi a explosão que se tem sempre de alegria, quando se é mãe, quando nasce o bebé. Foi uma alegria imensa.

Inv.: Recorda-se do peso dele quando nasceu?

M ML.: 3, 450.

Inv.: O pós-parto, quanto recém-nascido, correu tudo normal?

M ML.: Tudo normal. Tirando a pele atópica, os três têm pele atópica, são muito sensíveis a alergias.

Inv.: E o sono, como era?

M ML.: Dormia bem, sempre foi um bebé que dormiu bem.

Inv.: E a alimentação?

M ML.: Ele foi amamentado até aos 5 meses, mais ou menos, ele era muito gorducho, não tem nada a ver com o que é hoje, era super gorducho e a pediatra recomendou acrescentar um suplemento e ele depois já não quis o meu, ficou só com o outro. Mas comeu sempre bem... pastelão sempre. Até hoje. O que ele gosta ele come muito bem. Mas é um pastelão de primeira.

Inv.: Quando é que ele começou a andar? A adquirir o controlo motor...

M ML.: Gatinhou... gatinhou pouco... por volta de um ano e pouco começou a andar.

Inv.: E a falar? Quando começou?

M ML.: Normal... não tenho assim uma ideia... mas começou a falar, a dizer as primeiras palavras 9, 10 meses... Eu já não me recordo, sinceramente, mas tenho ideia de não ter sido antes, nem depois. Enquanto a irmã começou a andar aos 10 meses e me recordo porque foi cedo, de resto foi normal.

Inv.: E o controlo esfíncteriano, quando deixou de usar fralda?

M ML.: Muito rapidamente, em dois dias, com um ano e pouco. Tanto ele como a M., de dia e de noite.

Inv.: Actualmente ele dorme bem?

M ML.: Dorme, mas tem muito medo. Tem muitos medos. Tem medo do quarto, não brinca sozinho no quarto. Tem muito medo da casa, talvez por ela ser grande... tem muitos medos. De estar sozinho...

Inv.: Actualmente a alimentação?

M ML.: Adora peixe e vegetais, não gosta muito de carne, não gosta de doces, de chocolate então não gosta mesmo.

Inv.: Portanto não faz chichi na cama...

M ML.: Não... nunca fez. Quer dizer, terá feito pontualmente, mas não era recorrente.

Inv.: **A saúde dele...já teve algum problema... (Categoria: Situação actual normal)**

M ML.: Bronqueolites, quando era bebé. E alergias, desencadeia reacções psicossomáticas às vezes. Agora, quando eu estive doente no hospital, ele começou a ter feridinhas pelo corpo todo e só quando eu voltei para casa é que consegui que ele parasse de coçar e de fazer cada vez mais. Portanto, o ponto fraco dele é mesmo a pele e é aí que ele desencadeia outras reacções.

Inv.: **Quanto à comunicação... Acha que ele compreende uma conversa como qualquer criança da idade dele?**

M ML.: Compreende mais. Nós nunca lhe mentimos, mas contornamos às vezes algumas situações, mas ele cobra-nos... e às vezes diz: “ah, estão a falar disso...” e nós a pensar que estávamos a contornar a situação. Mas ele sabe perfeitamente o que estamos a dizer e faz questão de nos mostrar que sabe. Portanto, é perspicaz.

Inv.: **E ele expressa-se e fala bem?**

M ML.: Bem... quando tem confiança... e quando está a vontade. É muito tímido.

Inv.: **Ele consegue reproduzir verbalmente uma situação vivida? Factos que aconteceram na escola...**

M ML.: Sim... mas não o faz com frequência, raramente o faz. Ele tinha uma situação na escola em que um menino lhe batia e eu falei na escola e então, para eu não ir lá outra vez à escola falar, ele saía da escola todos os dias e dizia “Oh mãe, hoje o Tiago não me bateu”. Que era para eu já não perguntar a ele se lhe tinha batido, mas ele continuava a bater. Portanto ele mentia para eu não ir perguntar.

Como ele quer ser aceite no grupo e tem uma necessidade enorme de ser aceite no grupo, escondia... agora há dias já veio dizer que outro o empurra, mas isto para ele vir dizer é porque as coisas já estão muito evoluídas.

Agora vou ter que ir à escola dizer à professora o que se está a passar, porque não é só com ele, é com outros meninos e eu acho que aí os pais também têm que ser responsabilizados. Se o meu filho bater noutro, tenho que educá-lo, dizer-lhe que isso não se faz. Por isso, se calhar a professora também vai ter que falar com os pais dessa criança, se ele agora está a ter esses comportamentos. Mas o MI dificilmente conta as coisas...

Inv.: **Relativamente à autonomia, sei que têm trabalhado um pouco nisso, não é? Mas ele já veste e despe sozinho... na higiene pessoal, também?**

M ML.: Também...

Inv.: **Agora, o desenvolvimento social... ele brinca bem com outras crianças?**

M ML.: Brinca se conhecer, se forem amigos, mas há dias surpreendeu-me porque fomos à kidzania e pela primeira vez eu vi-o a comunicar com uma criança que ele não conhecia... foi uma grande conquista dele porque foi a primeira vez que eu vi...

Pronto, eu estou ali, ele faz as coisas dele, a banda desenhada que ele adora e foi-se sentar a desenhar bonequinhos com os outros, mas não falou com os outros, não fala, por iniciativa, não... na Kidzania, não sei se foi daquele entusiasmo todo, vi-o a falar com outros miúdos, e fiquei contente...

Inv.: **Com quem é que ele prefere brincar, com crianças mais pequenas, maiores, da idade dele...**

M ML.: Mais velhas e amigos dele.

Inv.: E qual é o papel que ele desempenha nas brincadeiras?

M ML.: Não gosta de ser o líder... gosta de dar a sua opinião, mas só, realmente, com os amigos, senão é perfeitamente condicionado pelos outros.

Inv.: E ele consegue partilhar e esperar bem pela sua vez?

M ML.: Às vezes não... mas normalmente consegue. Se estiver cansado já começa a ficar mais... mas normalmente consegue.

Inv.: Quando ele é contrariado, como reage?

M ML.: Argumenta até a exaustão, mas ceita se lhe conseguirmos explicar que é justo. Mas ele não desiste...

Inv.: Habitualmente como é o temperamento dele?

M ML.: É uma criança calma, mas brincalhona, mas se tiver algum ponto de interesse refugia-se nesse ponto de interesse, por exemplo um livro.

Se estiver a dar algum programa no Odisseia ele já não vai brincar com as irmãs, elas podem estar a fazer o que quiserem, mas ele fica ali a ver aquilo. Depende do interesse dele, por exemplo, se ele receber um lego, ele enquanto não construir o lego todo ele não termina...

Inv.: Ele separa-se com facilidade dos pais?

M ML.: Sim, por períodos... ele também não se separa muito... mas assim normalmente sim... mas por períodos curtos.

Inv.: Ele entretém-se habitualmente com os legos, a ver televisão, programas...

M ML.: Científicos. Ele adora ciências. Brinca com as irmãs e livros, adora livros. Ainda ontem ele estava de castigo, porque gritou com a Cris e não podia ser, e então ele sentou-se e como estavam vários livros de cima da mesa, pronto, passou o castigo todo a ver os livros, alguns de ciências e pronto, contornou o castigo...

Inv.: Ele gosta de desempenhar tarefas em casa?

M ML.: Gosta, especialmente a área da cozinha, adora pesar os ingredientes. Fazer a cama não gosta muito, mas faz... mas a área da cozinha é onde ele gosta mais de participar.

Inv.: Como compara o MI com outras crianças da idade dele?

M ML.: É uma criança muito perspicaz, extremamente sensível, muito tímido e muito inseguro. É extremamente curioso, quando ele não sabe o porquê daquilo...

Inv.: Quando à situação escolar dele... Portanto, ele frequenta o 2º ano. Ele esteve na Creche Wardorf...

M ML.: Sim, três anos. Eu não estava presente o dia todo, estava com a educadora. Depois foi para o jardim-de-infância público, que foi o primeiro contacto dele com um grupo maior, e agora a escola...

Inv.: E como tem sido a adaptação dele?

M ML.: Adaptou-se relativamente bem ao infantário, até porque ia com um grupo de amigos da creche e também tinha muitos brinquedos iguais aos que ele tinha na creche. Eu comprava as coisas na loja da Cristina Siopa e a educadora que montou aquela sala também comprava quase tudo lá, havia muitos pontos idênticos...

Inv.: Como está a ser o desempenho dele a nível escolar?

M ML.: Está muito bom. Tem sempre muito bons e excelentes, os cadernos dele são impecáveis, dá poucos erros, acho que é muito bom, globalmente.

Inv.: Na escola a adaptação também foi boa?

M ML.: Foi, nós escolhemos essa escola por causa do grupo de amigos que iam com ele, porque ele poderia ter ido para uma escola melhor, nova, que era a da irmã. Mas como ele é uma criança mais tímida, achámos que aquela escola mais pequenina, com os amigos, seria o melhor para ele...

Inv.: E quais são as maiores dificuldades que sente nele relativamente à escola?

M ML.: São na ginástica, nas capacidades desportivas. Eu insisto um bocadinho para ele subir às árvores e dou-lhe liberdade, com segurança, para andarem em cima de muros pequeninos, tento estimulá-lo porque é a falha dele é a nível motor.

Inv.: E as maiores facilidades?

M ML.: Na aquisição dos conhecimentos. O forte dele é a Matemática e o Estudo do Meio. O cálculo mental então... ele às vezes surpreende-nos... e adora Ciências.

Inv.: A atitude dele face à escola, ele gosta de ir à escola?

M ML.: Gosta...

Inv.: E relativamente aos professores?

M ML.: Não fala... Fala muito da professora de Ciências que é a que ele mais gosta.

Inv.: E com os colegas?

M ML.: Também conta as coisas divertidas, mas pronto, de 1 ou 2 amigos, tudo o que acontece de mal ele não conta. Mas também não comenta muitas coisas. Eu pergunto-lhInv.: “Então como correu a escola, o que fizeste hoje?” e ele diz: “Nada!” e eu “Nada! O dia inteiro a aprender nada! Só tem 4 letras!” e pronto, brincamos um bocado com ele e depois ele lá diz uma ou outra coisa, mas é muito fechado.

Inv.: Ele realiza os trabalhos de casa em casa?

M ML.: Sempre, sozinho. E houve uma altura em que caímos no erro de quase não corrigir, porque à partida já sabíamos que aquilo estava certo.

Mas depois tivemos que o chamar um bocadinho à terra e dizer que tem que mostrar porque pode haver erros, e não é porque faz tudo bem que os pais não têm que ver, e então tentamos corrigir alguns pormenores, também para que ele não sinta que não precisa de consultar-nos para nada.

Inv.: Ele estuda muito tempo em casa? No 2º ano se calhar é mais só os tpc's...

M ML.: Sim, é só os trabalhos de casa. É assim, se a irmã estiver a fazer um trabalho, por exemplo, a irmã vai ter teste segunda-feira e no fim-de-semana está a estudar, então temos que arranjar fichas ao MI e ele está ali o tempo todo que ela está a estudar, se for uma tarde inteira, ele faz 10 fichas, adora.

Se alguém estiver a estudar ele junta-se logo, ele fez um caderno de fichas numa semana, adora trabalhar.

Inv.: Os pais acompanham de perto o percurso escolar, ou seja, têm o cuidado de falar com os professores, rever os trabalhos...

M ML.: Voluntariamo-nos sempre para ajudar no que seja necessário, participamos na escola sempre que nos pedem... houve uma sessão da sala da M. sobre segurança na internet e eu era a única mãe, tentamos sempre estar presentes e eles gostam muito disso.

Inv.: Considera ter estimulado ou estimular o desenvolvimento intelectual do MI?

M ML.: Pelo contrário, até acho que o deixei à balda. Nós investimos muito na primeira, andávamos sempre preocupados com ela. Ele já foi um bocado deixado... às vezes reflectimos sobre isso... e a terceira então! O que vale é que ela é mais independente que eles todos. Ela para nós é mais o saborear. Mas dele, temos noção que o deixámos, não abandonado, mas não foi a mesma preocupação...

Inv.: E quais são as expectativas dos pais face à escolaridade?

M ML.: Nós achamos que ele vai ser sempre um bom aluno, quer pela postura pessoal dele, ele é hiper-responsável, ele tem uns trabalhos de casa para fazer, então às 8h da manhã de sábado ele está a fazer, é a primeira coisa que ele faz. Nas férias de natal faltava-lhe pintar um desenho, fomos há serra da estrela, ele andou o tempo todo a dizer que ainda lhe faltava acabar os trabalhos de casa, quando nós vimos o que faltava não dissemos nada, mas achámos aquilo... Não era preciso aquela preocupação toda! Ele é extremamente preocupado em cumprir... um exemplo, há dias fui a costureira e não tinha levado a carteira, mas é a nossa costureira de há anos, e eu disse que passava lá no dia a seguir para pagar e ela disse logo para não ir lá de propósito, que não havia problema, mas eu insisti que ia lá. No dia a seguir, ao fim do dia, o Ml diz-me. “Oh mãe nos te esqueças que tens que ir à Lina pagar!”. E pronto, prevemos que ele chegue longe nos estudos.

Inv.: E em que área é que considera que ele é mais competente? Futuramente. onde acha que ele pode ser bem sucedido?

M ML.: Na Ciência, na experimentação, na ciência e na matemática.

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nele?

M ML.: Em primeiro lugar desenhar o nome dele sozinho, começou a escrever o nome dele com 3 anos e tal /4. O aprender a ler sozinho e o raciocínio que ele faz, matemático. E isso é que nos surpreende imenso, o cálculo mental dele chama a atenção. Portanto, reparámos desde os 4/5 anos.

Inv.: E nessa altura procurou ajuda para lidar com a situação?

M ML.: Não... depois procurámos ajuda influenciados pelo que a professora disse.

Inv.: E a iniciativa de vir para a ANEIS, foi da psicóloga?

M ML.: Foi, na medida em que a psicóloga não sabe até que ponto a professora... a psicóloga diz que ele vai regredir agora, porque como ele quer ser aceite no grupo vai ter tendência a ser igual ou responder igual aos outros e como não gosta de ser melhor nem chamar à atenção na escola, a psicóloga não sabia... porque nós dissemos: “Vamos nós dar-lhe o 3º ano a ele?” mas se a professora dele não quer, acha que ele não deve fazer exercícios do 3º ano... e então ela disse que se ia informar, pois com crianças com os mesmos interesses e que pensem como ele, ele se vai sentir diferente e é um desafio, o Ml funciona por objectivos, ele tem que ter metas, adora desafios e a escola já não o desafia. Ele às vezes diz “se eu dormir mal e ficar adoentado não preciso de ir à escola”, e eu disse “se não tiveres febre, só por dormires mal, não é motivo para faltar à escola”. Portanto, começo a perceber que tudo aquilo que a psicóloga diz, que ele vai tentar cada vez anular-se mais para ser aceite naquele grupo, vai fazê-lo... há ali qualquer coisa que eu não consigo perceber e eu digo-lhe que nós somos os seus melhores amigos e se ele quiser contar alguma coisa que queira que não saia dali não vai sair, tem que confiar em nós, mas mesmo assim eu acho que há muitas coisas dentro da sala que ele percebe, que até aqui eu pensava que a professora não fizesse, mas faz, comentários que ele percebe, e que ela acha que ele não percebe.

E com este trabalho que a psicóloga está a desenvolver com ele vão começando a esclarecer-se as coisas e ele vai lançando frases que me deixam mais alerta, porque eu continuava a confiar que a professora como boa profissional, conseguisse separar as coisas, mas agora já não acredito nisso e agora decidimos que não vamos mais continuar esta guerra, não vamos mais exigir um plano para ele, não vamos fazer nada, vamos assim que acabe o ano mudá-lo de professora e pronto, é o melhor para ele.

Inv.: Em casa o que é feito para lidar com esses interesses maiores que MI tem?

M ML.: Fichas, pesquisas de palavras, por exemplo, no dicionário, experiências, adora fazer experiências, o que flutua, o que não flutua, compramos muitos materiais, encontrei à dias uma imagem a 3d do sol e a trás todas as informações acerca do sol em várias línguas, e ele adorou. Comprámos-lhe um móbil com os planetas e aquilo roda, compramos-lhe muitas coisas que vão de encontro ao que ele gosta. Na escola não está a ser feito nada, pelo contrário, acho que está a ser incomodado e eu não quero que isso continue...

Inv.: Por recurso a outros serviços, vai à psicóloga e vem à ANEIS...

M ML.: Sim...

Inv.: Relativamente ao futuro, espera que ele siga para o ensino superior?

M ML.: Sim, espero que sim.

Inv.: E vê-o a trabalhar em quê?

M ML.: Na investigação, adora microscópios. Mas eu, sinceramente, se calhar não acredita nisto, mas eu só queria que ele fosse feliz e o que lhes peço é que sejam justos, se eles forem felizes a ser bombeiros quero lá saber! O que lhes digo é que têm que ter uma profissão que os sustente, que faça com que contribuam para a sociedade, que não façam coisas para prejudicar os outros, mas para mim que eles sejam felizes, acho que isso é o mais importante.

Inv.: Considera que ele é criativo?

M ML.: Muito! No desenvolvimento de ideias, em suposições, histórias que desencadeia, mas é sempre na área da ciência que ele mais gosta de inventar...Mas no lado prático não gosta de inventar, nas receitas tem que ser aquilo precisamente.

Inv.: Como o vê no futuro, não só em relação aos estudos, mas também nas outras esferas do desenvolvimento...

M ML.: Acho que vai ter sucesso profissional, pela personalidade dele, porque empenha-se no que gosta e no que faz, acho que vai ter sempre dificuldades em exprimir-se e em falar das emoções, porque isso realmente...é os afectos... o abraçar.

E acho que vai sempre se tentar diluir nas pessoas para não se evidenciar, é capaz de vir a prejudicar-se para não se evidenciar...

Inv.: Muito obrigado pelas informações.

Pai AO

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: Vamos começar por falar acerca das suas habilitações literárias...

Pai AO.: Tenho... não chega a bacharelato de História... não acabei.

Inv.: Como era o seu aproveitamento escolar, o seu desempenho escolar?

P AO.: Excelente e péssimo. Comecei por ser excelente e acabei por ser péssimo.

Inv.: Mas foi devido a desmotivação?

P AO.: Sim, sim... Isto a nível da escola primária. Eu só fui para a universidade já tinha 30 anos.

Inv.: Quais eram as expectativas que os seus pais tinham em relação ao seu percurso escolar? Havia pressão para seguir para um curso superior...?

P AO.: Não...

Inv.: A nível escolar qual era a maior dificuldade que sentia? Podemos falar dos aspectos relacionados com as matérias, disciplinas ou também sociais... As maiores dificuldades que sentia na ida à escola durante o seu percurso escolar...

P AO.: Relativamente às matérias nunca tive nenhuma dificuldade. Mas não me adaptava com facilidade, tive problemas de adaptação durante todo o percurso escolar.

Inv.: A atitude face à escola...Gostava de ir à escola?

P AO.: A escola para mim enquanto instituição sempre foi um lugar de excelência. A escola ao laborar, no exercício do ensino é degradante, nem dá para conversar sobre o tema. Eu separo, não tinha boa atitude em relação às pessoas, aos professores, tirando uma ou outra excepção, não é? Há sempre um ou outro professor que nos toca de maneira diferente. Mas continuo a ter muito respeito pela instituição escola. Os professores são muito fracos.

Inv.: Agora o percurso Profissional...Qual é a profissão actual?

P AO.: Director geral.

Inv.: E era esta a profissão que desejava ter?

P AO.: Não. Gostava de pensar, criar, acima de tudo, gerar riqueza, mas de forma mais livre, mais articulada, mais perspicaz, sem a maior parte dos entraves que existem nas empresas, que são causados normalmente pelas pessoas, como é óbvio, não é pelo edifício. E portanto, acima de tudo, gostava de estar ligado àquilo que eu gosto também, que é a solidariedade social, já tive uma empresa só para isso.

Inv.: E na infância o que desejava ser?

P AO.: Recordo-me perfeitamente: agricultor. Talvez porque em Angola nós tínhamos a mania das fazendas e imaginava-me a ter uma fazenda, ter um tractor, ter lá muito milho e essas coisas todas.

Inv.: E já desempenhou outro tipo de funções, sem ser de director geral?

P AO.: Comecei por ser gerente de armazém, e já fiz muita coisa. Já fui construtor, já fui gerente de armazém, já trabalhei em cafés, já fui gerente de restaurantes, já fui director comercial, já carreguei camionetas, já distribui bilhas de gás, trabalhei na construção civil...

Inv.: E para que áreas é que considera que tem mais aptidões?

P AO.: Relativamente à minha profissão, aquilo para que tenho mais aptidão é para o posicionamento de empresas e posicionamento de produtos, isso eu faço com muita facilidade. No resto eu acho que onde poderia ter algum êxito era mesmo na área social.

Inv.: Para além da sua profissão realiza alguma actividade complementar?

P AO.: Bem, sou secretário geral da casa de Angola, que é uma associação, tenho alguma actividade política também, e pouco mais...

Inv.: E os tempos livres... como se entretém habitualmente?

P AO.: A pensar. Pode parecer assim parvo, mas é o que eu gosto de fazer. Eu escolho um tema, um tema qualquer e depois estou ali a brincar com a mente, a dissecá-lo todo e a olhá-lo por várias perspectivas, e isso dá-me algumas vantagens quando são precisas soluções, ou na empresa ou assim... eu com facilidade tenho a solução, porque eu treino muito e o meu treino é pensar.

Inv.: Então agora descreva-me um dia normal, o que costuma realizar num dia normal?

P AO.: Levanto-me, vou por o AO à escola, vou para a empresa, na empresa depende do que está previsto ou não está, depois normalmente vou para casa às 20h, e entretanto é a minha mulher que vai buscar o AO à escola. E depois nessa hora já estamos todos reunidos.

Inv.: E teve ou tem algum interesse mais extremado por alguma área que se dedique a estudar, que se dedique a analisar...

P AO.: Comportamento humano.

Inv.: A dinâmica familiar...a família passa muito tempo junta?

P AO.: Toda junta... acordada... 3 horas por dia, em média, nos dias de semana. Ao fim de semana estamos sempre juntos. Os meus filhos nunca ficam em casa dos avós ou em casa dos tios, estamos sempre juntos.

Inv.: E quais são as actividades que realizam todos juntos enquanto família?

P AO.: São dispersas. Cada um faz a sua e depois eventualmente jogos, jogos em comum, brincadeiras, não tenho as coisas muito estruturadas, nem gosto. A nossa actividade mais fixa é aqui a ANEIS.

Inv.: Pode relatar-me um diálogo típico entre si e o AO?

P AO.: É difícil, o AO não fala muito, é muito fechado e, portanto, nós falamos muito pouco. Ultimamente temos falado da relação dele com os jogos electrónicos e então estamos numa fase em que a meta... e já falámos sobre isso... eu quero um filho humano, não quero cá um filho de plástico. O AO tem muita aptidão para jogos, ele inventa jogos desde miúdo, desde os 3/4 anos ele inventa, constrói, cria regras... os jogos são de facto o mundo dele, mas não pode ser só jogos.

Tem que perceber um bocado o que são as pessoas também. E essa parte digamos mais humana da questão, tem sido o tema das nossas conversas.

Inv.: Depois de saberem que ele tinha os níveis cognitivos acima daquilo que é normal para a idade dele, que efeito é que isso teve na família?

P AO.: Uma maior preocupação, a preocupação de podermos estar a fazer as coisas de forma menos correcta, mas eu acho que isso é comum a quase todos os pais que estão aqui...

É a nossa maior preocupação e é absolutamente normal que nem sempre façamos o melhor, mas enquanto pais não gostamos que isso aconteça.

Inv.: E na relação com o AO quais são as maiores dificuldades que sente?

P AO.: A maior dificuldade de falar com o AO é... temos que parar para pensar que linha de pensamento é que ele está a seguir. Nós quando falamos com uma criança temos na mente a linha de raciocínio dela, com o AO é preciso primeiro perceber porquê que está a fazer aquilo, porque nem sempre o que parece é. E às vezes reagimos reflexamente e depois percebemos que errámos porque o raciocínio dele era outro completamente diferente.

E isso é o mais difícil, porque no dia-a-dia, com a agitação e eu tenho mais três... este é o 2 casamento, eu tenho 4 filhos, um do primeiro casamento e 3 do segundo. Mas de qualquer forma, com aquela agitação nós reagimos e depois percebemos que bem não era bem aquilo, e essa é a maior dificuldade, ter que parar para falar com o AO.

Inv.: E o processo de socialização. A relação com a vizinhança é boa?

P AO.: Nós vivemos ali na zona de Torres Vedras e as pessoas ali não são particularmente sociáveis. Os nossos vizinhos escondem-se, por vezes, por de trás dos muros para não cumprimentar, o que dificulta... Mas depois no café e na escola, e tal, já toda a gente nos conhece, apesar de só estarmos lá há dois anos, e toda a gente acha graça a ver-nos juntos, portanto, não tenho problemas nenhuns.

Inv.: E depende muito tempo com amigos, família? Família, sem ser a família mais nuclear...

P AO.: Não muito. Algum, mas não muito. Prefiro estar em casa.

Inv.: Relativamente ao estado de saúde, já teve algum problema de saúde?

P AO.: Não, só o apêndice.

Inv.: Considera que apresentou um desenvolvimento normativo? A nível desenvolvimental sempre ocorreu tudo sem problemas?

P AO.: Sim.

Inv.: Com quem viveu enquanto criança?

P AO.: Com os meus pais.

Inv.: A dinâmica familiar era boa?

P AO.: Não era boa, eles acabaram por se divorciar.

Inv.: E enquanto criança já tinha algum interesse mais obsessivo, já estudava determinada área?

P AO.: Tinha. Ajudar as pessoas. Eu com 4 anos fiz a minha primeira lista de pessoas que ia ajudar quando fosse grande.

E lembro-me perfeitamente dos sonhos, de estar na cama deitado a pensar como é que eu ia fazer, porque eu não queria que eles soubessem que era eu que ajudava, então tinha que pensar em estratégias para entrar em casa deles de noite.

E lembro-me particularmente de um casal de velhotes que eu via, eu nunca falava com eles mas eu via-os e achava que eram pobres e o sítio que eu imaginei para deixar as coisas, porque eles eram muito velhinhos e podiam não saber, era no frigorífico, porque eu pensava que eles ao frigorífico tinham que ir. Quando forem ao frigorífico vão ver as coisas que eu lhes deixo à noite. Portanto, o meu sonho sempre foi esse, foi sempre nessa área...

Inv.: Considera-se uma pessoa criativa?

P AO.: Sim.

Inv.: Em que áreas principalmente?

P AO.: Eu acho que uso a criatividade em quase todas as áreas, às vezes não a sei expressar, mas serve para avaliar. Vou-lhe dar um exemplo, eu tenho uma pena imensa de não saber pintar, mas já organizei imensas exposições de pintura e eu avalio quadros com facilidade, mas não sei pintar. O que eu quero dizer é que percebo o que está ali da mente do pintor, o que está ali da força dele, onde estão os problemas dele, porque é que ele não fez aquele traço daquela maneira ou porque é que fez... e quase que consigo definir as pessoas por aí, não é? Eu consigo definir as pessoas por quase tudo, pela maneira como

andam, pela maneira como se sentam, como falam... porque é um exercício que eu fiz muito tempo. Eu com 7/8 anos queria andar na rua a fazer de doido só para perceber como as pessoas reagiam. Portanto, já nessa altura, já me interessava por isso.

Inv.: Pronto, e agora vamos falar um bocadinho do AO ... Ele tem 7 anos, e está a frequentar o 3º ano?

P AO.: Exacto.

Inv.: Ele está um ano adiantado?

P AO.: Sim. E é o melhor.

Inv.: Ele vive com os pais e os irmãos, não é?

P AO.: Sempre. 24 horas por dia, tirando a escola.

Inv.: Ele tem dois irmão que moram com ele?

P AO.: Sim, e a mais velha é que não mora com ele.

Inv.: Ele tem o quarto dele, o espaço dele?

P AO.: Tem. É muito devassado pela irmã de 3 anos, que quer lá saber se o quarto é dele....

Inv.: Relativamente ao contexto social, existem recursos onde vivem?

P AO.: Ele não frequenta... nós saímos pouco de casa.

Inv.: Relativamente às relações com a vizinhança...

P AO.: Normal... gosta mais de uns, menos de outros, cumprimenta uns, não cumprimenta outros... é normal.

Inv.: E com o resto da família?

P AO.: Ele dá-se bem. Principalmente com o avô.

Inv.: A gravidez foi desejada e planeada?

P AO.: Sim, sim...

Inv.: E ocorreram alguns problemas durante a gravidez?

P AO.: Não. Não houve mesmo nenhum, zero.

Inv.: Não tomou nenhum tipo de medicação?

P AO.: Não!

Inv.: O parto correu normalmente?

P AO.: Foi normal e correu bem.

Inv.: Recorda-se do peso dele quando nasceu?

P AO.: Não, mas era perto dos 5 Kg. Ele era muito grande. Na maternidade chamavam-lhe o Giga, porque era muito grande. Ele ainda é grande hoje.

Inv.: O pós-parto, quanto recém-nascido, correu tudo normal?

P AO.: Tudo normal. Comi e dormia...

Inv.: E o sono, como era?

P AO.: Ótimo. Dormia e comia, não incomodava nada...

Inv.: Quando é que ele começou a andar? A adquirir o controlo motor...

P AO.: Por volta dos 11 meses.

Inv.: E a falar? Quando começou?

P AO.: Muito evoluída antes dos 2 anos. Mas mesmo muito evoluída. E nessa altura já sabia contar até 11. Já conhecia os números. Ele aprendeu a ler sozinho.

Inv.: E o controlo esfinteriano, quando deixou de usar fralda?

P AO.: Muito rapidamente, foi do género a partir de hoje nunca mais e ele largou.

Inv.: Actualmente ele dorme bem?

P AO.: Dorme, mas dorme tarde. Ele sempre dormiu pouco. Ele não adormece antes das 23h. E é preciso estar sempre a insistir e a apagar as luzes. Ele desde pequenino conseguia estar acordado até as 2h/3h da manhã e a correr. Calhou algumas vezes irmos jantar a casa de alguém e já ser tarde e o AO era a única criança que ficava acordada. Ele não gosta muito de dormir.

Inv.: Actualmente a alimentação?

P AO.: É uma trituradora. Ele sempre comeu muito bem. Nós brincamos com isso até, porque ele come mesmo bem.

Inv.: Portanto, não faz chichi na cama...

P AO.: Não...

Inv.: A saúde dele...já teve algum problema...

P AO.: Não.

Inv.: Quanto à comunicação... Acha que ele compreende uma conversa como qualquer criança da idade dele?

P AO.: Sim, eu falo com ele como se ele fosse mais crescido. E a regra é mais ou menos esta, se não perceberes questiona, porque eu não sei de que forma me devo sintonizar para...

Então opto por um mais, porque o AO me surpreende muito com afirmações que não são para a idade dele e com sugestões que não têm nada a ver com a idade dele. O nível de compreensão dele está claramente acima do das crianças da idade dele.

Porque mesmo sobre a educação dele, ele fala comigo sobre isso, não é? E refere que não precisamos de nos preocupar com a educação dele porque ele sabe... é como se tivesse nascido educado.

Inv.: Portanto, ele expressa-se e fala bem?

P AO.: Muito bem. Quando a irmã nasceu ele regrediu um pouco, para imitar a irmã, talvez pela atenção. Porque ele é rapaz... é mariquinhas, mas não quer dar o braço a torcer.

Inv.: Ele consegue reproduzir verbalmente uma situação vivida? Factos que aconteceram na escola...

P AO.: É difícil ele contar. E eu acho que também se deve ao facto de metade das coisas que faz na escola não lhe interessarem. Eu não insisto, se ele quer contar conta... e às vezes vamos no carro e de repente ele começa a falar e aí eu alimento a conversa porque a ele apeteceu-lhe falar.

No outro dia, por exemplo, disse-me que tinha uma namorada, nunca me tinha dito nada disso. E eu perguntei-lhe se era gira e boa aluna e tal... falámos 5 minutos. Eu e o AO conseguimos fazer 2 ou 3 horas de carro sem dizer uma palavra um ao outro. Eu vou a pensar como gosto, ele vai a pensar como gosta e, portanto, vamos os dois a pensar, não temos que falar.

Inv.: Acha que ele também gosta de pensar e reflectir sobre temas?

P AO.: Gosta e nota-se porque algumas conclusões a que ele chega tiveram que ser pensadas.

Inv.: Relativamente à autonomia, Ele veste-se sozinho?

P AO.: Veste, mas prefere ajuda, uns miminhos, como é óbvio.

Inv.: E ele já consegue ser independente na higiene pessoal?

P AO.: Já, mas continua a preferir ajuda também.

Inv.: Agora o desenvolvimento social... ele brinca bem com outras crianças?

P AO.: Sim, mas escolhe-as a dedo.

Inv.: Com quem é que ele prefere brincar, com crianças mais pequenas, maiores, da idade dele...

P AO.: Na turma tem que brincar com mais velhos porque ele é o mais novo. Mas eu acho que ele não tem assim uma regra...

Inv.: E qual é o papel que ele desempenha nas brincadeiras?

P AO.: Eu não acho que ele goste de ser o líder... mas no outro dia perguntava-me assim: “oh pai, eu tenho sempre de ser o melhor?”, que é uma coisa que lhe custa muito. E eu disse-lhe “filho, não tens que ser. Normalmente vais ser e tens que te habituar a isso”. Pronto, ele no outro dia não teve a melhor nota a estudo do meio e ficou todo contente. Por isso ele gostaria de poder brincar e partilhar, não é? Mas normalmente ele não consegue partilhar durante muito tempo, porque, por exemplo, se tiver um jogo, compra-o agora, passado 10 minutos muda-lhe as regras e se for jogar a seguir altera-as outra vez e os outros miúdos não estão muito para o aturar. Mas mesmo ele, talvez prefira brincar sozinho com os jogos.

Inv.: E ele consegue esperar pela sua vez?

P AO.: Consegue... custa um bocadinho...

Inv.: Quando ele é contrariado, como reage?

P AO.: Chora. É muito infantil. Fica logo com as lágrimas nos olhos e é um bocado mariquitas...

Inv.: Habitualmente, como é o temperamento dele?

P AO.: É mexido... às vezes é difícil lidar com ele. Tem necessidade de dar nas vistas, especialmente em casa e quando não consegue irrita as irmãs, ou começa a cantar muito alto, como quem diz: “estou aqui, estou aqui...”. Portanto, às vezes, torna-se incomodo. Calmo só se estiver a jogar.

Inv.: E ele separa-se com facilidade dos pais?

P AO.: Nós nunca tivemos essa experiência. Estamos sempre juntos, é a nossa regra. Eu não sou muito de me dar... a minha mulher não é muito de se dar... somos assim.

Inv.: E como é que ele se entretém habitualmente?

P AO.: A jogar jogos, a brincar com a irmã, a ver televisão,

Inv.: Ele gosta de desempenhar tarefas em casa?

P AO.: Sim, sim... E ele até gosta de ajudar na cozinha. Adora cozinhar, e tem muito bom paladar e um nariz muito apurado.

Inv.: Como compara o AO com outras crianças da idade dele?

P AO.: São todas crianças. Todos têm as suas especificidades, não é. O AO nunca será jogador de futebol, nem o estou a imaginar a saltar um muro, quanto mais jogador de futebol... A minha forma de olhar para isto é: se eu tiver um Ferrari e não souber conduzir não me vale de nada. Portanto, estas vantagens do AO só serão mesmo vantagens se ele as souber transformar nisso, se nós formos capazes de ajudar...etc. Senão também não vale de nada. Ser muito esperto vale o que vale, depende do que se faz com essa inteligência. A nível intelectual, comparando, é que não tem mesmo nada a ver, é mesmo muito longe.

Inv.: Quando à situação escolar dele... ele está no 3º ano, avançou um ano. Antes ele frequentou creche?

P AO.: Sim. E jardim-de-infância.

Inv.: E nessa altura, as educadoras já referiam alguma particularidade?

P AO.: Sim, sim... eu ao princípio abri o jogo e disse como é que o AO é. Eu não precisei de ir a lado nenhum para saber como era o meu filho. Ele nasceu e eu percebi como ele era, assim como nasceu agora outra e vai ser igual ao AO. Basta olhar para eles, percebê-los, senti-los e sei que eles são assim. Eu nunca falei disso com ninguém mas quando chegou a altura do jardim achei que devia dizer. E as pessoas olharam para mim como se eu fosse o maior atrasado mental daquela rua, mas um mês depois estavam a chamar-me e a pedir desculpas, porque o AO com 3 anos, por exemplo, desenhou o planeta e um menino a desenhar para o planeta e a educadora perguntou-lhe o que era aquilo e ele disse que era ele a olhar para o mundo. E ela a partir daí percebeu que a percepção que aquela criança tinha de planeta e essas coisas não tinha nada a ver com a idade dele. Depois o AO desenhava muito bem, agora já não desenha tão bem, mas ele desenhava muito bem. Portanto, foi sempre o mesmo ritual, eu chego e digo que o AO é diferente e as pessoas olham para mim e dizem que o pai é parvo e depois pedem-me desculpa. Isso foi o que se passou nos dois sítios onde ele andou.

O AO com 5/6 anos estava a fazer um puzzle de 1000 peças, com 3 anos fazia puzzles com 100 peças. Uma das brincadeiras que eu e o AO temos é ir a subtrair as matrículas dos carros e ele de cabeça... ele a fazer triplos, antes de entrar para a escola primária chegava aos 50 e tal mil.

No nosso caso nós é que procuramos a ANEIS porque os professores, pelo contrário... por fim, com esta última tive que me chatear...chatee-me. Eu é que fui a net, pedi um exame isento, com gente que eu não conhecesse, para que não houvesse dúvidas nenhuma. E fez os testes e quando apresentei os resultados a professora acabou por chorar e dizer que nunca tinha tido um aluno como o AO e eu disse-lhe que isso podia-me ter dito logo, porque era escusado este conflito todo. Mas não são só as pessoas de fora...

As primeiras pessoas são as de dentro. Eu no outro dia falava com o meu sogro, eles nunca me perguntaram como é que esta o AO e eu perguntei porquê que nunca perguntavam como estava o AO.

Se o AO não tivesse uma perna, ou uma mão, quando eles me ligassem perguntavam como estava a mão do AO... isto é difícil, não é fácil... e quer dizer, se as pessoas da família o fazem, as pessoas da família ainda mais.

Deve haver professores sensibilizados para isso, mas eu não tive essa sorte. Fui sempre eu que tive que acabar por intervir e às vezes não de uma forma muito simpática, também porque eu já não tenho muita paciência, já tenho 50 anos.

Inv.: E como foi a adaptação dele ao pré-escolar?

P AO.: Foi boa, ele ajudava os outros meninos todos, como ele já sabia ler. Então ele contava histórias aos outros, os outros meninos chamavam-lhe o pai.

Inv.: Como está a ser o desempenho dele a nível escolar?

P AO.: Muito bom. Ele mudou para a 3ª classe e dois dias depois fizeram uma ficha e ele já era o melhor da turma outra vez e é sempre o melhor...

Inv.: Na escola a adaptação também foi boa?

P AO.: Sim.

Inv.: E quais são as maiores dificuldades que sente nele relativamente à escola?

P AO.: São a nível motor, ele não é muito bom a trabalhar com as mãos, nem a correr e jogar a bola. Agora anda na natação.

Inv.: E as maiores facilidades?

P AO.: Cálculo, estratégia. Adora regras, criá-las.... No aniversário dele foram lá os outros miúdos, mas no final ele já estava danado porque os miúdos não sabiam jogar como ele e nunca mais lá quis os miúdos a brincar.

Inv.: A atitude dele face à escola, ele gosta de ir à escola?

P AO.: Gosta...

Inv.: Ele realiza os trabalhos de casa em casa?

P AO.: Sim, com a ajuda da mãe.

Inv.: Outras actividades que ele frequente ou tenha frequentado...

P AO.: ANEIS, natação através da escola e mais nada.

Inv.: Considera ter estimulado ou estimular o desenvolvimento intelectual do AO?

P AO.: Não, mas também nunca o defraudei. Nós não lhe dizemos para ele ir aprender isto ou aquilo, mas se ele perguntar nós respondemos sempre. O passo é dele e nós suportamos o passo dele.

Inv.: E quais são as expectativas dos pais face à escolaridade?

P AO.: Eu posso parecer muito presunçoso mas o AO tem tudo para ser muito bom no que ele quiser fazer. Mas a vida não é só isso e tenho que lhe responder honestamente que não tenho expectativas, vamos vendo. Do ponto de vista teórico, eu tenho que pensar no que ele não poderia ser, porque tudo o que lhe metem a frente ele aprende e faz bem, ele se quiser ser engenheiro é, se quiser ser cientista é, se quiser ser filósofo é, o que ele quiser ser ele é. Mas a vida não é só isso, e se calhar ficarei muito contente se ele fizer o 12º ano.

Inv.: E em que área é que considera que ele é mais competente? Futuramente, onde acha que ele pode ser bem sucedido?

P AO.: Eu acho que ele daria um bom investigador.

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nele primariamente?

P AO.: Notei desde sempre, o AO nunca foi um bebé igual, foi sempre diferente. Se calhar as outras pessoas não viam, mas eu via.

Inv.: Procurou ajuda para lidar com a situação?

P AO.: Não... não procurei, porque na idade em que estava eu ainda podia custear ao nível do conhecimento. Agora já começa a ser complicado. Procurei só o psicólogo para fazer as provas para a escola e esse psicólogo indicou-me a ANEIS.

Inv.: Na escola é feita alguma coisa para lidar com a sobredotação?

P AO.: A escola não tem possibilidade de fazer muita coisa. Apenas faz mais fichas e testes do que os outros colegas para não estar a olhar para o lado.

Mas a escola não está organizada para que possa fazer alguma coisa mais... e vou meter um bocado de veneno, mas é assim, toda a gente adora ajudar desgraçados, agora ajudar alguém que é melhor do que eles isso já é mais complicado,

Inv.: Por recurso a outros serviços, vai à psicóloga e vem à ANEIS...

P AO.: Sim...

Inv.: Relativamente ao futuro, espera que ele siga para o ensino superior?

P AO.: Lógico, como qualquer pai.

Inv.: E vê-o a trabalhar em investigação, é isso?

P AO.: Sim.

Inv.: E que profissão gostaria que ele tivesse?

P AO.: Isso é complicado. Não sei. O que ele quiser ser... porque se o vejo investigador dá-me logo um frio no coração, porque o imagino muito frio e lógico, racional e penso que perde uma parte humana muito importante. Se o vejo só humano, vejo o sofrimento que isso lhe pode trazer... quero que seja feliz, mais nada.

Inv.: Considera que ele é criativo?

P AO.: Sim, muito.

Inv.: Como o vê no futuro, não só em relação aos estudos, mas também nas outras esferas do desenvolvimento...

P AO.: Não sei se é como o vejo, ou se é o meu receio. Por exemplo, eu tenho uma filha a seguir que não está ao mesmo nível de inteligência que o AO, se bem que é uma miúda com umas capacidades muito interessantes também, mas a postura e determinação dela... eu acho que ela é capaz de ir mais longe que o AO. Eu tenho muito medo que o AO não singre e que se desilude.

Tenho muito medo que isso aconteça, e pode acontecer, eu tenho consciência que isso pode acontecer, por isso tenho muita dificuldade em responder. O AO para mim é uma grande preocupação, mais do que as irmãs, tenho muito medo porque ele é muito fechado...

e tenho muito medo porque ele tem muita imaginação... e então, fechado e imaginação, não me parece bom para uma pessoa que está a crescer e isso pode, de repente, descambar. Por isso, se ele conseguir ser forte e determinado, se eu puder ajudar nisso, aí ele vai longe...

Inv.: Muito obrigado pelas informações.

Pai MT & TT

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: Vamos começar por falar acerca das suas habilitações literárias...

Pai MT & TT: Sou Licenciado em Filosofia.

Inv.: Como era o seu aproveitamento escolar, o seu desempenho escolar?

P MT & TT: Foi muito bom no ensino primário, na preparatória também, depois tive problemas a inglês e matemática no 7º e 8º ano. Mas depois no 9º ano percebi que se não passasse a matemática tinha que fazer exame a todas as disciplinas do grupo de ciências e que se não passasse a inglês ia ter que fazer exame a todas as disciplinas do grupo de letras. Então estudei e passei. No 10º ano continuei sem fazer nada e tive um conjunto de professores que me chumbou e a minha mãe achou que eu não tinha razões para chumbar e pôs-me a trabalhar. Depois, fui então trabalhar e estudava à noite. Fiz bem o 12º ano com média de 16 e fui para a faculdade.

Inv.: E porquê este curso superior?

P MT & TT: Porque no 11º ano tinha que fazer exames e na altura li umas coisas, uns textos e achei que a escola não fazia sentido nenhum... e não fui aos exames. Depois, em contacto com o mundo do trabalho, percebi que se não tivesse estudado as coisas eram bastante complicadas e depois voltei à escola. E na altura eu achava que a filosofia era o que explicava mais coisas sobre o mundo e sobre a forma como as coisas são... e que me dava...digamos as soluções para aquilo que eu queria saber. Foi mesmo por gosto, porque eu podia ter ido para direito se quisesse ganhar muito dinheiro, que toda a gente diz que daria um bom advogado, é opinião unânime. E eu também acho que sim, mas não estou arrependido.

Inv.: Quais eram as expectativas que os seus pais tinham em relação ao seu percurso escolar? Havia pressão para seguir para um curso superior...?

P MT & TT: Não, não... havia um problema, eu fiquei sem pai aos 12 anos e as coisas aí complicam-se mais. A minha mãe fez o que podia fazer...

Ela sabia pelos professores que eu tinha uma cabeça bastante boa e, portanto, não se conformou com o chumbo, pois sabia que eu andava lá sem fazer nada e quis que eu soubesse como a vida custa.

E de facto foi o melhor que ela fez, porque eu percebi a importância de estudar e que tinha capacidades que eu podia usar de outra maneira.

Ela desejava que eu seguisse para o ensino superior mas nunca me pressionou. Em termos familiares foi sempre em aberto, eu devia fazer aquilo que tinha obrigação de fazer até certa altura e depois fazia aquilo que eu achasse que devia fazer e assumia as consequências.

Inv.: A nível escolar, qual era a maior dificuldade que sentia? Podemos falar dos aspectos relacionados com as matérias, disciplinas ou também sociais... As maiores dificuldades que sentia na ida à escola, durante o seu percurso escolar...

P MT & TT: Nunca tive dificuldades. Os meus problemas com o inglês têm a ver com... a matemática tem a ver com o facto de eu não estudar nada e ter tido professores que não me deram bases no ciclo, sobretudo. A Inglês utilizava-se aquele método em que não podíamos perceber o que as palavras significavam em português, era só inglês, desde que entrávamos para a sala de aulas e eu não me dei bem com aquele método. Em matemática comecei a falhar porque, de facto, não estudava, porque eu nunca tinha tido necessidade de estudar, também não havia grande pressão para que se fizessem os trabalhos de casa, porque não havia consequências nenhuma. E como eu na altura andava motivado por outras coisas, como jogar a bola, jogar xadrez, por aí fora... não investia. E aquilo que aconteceu, foi que no 9º ano, tive que estudar para passar a inglês e matemática.... E passei.

Inv.: E na adaptação... teve algum problema?

P MT & TT: Não, não tive nenhum problema. Sempre geri de uma maneira ou de outra... mas nunca tive problemas de quebra psicológica, ou de me sentir chateado com a vida. Mas durante a minha vida escolar tive que lidar com várias coisas. Em primeiro lugar, não tinha jeito nenhum para jogar futebol e isso à partida é terrível, ainda hoje, descobri isso agora com o MT. E depois andava sempre a ouvir a alcunha do cenoura e cenourinha e por aí fora, mas pronto eu habituei-me, não trouxe problemas de maior.

Inv.: A atitude face à escola...Gostava de ir à escola?

P MT & TT: Gostava, sim. De estudar em casa não gostava muito, porque queimava-me tempo em que eu gostava de estar a fazer outras coisas, mas não era algo que me cansasse especialmente, simplesmente achava que tinha mais que fazer.

Inv.: Agora o percurso profissional...Qual é a profissão actual?

P MT & TT: Professor de filosofia.

Inv.: E era esta a profissão que desejava ter?

P MT & TT: Não. Esta só descobri na faculdade... Antes de entrar para a faculdade, aquilo que eu queria ser, era jornalista, ou então ligado à edição. Não me imaginava a ser professor. Mas depois na faculdade comecei a achar que se calhar não era assim tão mau... e fui para professor e gosto daquilo que faço.

Inv.: E na infância o que desejava ser?

P MT & TT: Não sei. Acho que nunca tive assim uma ideia muito...

Inv.: E que outras funções já realizou?

P MT & TT: Fui torneiro mecânico, trabalhei em serralharia mecânica, fui pacote de escritório, empregado de escritório e trabalhei na construção civil, fui servente de pedreiro, durante pouco tempo... um mês ou assim. E também fui jornalista durante dois meses.

Inv.: E para que áreas é que considera que tem mais aptidões?

P MT & TT: Eu gosto muito de ensinar. Mas eu também tenho muita aptidão para informática e computadores. Durante 15 anos eu fui o gestor informático da minha escola. Ah, e tenho uma pós-graduação em informática e educação.

O sistema da escola era complexo. E acho que se tivesse tido contacto com computadores como agora os miúdos têm, aí eu teria ido, sem dúvida, para informática e computadores. A primeira vez que vi um numa empresa onde trabalhei tive assim a sensação que “era aquilo”, um sentimento assim estranho...

Mas nessa altura estava a acabar o último ano de filosofia e, portanto... e também gostava de filosofia.

Ah, do meu percurso escolar... eu para ir para filosofia tive que, eu estava na área de ciências, mas depois tive que mudar, tive que fazer exame a história e geografia porque senão na altura não podia entrar. E, portanto, houve essa mudança a meio do 11º ano, em que fiz exames como externo, sem ter aulas. Preparei-me, li os livros e passei.

Inv.: Para além da sua profissão, realiza alguma actividade complementar?

P MT & TT: Não, profissionalmente não.

Inv.: E os tempos livres... como se entretém habitualmente?

P MT & TT: Não tenho muito tempo para me entreter. Eu não tenho tempo para ver televisão, é muito raro. Se eu vir 2 horas de televisão por semana é muito. Mas tenho uns jogos online, no computador, que o meu filho MT me desafiou a jogar e por acaso gosto bastante daquilo. E perco para aí 10 minutos por dia a jogar.

Eu em tempos fiz colecção de selos mas agora está parado. Também joguei xadrez, e também já não jogo para aí há 20 anos. Portanto, hobbies... neste momento não tenho tempo para ter hobbies, porque os miúdos e a escola e tudo isso são muito exigentes. Ah, gosto de ler!

Inv.: Então, agora descreva-me um dia normal, o que costuma realizar num dia normal?

P MT & TT: Levanto-me, acordo toda a gente lá em casa, dou o pequeno-almoço aos pequenos e forço-os a vestirem-se, depois vou pôr o mais velho à escola que entra às 8, depois volto, trato do mais novo e

vou pô-lo à escola. Volto para casa, dou uma vista de olhos nos jornais através da net, faço o meu trabalho de ver testes, preparo as aulas da tarde. A seguir faço o almoço, vou buscar o mais pequeno à escola, dou-lhe o almoço, vou pô-lo à escola outra vez. Vou buscar o mais velho à escola, ponho-o em casa, vou para a escola, saí da escola por volta de um quarto para as 19h. Venho para casa, dou-lhes banho, embora o MT já tome banho sozinho, mas o TT ainda não. E pronto, depois jantamos com eles,

Inv.: E teve ou tem algum interesse mais extremado por alguma área que se dedique a estudar, que se dedique a analisar...

P MT & TT: Eu tenho uma característica que os meus amigos gozam comigo, que é: quando me interesso por alguma coisa, aquilo que eu faço é comprar um livro sobre aquilo. E quando joguei xadrez, eu joguei xadrez a sério e houve uma altura em que tive que tomar uma decisão, ou ia jogar xadrez ou ia jogar e eu andei um tempo a perceber o que ia fazer, e percebi que passar a vida a jogar xadrez a mim não me dizia muito, porque eu queria mudar o mundo, e ainda hoje quero. E enquanto joguei xadrez comprei uma série de livros sobre xadrez e lia-os e estudava... quanto ao coleccionismo a certa altura deixei de ter tempo porque aquilo é exigente. E filosofia também gosto muito... ainda hoje continuo a estudar filosofia.

Quando me meti na informática tive que ler milhares de páginas. Portanto, em geral quando me interesso por uma coisa costumo ler bastante sobre isso, compro uma data de livros e leio e informo-me, trabalho a coisa mesmo...

Inv.: A dinâmica familiar...a família passa muito tempo junta?

P MT & TT: Estamos ao fim do dia e no fim-de-semana estamos sempre todos juntos. Quer dizer eles têm a ANEIS e os escuteiros ao sábado.

Inv.: E quais são as actividades que realizam todos juntos, enquanto família?

P MT & TT: As actividades que realizamos todos juntos são poucas, porque ao fim de semana eu e a minha mulher temos coisas para pôr em dia. Durante a semana é difícil porque temos muitas coisas... por exemplo, eles almoçam em casa... eles só estão na escola o tempo necessário. E isso é exigente. A minha mulher, por exemplo, durante à tarde tem que fazer o seu trabalho em casa e ainda acompanhar os dois e os trabalhos deles. Então, agora estamos a tentar implementar o hábito de vermos um filme ou fazer qualquer coisa juntos. Às vezes jogamos um jogo de mesa, mas isso não é muito frequente. E eles no resto do tempo brincam juntos, em geral pegando-se e nós temos que os separar, mas depois aquilo lá se recompõe...

Inv.: Pode relatar-me um diálogo típico que tenha com os seus filhos?

P MT & TT: Costuma acontecer: “MT veste-te, já te disse 3 vezes para te vestires!”. Há outros diálogos típicos, e com o TT não é tanto porque ele é cumpridor e o MT não, o MT é preciso puxar por ele. Outros diálogos têm a ver com questões que eles põem da mais diversa ordem, o MT, por exemplo, hoje vínhamos para cá, perguntou-me se eu achava que a religião islâmica era uma boa religião e então viemos os 3 a conversar sobre aquilo. Depois eu falei sobre o facto das mulheres, em alguns sítios do islão, serem escravizadas e foi mais uma chuva de perguntas. E eles ficaram muito surpreendidos e estivemos a falar sobre esse tipo de coisas... e este também é um diálogo típico.

Inv.: E como foi abordada a questão da sobredotação pela primeira vez?

P MT & TT: Não sei. O MT começou a contar e a fazer séries de números muito pequeno e falava com uma sintaxe irrepreensível, desde pequenino. As pessoas ficavam todas muito admiradas. Nós sabíamos que ele era esperto, mas a sobredotação não nos tinha passado pela cabeça. A questão pôs-se quando ele tinha 5 anos, ia para a escola e no jardim-de-infância disseram-nos que se calhar era melhor ficar mais um ano, porque ele tinha problemas na motricidade fina. Ou seja, ele ainda hoje, e eu também, a letra dele são uns gatafunhos. E eu tinha um amigo que a mulher era professora do primeiro ciclo e fomos falar com ele, levámos o portfolio dos desenhos do MT.

Fomos e dissemos que no fundo ele era esperto e tinha habilidade para contar, já lia umas coisas, não era nenhum prodígio mas já conhecia as letras todas e isso tudo e perguntámos o que ela achava.

E ela disse que ele não tinha problema nenhum, que não devia ficar um ano, com miúdos mais novos... ia ser horrível.

Mas, de qualquer forma, ainda fomos pedir uma outra opinião. E então a Sara acabou por me dar o contacto de uma psicóloga e nós fomos lá e ela acabou por dizer que ele era sobredotado, embora não tivesse feito uma avaliação exaustiva, visto que ele ainda era muito pequenito.

E então sugeriu-nos a ANEIS.

Ele veio e foi bom que viesse porque ele tem alguns problemas de integração, porque os outros miúdos olham para ele como esquisito.

E umas colegas da turma já lhe disseram que não era normal... porque ele não tem os mesmos interesses que eles têm e tem outras abordagens a determinados problemas. E foi bom ele ter vindo, porque de alguma forma se está a integrar melhor e isto fez-lhe bem, claramente.

O TT não tem os problemas de integração que o MT tem. E às vezes o MT entra numa de pensar nos problemas do mundo e no “porquê” de o mundo ser injusto e o TT não. O TT é despachado, é todo para a frente, quer é viver a vida e acabou, e, portanto, é muito popular, não tem problemas de integração. O TT chega à turma dele e os miúdos gritam logo “TT, TT”, é um Ser popular. Mas o TT, aqui há um ano começou a vir à ANEIS. E com 3 anos já contava imenso, mas pronto, provavelmente ele é inteligente e tem facilidade de aprendizagem, tem uma boa memória, mas felizmente não tem alguns problemas do MT. Porque o MT, por detrás daquela capacidade de argumentação que ele tem, ele é extremamente frágil e nós percebemos que tínhamos que lidar com isso. O TT não me preocupa, ele é um sobrevivente, ele marcha sempre, o MT não... o MT pode cair. O TT sobrevive, o MT pode não sobreviver.

Inv.: E na relação com eles quais são as maiores dificuldades que sente?

P MT & TT: Eles ainda são pequenos e não levantam muitos problemas. Quer dizer, ultimamente o MT já começou a levantar problemas que eu levantava quando já era adolescente. Ele já reivindica direitos. Já há ali qualquer coisa que aponta para o facto de ele já saber o que quer e “isto é assim! Tenho os meus direitos e a minha autonomia.”. O TT não... ainda é pequeno. Mas digamos que problemas de relacionamento não há...

Inv.: E o processo de socialização. A relação com a vizinhança é boa?

P MT & TT: É. Não tenho propriamente aquelas pessoas para as quais não fale. Mas também não é uma relação... tirando alguns vizinhos com quem me dou melhor. Mas não sou assim um tipo muito popular, no sentido em que ando sempre à procura de convívio. Não tenho tempo para frequentar o café. Mas falo com toda a gente.

Inv.: E despende muito tempo com amigos, família? Família, sem ser a família mais nuclear...

P MT & TT: Sim. Não tenho muito tempo, mas falamos ao telefone e uma ou outra vez vamos almoçar um grupo de amigos lá da escola. Tenho muitos amigos da escola. Esporadicamente vejo amigos da faculdade. Comunicamos por e-mail's.

Inv.: Relativamente ao estado de saúde, já teve algum problema de saúde?

P MT & TT: Não. Quer dizer, há uns anos tive pedra no rim, mas nunca mais voltei a ter. Mas durante uma semana estive um bocado mal.

Inv.: Considera que apresentou um desenvolvimento normativo? A nível desenvolvimental, sempre ocorreu tudo sem problemas?

P MT & TT: Sim.

Inv.: Com quem viveu enquanto criança?

P MT & TT: Com os meus pais. E quando o meu pai faleceu vivi só com a minha mãe. E com uma irmã também.

Inv.: A dinâmica familiar era boa?

P MT & TT: Estávamos juntos frequentemente, mas não permanentemente. Eu saía com os meus amigos e a única condição era saber onde eu estava. E a minha mãe trabalhava muito na loja que tinha e ainda passava a ferro... porque na altura as coisas eram difíceis. Tive que ajudar a criar a minha irmã, mas não muito, na medida em que não foi uma sobrecarga para mim. Mas sempre nos demos e damos bem.

Inv.: E enquanto criança, já tinha algum interesse mais obsessivo, já estudava determinada área?

P MT & TT: Não... eu e os meus amigos brincávamos na rua. Tive essa sorte. E os meus interesses eram brincar com os meus amigos. Gostava de jogar a bola, como guarda-redes, e brincava com carrinhos, ao pião...

Inv.: Considera-se uma pessoa criativa?

P MT & TT: Depende. Para artes não... não tenho cultura artística, na prática. Não tenho talento nenhum.

Não desenho um risco direito. A minha caligrafia é uma desgraça. Mas acho que sou relativamente criativo em termos de escrita e também a contar histórias. Eles gostam que eu conte histórias e eu invento-as na altura, com personagens que eles gostam. E eu conto histórias que acho que são giras porque eles ficam presos àquilo. Portanto, tenho habilidades imaginativas. Sou dotado para escrita, sem falta modéstia, sou muito capaz para escrever e é a única coisa...

E depois na escola, as minhas aulas são criativas. Não gosto que as aulas sejam iguais. E mesmo na informática gosto de inovar...

Inv.: Pronto, e agora vamos falar um bocadinho deles...O TT tem 7 anos e o MT 10?

P MT & TT: Exacto.

Inv.: O TT anda no 2º ano e o MT no 5º?

P MT & TT: Sim.

Inv.: Eles vivem com os pais?

P MT & TT: Sim

Inv.: Eles dividem o quarto?

P MT & TT: Sim. Eles têm o espaço deles, mas a casa já não é funcional e precisamos mudar. Está pequena já.

Inv.: Que actividades eles frequentam? Os escuteiros...

P MT & TT: Sim... e karaté.

Inv.: Relativamente às relações com a vizinhança...

P MT & TT: São muito queridos. São simpáticos e alegres e são conhecidos ali por toda a gente.

Inv.: E com o resto da família?

P MT & TT: Sobretudo com os avós maternos. Às vezes encontramos-nos com uns tios. Mas dão-se bem com toda a gente.

Inv.: As gravidezes foram desejadas e planeadas?

P MT & TT: Sim, sim...

Inv.: E ocorreram alguns problemas durante a gravidez?

P MT & TT: Não. Nenhum deles chegou às 40 semanas. Mas estava tudo controlado.

Inv.: A mãe não tomou nenhum tipo de medicação?

A: Medicação propriamente... só para os enjoos. E um ferro e ácido fólico.

Inv.: Os partos correram normalmente?

P MT & TT: Correram... mas o MT nasceu de ventosa. Mas o parto foi rápido. O TT estava a ver que nascia no carro e foi ainda mais rápido que o MT.

Inv.: Recorda-se do peso deles quando nasceram?

P MT & TT: Não...

Inv.: O pós-parto, enquanto recém-nascidos, correu tudo normal?

P MT & TT: Sim... ah, houve um problema com o MT, ele ficou amarelo e teve que fazer um tratamento numa incubadora com uma luz azul.

Inv.: E o sono, como era?

P MT & TT: Foi muito bom em recém-nascidos. Mas passado três semanas foi horrível, com cólicas. Foi terrível mesmo.

Inv.: E a alimentação?

A: Foram alimentados os 2 até aos 3 anos. Foram muito amamentados. Queríamos que eles fossem amamentados o mais possível devido às vantagens. Apesar de isso não ter sido muito bem visto, principalmente no emprego na minha mulher... ela tirou todas as licenças possíveis.

Inv.: Quando é que eles começaram a andar? A adquirir o controlo motor...

P MT & TT: Não foi cedo, mas também não foi tarde... foi normal.

Inv.: E a falar?

P MT & TT: O MT começou a falar muito cedo. Nós não notámos nada porque ele foi o primeiro filho, mas as pessoas é que começaram a chamar à atenção. Aos 3 anos ele foi para o infantário e a educadora disse que ele até metia medo, no primeiro dia que lá chegou viu um berbequim e disse “berbequim”, com uma linguagem cristalina. Disse que não era muito comum. Falava muito claro e com as frases bem construídas. E chamava a atenção das pessoas porque falava muito e bem.

O TT não é tão habilidoso na linguagem.

Inv.: E o controlo esfinteriano, quando deixaram de usar fralda?

P MT & TT: Normal. Relativamente cedo, naturalmente. O TT durante algum tempo fazia chichi na cama. Nós nunca o penalizámos, mas reforçávamos o facto de não fazer chichi na cama.

Inv.: Actualmente dormem bem?

P MT & TT: Dormem.

Inv.: E a alimentação?

P MT & TT: É boa. De grande qualidade, variada. Carne, peixe, sopa, fruta, frescos, legumes, cortamos nos doces.

Inv.: Portanto, não fazem chichi na cama...

P MT & TT: Não...

Inv.: A saúde deles...já tiveram algum problema...

P MT & TT: O MT tem asma. Apesar de não ser asma alérgica. Mas tem tosse seca que não deixa dormir ninguém lá em casa, quando está assim.

O TT tem os adenóides grandes e pôs-se a hipótese de operação, mas agora está em tratamento e não deve ser necessário operar e os adenóides devem ser ficar mais pequenos.

Mas aquilo que nós fizemos foi frequentar as termas porque lhes faz bem, até porque frequentemente se constipavam e o ano passado de facto não se constiparam.

Inv.: Quanto à comunicação... Acha que eles compreendem uma conversa como qualquer criança da idade deles?

P MT & TT: Compreendem melhor... ambos. Às vezes eu e a mãe estamos a falar de qualquer coisa e eles metem-se apropriadamente e até criam ligações. Estão sempre com uma antena. Quando queremos falar de coisas que eles não entendam, até há pouco falávamos em inglês, mas agora o MT já percebe o Inglês, então agora falamos em Francês. E eles queixam-se que estão a ser excluídos e nós explicamos que há aspectos que não são para a idade deles.

Inv.: Portanto eles expressam-se e falam bem?

P MT & TT: Sim. O TT fala um pouco melhor que os colegas da idade dele, mas ainda tem algumas aldrabices sintácticas e não é tão perfeito como o irmão.

Inv.: Eles conseguem reproduzir verbalmente uma situação vivida? Factos que aconteceram na escola...

P MT & TT: Sim, sim. O TT com menos clareza e até achamos que houve uma regressão à uns tempos, porque tínhamos que reconstruir o que ele falava, era uma confusão. Mas, entretanto, aquilo passou. E agora está normal. Isto foi agora no 2º ano. Ele partiu um braço, porque caiu de um muro e ele esteve um mês sem ir à escola. E talvez tenha a ver com esse mês em que ele esteve em casa e nós não conseguimos estar sempre a dar-lhe atenção, devido ao trabalho.

Inv.: Relativamente à autonomia, eles vestem-se sozinhos?

P MT & TT: Vestem-se sozinhos. Mas o TT é mais autónomo, começou a vestir-se sozinho mais cedo. É mais despachado e autónomo. O MT toma banho sozinho... já lavam os dentes sozinhos.

Inv.: Agora o desenvolvimento social... eles brincam bem com outras crianças?

P MT & TT: O TT completamente. O MT também, mas já cria mais problemas, porque acha que tem as melhores ideias, mas os outros não deixam e ele amua, e fica chocho. Outras vezes resmunga e faz queixas dos outros. O TT não, é um líder conciliador, um congregador de vontades. Age quando vê que

há discórdia e acha que se deviam dar todos bem e que a vida é gira, e consegue! O grupo funciona. O MT não...

Inv.: Com quem é que eles preferem brincar, com crianças mais pequenas, maiores, da idade deles...

P MT & TT: Acho que o MT não se importa de brincar com crianças mais novas, até para sentir que é mais velho. Mas o MT também gosta muito da companhia dos adultos.

Se ele tiver um adulto que lhe dê conversa ele deixa o grupo de crianças e está ali a falar com o adulto, de igual para igual. O TT não tem esse traço...

Inv.: E qual é o papel que eles desempenham nas brincadeiras?

P MT & TT: O MT gosta de ser líder. Mas nem sempre consegue... O TT não. Ele se estiver a liderar é naturalmente, mas se não estiver não há problema, ele é plástico nos papéis.

Inv.: E eles conseguem partilhar e esperar bem pela sua vez?

P MT & TT: É variável. Às vezes sim, outras vezes não.

Inv.: Quando eles são contrariados, como reagem?

P MT & TT: Não reagem lá muito bem. Ficam decepcionados e procuram argumentar.

Inv.: Habitualmente como é o temperamento deles?

P MT & TT: O MT é um bocado colérico, às vezes, quase a perder o controlo e a chorar. E às vezes perde as estribeiras. Caso não haja nenhum problema é muito meigo e carinhoso, protector, mas não tolera provocações do mais novo. O TT é muito bem disposto, meigo, conciliador, positivo, vê as coisas pelo lado positivo, é muito agradável.

Inv.: E eles separam-se com facilidade dos pais?

P MT & TT: Não. Hoje em dia mais. O MT há dias já dormiu em casa de um amigo, e com os padrinhos. Mas isso ainda não aconteceu muitas vezes... ah, só nos acampamentos dos escuteiros. Já estive quase uma semana fora. E não há problemas... agora pensando bem.

Inv.: E como se entretêm habitualmente?

P MT & TT: O MT começou com o hobbie de montar legos com 3/4 anos e ficou viciado. Ultimamente é com os Gormitis. Fazem legos. O MT lê qualquer coisa. Têm aquele tempo para o computador e televisão. Têm o karaté e escuteiros e vai a casa uma professora de música e a mãe acha que é importante devido à disciplina mental. Mas eles gostam e querem.

O TT já não liga tanto aos legos. Ele agora está com uma fixação com o Egipto e ele devora essa informação toda. E todos os dias ele está a ler qualquer coisa sobre o Egipto. Aquilo está tudo sabido.

Inv.: Como compara o MT e o TT com outras crianças da idade deles?

P MT & TT: No TT são diferenças ténues, no MT são acentuadas, com todas as desvantagens que isso traz. Ele a nível motor é um cepo. Há tempos fez uma prova a educação física e ficou em último, mesmo depois das raparigas e ele ficou muito chateado, até porque a professora lhe disse que ele estava abaixo do limite saudável... também porque ele está gordo, porque ele estava a tomar uma medicação para a tosse que causava o aumento do peso. Nesta altura já reduzimos a medicação e notou-se logo. Ele estava a ficar bolinha. Só não teve negativa a educação física porque nos testes teóricos tem boas notas. A nível intelectual está num nível superior.

O TT não tem problemas a nível motor, corre bem, na água é uma maravilha. O TT fisicamente é igual a qualquer criança da idade dele. A nível intelectual pode ser melhor.

Inv.: Quando à situação escolar, eles frequentaram creche?

P MT & TT: Não, só jardim-de-infância.

Inv.: E como foi a adaptação deles ao pré-escolar?

P MT & TT: A do MT foi mais ou menos boa. Foi boa, mas houve ali uma altura em que o MT teve uns conflitos com uns amiguinhos dele. Todos os dias ele dizia que alguém lhe tinha batido e eu achava aquilo um pouco esquisito.

Quando fomos falar com a educadora, nesse trimestre, ela disse que ele estava muito dependente de adultos, que não resolvia os problemas entre pares. E o MT vinha quase sempre meio tristonho do jardim-de-infância e aí eu disse-lhe para, da próxima vez que lhe batessem, para se “ir a eles!” e usei a expressão “vais-te a eles! Dás-lhe!”. Logo no dia seguinte o MT vinha porreiro da vida dele! Ótimo. E eu perguntei-lhe como tinha corrido e ele disse: “hoje foi bom pai, fui de castigo para o tapete.” E eu perguntei porquê e ele: “então o Tomás deu-me um pontapé e eu fui-me a ele!

Depois vieram-me separar!”.

E ele vinha ótimo. No final do período fomos lá, eu e a minha mulher, e a educadora diz: “ai, você deu-me um trabalho! O «vai-te a eles»”. Mas a conclusão é que aquilo encarrilou, porque o MT se estava a tornar o bombo da festa. Porque ele foi ensinado a não fazer justiça com as próprias mãos, mas os outros batiam-lhe e ele só fazia queixinhas. E eu disse que havia sido ensinado a não bater nos outros colegas, a certa altura se ele se transforma num “queixinhas”, fica complicado” E, portanto, a maneira que ele teve de parar com aquilo foi bater neles e mais tarde foi reconhecido como par entre os outros. Se calhar falhei ao dizer-lhe para não fazer justiça com as mãos tão cedo, mas nós também não sabíamos...

O TT nunca teve este tipo de conflitos. Nem nunca tivemos conhecimento que lhe batessem ou que ele batesse a outros. Nunca houve assim nada de mais.

Inv.: Como está a ser o desempenho deles a nível escolar?

P MT & TT: O TT é bom aluno, apesar de não tão espectacular como o MT. Mas tem desempenhado bem. Mas na sequência do braço partido e de umas constipações, a professora referiu que ele estava a ficar para trás e em Dezembro teve positivas mesmo baixas. O MT no primeiro ano de escola faltou muito tempo e nunca se notou problemas... e o TT não, ele precisa mesmo de ir lá e de treinar. O TT não tem o mesmo entusiasmo pela escola, ele quer é brincar. Quer é brincadeira.

O desempenho do MT tem sido sempre muito positivo.

Inv.: Na escola, a adaptação também foi boa?

P MT & TT: Não foi lá grande coisa com o MT, porque ele era um cepo a jogar futebol e a integração dos miúdos era muito através do futebol. Mas ele sempre referiu que gosta de ir à escola, sempre gostou... mas a ligação com os colegas é que falhou, tanto que eu fui uma ou outra vez ver o intervalo e ele andava sempre sozinho. A integração dele foi complicada.

Com a ANEIS aquilo foi desbloqueando, mas levou o seu tempo. Lá se foi integrando... mas aquilo que sentimos foi que a integração nunca foi completa. Houve uma altura em que arranjou uma namorada, e era muito bonita, mas ele logo começou a arranjar defeitos, porque não estudava isto e aquilo... e eu comecei a ver que ele era exigente de mais

Por exemplo, o TT se vai à escola porreiro, se não vai porreiro na mesma. E vem de lá todo contente.

O MT quer ir à escola sempre, mas vem da escola sempre com um ar normalíssimo, meio tristonho.

A integração do TT é ótima, quer dizer, às vezes também brinca sozinho, porque não alinham nisto ou naquilo, mas para ele é na boa. Ou seja, também tenho dúvidas que seja um integração padrão... ele é popular, disso não tenho dúvida, mas também não gosta muito de jogar futebol.

Brinca com um ou com outro, mas não brinca com o grupo grande. E isto também se pode dever ao facto de os outros meninos andarem no ATL e ele não... no fundo ele só está com os colegas durante as aulas, porque não almoça com eles, não vai ao ATL, nem às actividades extra-curriculares.

Inv.: E quais são as maiores dificuldades que sente neles relativamente à escola?

P MT & TT: Com o MT, este ano, senti dificuldade com o inglês. E ele no princípio não se adaptou muito bem. E começou logo a embirrar com a organização do caderno que a professora pedia, dizia que era horrível. E eu depois lá lhe expliquei que aquela era a maneira de organização dos ingleses e ele lá pesquisou e lá viu que, de facto, era assim. E eu perguntei-lhe se não seria porque não estava a perceber bem o inglês, mas ele dizia que não. Mas eu apoiei-o no inglês durante umas semanas, a entender o sentido e o significado. E a professora passou de besta a bestial, e agora está ótimo a inglês. Está tudo bem, menos a educação física e a educação visual. Ele a nível da motricidade fina é um desastre. Ele é muito perfeccionista, até de mais, mas tudo o que tenha a ver com desenho e precisão em papel tem essa dificuldade.

O TT também é um desastre na motricidade fina. E estamos a treinar isso com cadernos de duas linhas. Mas fisicamente acho que até está bem. E no resto também, tirando aquela fase em que desceu as notas, e em que ficamos a saber que de facto ele não tem a mesma facilidade e o mesmo empenho que o MT tem. Perdeu o contacto e imediatamente veio para trás.

Inv.: E as maiores facilidades?

P MT & TT: Acho que a nível de matemática, de compreensão de textos... acho que a coisa corre bem. Acho que qualquer um deles tem facilidade de aprendizagem.

Inv.: A atitude deles face à escola, eles gostam de ir à escola?

P MT & TT: O TT prefere brincar a ir à escola, eu já lhe disse que ele é um gazeteiro. Mas indo, ele é trabalhador e desempenha bem. É concentrado... ele quando assume um compromisso ele cumpre. O MT já não é tanto. O TT é muito responsável.

O MT gosta muito de ir à escola, até porque é uma maneira de estar com os colegas, porque ele tem um problema, ele não é solitário por natureza, como eu sou.

Por exemplo o TT, se estiver em casa uma manhã inteira, enquanto eu estou a trabalhar, ele entretém-se, o MT não. Ele tem necessidade de socializar e de ter atenção. E ele gosta de ir para a escola porque interage e gosta porque está bem nas matérias. O MT neste momento já vai e vem bem.

Inv.: Eles realizam os trabalhos de casa em casa?

P MT & TT: Sim, com a ajuda da mãe e minha. Mas eles não gostam de fazer trabalhos, o que pronto, até é compreensível. Nenhum deles gosta, mas não temos que os obrigar... apesar de os acharem chatos, sabem que têm que os fazer e fazer. Mas se disséssemos para não fazerem, eles não faziam! Quer dizer, o MT talvez fizesse, porque ele está muito empenhado e ele sabe que na escola se não fizer os trabalhos

conta para nota. O TT se não pudesse fazer, não fazia, mas ele também é mais pequenino. O TT tem que ser puxado e fazer intervalos... mas é compreensível na idade dele.

Ou seja, eles fazer os trabalhos fazem, mas estar ali a estudar...eles não o fazem... eu é que digo ao MT para ao menos folhear as páginas para ver se reconhece a matéria e ele lá faz aquilo.

Inv.: Outras actividades que eles frequentem ou tenham frequentado...

P MT & TT: ANEIS, karaté, música, escuteiros e já fizeram natação, mas tiveram que parar pois têm problemas de otorrino.

Inv.: Os pais acompanham de perto o percurso escolar, vão à escola, procuram estar informados?

P MT & TT: Não vamos à escola a toda a hora, vamos às reuniões, mas tentamos estar sempre informados através deles.

Inv.: Considera ter estimulado ou estimular o desenvolvimento intelectual deles?

P MT & TT: Devo tê-lo feito. Incentivei a leitura... não há playstation em casa, o tempo de televisão e computador é reduzido...

Inv.: E quais são as expectativas dos pais face à escolaridade?

P MT & TT: Gostávamos que tivessem um curso superior. Mas vamos ver... às vezes as coisas não são como nós esperamos.

Inv.: E em que área é que considera que eles são mais competente?

P MT & TT: O TT parece-nos a nós que ele tem algum jeito para representar, porque memoriza muito bem e tem muito à vontade. É bastante descontraído e alegre e achamos que terá jeito para isso.

O MT tem algumas capacidades de pensamento abstracto. Há uns anos ele teve contacto com jogos e notámos que ele tinha muita destreza. Mas como era tudo muito mental, achámos melhor também encaminhá-lo para outras coisas. Como, por exemplo, o xadrez... não incentivamos muito. Por acharmos que ele era demasiado mental... mas a habilidade dele é claramente mental. Ele gosta muito de história, de matemática... ainda não se destaca uma só área. Ele por acaso hoje perguntou onde ficava a faculdade de robótica e referiu que quer ser engenheiro de robótica, mas ainda pode mudar. Mas a área dele é o conhecimento... o TT não tanto... mas o TT ainda é muito pequenino.

O TT neste momento destaca-se mais a área artística, na representação. Está sempre a fazer partidas.

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente neles primariamente?

P MT & TT: Sobretudo a fala, começaram a falar muito cedo. Creio que o MT mais cedo e mais que o TT. E também a capacidade de construir séries numéricas... e a memória. Mas na altura aquilo para nós era normal, nós não sabíamos.

Inv.: Procurou ajuda para lidar com a situação?

P MT & TT: Não...não demos muita importância. Na verdade, só demos mais importância quando fomos à psicóloga e tivemos o parecer dela. E ela é que referiu a ANEIS e foi muito bom. Principalmente a nível de integração. E o TT acabou por vir por causa do irmão e também foi muito bom para ele. Mas nós sempre achámos que o TT era mais “normal” que o MT. O TT tem se manifestado mais tarde, mas neste momento devora tudo o que é do Egipto. Fixou-se naquilo. Mas o TT não tem os problemas de integração que o MT tem.

Inv.: Em casa é feita alguma coisa para lidar com a sobredotação?

P MT & TT: Nada... nós só queremos que eles sejam felizes. Para nós é assim, se eles quiserem seguir um curso superior muito bem, se quiserem seguir um curso mais informal, para nós também está bem... eles é que vão saber o que é melhor para eles. Nós não tentamos estimular.

Inv.: E na escola?

P MT & TT: Nós não sinalizámos essa questão na escola. Nós sinalizámos no 2º ou no 3º ano, até porque a turma era muito grande e o MT já tinha feito os exercícios e os colegas não... mas acabou por não dar muito resultado. Mas não sinalizámos mais porque, sendo eu professor, já ouvi de colegas meus comentários negativos acerca de alunos que apareciam como sobredotados.

Era uma atitude cruel, como se a sobredotação fosse pretensiosismo. E decidimos não sinalizar, e neste momento não vemos necessidade. Até porque ele está motivado. Ele só se queixa do professor de história, diz que ele é muito lento.

Vamos deixar as coisas ir no ritmo normal.

Inv.: Por recurso a outros serviços... vêm à ANEIS...

P MT & TT: Sim... e tentamos com as outras actividades complementar outras necessidades.

Inv.: Relativamente ao futuro, espera que eles sigam para o ensino superior, já referiu...

P MT & TT: Sim

Inv.: E que profissão gostaria que eles tivessem?

P MT & TT: O que eles quiserem. E nós tentaremos sempre apoiá-los. Claro que se ele seguir filosofia ou história tenho receio do desemprego, mas vamos tentar apoiar.

Inv.: Considera que eles são criativos?

P MT & TT: São ambos imaginativos. O TT arranja umas histórias... o MT também. Em termos de imaginação eles têm. Agora outro tipo de criatividade, ligada a estética, isso não... eles são mais criativos no conto. O TT tem bastante jeito para a música. Os dois têm evoluído na música.

Inv.: Como os vê no futuro, não só em relação aos estudos, mas também nas outras esferas do desenvolvimento...

P MT & TT: É difícil... eu acho que o MT, mais que o TT, porque o TT é aquele rapaz optimista, se cair levanta-se: “amanhã é outro dia”.

O MT não. Acho que pode vir a ter problemas na área afectiva, na área do relacionamento social, porque ele é muito exigente com ele e com os outros. Se os outros lhe quebram a confiança está tudo estragado e ele sofre com isso. Fica quebrado. E isso levanta-me algumas preocupações. E temos tentado que ele não leve as coisas tão a peito.

Em relação ao TT não tenho essas preocupações.

Inv.: Muito obrigado pelas informações.

Pai FR

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: Vamos começar por falar acerca das suas habilitações literárias...

Pai FR.: Tenho o complementar. O complementar há uns anos era chamado o 11º ano, depois por questões de trabalho não consegui concluir o 12º ano, portanto, tenho o complementar.

Inv.: O seu desempenho já me referiu que foi médio, o seu desempenho escolar...

P FR: Passava à rasca, estudava o mínimo essencial para obter positivo nos testes. Os meus Bons, os dedos das mãos chegam para contar os Bons que tive na vida académica. Mesmo mediano, está a ver? Nem um mau aluno, nem um bom aluno, quer dizer, andava ali sempre à rasquinha para passar. Não tinha más notas, mas também nunca me esforcei, sinceramente.

É claro que o meu estudo foi toda a vida parecido ao que o meu filho tem...que é quase nulo... mas os resultados dele são muito superiores aos meus. Mas é como lhe digo, porque não me esforcei...ele não tem que se esforçar.

Inv.: Quais eram as expectativas que os seus pais tinham em relação ao seu percurso escolar? Havia pressão para seguir para um curso superior...?

P FR: Essa é outra diferença. Eu não me quero estar aqui a focar em questões puramente sociais, mas é um facto que antigamente, há 20 anos, é claro que a minha mãe se preocupava sobre o que eu ia fazer na vida, mas não dava a mesma relevância que se dá hoje, não é?! Até porque a minha mãe não tinha certas preocupações comigo que eu tenho hoje com o meu filho, como questões de drogas, questões de companhias, questões...pronto era um acompanhamento, ou até umas preocupações completamente diferentes. A minha mãe sempre se esforçou, pagou-me um curso, esforçou-se para eu fazer alguma coisa decente, alguma coisa de jeito...

Mas nunca houve... Mas nunca houve a pressão, respondendo à sua pergunta, nunca houve a pressão que eu faço hoje no meu filho. E estou-lhe sempre a dizer, estou mesmo sempre a dizer: “filho é agora que tens que aproveitar...”, bem, aquelas secas, secas habituais. Mas a minha mãe nunca me pressionou tanto como eu pressiono o meu filho.

Inv.: A nível escolar qual era a maior dificuldade que sentia? Podemos falar dos aspectos relacionados com as matérias, disciplinas ou também sociais... As maiores dificuldades que sentia na ida à escola, durante o seu percurso escolar...

P FR: A nível pedagógico, foi como eu disse, é a tal situação, aprendia mas tinha que fazer algum esforço de estudo, algum mínimo. Isto a nível pedagógico...

A nível social, não sei se interessa a nível social... com os colegas, com os professores... Principalmente com os professores, não era assim muito bom. Comportava-me um bocado mal, também. Com os colegas era bom, porque dava-me relativamente com os colegas, dava-me relativamente bem com os professores alguns dias, havia outros que não tanto.

E a nível escolar, a nível pedagógico, era mesmo...é como eu digo, eu era mesmo aquele aluno que toda a gente me dizia “eh pá não te esforças minimamente...não queres ter boas notas?” “eu não! Quero é passar”, um 3 para mim é suficiente, está a perceber? Então, de forma que, nunca me esforcei muito. Estudar era mesmo o essencial. Sabia que iam sair mais ou menos aquelas matérias e nessa parte até era metódico, porque eu sabia mais ou menos as matérias que iam sair, que os professores davam e eu fazia assim, isto aqui é muito complicado, vou meter de lado, mesmo que não acerte nisso não vou ter negativa...está a perceber? Era mesmo, mesmo...tenho pena até um bocado, pena de ter sido assim.

Inv.: A adaptação no decurso da vida escolar...Como foi? Foi sempre boa?

P FR: Foi boa. Eu nunca tive uma atitude agressiva...mas não era propriamente esforçado... Não...era o deixa andar. O termo de gíria mais indicado era “baldas”. A sério, era mesmo.

Eu muito francamente, como deve calcular, não tenho estas conversas em frente ao meu filho... não vou estar a dizer que eu era um baldas de todo o tamanho, quer dizer... ele vai dizer, “se o meu pai se baldava porquê que eu tenho que me esforçar?” está a perceber? Ele não sabe, rigorosamente, o baldas que eu era e eu dou-lhe na cabeça por ser baldas.

Inv.: Agora o percurso Profissional...Qual é a profissão actual?

P FR: Sou informático, se bem que partilho com outra profissão que nada tem a ver...tenho um atelier de bordados e confecção. Então partilho o meu tempo entre estas duas actividades.

Inv.: E qual era a profissão que desejava ter e porquê?

P FR: Já não me faziam essa pergunta à 20 e tal anos... desde a última vez que me perguntaram o que eu queria ser quando fosse grande...não sei... francamente nunca pensei nisso. Eu desde muito cedo...eu tenho 40, trabalho na informática à 20...comecei a tirar o curso para aí com 17 anos, 16/17 anos. Portanto, eu desde muito cedo foi a informática que me motivou, portanto, eu nunca tive um direccionamento para outra profissão. Ou seja, até aos 15 anos, à semelhança com o que acontece hoje com os miúdos, nem lhes passa pela cabeça o que querem ser quando forem grandes... aos 17/18 anos alguém lhes consegue meter na cabeça, quando eles não estão direccionados para a vida académica, como o meu caso, alguém lhes mete na cabeça que têm que ser alguma coisa na vida. E a mim meteram-me isso na cabeça com 17 anos, que foi quando fui para o curso, e, portanto, nunca tive interesse por outro tipo de actividade. Francamente...

Eu gostava que estivesse melhor, mais realizado mas... posso dizer, e aí digo com toda a sinceridade e com toda a convicção, que tenho feito sempre aquilo que gosto, quer na informática, quer na parte do atelier (é uma coisa que eu faço com gosto). Nesse aspecto, acho que tenho feito sempre aquilo que eu gosto. Nem faço a mínima ideia, e espero que a Neuza na sua vida profissional também desempenhe aquilo que gosta mesmo, porque isto tem um grande objectivo, o objectivo de não passar a vida a olhar para o relógio. Não tenha dúvidas que é verdade. Eu conheço pessoas que não vivem sem o relógio, exactamente por isso. Eu não uso relógio... está o perceber? Viver a vida profissional sem estar condicionado ao tempo, tempo no sentido de ver se o tempo passa, “amanha é segunda-feira! agora tenho 5 dias à frente!”, de puro stress, ter dores de cabeça, fazer aquilo que eu mais detesto. Levar uma vida de trabalho dessas deve ser muito complicado. Mas quando eu digo isto não lhe estou a passar nenhum sermão, é verdade.

Inv.: E na infância o que desejava ser?

P FR: Essa é a tal pergunta que não me fazem para ai a 30 anos. Na infância... é como eu digo... nunca perspectivei...se lhe disser algo vou estar a inventar... não digo porque nunca tive uma... o meu filho quer ser engenheiro náutico, eu ponho-me assim” engenheiro náutico...está bem, pronto...engenheiro náutico...estuda para isso, pode ser que lá chegues”. Mas eu não... se calhar até tinha alguma...polícia ou bombeiro, qualquer coisa, mas já me passou da ideia há muito tempo.

Inv.: As profissões que já realizou. Sempre trabalhou na área da informática?

P FR: Sempre. Até porque o atelier só desenvolvo para aí à 5 anos. Para trás foi sempre na área da informática.

Inv.: Considera que tem mais aptidões para esta área profissional que desempenha? Acha que é a maior aptidão que tem?

P FR: Sim, eu acho que sim. Também por uma questão de preparo. Se me pedissem para fazer de calceteiro ia ser uma desgraça... a aptidão na informática... Até por uma questão de prática, são muitos anos.

À vontade 18 anos de vida profissional activa na área da informática, nem me vejo a fazer outra coisa... a não ser os bordados.

Inv.: Para além da profissão actual tem também o atelier de bordados...

P FR: Este atelier salvou-me a vida... salvou-me porque é “des-stressante”, quando estou ali não me lembro de mais nada, nem problemas que tenho...problemas, quer dizer, a nível de informática...se estiver ali não me lembro de mais nada.

Inv.: E os tempos livres... como se entretém habitualmente?

P FR: Se lhe dizer vai achas disparatado... mas é a informática. A sério, acredite que é verdade. Eu vou de portátil para férias, debaixo do braço. A minha mulher desatina-se à brava, mas a verdade é que todos os dias tenho que tocar um bocadinho, nem que seja 10 minutos, porque se não “tocar” aí é que eu “stresso”. Começo mesmo a aquecer. Portanto, quando não tem nada para fazer... Informática.

Inv.: Então agora descreva-me um dia normal, o que costuma realizar num dia normal?

P FR: Num dia normal...bem, como hoje eu estou mais atribuído ao atelier, gasto mais tempo no atelier do que com a informática, o dia começa no atelier e 70% do tempo é no atelier... Tenho a informática... tenho clientes de informática...Quanto ao tempo que passo em casa é sazonal porque há alturas em que vou meses às 19horas para casa... mas depois estou 7 meses a ter que trabalhar todos os dias ate as 22/ 23 horas da noite. E isso é o normal na minha vida diária, normalmente é das 9h às 23 h da noite.

Inv.: E teve ou tem algum interesse mais extremado por alguma área que se dedique a estudar, que se dedique a analisar...

P FR: Tenho... tenho um grande gosto e leio muito, mais a nível de enciclopédia, e na internet, farto-me de pesquisar tudo o que tenha a ver com o espaço... não tanto a astrologia, não sou muito dado à astrologia. Mais o espaço, a imensidão, os planetas... e felizmente consegui influenciar o meu filho nesse gosto, porque ele só via dinossauros à frente e actualmente já partilha comigo esse gosto. No natal a avó ofereceu-lhe, e ele ficou todo apaixonado, se bem que o interesse passou-lhe depressa, foi o planetário que projecta... aquilo até é engraçado e o interesse dele durou 2 dias! Foi arrumar e nunca mais foi buscar. Mas gosto...

Inv.: A dinâmica familiar...a família passa muito tempo junta?

P FR: Não tanto quanto eu gostaria. Exactamente por causa do meu trabalho. De manhã deixo o FR na escola e o irmão no infantário... e ao fim do dia deixo-os em casa e vou outra vez trabalhar. O que quer dizer que, sem ser altura de férias, ou mais assim pela altura do natal, estou muito pouco com eles. E ao fim de semana...ao fim-de-semana estou com eles, obviamente...

Inv.: E quais são as actividades que realizam todos juntos, enquanto família?

P FR: Quando estamos todos juntos... muito francamente, nada de especial... ele brinca com a irmã, a minha mulher faz sudoku nas revistas e eu estou no meu hobbie, que é a informática. Às vezes sinto

vontade de estar ao pé deles e vou brincar com eles e massacrar-lhes a cabeça no bom sentido, com brincadeiras, mas é esporádico, não é sistemático. O mais normal é eles brincarem um com o outro no quarto, a minha mulher faz sudoku, que é louca por aquilo e eu estou no meu hobbie, que é as vezes fazer montes de nada no computador.

Inv.: Pode relatar-me um diálogo típico entre si e o FR?

P FR: Habitualmente...não quero parecer um pai à antiga, mas é a massacrar-lhe a cabeça. Claro que gosto de brincar com ele e trocamos ideias sobre aquilo que gostamos, desse tipo de temas, de espaço, planeta... partilhamos essas ideias.

E quando não estamos a trocar essas ideias, normalmente, estou a massacrar-lhe a cabeça por causa das asneiras que ele fez. Tento chamá-lo à razão o mais possível.

Inv.: Depois de saberem que ele tinha os níveis cognitivos acima daquilo que é normal para a idade dele, que efeito é que isso teve na família?

P FR: Para já, dentro daquilo que eu noto teve duas coisas bastante negativas. Uma delas é a maneira como o FR impõe a sua opinião, sem aceitar a opinião dos outros. É uma grande dificuldade. Não interessa a opinião dos outros, a ideia dele é que prevalece, independentemente de estar mais ou menos correcta. A outra situação, é o esforço que nós temos a direccioná-lo para outros tipos de gostos e ele só se empenha em determinadas coisas, só se empenha em determinadas coisas, como os legos. E eu que até gosto de legos já deito os legos pelos olhos.

Mas a parte negativa começa porque ele sabe que aquilo está bem feito, e todos nós sabemos que aquilo está bem feito, mas temos que lhe dar atenção sempre a qualquer hora, está sempre a interromper-nos e exige atenção. Mas, ok, as construções são mesmo complexas. Mas ele tem uma irmã e temos que dividir a atenção pelos dois e ele é muito exigente.

Inv.: E o processo de socialização. A relação com a vizinhança é boa?

P FR: Sim, sim... nunca discuti com um vizinho.

Inv.: E depende muito tempo com amigos, família? Família, sem ser a família mais nuclear...

P FR: Não...

Inv.: Relativamente ao seu estado de saúde...

P FR: Tive um tumor há 11 anos nas vias aéreas. E tive um quisto nas costas a que fui operado.

Inv.: Considera que apresentou um desenvolvimento normativo? A nível desenvolvimental, sempre ocorreu tudo sem problemas?

P FR: Sim, equilibrado.

Inv.: Com quem viveu enquanto criança?

P FR: A minha infância foi muito complicada. Vivi até aos 7 anos com a minha avó. Depois, aos 7 anos a minha avó foi pôr-me a um colégio. Eram tempos conturbados. Aos 8 anos fui para ao pé da minha mãe e foi até ao dia em que casei.

Inv.: A dinâmica familiar durante a sua infância, enquanto viveu com outras pessoas, antes de casar, era boa?

P FR: Sim, era boa.

Inv.: E enquanto criança já tinha algum interesse mais obsessivo, já estudava determinada área?

P FR: Não, eu quando era miúdo tinha mais aptidão, era o melhor da turma, era a educação visual. Tinha muita aptidão, era onde brilhava. Não me dedicava, mas gostava.

A minha mãe tinha um negócio de confecção e eu com 10 anos já trabalhava, via os outros meninos na rua a brincar e eu a trabalhar. Eram outros tempos. Mas quando podia o que eu gostava era de fazer trabalhos manuais.

Inv.: Considera-se uma pessoa criativa?

P FR: Sim. A minha área é mesmo de criação de software, tem que haver criatividade. Tenho alguma. Mesmo para as coisas que eu fazia à mão. Ainda hoje, se tiver tempo e interesse, gosto de trabalhar madeira, para criar, construir....

Inv.: Pronto, e agora vamos falar um bocadinho do FR... Ele tem 10 anos e está a frequentar o 5º ano?

P FR: Exacto.

Inv.: Ele vive com os pais e os irmãos, não é?

P FR: Sim. Sempre, desde o primeiro dia.

Inv.: Ele tem o quarto dele, o espaço dele?

P FR: Tem. Tem o espaço dele. Se bem que agora o espaço dele é altamente violado pela irmã, a toda a hora. Ela tem 4 anos...

Inv.: Relativamente ao contexto social, existem recursos onde vivem?

P FR: No bairro, sinceramente, só durmo. Lá não tem nenhuma actividade.

Inv.: Relativamente às relações com a vizinhança e com a família...

P FR: Socialmente ele é muito bom.

Inv.: A gravidez foi desejada e planeada?

P FR: Sim.

Inv.: E ocorreram alguns problemas durante a gravidez?

P FR: Não. Apenas teve que fazer descanso absoluto a partir dos 6 meses.

Inv.: Não tomou nenhum tipo de medicação?

P FR: Não...

Inv.: O parto correu normalmente?

P FR: Sim.

Inv.: Recorda-se do peso dele quando nasceu?

P FR: Foi normal. 2,800 e tal... não me recordo bem.

Inv.: O pós-parto, quanto recém-nascido, correu tudo normal?

P FR: Teve apenas uma bronqueolite.

Inv.: E o sono, como era?

P FR: Dormia bem.

Inv.: E a alimentação?

P FR: Era normal. Sempre fez uma alimentação adequada.

Inv.: Quando é que ele começou a andar? A adquirir o controlo motor...

P FR: 9 meses...

Inv.: E a falar? Quando começou?

P FR: Também foi cedíssimo. Deve ter começado a falar para aí com um ano e meio.

Inv.: E o controlo esfinteriano, quando deixou de usar fralda?

P FR: Dois anos.

Inv.: Actualmente ele dorme bem?

P FR: Dorme bem.

Inv.: Actualmente a alimentação?

P FR: Come bem.

Inv.: Portanto, não faz chichi na cama...

P FR: Houve até aos 8 anos. Mas agora já está tudo bem.

Inv.: A saúde dele...já teve algum problema...

P FR: Tem asma. É asmático.

Inv.: Quanto à comunicação... Acha que ele compreende uma conversa como qualquer criança da idade dele?

P FR: Sim.

Inv.: E ele expressa-se e fala bem?

P FR: O mais possível. Desde sempre, na escola esse aspecto vinha registado como nota máxima.

Inv.: Ele consegue reproduzir verbalmente uma situação vivida? Factos que aconteceram na escola...

P FR: Tudo!

Inv.: Relativamente à autonomia, ele já veste e despe sozinho... na higiene pessoal, também?

P FR: Muito lentamente! Mas sim.

Inv.: Agora o desenvolvimento social... ele brinca bem com outras crianças?

P FR: Aí vou-lhe dizer, muito francamente, que esse aspecto foi o que mais melhorou desde que está na ANEIS. Melhorou muito. Porque ele era muito posto de lado pelos amigos, porque queria expor as ideias dele e o que ele dizia é que estava certo. E desde que está aqui, o contacto com os outros tornou-se mais fácil e agora já tem os amigos dele.

Inv.: Com quem é que ele prefere brincar, com crianças mais pequenas, maiores, da idade dele...

P FR: Da idade dele.

Inv.: E qual é o papel que ele desempenha nas brincadeiras?

P FR: Esse é que é o problema. Ele quer ser líder. A grande luta é essa.

Inv.: E ele consegue partilhar e esperar bem pela sua vez?

P FR: Continua aí a ter um grande problema. O maior problema que estas crianças vão ter na vida é a falta de aceitação das suas ideias por parte dos outros e receber o maior número de elogios àquilo que fazem. Quando o fazem, sabem que o fazem bem e esperam uma palmadinha nas costas. Mas nós, que já estamos no mundo profissional, sabemos que quem espera isso vai sofrer muito na vida.

Tem que estar preparado para a crítica destrutiva e eles não estão preparados. E eles vão ter grandes problemas na vida.

Inv.: Quando ele é contrariado, como reage?

P FR: É um furacão. Muito mal.

Inv.: Habitualmente como é o temperamento dele?

P FR: Normalmente é agitado, de stress, de ansiedade. Não consegue estar quieto. É muito complicado.

Inv.: Ele separa-se com facilidade dos pais?

P FR: O mais possível! É muito independente.

Inv.: Ele entretém-se habitualmente com os legos, a ver televisão...

P FR: Legos e televisão...

Inv.: Ele gosta de desempenhar tarefas em casa?

P FR: É culpa nossa. Ele até gosta, mas só lhe pedimos para arrumar o quarto dele. Mas se o pressionarmos ele faz.

Inv.: Como compara o FR com outras crianças da idade dele?

P FR: É a imposição das ideias dele, o espírito de liderança, que ele acha que é um direito adquirido dele. Acho que vai dar barraca de certeza absoluta...

Inv.: Quando à situação escolar dele... Portanto ele frequenta o 5º ano. E frequentou creche?

P FR: Creche, colégio, ATL... tudo no mesmo sítio.

Inv.: E como tem sido a adaptação dele?

P FR: Adaptou-se bem. Excelente. Até ao 5º ano!

Inv.: Como está a ser o desempenho dele a nível escolar?

P FR: É bom! Se falar em esforço é nulo, se falar em desempenho é bom. Ele não precisa de esforço.

Inv.: Na escola a adaptação também foi boa?

P FR: Óptima.

Inv.: E quais são as maiores dificuldades que sente nele relativamente à escola?

P FR: É só uma. É a postura na aula. Não é uma criança mal-educada, mas é muito irrequieto. Há dias trouxe um recado para casa porque ele cantou, dançou, tudo na aula... Ele é hiperactivo. Ainda não tinha referido. Quer dizer, tem uma percentagem pequena de hiperactividade, mas toma medicação.

Inv.: E as maiores facilidades?

P FR: Compreensão e resultados.

Inv.: A atitude dele face à escola, ele gosta de ir à escola?

P FR: Ele é rude, mesmo para os professores, tem maus modos.

Inv.: Ele realiza os trabalhos de casa em casa?

P FR: Só faz o essencial! E nós ajudamos... Se for uma matéria em que ele precise de mim, como para português, ele reclama a ajuda. Geralmente ele reclama ajuda.

Inv.: Os pais acompanham de perto o percurso escolar, ou seja, têm o cuidado de falar com os professores, rever os trabalhos...

P FR: Sim, mais a minha mulher.

Inv.: Considera ter estimulado ou estimular o desenvolvimento intelectual do FR?

P FR: Sugerir conhecimentos... sim.

Inv.: E quais são as expectativas dos pais face à escolaridade?

P FR: É muito complicado, Porque o FR tem tudo para ser um génio, mas também tem tudo para ser um falhado. Porque se ele levar a vida a pensar que é o maior e que é o líder, ele não vai longe.

Agora, se levar as coisas com empenho, pelas capacidades que ele tem, pode ser brilhante. É complicado. Ou brilhante ou caótico.

Inv.: E em que área é que considera que ele é mais competente? Futuramente, onde acha que ele pode ser bem sucedido?

P FR: Ciência, garantidamente. Ciência do meio, natural. É pouco dado a matemáticas e letras. Não gosta de ler livros, só livros de conhecimento e enciclopédias. Só gosta de ler sobre uma área específica.

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nele primariamente?

P FR: Eu não notei nada. Foi a professora. Ela notou que podia ser hiperactivo e ela é que o pôs na psicóloga da escola e ela fez os testes e disse que ele era sobredotado... acho que teve 145!

Inv.: E a iniciativa de vir para a ANEIS, foi da psicóloga?

P FR: Sim.

Inv.: Em casa o que é feito para lidar com esses interesses mais específicos que o FR tem?

P FR: Nada de especial. Nem na escola.

Inv.: Por recurso a outros serviços, vai à psicóloga e vem à ANEIS...

P FR: Sim...

Inv.: Relativamente ao futuro, espera que ele siga para o ensino superior?

P FR: É o percurso que eu queria.

Inv.: E vê-o a trabalhar em quê?

P FR: Áreas da ciência.

Inv.: E o que gostava que ele fosse?

P FR: O que ele quer ser, engenheiro náutico.

Inv.: Considera que ele é criativo?

P FR: Sim! Em desenho, formas...

Inv.: Como vê o FR no futuro?

P FR: Como pai, sou suspeito... como um indivíduo brilhante, se não brilhante, pelo menos acima da média, ou bom. É como idealizo. Claro que isto é uma particularidade que pode estabilizar e atingir o normal, mas se ele mantiver as capacidades que ele tem actualmente de compreensão, de percepção... ele aprende de ouvido... porque ele não estuda mais nada!

Inv.: Muito obrigado pelas informações.

Pai IN

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: Vamos começar por falar acerca das suas habilitações literárias...

Pai IN: Tenho o 12º ano.

Inv.: Portanto, concluiu o nível secundário. Frequentou o ensino secundário normal?

P IN: Técnico profissional.

Inv.: Como era o seu aproveitamento escolar, o seu desempenho escolar?

P IN: Alto e baixo. Altos na parte da responsabilidade e baixos na parte da ciancice.

Inv.: Quais eram as expectativas que os seus pais tinham em relação ao seu percurso escolar? Havia pressão para seguir para um curso superior...?

P IN: Os pais têm sempre expectativas boas em relação aos filhos, não é? Apoiavam-me sempre nos estudos.

Inv.: A nível escolar, qual era a maior dificuldade que sentia? Podemos falar dos aspectos relacionados com as matérias, disciplinas ou também sociais...

P IN: Acho que era sempre a minha responsabilidade, assim a nível escolar nunca tive muitas dificuldades... Não estou assim a ver nenhuma dificuldade... a maior dificuldade que houve da minha parte foi o meu empenho, mas de resto, da outra parte nunca surgiu.

Inv.: A adaptação foi normal? Nunca teve problemas de adaptação?

P IN: Foi normal...

Inv.: A atitude face à escola...estudo, professores, colegas... Tinha uma atitude positiva? Gostava de ir à escola?

P IN: Sim, era positiva. Só não estudava...

Inv.: Mas devido a falta de motivação?

P IN: Não... Muita brincadeira...

Inv.: Agora o percurso profissional...Qual é a profissão actual?

P IN: Eu sou gráfico, trabalho em publicidade...

Inv.: E era esta a profissão que desejava ter?

P IN: Era...

Inv.: E na infância o que desejava ser?

P IN: Já não me lembro, sinceramente... Mas se calhar aquilo que todas as crianças queriam ser, bombeiro, piloto, etc...

Inv.: Descreva-me as profissões que já realizou e que realiza...

P IN: Sempre fui publicitário...

Inv.: Então considera que tem mais aptidões para...a sua área profissional?

P IN: Para a minha área, exactamente.

Inv.: Para além da profissão actual realiza mais alguma actividade complementar?

P IN: Não...

Inv.: E hobbies? O que costuma fazer habitualmente?

P IN: Coleccionismo, fotografia... não muito mais.

Inv.: A nível do coleccionismo o que colecciona?

P IN: Selos, moedas, sobretudo isso.

Inv.: Num dia normal o que costuma fazer?

P IN: Trabalho...

Inv.: Trabalha... Depois quando chega a casa dedica-se aos seus hobbies ou é mais ao fim de semana?

P IN: Não, os hobbies por acaso até estão um bocadinho parados. Quando chego a casa é mais acompanhar um pouco a IN, ver um bocado de televisão.

Inv.: E teve ou tem algum interesse mais extremado por alguma área que se dedique a estudar, que se dedique a analisar... Por exemplo, o coleccionismo, sempre se dedicou a isso?

P IN: Não é tão extremo. Nunca houve nenhuma área que eu analisasse a fundo.

Inv.: A dinâmica familiar...a família passa muito tempo junta?

P IN: Passamos.

Inv.: Quais as actividades que costumam fazer todos juntos?

P IN: Penso que não se fazem assim grandes coisas, só encontros, almoços e não há assim grandes actividades. Não há actividades que sejam sistemáticas.

Inv.: Então a família o que costuma fazer, em linhas gerais, num dia normal?

P IN: Vamos trabalhar, vamos por a IN à escola, depois regressamos, vamos buscar a IN à escola e tentamos acompanhar um pouco e pronto, num dia normal... No fim-de-semana faz-se um passeio quando se pode.

Inv.: Pode relatar-me um diálogo típico entre si e a IN?

P IN: Não sou capaz de lhe relatar, mas pronto a IN tem algumas perguntas e algumas conversas que não sei se são normais dos miúdos desta idade, que me surpreendem. Penso que deviam ser um bocadinho mais a frente e não agora, acho que em relação à IN é isso que eu noto.

Inv.: Mas ela costuma por questões de que género?

P IN: Agora não tenho assim nenhum exemplo para lhe dar, mas está a perceber mais ou menos? Quando ela me pergunta alguma coisa, são coisas que eu não esperava que ela perguntasse, não têm nada de mal, mas são aquelas perguntas que eu penso às vezes que calham mais em conversas de adultos do que de crianças.

Inv.: Ok. Depois de saberem que a IN tinha os níveis cognitivos acima daquilo que é normal para a idade dela, que efeito é que isso teve na família?

P IN: Não teve assim grande efeito, ficam um pouco mais admirados só.

Inv.: E os pais também ficaram?

P IN: Um bocado.

Inv.: E na relação com a IN quais são as maiores dificuldades que sente?

P IN: Acho que não temos assim dificuldades com ela... Não.

Inv.: E o processo de socialização? A relação com a vizinhança é boa?

P IN: Sim.

Inv.: E despende muito tempo com amigos, família? Família sem ser a família mais nuclear...

P IN: 20%.

Inv.: Relativamente ao estado de saúde e de desenvolvimento, já teve algum problema?

P IN: Não, em criança tinha asma, mas de resto mais nada.

Inv.: Considera que apresentou um desenvolvimento normativo?

P IN: Normal.

Inv.: Viveu com os pais enquanto criança?

P IN: Sim.

Inv.: A dinâmica familiar na sua infância era boa?

P IN: Foi boa.

Inv.: E enquanto criança, já tinha algum interesse mais obsessivo, já estudava determinada área?

P IN: Não, as colecções já apareciam aí, mas como eu lhe disse, eu em criança era muito irrequieto, não tinha interesses por nada, era só brincadeira mesmo.

Inv.: Considera-se uma pessoa criativa?

P IN: Sim. A minha área puxa para isso.

Inv.: Pronto, e agora vamos falar um bocadinho da IN... Ela está a frequentar que ano?

P IN: O 5º ano.

Inv.: E tem que idade?

P IN: Ela tem 9 anos. Ela entrou um ano mais cedo para a escola e saltou outro. Ela entrou no 5º ano com 8 anos, quando uma criança com 8 anos normalmente ou está no 2º ano ou no 3º ano.

Inv.: Ela vive com os pais, não é?

P IN: Sim.

Inv.: Ela tem o quarto dela, o espaço dela?

P IN: Neste momento não tem o quarto próprio, mas está para ter.

Inv.: Relativamente ao contexto social, existem recursos onde vivem?

P IN: Tem ATL...

Inv.: Ela dá-se bem com a vizinhança?

P IN: Não há muitas crianças perto dela, mas aquelas que tem ela dá-se bem com elas. Mas assim da idade dela, realmente, ali na rua não tem muitas crianças. Do circuito escolar dela todos os amigos são de fora da área de onde a gente mora, são perto mas são longe mão mesmo tempo. Não é ali ao lado, ela não sai de casa para brincar com eles, não tem ali assim ninguém praticamente ao lado.

Inv.: Com o resto da família ela dá-se bem? Tem uma relação próxima?

P IN: Sim.

Inv.: A gravidez foi desejada e planeada?

P IN: Foi

Inv.: Houve alguma gravidez anterior?

P IN: Não

Inv.: E ocorreram alguns problemas durante a gravidez?

P IN: Houve alguns, a IN nasceu prematura.

Inv.: Não tomou nenhum tipo de medicação?

P IN: Não... Foi mais acompanhamento.

Inv.: O parto foi provocado...

P IN: Sim, foi provocado mas não ocorreram complicações.

Inv.: Recorda-se do peso dela quando nasceu?

P IN: 1, 750. Era mais pequena que uma garrafa de coca-cola de litro e meio.

Inv.: O pós-parto, enquanto recém-nascida, correu tudo normal?

P IN: Tudo normal. Teve só na incubadora uma semana a aprender a mamar, porque ainda não tinha o estímulo de mamar. Então esteve uma semana a ser estimulada para aprender a mamar. Foi a única coisa, passado uma semana veio para casa.

Inv.: E o sono, como era?

P IN: Ela sempre teve um sono muito regular.

Inv.: E a alimentação?

P IN: Ela não teve alimentação materna, no resto foi normal, apesar de nunca ter sido uma criança que comesse bem, até a data de hoje. Tem que ser obrigada, qualquer coisinha lhe enche a barriga.

Inv.: Quando é que ele começou a andar? A adquirir o controlo motor...

P IN: Acho que foi normal.

Inv.: E a falar? Quando começou?

P IN: Acho que ela começou a falar quando começou a caminhar praticamente, não sei se foi aos 8 ou 9 meses. Mas acho que foi normal, não houve nada assim de diferente das outras crianças, a pediatra dizia que estava normal.

Inv.: E o controlo esfíncteriano, quando deixou de usar fralda?

P IN: Eu acho que ela largou as fraldas um bocadinho tarde, não sei... mas acho que devia ter sido mais cedo.

Inv.: Actualmente ela dorme bem?

P IN: Sim.

Inv.: Relativamente à alimentação já me referiu...

P IN: Tem que ser apertada.

Inv.: Chichi na cama...

P IN: Não faz.

Inv.: A saúde dele...já teve algum problema...

P IN: Não tem. A IN só tem um problema dentário, ela tem predisposição para a cárie.

Inv.: Quanto à comunicação... Acha que ela compreende uma conversa como qualquer criança da idade dela?

P IN: Sim.

Inv.: E ela expressa-se e fala bem?

P IN: Sim.

Inv.: Ela consegue reproduzir verbalmente uma situação vivida? Factos que aconteceram na escola...

P IN: Sim...

Inv.: Relativamente à autonomia, ela já se veste e despe sozinha...

P IN: Ela comigo veste-se sozinha, com a mãe não...

Inv.: E na higiene pessoal já é independente?

P IN: Não, temos que obrigá-la. É muito mandriona.

Inv.: Ela consegue brincar com outras crianças?

P IN: Sim.

Inv.: Com quem é que ela prefere brincar, com crianças mais pequenas, maiores, da idade dele...

P IN: Ela, por acaso, gosta mais das crianças mais novas. Nota-se nas brincadeiras dela que interage muito mais quando são mais novas.

Inv.: E qual é o papel que ela desempenha nas brincadeiras?

P IN: De autoridade.

Inv.: E ela consegue partilhar e esperar bem pela sua vez?

P IN: Sim

Inv.: Quando ela é contrariada, como reage?

P IN: Ela não é muito agressiva, fica aborrecida, mas não é... não faz aquelas birras normais das crianças. Fica aborrecida, a gente nota, mas tem que compreender... que tem que ser assim.

Inv.: Habitualmente como é o temperamento dela?

P IN: Calma... Tímida. Pode-se dizer que é um pouco solitária, visto que no espaço onde habitamos basicamente não tem crianças. Mas se tiver alguém com quem brincar ela adapta-se bem e brinca bem.

Inv.: Ela separa-se com facilidade dos pais?

P IN: Não. Não gosta muito de... só se for com alguém com quem ela tenha mais confiança, como com os avós... Mas agora se tiver que ir sem a gente já não...

Inv.: E como é que ela se entretém habitualmente?

P IN: Brincar, em geral como todas as crianças, com jogos, às bonecas e a ver T.V.

Inv.: Ela gosta de desempenhar tarefas em casa?

P IN: Aquilo que lhe interessa. Gosta de limpar a louça com um pano.

Inv.: Então num dia normal, ela vai para a escola, depois em casa...

P IN: Faz as tarefas escolares, não tem tempo para mais...

Inv.: Como compara a IN com outras crianças da idade dela?

P IN: Eu não faço muita diferença com as crianças... às vezes o que se nota mais são as perguntas e as conversas que ela tem, nota-se que são um pouco mais adultas, ao nível de curiosidade e de conversas... é só.

Inv.: Quando à situação escolar dela... Portanto ela frequenta o 5º ano. Ela frequentou creche ou ama?

P IN: Não. Esteve com a avó. E frequentou jardim-de-infância um ano.

Inv.: Ela adaptou-se bem ao pré-escolar?

P IN: Não. Nada. Ela gostar gostava de lá estar, mas não queria ficar sem aquela companhia que teve sempre. Pronto, eu passei lá quase 3 meses, uma hora, 2 horas... e então depois ela já continuava bem. Mas chegar lá entregá-la e vir embora para ela era um trauma.

Inv.: Como está a ser o desempenho dela a nível escolar?

P IN: Neste momento normal. Já está equilibrada com o resto da turma, não se nota diferenças.

Inv.: Na escola a adaptação como foi?

P IN: Má no 1º ano.

Inv.: E quais são as maiores dificuldades que sinta nela relativamente à escola?

P IN: Este ano estávamos preocupados porque mudou de escola mas não houve dificuldade nenhuma. A nível escolar a gente não encontra.

Inv.: E as maiores facilidades?

P IN: Aquisição de conhecimento.

Inv.: A atitude dela face à escola, ela gosta de ir à escola?

P IN: Gosta... excelente.

Inv.: Ela realiza os trabalhos de casa em casa?

P IN: Sim, com a nossa ajuda. Mais da mãe.

Inv.: Ela estuda muito tempo em casa?

P IN: 1 hora por dia. Mas não é por iniciativa...

Inv.: Outras actividades que ela frequente...

P IN: A ANEIS e tem natação pela escola.

Inv.: Os pais acompanham de perto o percurso escolar, ou seja, têm o cuidado de falar com os professores, rever os trabalhos...

P IN: Estudamos com ela, vemos o que ela faz por dia...

Inv.: Considera ter estimulado ou estimular o desenvolvimento intelectual da IN?

P IN: Não!

Inv.: E quais são as expectativas dos pais face à escolaridade?

P IN: É um ponto de interrogação. Que ela tenha sucesso dentro daquilo que ela goste, que faça o que goste, sobretudo.

Inv.: E em que área é que considera que ela é mais competente?

P IN: Na Matemática.

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nela?

P IN: Para nós, como era a primeira filha, estava tudo normal, a professora é que nos disse que ela estava um passo à frente. Porque para nós era normal, talvez um pouco mais a cima, não é? Mas a professora é que disse.

Inv.: E que idade tinha ela nessa altura?

P IN: Andava ela na segunda classe.

Inv.: E nessa altura procurou ajuda para lidar com a situação?

P IN: Foi mais o professor que se encarregou disso tudo. Foi um processo escolar mesmo.

Inv.: Em casa o que é feito para lidar com a sobredotação? Estimulam de alguma forma?

P IN: Nada, normal.

Inv.: Relativamente ao futuro, espera que ela siga para o ensino superior?

P IN: Sim.

Inv.: E vê-a a trabalhar em quê?

P IN: Ela dá-se muito bem com a matemática, mas não faço ideia. Não imagino que profissão venha a ter, até porque quero que seja ela a escolher e não eu.

Inv.: Considera que ela é criativa?

P IN: Mais ou menos.

Inv.: Como a vê no futuro, não só em relação aos estudos, mas também nas outras esferas do desenvolvimento...

P IN: Eu gostava de um bom futuro para ela, com uma carreira de sucesso, mas pronto, isso é muito vago, nós imaginamos tudo muito positivo mas não sabemos o que a vida nos reserva.

Inv.: Muito obrigado pelas informações.

Pai MR

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: Vamos começar por falar acerca das suas habilitações literárias...

Pai MR: Sou Licenciado em ensino da matemática.

Inv.: Como era o seu aproveitamento escolar, o seu desempenho escolar?

P MR: Regular. Só a matemática é que me destacava por gostar. O resto era médio, com algumas dificuldades nas línguas. E como sentia que tinha essa lacuna mais tarde até investi num instituto de línguas, para colmatar isso.

Inv.: Quais eram as expectativas que os seus pais tinham em relação ao seu percurso escolar? Havia pressão para seguir para um curso superior...?

P MR: Sim. Pressão não é o termo. O facto de eu ser o mais novo de 5 irmão e pelo facto de haver uma aposta na nossa formação... eles apostaram, de facto, na nossa formação e isso passou a ser sentido por todos... e como eu era o mais novo e como os meus irmão seguiram para o ensino superior fez com que eu, naturalmente, quisesse seguir. Não era obrigatório fazer o curso superior se tivesse condições de seguir outro caminho, mas o curso superior era a forma mais fácil de organizar a nossa vida.

Inv.: Mas acompanhavam o percurso escolar?

P MR: Sim.

Inv.: A nível escolar qual era a maior dificuldade que sentia? Podemos falar dos aspectos relacionados com as matérias, disciplinas ou também sociais... As maiores dificuldades que sentia na ida à escola, durante o seu percurso escolar...

P MR: Eram as línguas...

Inv.: A adaptação no decurso da vida escolar...Como foi? Foi sempre boa?

P MR: Em termos curriculares não tinha grandes problemas, sabia as minhas limitações e esforçava-me, era um aluno que me portava bem na escola. Correspondia com o que era solicitado. Em termos relacionais, não fui propriamente líder, por uma questão de educação também. Uma das coisas que se aprende numa família grande é o bem colectivo e os meus pais incutiram isso em mim. E eu tinha uma família grande, estava habituado a não ter a atenção toda para mim. Mas não tive problemas relacionais e em tudo o que podia participava.

Inv.: A atitude face à escola...Gostava de ir à escola

P MR: Gostava, eu achava bom.

Inv.: A relação com os professores era boa?

P MR: Sim.

Inv.: Agora o percurso profissional...Qual é a profissão actual?

P MR: Sou professor de matemática. Fui presidente de conselho executivo durante 3 anos. Abdiqueei da função com a chegada do 2º filho, mas estou na direcção ainda, apesar de não estar na posição de topo.

Inv.: E qual era a profissão que desejava ter e porquê.

P MR:. A minha preocupação sempre foi ter uma vida organizada, ordenado ao final do mês e segurança. Os meus pais eram agricultores e a mim fazia-me muita confusão vir uma chuvada e eles ficarem sem nada... e eu não queria isso para mim. Não sabia o quê... mas... gostava de informática, de matemática... mas o que eu queria era estabilidade de vida. Na matemática não quis investigação porque não tem organização de vida e acabei por seguir o ensino.

Como a minha família passou por algumas situações mais difíceis, chegou a fazer comida para fora e num determinado momento, quando eu entrei, chegámos a estar 5 filhos na universidade e antes disso eu pensei que se não houve possibilidade de eu seguir para o ensino superior me podia dedicar à hotelaria, ou culinária... porque desenvolvi isso e ainda hoje gosto. Acho que a nossa realização pessoal é ter uma família, uma casa, um carro... e podermos proporcionar uma vida estável à família.

Inv.: E na infância o que desejava ser?

P MR: Quis ser Papa, na vinda do Papa cá. Depois como gostava de matemática, e desde cedo tive bom cálculo mental, acabei por gostar dessa área.

Inv.: E para que áreas é que considera que tem mais aptidões?

P MR: Para a matemática e para as relações humanas.

Inv.: Realiza mais alguma actividade complementar?

P MR: O meu cargo na escola. Faço parte da direcção da casa do povo da minha aldeia. Faço parte da direcção da santa casa da misericórdia de Torres Novas. Apoio o pároco...

Inv.: E os tempos livres... como se entretém habitualmente?

P MR: Com três filhos e isto tudo, não há hobbies.... Mas gosto de informática, de cozinhar, de brincar com os meus filhos, gostaria de ter tempo de ler mais, mas não leio. Mas acho que é muito em função do bem-estar dos outros. A família pode ser um hobby, ou um ponto de investimento...

Inv.: Então agora descreva-me um dia normal, o que costuma realizar num dia normal

P MR: Levantar às 7h da manhã, a minha esposa veste as miúdas. E juntos preparamo-los todos. Depois saímos para Torres Novas e eu faço a distribuição pelas escolas e jardins-de-infância. A minha mulher fica em casa a acabar de se arranjar e sai depois ela para o seu emprego também... Depois, até as 17/18horas estou ocupado na escola. Não há dois dias iguais, posso ir eu buscar os filhos ou a minha esposa.... As minhas filhas depois também têm actividades, bastantes actividades, o que é complicado coordenar... depois ainda dou explicações de matemática para ganhar mais dinheiro. É chegar a casa e jantar em família, dentro da calma possível e deitar as miúdas. É um momento muito importante para elas. Às 21.30h devem estar na cama...

E temos depois um momento óptimo para mim e para a minha esposa, uma horinha até nos deitarmos em que os miúdos estão deitados, posso trabalhar, ver televisão, conversar, é uma hora nossa, que em termos de casal é importantíssima. Porque senão nem conseguimos conversar. É uma fase muito densa da vida.

Inv.: E teve ou tem algum interesse mais extremado por alguma área que se dedique a estudar, que se dedique a analisar...

P MR: Eu tento que esses investimentos tenham consequências profissionais, não sejam perdidos, porque com as responsabilidades que temos, temos que tentar tirar benefícios económicos. Iniciei o mestrado na faculdade de ciências aqui em Lisboa, mas chateei-me com o orientador da tese e não fiz mais.

Agora estou a tentar fazer tese em Leiria. Mas é sempre dentro da matemática que eu faço investigação e investimentos.

São tudo áreas ligadas à profissão. Como o equilíbrio económico para mim é fundamental e estar na administração da escola dá um complemento, fiz há dois anos um aumento da minha habilitação.

Gosta de ter investido na música e na astrologia. Estou ansioso que a MR se interesse por astrologia para que com esse argumento compre um óculo para fazer observação de estrelas.

Inv.: E quais são as actividades que realizam todos juntos enquanto família?

P MR: Estamos há um ano na música. Gostava que todos aprendessem um instrumento para podermos brincar em família. A MR anda na banda e eu também. Elas têm um quarto de brinquedos e gostam que brinquemos com elas, como temos pouco tempo elas brincam as duas.

A leitura, principalmente ao deitar. Há os momentos para os miminhos... sentamo-nos a ver filmes da Disney. A MR chora quando acontece algo de mal nos filmes, chora imenso! Mas acho que também é de estar naquele ambiente terno. A parte emocional é algo em que gostamos de investir, apesar de não termos muito tempo. Elas gostam de ajudar em casa, nas tarefas de casa. Vamos à missa juntos. Aos domingos há tarde há sempre o resto da família. Às vezes andamos de bicicleta, ou de patins em linha...

Inv.: Pode relatar-me um diálogo típico entre si e a MR?

P MR: Por exemplo, esta semana cobrou-me a falta de tempo para a brincadeira: “Porquê que não tens tempo de brincar comigo? Eu arrumo e preparo tudo para que seja só chegares e brincarees”.

Pergunto sempre como correu a escola e tento saber o máximo possível. Tento chamá-la à razão o mais possível. Interesso-me pela forma como a matemática lhe está a ser introduzida, mas tento não ser chato, porque os pais professores são chatos.

Também conversas sobre o corpo humano, até porque ela já assistiu ao aparecimento de dois irmãos e explicámos tudo direitinho através de um livro.

Inv.: Depois de saberem que ela tinha os níveis cognitivos acima daquilo que é normal para a idade dela, que efeito é que isso teve na família?

P MR: Aí é complicado porque nós não consideramos a MR sobredotada. De início assustou um pouco, no sentido de qualidade de resposta. Não sabíamos se o que estávamos a fazer estava correcto. Pensámos que se calhar éramos nós que estávamos a estimular e tínhamos receio que as pessoas pensassem que éramos nós, que era o pai professor que andava a mexer os cordelinhos... eu enquanto professor, se um pai se chagasse ao pé de mim e me dissesse que o filho era isto e aquilo eu ia achar que era o pai que achava que o filho era esperto! E achei que era bem feito para mim para não achar essas coisas. Mas pensámos que como era filha única na altura e tinha muita atenção que se devesse a isso. Ela começou a falar muito cedo e realmente não fiz nada para que ela falasse cedo. Só nunca falei à bebé, eu expliquei sempre tudo direitinho e ela se não perceber pergunta. E talvez por isso ela soube explicar coisas antes das outras crianças.

Tento explicar de forma simples mas de forma verdadeira. Tento que o processo educativo seja rico. Depois ficámos a pensar se haveríamos de mudá-la de escola, mas a psicóloga referiu que o mais importante é a parte emocional.

Como tenho sobrinhos bons alunos, há uma competição natural entre eles, e há competição... e por respeito a todos eu não conto que a MR é sobredotada.

E como não me traria vantagem a partilha da informação só sabem os meus pais e uma irmã minha que é minha vizinha.

Até porque pode estabilizar e eu acho que ela está a estabilizar, penso que foi apenas um desenvolvimento precoce. Eu já vi aqui crianças a falar de temas super complexos e a MR não tem isso! Tem mais a parte artística... mas é uma dúvida de pais.

Inv.: E na relação com a MR quais são as maiores dificuldades que sente?

P MR: A minha falta de paciência para algumas coisas. A consciência que sou muito exigente, mas que é a maior defesa que lhe posso proporcionar. Mas eu sou exigente porque ela percebe muito bem o que eu lhe digo.

Às vezes quero quase que ela seja adulta... não gosto nada de as ouvir chorar, faz-me imensa confusão, e não sei lidar muito bem e considero que ela devia conseguir resolver essas situações de outra maneira... mas também tenho que me lembrar que só tem 6 anos. A nível de temas consigo ainda dar resposta a todas as coisas que surgem...

Inv.: E depende muito tempo com amigos, família? Família, sem ser a família mais nuclear...

P MR: Sim, o que conseguimos. Agora com esta casa recebemos mais amigos... e também vamos a casa de amigos. Há um processo de socialização próximo.

Inv.: Relativamente ao estado de saúde... Teve algum problema de saúde...

P MR: Apendicite... duas fracturas de crânio quando era miúdo. Rebentou-me uma úlcera no estômago no 2º ano de trabalho, porque a minha esposa estava desempregada e a situação económica era complicada. Era stress todos os dias. Foi um período stressante, dava muitas explicações para termos dinheiro... de resto tudo normal.

Inv.: Considera que apresentou um desenvolvimento normativo? A nível desenvolvimental, sempre ocorreu tudo sem problemas?

P MR: Ligado às letras não desenvolvi muito bem naquele momento, por exemplo, os poemas a português... porque era muito objectivo. Mas também não foi fora das normas... Da minha adolescência toda o aspecto sexual foi o mais complicado porque havia muitas regras e limitações.

Inv.: Com quem viveu enquanto criança?

P MR: Pais, irmãos e com uma avó durante uns tempos.

Inv.: Como era a dinâmica familiar?

P MR: Muito boa. Tínhamos um relacionamento muito bom...

Inv.: E enquanto criança já tinha algum interesse mais obsessivo, já estudava determinada área?

P MR: Não... sempre gostei de puzzles... mas acho que não era obsessivo.

Inv.: Considera-se uma pessoa criativa?

P MR: Não. Temos que inventar para dar resposta às coisas... tive um momento criativo que foi inventar uma história que os meus filhos adoram, mas depois já tentei inventar outras que já não correram tão bem... se fosse criativo conseguia inventar outras! Em termos de mãos não sou muito... mas também não tenho tempo e não trás dinheiro. Desenho mais ou menos.

Em termos de argumentação e para arranjar soluções para problemas, aí sou habilidoso a argumentar, consigo dar a volta ao assunto para o lado que eu quero. Tenho alguma criatividade nas relações humanas.

Inv.: Pronto e agora vamos falar um bocadinho da MR... Ela tem 6 anos e está a frequentar o 1º ano?

P MR: Exacto.

Inv.: Ela vive com os pais e os irmãos, não é?

P MR: Sim.

Inv.: Ela tem o quarto dela, o espaço dela?

P MR: Tem. Tem o espaço dela.

Inv.: Relativamente ao contexto social, existem recursos onde vivem?

P MR: Tem o café e a casa do povo. Mas durante a semana passamos a semana em Torres Novas e lá tem tudo, tem todos os recursos. Só vamos há aldeia dormir, basicamente.

Inv.: Relativamente às relações com a vizinhança, com a família...

P MR: Muito boa. Dá-se bem com toda a gente e fala e conversa...

E A gravidez foi desejada e planeada?

P MR: Sim, todas elas.

Inv.: E ocorreram alguns problemas durante a gravidez?

P MR: Não. A MR teve um falso positivo de espinha bífida. E a minha esposa não é boa parideira, porque tem muitas dores de ossos, mas para as crianças não tem problemas, só para a minha mulher.

Inv.: Não tomou nenhum tipo de medicação?

P MR: Não...

Inv.: O parto correu normalmente?

P MR: Com ventosas.

Inv.: Recorda-se do peso dela quando nasceu?

P MR: Não era mau... 2, 400 ou e 600... era pequenina mas bom.

Inv.: O pós-parto, quanto recém-nascida, correu tudo normal?

P MR: Tudo bem. Ah, mais tarde teve tendência para o estrabismo, mas tratámos isso. E fez uma infecção urinária e ficou internada.

Inv.: E o sono, como era?

P MR: Tudo normal. Aos 2/ 3 anos ela acordava com pesadelos. Foi um período... mas depois passou.

Inv.: E a alimentação?

P MR: A estratégia é: a sopa vai sempre, então vai por último, tento dar-lhe o resto primeiro. Mas não gosto cá de grandes brincadeiras, quando é para comer é para comer. Não comem muito, mas vão comendo.

Ah, mas ela teve amamentação até aos 2 meses. Aos 2 meses teve que ir para a ama mas congelávamos o leite e a minha mulher ia ao meio do dia dar-lhe de mamar... mas ela mamou até aos 4/5 meses. Mas o resto das introduções deu-se sem problemas.

Inv.: Quando é que ela começou a andar? A adquirir o controlo motor...

P MR: Cedo. Já andava e falava muito bem sem ter dentes. Ela teve dentes para aí ao 1 ano e meio. E ela já cantava algumas coisas. Não era correctamente mas já se expressava bem.

Inv.: E o controlo esfíncteriano, quando deixou de usar fralda?

P MR: Foi aos 2 anos e meio. E foi quase de um dia para o outro.

Inv.: Actualmente ela dorme bem?

P MR: Sim, muito bem.

Inv.: Actualmente a alimentação?

P MR: Alimenta-se bem. Não é com um prazer imenso, mas come bem.

Inv.: Portanto, não faz chichi na cama...

P MR: Não.

Inv.: A saúde dela...já teve algum problema...

P MR: Não, tirando a infecção urinária... nada. Agora diz que lhe dói a cabeça, mas eu acho que é uma forma de falar a atenção. Eu tento não valorizar de mais.

Inv.: Quanto à comunicação... Acha que ela compreende uma conversa como qualquer criança da idade dela?

P MR: Sim. Como não tínhamos outros filhos achávamos tudo normal... mas reconheço que tem um vocabulário diferente, tem um entendimento melhor, percebe intenções e faz linhas de pensamento. Revela um poder de compreensão.

Inv.: E ela expressa-se e fala bem?

P MR: Muito bem.

Inv.: Ela consegue reproduzir verbalmente uma situação vivida? Factos que aconteceram na escola...

P MR: Sim.

Inv.: Relativamente à autonomia...

P MR: Consegue. Nós é que com a presa não deixamos. Mas agora começámos a trabalhar no banho. Até porque vamos à piscina e para tomar banho vão para os balneários dos homens, mas penso que não é muito saudável estar ali a ver os homens nus. E vamos tentar que a mãe faça o apoio aos balneários, mas ela tem que ter alguma autonomia para que a mãe não tenha que se molhar toda. E já sinto alguma autonomia. Mas já lava os dentes e veste-se...

Inv.: Agora o desenvolvimento social... ela brinca bem com outras crianças?

P MR: Sim, mais com aquelas que brincam ao que ela gosta de brincar. A maior dificuldade é aceitar as regras dos outros. O que contraria a ideia que a Sara tem dela. A MR aqui é das mais novas e está num grupo muito forte, não tem grande acção. E ela acalma, não diz as coisas à primeira e nota-se uma grande capacidade de adaptação. Quando um quer uma coisa e ela quer outra ela arranja uma maneira de o outro não ficar aborrecido, nem ela ficar a perder. Ela é diplomata e habilidosa. Se ela partir alguma coisa ela não chora, aproveita aquilo para brincar de outra maneira.

E em casa isto não se revela e na escola ela tenta ser líder. E aqui estão a desenvolver essa capacidade... ela admira imenso o Zé Pedro! Ele ocupa um lugar muito importante para a MR. Ele motiva-os, e cria desafios... está a ser uma experiencia muito boa.

Inv.: Com quem é que ela prefere brincar, com crianças mais pequenas, maiores, da idade dela...

P MR: Todos. O importante é que façam como ela quer. E aqui ela está a conseguir o que eu queria que ela fizesse em casa, tentasse chegar a um acordo, a um equilíbrio entre as ideias dela e dos outros. A ideia dos 3 filhos é precisamente para conseguirem chegar a uma democracia.

Inv.: Ela consegue partilhar e esperar pela sua vez?

P MR: Agora já consegue até porque ela na escola só pode responder se meter o dedo no ar e esperar. Ela antes queria dizer tudo e não dava possibilidades aos outros! E falámos com a professora e vimos que um dos problemas da MR era esse. E agora já conseguimos controlar isso.

Inv.: Quando ela é contrariada, como reage?

P MR: Mal, como qualquer criança. Fica amuada. E como a mim às vezes também me salta a tampa, ela às vezes imita-me e tem umas fúrias. Mas amua...

Inv.: Habitualmente como é o temperamento dela?

P MR: É calma...

Inv.: Ela separa-se com facilidade dos pais?

P MR: Sim. Todos eles. Mas também se estiverem a chorar eu não fico lá meia hora! Dou abraço e digo que gosto muito dela, e dizemos muito isso uns aos outros, mas quando é para ir embora é para ir embora! Senão não saíamos dali. Eu sei que elas ficam bem!

Inv.: Como é que ela se entretém habitualmente?

P MR: As actividades dela não lhe deixam muito tempo. Tem sevilhanas. Ela começou com a dança há 3 anos. E começou por dizer à professora que já sabia dançar! Isso com 3 anos. E tem dança tipo ballet, o que lhe faz bem a nível de postura. As sevilhanas foi só há um ano, e ela adora, tem uns sapatinhos de salto alto e ela diverte-se imenso, a posição dos dedos dá uma serie de voltas, a professora fala com eles em espanhol, o que também é desafiante, e quando ela aprende uma palavra nova vem toda contente a dizer. Não sei se foi por termos enveredado por esta vertente mais corporal, mas a MR expressa-se muito bem verbalmente e no corpo. Quando não se consegue expressar ela arranja maneira de se exprimir. E aqui plasticina muito e gosta muito e a professora diz que ela faz muito bem, e o desenho também e de facto parece que faz muito bem. Tem também piscinas, a ANEIS, a banda onde ela está a aprender solfejo.

Eu atribuo importância à música, é bom para descontrair e também a nível intelectual, desenvolve o cálculo mental. Tem também catequese e missa. Ela está muito preenchida. Até porque eu não concordo com a transição de ano, só mesmo em casos extremos, apesar do pediatra achar que devia transitar. Aconselhavam a MR a entrar com 4 anos para o 1º ciclo, mas isso a nível emocional era complicadíssimo. E ela é muito pequenina e a nível emocional acho que ela não tem estrutura para suportar. E ia estar associada a um estigma de chica esperta. Então tento estimular por fora e desenvolver a sua persistência. Só se um dia a professora me dissesse que a MR não estava ali a fazer nada, que já sabia tudo, então é que a acelerava um ano.

Inv.: Ela gosta de desempenhar tarefas em casa?

P MR: Sim, até gostava de fazer mais, se pudesse.

Inv.: Como compara a MR com outras crianças da idade dela?

P MR: Ela percebe tudo o que passa a sua volta. Mete-se em tudo, quer saber tudo, e se não sabe o que é, pergunta logo.

Ela tira elações... do género: “Torres Novas, significa que as torres eram novas”. Ela tem consciência do que está a dizer e quer ter consciência de tudo.

Ela é muito exigente, por exemplo, na técnica do ballet.

É difícil comparar... em termos na escola tem mais dois colegas espertos, o que é bom para que ela não sofra de estigma. Ela foi das primeiras que sabia ler no grupo dela. Em termos de desempenho ... ela gosta de fazer puzzles complicados. Mas ela pequenita, com 4 anos, conseguia fazer os exercícios de um cd de matemática que era para 7 anos. E eu escondi tanto esse cd que até o perdi... Porque em termos de raciocínio lógico ela estava a corresponder muito bem, mas ela já não estava a achar graça ao grafismo e se continua-se a estimular corria o risco de que ela não sentisse necessidade da motricidade fina à mão, visto que ela trabalhava no computador. Não sentia falta do grafismo... Mas reconheço que outras crianças não tivessem esse desempenho. Organiza-se bem.

É chata porque inventa jogos mas quando as coisas não lhe correm bem ela inventa uma regra qualquer... tem um mau perder desgraçado, que eu tenho tentado trabalhar. Ela jogava bem ao UNO, mas cada vez que perdia armava uma choradeira, então eu tive que lhe dizer que quando eu ganhasse ela tinha que me dar os parabéns e saltar 3 vezes enquanto dizia “Viva, o pai ganhou” e ela lá foi fazendo isso, eu tentei explicar-lhe que o mais importante era jogar. Comparando com outros até há coisas que ela compreende e que correm bem com a MR, mas eu também sou chato.

Inv.: Quando à situação escolar dela... Ela frequentou ama?

P MR: Sim, até aos 2 anos. Essa ama foi fantástica, fez uma estimulação que eu não conseguia fazer, porque não tinha tempo. E depois foi também para o jardim-de-infância.

Inv.: E como tem sido a adaptação dela?

P MR: Sempre boa.

Inv.: Como está a ser o desempenho dela a nível escolar?

P MR: Muito bom. Tem excelentes ou muito bom. Mas também não tem castigos se tiver um bom, longe de mim! Mas acho que se ela tem facilidades, se ela tiver más notas, acho que tem que haver uma razão! E vou ser exigente.

Inv.: E quais são as maiores dificuldades que sintE nela relativamente à escola?

P MR: Ter que aprender a vez do outro falar, ela queria participar sempre. O lidar com o erro, porque ela tem a mania que sabe tudo, tem a ver com o saber perder. A nível curricular não tem problema nenhum... a nível relacional também não...

Inv.: E as maiores facilidades?

P MR: Raciocínio, ler, contar histórias, relaciona facilmente várias coisas...

Inv.: A atitude dela face à escola, ela gosta de ir à escola?

P MR: Gosta...

Inv.: Ela realiza os trabalhos de casa em casa?

P MR: Como está no primeiro ano ela não tem trabalhos de casa. Só pequenas fichas que eu vejo com ela. Por vezes lê com a mãe, mas ela habitualmente até já lê todos os dias à noite. No outro dia pediu à mãe para lhe fazer um ditado... mas foi esporádico.

E. Os pais acompanham de perto o percurso escolar, ou seja, têm o cuidado de falar com os professores, rever os trabalhos...

P MR: Sim. Falo com os professores, a escola é pequena, conhecemos os professores todos. Mas a MR quando alguma coisa corre mal ela é a primeira a contar, pelo menos tem sido até aqui. E também vemos as fichas que a professora manda. Os cadernos da escola ficam lá, por isso não podemos ver.

Inv.: Considera ter estimulado ou estimular o desenvolvimento intelectual da MR?

P MR: Sim, sem dúvida nenhuma. Eu acho que não há brincadeira nenhuma que eu tenha que não tenha um outro intuito. Agora, eu faço o mesmo com outros filhos e a resposta não é igual. Por um lado sei que estimulei, mas por outro sei que ela tem capacidades.

Inv.: E quais são as expectativas dos pais face à escolaridade?

P MR: Ensino superior, não tenho dúvidas nenhuma. É uma defesa que vão ter na vida. Agora que curso, ela é que sabe. Apesar de eu achar que era melhor algo mais ligado às áreas da ciência. Mas é o que elas quiserem. Mas o ensino superior, sim.

Inv.: E em que área é que considera que ela é mais competente? Futuramente, onde acha que ela pode ser bem sucedido?

P MR: Para a matemática, tem um raciocínio fantástico. Toda a gente me diz que ela tem muito jeito para a dança, que tem muito jeito para se exprimir, expressão dramática. Plasticina, desenha bem para a idade... gostava de a por num atelier em workshops, para desenvolver mais essa vertente, mas neste momento ela não tem tempo. A dança começou por ser importante devido ao trabalho em grupo... mas ela está a gostar muito e também não a queria tirar agora.

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nela?

P MR: Foi o pediatra, não fui eu. Porque eu não tinha outros filhos não tinha comparação. Mas o pediatra disse que não tinha dúvidas, devido à comunicação que ela tem... e disse para consultarmos alguém e acabámos por consultar. Ela tinha 3 anos nesta altura.

Inv.: E nessa altura procurou ajuda para lidar com a situação?

P MR: Sim, uma psicóloga. Lemos livros, vimos coisas na net, conversámos com o pediatra...

Inv.: Em casa o que é feito para lidar com esses interesses maiores que a MR tem?

P MR: Estimulamos com puzzles, com a aprendizagem de música... é arranjar actividades onde ela esteja a desenvolver.

Inv.: E vê-a a trabalhar em quê?

P MR: Ciências e nas artes. Eu tenho que admitir as artes pelo que as pessoas me dizem. E ela diz que quer ser uma artista famosa, e eu tenho que aceitar.

Eu sou muito racionar a nível profissional, eu preferir preferia que ela fosse para médica porque não há médicos pobres, mas não lhe vou dizer para ir para médica!

Inv.: Considera que ela é criativa?

P MR: Sim, sim!

Inv.: Como a vê no futuro, não só em relação aos estudos, mas também nas outras esferas do desenvolvimento...

P MR: Eu tenho que a desafiar sempre, mas acho que vai ter facilidade. Acho que se vai dar bem. Em termos de estudo não tem problemas, em termos emocionais não sei se vai acompanhar, poderá ter aí alguma fase complicada, mas penso que a nível familiar temos uma estrutura que não permite problemas na adolescência, tentamos criar as bases necessárias.

Inv.: Muito obrigado pelas informações.

Entrevistas “Filhos”

AB

8 Anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: O que mais gostas de fazer no teu tempo livre?

AB: Concursos para ganhar coisas... vou ao El corte inglês, a mãe compra uma coisa que eu já escrevi num papel, depois é acertar duas vezes com uma bola... e ganho um cabo da PSP e um jogo para a PSP... Mas nunca joguei na vida! Já pedi para o natal. Também gosto de fazer jogos no computador...

Inv.: Mas preferes brincar sozinha ou com amigos?

AB: Eu não brinco! Só vejo televisão, jogo computador... quase nunca brinco. Mas prefiro brincar acompanhada, pela casa toda! Gosto de brincar com os microfones na escola, dá para cantar e ver a pontuação da música... dizem que eu canto bem, mas eu acho que não canto bem!

Inv.: E gostas de conversar com meninos da tua idade?

AB: Sim. Conversamos acerca do Bruci... a I tem 6 cães... a Una, Bruci, Gil, Li... e outra não sei. Eu tenho 7 animais, 7 bichos-da-seda, numa caixa de sapatos. São tipo lagartas, mas quando ficam borboletas não ficam bonitas... são tristes. Têm umas coisas pretas...

Sobre o Bruci falamos que ele come dinheiro, moedas e notas de 5 e de 10 euros. Ele não ladra... apesar de já ser adulto. Eu gostava de ter um cão, e vou ter.

Inv.: Como é um dia teu, desde de manhã até à noite, o que costumas fazer?

AB: Acordo às 8.30h, chego à escola às 10h... Preparo-me, como a ver televisão. Eu na televisão gosto de ver todos os programas, vejo AXN, Hollywood... vejo tudo. Gosto de policiais e filmes divertidos. Eu vejo esses sem a mãe saber... e vejo a Sic Radical, o Songoku. Não gosto de ver o Panda! Só o Panda Mix!

Na escola tenho actividades, informática, expressão dramática, música... não gosto de expressão dramática, mas gosto de música e de dança. Mas gosto muito mais de informática.

Depois, à tarde, tenho as aulas... até às 18h. Às 18h arrumamos e vamos para o ATL esperar pelos pais. Lá jogo ao jogo do rato e do gato, é um jogo de tabuleiro.

Inv.: O que costumam fazer quando estão todos juntos?

AB: Eu passo pouco tempo com a mãe, é mais com os avós. Com a mãe passo pouco... Às vezes ela chega às 2h... Às vezes espero por ela. A mãe vai buscar-me quando eu tenho Judo, senão vou com os avós para casa.

Mas a mãe diz para eu brincar sozinha e deixar os avós em paz. Quando só estou com a mãe ela vai lavar a loiça... eu só estou com ela aos domingos, ao sábado estou com os avós e ao domingo ela está a fazer comidas para a semana. Quando saímos, ou vamos ao El Corte Inglês ou ao parque... às vezes vamos ao cinema.

O último filme que vimos foi o: Chovem almôndegas. Eu queria ir ver o Avatar, mas não é para a minha idade... a mãe não me deixa ver, mas não tem nada de mal! A mãe não me deixou ver a noiva cadáver, não sei porquê, é para mais de 6 anos.

Inv.: E do resto da tua família, com quem costumavas e gostas de estar?

AB: Eu dou-me com a minha prima, o meu primo, os meus tios... mas dou-me melhor com o meu primo. Ele corre e morde o brinquedo... é fofíssimo. Uma vez ele ia caindo para dentro do cesto e o cesto ia caindo para cima dele... ele chama-se Mick, é um primo cão.

As primas fazem um avião e um carrossel, elas pegam-me e rodam-me.

Inv.: E como está a correr a escola? Gostas de andar lá?

AB: Está a correr bem, mas não gosto nada! Não gosto da comida! Eu gosto de tudo, menos da comida. Gosto de todos, menos de uns da turma que batem. Não sei porquê! É um menino e da menina... dão pontapés, eu não posso fazer nada, só me defendo.

Inv.: E as notas como estão a ser?

AB: Sempre boas...

Inv.: E no que sentes mais dificuldade?

AB: É na matemática, mas tiro sempre o máximo.

Inv.: E no que tens mais facilidade?

AB: Aprender as horas, eu já sabia!

Inv.: Fazes os trabalhos de casa?

AB: Faço sempre, com o avô ou a avó. Às vezes a mãe entorna comida para cima do meu caderno... vou para a cozinha para estarem ao pé de mim.

Inv.: Em casa costumavas estudar?

AB: Estudo, apesar de não precisar. 60 minutos...

Inv.: Quando estudas, costumavas estudar coisas que mandam na escola, ou tu é que decides estudar coisas de que gostas?

AB: Leio muito, muito, muito! Já li os livros da escola todinhos.

Inv.: E tu o que gostavas de ser quando fores grande?

AB: Eu quero ser bombeira a tempo inteiro.

Inv.: Quando fores mais crescida o que gostaria a mãe ou os avós que tu fosses? Já te disseram alguma vez?

AB: Não sei... nem que me digam, não vou dar ouvidos, eu sou o que quiser ser.

Inv.: Então gostavas de tirar um curso?

AB: Não quero continuar a estudar...

Inv.: Obrigado pelas informações!

ML
7 anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: O que mais gostas de fazer no teu tempo livre?

ML: Andar de bicicleta e jogar na Nintendo DS. Mário Car, Sonic...

Inv.: Então preferes estar com amigos ou fazer actividades sozinho?

ML: Brincar sozinho, mais sossegado. Mas quando estou com eles brincamos às escondidas.

Inv.: Gostas de conversar com meninos da tua idade?

ML: Sim. Sobre os nossos jogos.

Inv.: Como é um dia teu, desde de manhã até à noite, que te deitas, o que costumam fazer?

ML: Acordo, vou numa carrinha para a escola, almoço na escola, venho às 17.30h da escola, jogo Nintendo e mais nada... janto e depois ainda vou um bocadinho para o computador e depois vou para a cama.

Inv.: O que costumam fazer quando estão todos juntos?

ML: Nós mesmo durante a semana passamos muito tempo juntos. Vamos para o computador... todos não, mas eu vou. E o resto é jogar Nintendo...

Inv.: E do resto da tua família, com quem costumam e gostas de estar?

ML: Dou-me bem com todos.

Inv.: Como está a correr a escola? Gostas de andar lá?

ML: Está a correr bem e gosto de ir à escola, dos professores e dos colegas

Inv.: E os resultados como estão a ser?

ML: Mais ou menos... sim... tenho muitas vezes excelentes.

Inv.: E no que tens mais dificuldade?

ML: A Língua Portuguesa. Porque não consigo responder bem e não gosto de estar a escrever muito. Gosto mais de matemática e estudo do meio! É onde sinto mais facilidade.

Inv.: Fazes os trabalhos de casa? Alguém te ajuda?

ML: Sim, quando chego da escola. Às vezes acompanhado pela mãe.

Inv.: Em casa costumam estudar muito tempo?

ML: Também estudo, quando vou ter alguma avaliação. Há coisas que estudo da escola quando preciso, por mim não...

Inv.: Os teus pais costumam dizer-te para estudares ou és tu que decides estudar?

ML: Normalmente vou sozinho.

Inv.: Quando fores mais crescido o que gostariam os teus pais que tu fosses?

ML: Eles nunca me disseram...

Inv.: E tu, o que gostavas de ser quando fores grande?

ML: Carteiro. Porque gosto de enviar cartas e entregá-las.

Inv.: Mas gostavas de tirar um curso?

ML: Sim, de ciências ou matemática.

Inv.: Obrigado pelas tuas informações

AO
8 anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: O que mais gostas de fazer no teu tempo livre?

AO: Brincadeiras no computador (jogos de acção) e com os colegas jogar às apanhadas, ou a jogos iguais aos jogos de computador.

Inv.: Mas gostas mais de brincar, sozinho ou com outros meninos?

AO: Com os amigos, é mais divertido, cada um tem um papel...

Inv.: Quando brincas com outros meninos a que gostas mais de brincar?

AO: Às apanhadas, a imitar jogos de computador. Agora tenho um Magalhães, gosto de jogar nele.

Inv.: Gostas de conversar com meninos da tua idade?

AO: Sim! Falamos sobre as provas ou brincadeiras novas dos jogos.

Inv.: Como é um dia teu, desde de manhã até à noite, que te deitas, o que costumavas fazer?

AO: Vou para a escola, até as 17.30h. Lá tenho actividades. Gosto de natação e informática. Depois brinco, janto e depois brinco mais um pouco.

Inv.: Passas muito tempo com a tua família?

AO: Sim, mais ao fim-de-semana. Ou passeamos ou ficamos todos em casa. Tenho mais 3 irmãs, mas uma quase nunca está, outra tem 4 meses. A minha irmã de 3 anos é que já brinca comigo.

Inv.: O que costumam fazer quando estão todos juntos?

AO: Eu brinco com as minhas irmãs. Com a minha irmã de 3 anos brincamos às escondidas, ou ela anda de triciclo e eu de bicicleta, mas agora tenho medo porque cai e também tenho medo que o vizinho descubra que fui eu que esmurrei o muro!

Uma vez fui maroto... espreitei os meus pais a namorar...

Inv.: E do resto da tua família, com quem costumavas e gostas de estar?

AO: Gosto do meu avô paterno. Ele trás dvd's dos poquemons. E do avô materno, ele também assiste a esses filmes comigo. De resto, não sou muito próximo.

Inv.: Como está a correr a escola? Gostas de andar lá?

AO: Tenho óptimos resultados e gosto dos colegas e dos professores... só não gosto muito da professora de inglês...

O que mais gosto na escola é de informática e natação... até estou triste porque esta terça-feira não tenho...

Inv.: E as notas como estão a ser?

AO: 90% ou 100%...

Inv.: Qual é a tua maior dificuldade na escola?

AO: É língua portuguesa, nas perguntas de interpretação e nas palavras da mesma família. Já li um texto 25 vezes e não consigo encontrar a resposta a uma pergunta.

Inv.: E no que tens mais facilidade?

AO: Ciências e matemática.

Inv.: Fazes os trabalhos de casa? Alguém te ajuda?

AO: Faço sozinho e a mãe verifica, porque o pai está a trabalhar.

Inv.: Em casa costumam estudar muito tempo?

AO: Sexta-feira faço os trabalhos de casa. Quando tenho textos para analisar vejo no dia antes e no dia vou mais cedo para voltar a rever.

Inv.: Quando estudas, costumam estudar coisas que mandam na escola ou tu é que decides estudar coisas de que gostas

AO: Eu só faço os trabalhos de casa. E gosto de estudar Ciências, mesmo sem ninguém me pedir, porque acho interessante estudar aquelas coisas.

Inv.: Os teus pais costumam dizer-te para estudares ou és tu que decides estudar?

AO: Eles não costumam dizer. Eu já sei que sexta-feira tenho que fazer os trabalhos. Mas tenho que os anotar no caderno, senão esqueço-me...

Inv.: Quando fores mais crescido o que gostariam os teus pais que tu fosses?

AO: O meu pai disse-me que gostava que eu fosse pintor, mas eu ainda não sei... ainda não conheço muito de pintura.

Inv.: Queres continuar a estudar quando fores maior?

AO: Sim. Quero ser veterinário. E também gosto de Ciências e de animais... Já dei os sistemas.

Inv.: E tu o que gostavas de ser quando fores grande?

AO: Veterinário

Inv.: Obrigado pelas informações!

MT

10 anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigadora: O que mais gostas de fazer no teu tempo livre?

MT: Depende do que tiver ao meu dispor. Mas prefiro estar com amigos a jogar computador ou a ver televisão, ou mesmo aqui, a jogar às cartas de Dracomet, que é agora o meu último passatempo.

Inv.: Então preferes estar com amigos do que fazer actividades sozinho?

MT: Sim. Muitas vezes, ou quase sempre faço sozinho, mas de preferência faço com amigos.

Inv.: Gostas de conversar com meninos da tua idade?

MT: Às vezes. Ultimamente falamos sobre jogos de cartas... mas falamos sobre várias coisas. Com uns é sobre as cartas, com outros sobre outras coisas... varia.

Inv.: Como é um dia teu, desde de manhã até à noite, que te deitas, o que costumam fazer?

MT: Vou para a escola, na escola tenho algumas actividades, depende do dia. Costumo estar lá até às 13.15h... à tarde jogo computador, vejo televisão, faço os TPC's.

Inv.: O que costumam fazer quando estão todos juntos?

MT: Nós passamos bastante tempo juntos, mas por vezes atarefados... eu divirto-me no computador e na televisão... também podemos dar um passeio de bicicleta, mas quase nunca é possível por causa do trabalho... juntos ultimamente vimos os filmes do Indiana Jones e temos jogado ao monopólio. Às vezes vamos passear...

Inv.: E do resto da tua família, com quem costumavas e gostas de estar?

MT: Vou muitas vezes a casa da minha avó, que mora um andar a baixo. Com os primos jogo e brinco e com os amigos a mesma coisa.

Inv.: Como está a correr a escola? Gostas de andar lá?

MT: Está a correr bem... eu quero sempre ter um 5 a história... este período ainda não se vou ter... mas tenho amigos e dou-me bem com toda a gente.

Inv.: E os resultados como estão a ser?

MT: No último período foram três 5, o resto 4 e dois 3. Os três foram a educação física e EVT...

Inv.: E no que tens mais dificuldade?

MT: Educação física e EVT... sou melhor de cabeça do que propriamente a correr e a fazer trabalhos manuais.

Inv.: E maior facilidade?

MT: O que eu gosto mais, independentemente de tudo, de ter maior facilidade ou não, é história de Portugal. Mas no que tenho mesmo muita facilidade é a ciências da natureza... porque aquilo arrancou.

Inv.: Fazes os trabalhos de casa? Alguém te ajuda?

MT: Faço em casa, às vezes com ajuda... quando quero corrigir os trabalhos.

Inv.: Em casa costumavas estudar muito tempo?

MT: Não muito... mas tenho bons resultados. Estudo para os testes para aí dois dias antes.

Inv.: Quando estudas costumavas estudar coisas que mandam na escola ou tu é que decides estudar coisas de que gostas?

MT: Só faço isso a história!

Inv.: Os teus pais costumam dizer-te para estudares ou és tu que decides estudar?

MT: Costumam ser os meus pais...

Inv.: Quando fores mais crescido o que gostariam os teus pais que tu fosses?

MT: Eles nunca me disseram...

Inv.: E tu o que gostavas de ser quando fores grande?

MT: Essa é fácil. Engenheiro de robótica.

Inv.: Então gostavas de tirar mesmo um curso?

MT: Sim, engenharia de robótica, há no técnico. E também há nos Estados Unidos...

Inv.: Obrigado pelas tuas informações.

TT
7 anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Inv.: O que mais gostas de fazer no teu tempo livre?

TT: Jogar a jogos. A um jogo do Egipto, que se passa só no Egipto...os túmulos eram no primeiro nível, agora no segundo é praticamente uma seca. São jogos de computador. Gosto de brincar com um castelo da lego. Vejo TV, desenhos animados egípcios...

Inv.: Mas preferes estar com amigos do que fazer actividades sozinho?

TT: Bem, se não tivesse ecrãs e o castelo brincava com outros meninos. Há dias em que gosto de brincar sozinho, outros em que gosto de brincar acompanhado. Com outros meninos gosto de jogar futebol, à gloria...

Inv.: Gostas de conversar com meninos da tua idade?

TT: Gosto. Gosto de conversar sobre o Egipto. Mas às vezes eles gostam mais da China... eu falo, mas eles não gostam muito de me ouvir falar do Egipto. Mas eu falo na mesma, tento falar com eles, mas nunca consigo... de resto não converso mais.

Inv.: Como é um dia teu, desde de manhã até à noite que te deitas, o que costumás fazer?

TT: Acordo, vejo desenhos animados, tomo o pequeno-almoço, almoço em casa, volto para a escola. À tarde saí às 15h, vou para casa, brinco. O MT está no 2º ciclo por isso os horários são um pouco diferentes. Depois brincamos um pouco os dois. Às vezes vemos cd's, às vezes brincamos no castelo... e depois vamos dormir. A mãe às vezes conta histórias.

Inv.: O que costumam fazer quando estão todos juntos?

TT: Na semana não passamos muito... ao sábado temos escuteiros... mas ao domingo sim. Ao domingo fazemos os TPC'S, fazemos jogos (eu com o MT, apenas...), jogamos no computador. Vamos à net... os pais trabalham. Eles são professores.

Inv.: E do resto da tua família, com quem costumás e gostas de estar?

TT: Primos. Dou-me com o T, é o único que tenho... brincamos aos carros. Com os avós também me dou bem.

Inv.: Como está a correr a escola? Gostas de andar lá?

TT: Está a correr bem. Eu gosto de aprender. Dou-me bem com toda a gente.

Inv.: E as notas como estão a ser?

TT: Estão a ser boas, 99%, 100%, 90%, 82%...

Inv.: E no que sentes mais dificuldade?

TT: É a língua portuguesa... nos ditados. Dou erros...

Inv.: E no que tens mais facilidade?

TT: Estudo do meio! Tive 100%.

Inv.: Fazes os trabalhos de casa?

TT: Faço! E vou sozinho, sem me mandarem. Faço ao domingo e a mãe ou o pai ajudam-me, eu vou mostrar quando acabo.

Inv.: Quando estudas, costumavas estudar coisas que mandam na escola ou tu é que decides estudar coisas de que gostas?

TT: Quando não tenho nada para fazer vou mas é divertir-me!

Inv.: E tu o que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

TT: Egiptólogo. O que mais gosto é estudar o Egipto.

Inv.: Quando fores mais crescido o que gostariam os teus pais que tu fosses?

TT: Nunca disseram...

Inv.: Então gostavas de tirar mesmo um curso?

TT: Sim, quero estudar.

Inv.: Obrigado pelas tuas informações!

FR

10 anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Inv.: O que mais gostas de fazer no teu tempo livre?

FR: Eu gosto de muitas coisas! De fazer legos, leio enciclopédias... de ver televisão, de ver o canal história, dinossauros e a batalha 360.... O meu computador está avariado...

Inv.: Então preferes estar com amigos ou fazer actividades sozinho?

FR: Prefiro brincar com o meu melhor amigo. Mas já não o vejo há muito tempo, ele foi para outra escola. Mas prefiro com outros meninos, brincar à apanhada, futebol não gosto assim tanto, mas jogo, eu jogo para não ficar sozinho!

Inv.: E gostas de conversar com meninos da tua idade?

FR: Sim, mas o meu pai está sempre a dizer para eu me calar, porque eu falo e falo e não paro. Mas falamos sobre o que vamos fazer nos trabalhos de grupo, por acaso vou ter um trabalho de grupo com os melhores amigos lá da escola, porque o melhor amigo não é de lá... o meu melhor amigo por acaso é cá da ANEIS, é o A.! Aqui conversamos sobre muitas coisas e brincamos!

Inv.: Como é um dia teu, desde de manhã até à noite que te deitas, o que costumavas fazer?

FR: Acordo e normalmente a minha mãe vai acordar-me, porque eu tenho um sono muito pesado e mesmo com o despertador eu não acordo. E ela entretanto vai preparar-me o pequeno-almoço, destapa-me... mas eu demoro a levantar. Depois vou para a escola, estou na escola até às 13.30h, vou almoçar a casa dos avós, só tenho aulas de manhã. À tarde faço os trabalhos de casa, vejo o canal história.

Depois vou para casa a tempos diferentes, se a minha mãe não fizer serão vem às 18h, se fizer serão vai lá levar a minha irmã e jantamos lá.

O pai ao jantar às vezes está, outras não, fica a trabalhar. O meu tio no último mês veio dormir para minha casa. Depois de jantar brinco com a minha irmã... deitamo-nos lá para as 22.30h. mas este sábado deitei-me às 10 para as 4h da manhã, estive a ver o canal história a “cidade perdida na China”.

Mas passamos mais tempo juntos ao fim-de-semana.

Inv.: O que costumam fazer quando estão todos juntos?

FR: Vamos passear, como amanhã vamos. Ou então ficamos em casa... ou então eu e a minha irmã vamos para o trabalho do pai.

Inv.: E do resto da tua família com quem costumavas e gostas de estar?

FR: Com os 3 avós, com o tio... com os primos, mas raramente nos vemos. Às vezes brinco com as primas, mas a minha prima favorita já não a vejo há mais de um ano. Brincamos a muitas coisas, mas a A. agora passa demasiado tempo no computador e não brinca connosco.

Inv.: Como está a correr a escola? Gostas de andar lá?

FR: Humm... os testes... já tive um satisfaz a matemática. Mas gosto de ir à escola. Mas antes ficava farto de férias, queria ir para a escola! Dos professores... depende, da directora de turma é que não. Com os colegas, não me dou bem com todos, um bate-me. Batia-me, mas agora já não bate.

Inv.: E os resultados/notas como estão a ser?

FR: Mais ou menos, a maioria é bom.

Inv.: E no que sentes mais dificuldade?

FR: É a inglês.

Inv.: E no que tens mais facilidade?

FR: EVT. Desenho bué bem. Sou dos melhores da turma.

Inv.: Fazes os trabalhos de casa?

FR: Às vezes, às vezes esqueço-me... mas faço sozinho, mas nos de inglês se não souber alguma coisa eu pergunto ao pai ou à mãe. Mas não fazem a revisão, só se eu tiver dúvidas.

Inv.: Em casa costumavas estudar?

FR: Sim... mais ou menos. No dia antes do teste, sozinho.

Inv.: Quando estudas costumavas estudar coisas que mandam na escola ou tu é que decides estudar coisas de que gostas?

FR: Não pego muito dos livros. A minha mãe é que diz para eu ir estudar...

Inv.: E tu o que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

FR: Cientista, paleontólogo, engenheiro, eu vou para a América quando for grande para construir arranha-céus e engenheiro náutico.

Inv.: Quando fores mais crescido o que gostariam os teus pais que tu fosses?

FR: Eles não dizem...

Inv.: Então gostavas de tirar mesmo um curso?

FR: Sim, quero estudar.

Inv.: Obrigado pelas tuas informações.

IN

9 anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Inv.: O que mais gostas de fazer no teu tempo livre?

IN: Ver televisão ou jogar um jogo de televisão que eu tenho. Ao Wii... há o Wii fit plus que são exercícios físicos, mas há vários, há um de corridas de carros...

Inv.: Então preferes estar com amigos ou fazer actividades sozinha?

IN: Brincar com outros meninos porque é mais divertido. Jogamos às cartas, ao peixinho, ao polícia e ladrão, à apanhada, às escondidas...

Inv.: Gostas de conversar com meninos da tua idade?

IN: Às vezes, sobre várias coisas, sobre brincadeiras. Às vezes falamos sobre um rapaz, porque gosta de uma das minhas amigas e ele anda sempre atrás de nós... e eles andam atrás de nós porque ele não tem coragem de chamá-la e de falar com ela cara a cara. E nós temos que nos esconder. À hora do almoço junta os amigos todos e anda atrás de nós. Sou eu, a I, a J e a D.

Inv.: E como é um dia teu, desde de manhã até à noite, o que costumás fazer?

IN: Levanto cedo, depois vou com os pais para a escola. Às quartas tenho clube de inglês, onde fazemos jogos sobre Inglaterra, e as segundas e sextas tenho natação. Almoço na escola, também. Depois vou para casa. Às quartas, de duas em duas semanas, vou às 18h, quando tenho natação também, aos outros dias é às 16h. E os meus pais vão buscar-me. Depois ficamos juntos e jantamos juntos. Depois de jantar vou para a cama.

Inv.: O que costumam fazer quando estão todos juntos?

IN: A mãe vai sempre lavar ou passar a roupa e eu estou a jogar Wii e o meu pai vai interromper-me e liga a televisão no canal que ele quer. Às vezes, se são jogos que ele gosta, ele também joga... mas se é para cantar ou dançar... também tenho um da Hanna Montana para dançar, aí ele interrompe-me.

Inv.: E do resto da tua família, com quem costumás e gostas de estar?

IN: Gosto de todos. Dou-me com a minha prima que mora na casa ao lado, tem 12 anos. Também me dou com umas primas que moram no Algarve. Eu vou lá nas férias.

Inv.: Como está a correr a escola? Gostas de andar lá?

IN: Está a correr bem, gosto dos professores e das colegas.

Inv.: E os resultados como estão a ser?

IN: Bons. Tive 5 a matemática e a ciências, 3 a física, EVT e história, e 4 a Inglês, português... não me lembro de mais.

Inv.: E no que sentes mais facilidade?

IN: Matemática e ciências. Gosto e acho giro.

Inv.: E no que tens mais dificuldade?

IN: História e educação física. História acho difícil, é preciso decorar muita coisa.

Inv.: Fazes os trabalhos de casa?

IN: Faço sempre. Se tiver dificuldades pergunto à minha mãe ou ao meu pai.

Inv.: Em casa costumás estudar?

IN: Sim. Vou estudando todos os dias.

Inv.: Quando estudas, costumás estudar coisas que mandam na escola ou tu é que decides estudar coisas de que gostas?

IN: Só para estudar para os testes...

Inv.: E tu o que gostavas de ser quando fores grande?

IN: Médica, porque é giro.

Inv.: Quando fores mais crescida o que gostariam os teus pais que tu fosses?

IN: Eles não dizem...

Inv.: Então gostavas de tirar mesmo um curso?

IN: Sim, ir para a universidade.

Inv.: Obrigado pelas tuas informações!

MR

6 anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Inv.: O que mais gostas de fazer no teu tempo livre?

MR: Ver televisão. Jogar ao Sudoku no telefone da minha mamã. Na televisão gosto de ver as Winks, são fadas e quando as bruxas más vão atacar os papás delas, elas vão salvar os papás com poderes. E há uns feiticeiros maus que ajudam as fadas más, mas depois há uma fada que tem o poder de dragão e está sempre a vencê-los.

Inv.: Então preferes estar com amigos ou fazer actividades sozinha?

MR: Eu prefiro brincar com a mana! Com a L, ela tem 3 anos. Brincamos às professoras. Ela é a aluna e eu a professora, só que ela nunca faz os trabalhos de casa e eu mando recados para o pai! E depois de mandar recados faz os trabalhos na minha secretária! E tem que passar! Eu dou sempre meia hora! A minha professora só dá 5 minutos. Mas quando eu vejo os trabalhos, quando vou começar a aula, só dou um minuto, porque já começámos a aula e eu já lhe dei um dia! E às vezes são só 5 segundos.

Inv.: E gostas de conversar com outros meninos?

MR: Sim, eu converso com a mamã. Com a mana... às professoras e eu digo muitas vezes para ela fazer os trabalhos de casa. Depois quando vou ver se tem os trabalhos de casa feitos, ela nunca os faz... À mamã eu pergunto o que vamos comer... digo que o jantar está muito bom. Houve um dia em que ela fez pizzas pequeninas, eram muito pequeninas!

Inv.: Como é um dia teu, desde de manhã até à noite, que te deitas, o que costumas fazer?

MR: Eu acordo às 7h ou às 9h. Às vezes acordo mais tarde, quando já estão a tomar o pequeno-almoço, mas a minha irmã quando acorda vem sempre acordar-me e diz “MR levanta-te, levanta-te, levanta-te” e não me deixa dormir.

E houve um dia em que eu só dormi uma hora e meia, porque ela acordou a meio da noite e quis ir ao meu quarto, e depois eu tive que ir ao quarto dela, e depois ela veio ao meu... e nunca mais adormeci. Depois dormi a sesta 3 vezes durante o dia. Mas no dia a seguir era segunda-feira e eu era a que estava a trabalhar mais! Fiz o trabalho de matemática e ainda nem uma hora tinha passado e já estava a fazer outro trabalho. Eu gosto de matemática, mas gosto mais de estudo do meio! Eu estava com muita força para trabalhar, então trabalhei muito.

Mas eu acordo, lavo a cara e visto-me e faço chichi e tomo o pequeno-almoço. Depois ponho o gancho... Depois na escola há de tudo, música, ginástica, inglês, informática, há dança na escola mas eu vou a

outras, há piscinas pela escola, mas quando não há eu tenho à mesma nas piscinas municipais... Ah! E também há sevilhanas na escola. O único dia que eu tenho sem actividades é a sexta-feira. A sexta-feira é para descansar e para passear.

Fico na escola até às 17.30h, depois o papá e a mamã vão me buscar, vamos buscar o mano, porque a mana está na minha escola e eu vejo-a a vir da cantina quando eu vou para a cantina.

Depois em casa vejo televisão... as winks e eu a que gosto mais é a laranja, porque ela é a mais forte e tem o poder do dragão! Depois quando acabam as Winks brinco com a mana e enquanto eu vejo dou-lhe o episódio todo para fazer os trabalhos de casa, todos os dias e ela nunca os acaba! E depois eu mando recados para casa! Ela não tem caderneta mas tem um caderno agrafado e eu já lhe escrevi lá muitas coisas. Depois jantamos e vamos para a caminha. E eu rezo a Avé MR todas as noites: Avé MR cheia de graça, senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa MR mãe de deus rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

Inv.: O que costumam fazer quando estão todos juntos?

MR: Muita coisa! Enquanto o mano está na caminha de brincar, eu e a L brincamos e vemos um bocadinho de televisão, de vez em quando. Depois brincamos com o mano, às vezes até vamos para dentro da cama pelo fecho!

Inv.: E do resto da tua família, com quem costumam e gostas de estar?

MR: Eu conheço melhor os avós da parte do pai do que os da parte da mãe. Olha o meu pai tem uma irmã e essa irmã tem um marido e estão na casa ao lado da minha, então a minha irmã como tem andado com febre e o mano está a dormir e eu não tenho nada para fazer, vou para casa dele acabar uma boneca que eu tenho. É assim, tenho que ter duas rolhas, uma para o corpo e outra para segurar o vestido que fica colado, depois o palito fica a segurar entre o vestido e a camisola, e depois ainda falta fazer a cabeça e depois vamos por uma fita vermelha no tronco da bailarina.

A saia é dourada de tecido! Foi um tecido que a Sara me deu, um bocadinho de tecido. Ela tem muitos, mas há uns que estão cortados, não precisava do tecido e deu-me.

Inv.: E como está a correr a escola? Gostas de andar lá?

MR: Está a correr bem!

Inv.: E as notas como estão a ser?

MR: Boas! Fui a que teve mais excelentes da turma!

Inv.: E no que sentes mais dificuldade?

MR: É nas contas.

Inv.: E no que tens mais facilidade?

MR: É a decompor os números. Estudo do meio é o que eu gosto mais e tenho facilidade!

Inv.: Fazes os trabalhos de casa?

MR: Não tenho trabalhos de casa. Só tenho que ler uma vez por dia. E afiar todos os dias os lápis... mas eu afio sempre, estão todos afiados.

Inv.: E tu o que gostavas de ser quando fores grande?

MR: Eu estava a pensar em duas coisas: ou desportista ou em cientista da terra. Desportista era para ser muito forte! Gosto de todos os desportos.

Inv.: Quando fores mais crescida o que gostariam os teus pais que tu fosses?

MR: Cientista da terra, para eu ganhar muito dinheiro. Mas depois não ganho trabalho porque o dinheiro fica todo para mim... estou na dúvida, não queria que o dinheiro ficasse todo para mim. Depois se vou para cientista vou ter dificuldades em perceber muita coisa... depois se calhar ainda aparece outra coisa para eu escolher. Ainda não vi todas as hipóteses.

Inv.: Então gostavas de tirar mesmo um curso?

MR: Sim, ir para a faculdade.

Inv.: Obrigado pelas tuas informações!

Análise de conteúdos – Categorização das entrevistas

Anexo 5

Entrevistas “pais” – Acerca de si

Desemprego

O entrevistado actualmente não se encontra a trabalhar.

(1 referência)

M ML: “Neste momento eu não estou a trabalhar.”

Profissão na área da informática

O entrevistado trabalha como informático.

(1 referência)

P FR: “Sou informático.”

Profissão na área empresarial

O entrevistado trabalha na área empresarial.

(1 referência)

P AO: “Director geral.”

Profissão na área da publicidade

O entrevistado trabalha na área da publicidade.

(1 referência)

P IN: “Eu sou gráfico, trabalho em publicidade...”

Profissão na área da animação sociocultural

O entrevistado trabalha na área da animação sociocultural.

(1 referência)

M AB: “Em 1991 entrei para a Câmara de Loures como animadora sociocultural.”

Insatisfação profissional

O entrevistado refere não se encontrar satisfeito profissionalmente.

(1 referência)

P AO: Não. Gostava de pensar, criar, acima de tudo gerar riqueza, mas de forma mais livre, mais articulada, mais perspicaz, sem a maior parte dos entraves que existem nas empresas, que são causados normalmente pelas pessoas, como é óbvio, não é pelo edifício. E portanto, acima de tudo, gostava de estar ligado àquilo que eu gosto também, que é a solidariedade social, já tive uma empresa só para isso.”

Aptidão – Cálculo, raciocínio numérico

O entrevistado refere que uma das suas maiores aptidões se prende com o raciocínio numérico e cálculo matemático.

(1 referência)

P MR: “Para a matemática (...).”

Aptidão – criativa

O entrevistado considera que a sua maior aptidão é a criatividade.

(1 referência)

P IN: “Para a minha área, exactamente.”

Aptidão empresarial

O entrevistado considera que uma das suas maiores aptidões se prende com o posicionamento de empresas e produtos.

(1 referência)

P AO: “Relativamente à minha profissão, aquilo para que tenho mais aptidão é para o posicionamento de empresas e posicionamento de produtos, isso eu faço com muita facilidade.”

Aptidões variadas

O entrevistado considera que consegue desenvolver aptidões em várias áreas profissionais.

(1 referência)

M AB: “Quer que lhe seja sincera? É assim, isto pode parecer ridículo, mas eu sou tão empenhada e perfeccionista que eu acho que seria razoável, ou seja, acho que nunca fui má, ou medíocre, ou excelente em nada na minha vida, mas sou sempre boa a tudo. Acho que fosse o que fosse que eu fizesse... acho que tem a ver com a pessoa, com a sua maneira de ser e de estar... acho que as pessoas têm que fazer qualquer coisa para mudar o mundo. E têm que dar um contributo útil para a sociedade e têm que dar o seu melhor. Acho que fosse o que fosse onde eu fosse parar, à excepção da matemática... percebe? Eu arranjaría forma de me transformar numa peça fundamental.”

Existência de problemas familiares

O entrevistado refere problemas do foro familiar que podem afectar a dinâmica familiar.

(1 referência)

M AB: “Sim. Como houve situações de violência doméstica quando ela tinha uns 5 meses e eu pedi para ir viver com os meus pais. (...) O domínio da língua é usado na totalidade para nos manipular, para ser ela a última a concluir... muita argumentação... e eles não lidam bem com isso, e às vezes chego a casa e tenho lá grandes problemas. São os meus pais a queixar-se e ela a queixar-se. E se fico mais ausente isso acontece. Tento estar o mais possível para haver equilíbrio. (...) E esse misto de raiva e revolta vem para cima de mim.”

Habilitações literárias – ensino secundário

O entrevistado frequentou o ensino secundário e não seguiu nenhum curso superior.

(2 referências)

P FR: “Tenho o complementar. O complementar há uns anos era chamado o 11º ano, depois por questões de trabalho não consegui concluir o 12º ano, portanto, tenho o complementar.”

P IN: “Tenho o 12º ano.”

Adaptação escolar com problemas

O entrevistado, em algum momento do seu percurso escolar, sentiu problemas de adaptação.

(2 referências)

M AB: “era esquisita para os colegas, porque falava um português mais erudito do que a maioria dos colegas, que tinha a ver com a linguagem de casa, dos meus pais. Em casa sempre se falou bem português e com uma diversidade de léxico razoável e isso causava alguma diferenciação entre os colegas. Então era a betinha ou a sabichona. E isso causou problemas de adaptação.”

P AO: “Mas não me adaptava com facilidade, tive problemas de adaptação durante todo o percurso escolar.”

Atitude negativa face à escola

O entrevistado não gostava de frequentar a escola e visionava a mesma como algo negativo.

(2 referências)

P AO: “Eu separo, não tinha boa atitude em relação às pessoas, aos professores, tirando uma ou outra exceção, não é? Há sempre um ou outro professor que nos toca de maneira diferente. Mas continuo a ter muito respeito pela instituição escola. Os professores são muito fracos.”

P FR: “A nível pedagógico foi como eu disse, é a tal situação, aprendia mas tinha que fazer algum esforço de estudo, algum mínimo. Isto a nível pedagógico... A nível social, não sei se interessa a nível social... com os colegas, com os professores... Principalmente com os professores não era assim muito bom. Comportava-me um bocado mal também.”

Não realização de actividades complementares

O entrevistado não realiza nenhuma actividade complementar para além da sua profissão.

(2 referências)

P IN: “Não...”

P MT & TT: “Não, profissionalmente não.”

Não existência de acompanhamento escolar

Os pais do entrevistado não apresentavam uma grande preocupação num acompanhamento escolar regular, relativamente ao percurso do filho.

(2 referências)

M ML:“ (...) nunca houve um interesse muito grande porque era uma aluna que não chumbava. A não ser quando foi a entrada para a faculdade e eu não quis entrar para Agronomia, mas o meu pai também respeitou, e pronto...”

P FR: “É claro que a minha mãe se preocupava sobre o que eu ia fazer na vida, mas não dava a mesma relevância que se dá hoje, (...) era um acompanhamento, ou até umas preocupações completamente diferentes.”

Não existência de um interesse mais extremado

O entrevistado refere que não se dedica à análise profunda de nenhuma área.

(2 referências)

P IN: “Nunca houve nenhuma área que eu analisasse a fundo.”

P MR: “Eu tento que esses investimentos tenham consequências profissionais, não sejam perdidos, porque com as responsabilidades que temos que tentar tirar benefícios económicos.”

Aptidão informática

O entrevistado considera que uma das suas maiores aptidões se prende com o trabalho em informática.

(2 referências)

P MT & TT: “Mas eu também tenho muita aptidão para informática e computadores.”

P FR: “Sim, eu acho que sim. Também por uma questão de preparo. Se me pedissem para fazer de calceteiro ia ser uma desgraça... a aptidão na informática até por uma questão de prática, são muitos anos. À vontade 18 anos de vida profissional activa na área da informática, nem me vejo a fazer outra coisa...”

Dinâmica familiar na infância não totalmente satisfatória

O entrevistado refere dinâmicas familiares da infância, que, em algum momento, podem não ter sido totalmente satisfatórias.

(3 referências)

P FR: “A minha infância foi muito complicada. Vivi até aos 7 anos com a minha avó. Depois aos 7 anos a minha avó foi pôr-me a um colégio. Eram tempos conturbados. Aos 8 anos fui para ao pé da minha mãe e foi até ao dia em que casei.”

M AB: “Havia a pressão que já lhe disse. Era uma casa em que quem mandava era o pai. A minha mãe nunca trabalhou, era mãe e estava dependente do meu pai a todos os níveis. O meu pai era mulherengo. Não nos apercebíamos da razão por trás, mas percebíamos a pressão. Tenho um irmão 9 anos mais velho, ou seja, também não foi propriamente um companheiro de brincadeiras, mas foi uma peça importante. Acho que percebíamos essas tensões. Mas eram ao mesmo tempo um casal coeso. Era centrada na figura paterna. O meu pai é que controlava o dinheiro... controlava a família.”

P AO: “Não era boa, eles acabaram por se divorciar.”

Interesse específico na infância

O entrevistado refere algum interesse mais específico e manifesto na infância.

(3 referências)

M AB: “Gostava de fazer espectáculos, e desde muito cedo fui construindo um guarda-roupa com coisas esquisitas, e fazia espectáculos de natal, sempre que havia uma festa... mesmo sozinha.”

M ML: “Livros. Eram uns livros da Anita, as bonecas ficavam de lado...”

P AO: “Tinha. Ajudar as pessoas. Eu com 4 anos fiz a minha primeira lista de pessoas que ia ajudar quando fosse grande. E lembro-me perfeitamente dos sonhos, de estar na cama deitado a pensar como é que eu ia fazer porque eu não queria que eles soubessem que era eu que ajudava, então tinha que pensar em estratégias para entrar em casa deles de noite e lembro-me particularmente de um casal de velhotes que eu via, eu nunca falava com eles mas eu via-os e achava que eram pobres e o sitio que eu imaginei para deixar as coisas, porque eles eram muito velhinhos e podiam não saber, era no frigorífico, porque eu pensava que eles ao frigorífico tinham que ir, quando forem ao frigorífico vão ver as coisas que eu lhes deixo a noite. Portanto o meu sonho sempre foi esse, foi sempre nessa área.”

Não existência de pressão para uma formação superior

Os pais do entrevistado não fizeram pressão no sentido de estes frequentarem o ensino superior.

(3 referências)

P AO: “Não...”

P MT & TT: “Ela desejava que eu seguisse para o ensino superior mas nunca me pressionou.

P FR: “Mas nunca houve a pressão, respondendo à sua pergunta, nunca houve a pressão que eu faço hoje no meu filho.”

Profissão na área da educação

O entrevistado realiza ou realizou uma profissão na área da educação.

(3 referências)

M ML: “(...)Começamos a pesquisar e ela falou-me da pedagogia Waldorf. E então juntei-me a ela, como nós moramos numa quinta com 3 casas, uma das casas, adaptámo-la a uma creche Waldorf.”

P MT & TT: “Professor de filosofia.”

P MR: “Sou professor de matemática. Fui presidente de conselho executivo durante 3 anos. Abduquei da função com a chegada do 2º filho, mas estou na direcção ainda, apesar de não estar na posição de topo.”

Acompanhamento escolar

Esta categoria diz respeito aos pais do entrevistado, ou seja, se na sua infância os seus pais acompanhavam o percurso escolar e se interessavam por este.

(4 referências)

P MT & TT: “A minha mãe fez o que podia fazer... ela sabia pelos professores que eu tinha uma cabeça bastante boa e portanto não se conformou com o chumbo, pois sabia que eu andava lá sem fazer nada e quis que eu soubesse como a vida custa.”

M AB: “para o meu pai seria muito importante que eu tivesse seguido uma formação universitária, (...) que eu não tivesse tido um percurso tão desprendido e com poucas certezas do que queria.”

P MR: “Sim.”

P IN: “Apoiavam-me nos estudos.”

Pressão para uma formação superior

O entrevistado sofreu dos seus pais alguma influência para seguir uma formação superior

(4 referências):

M AB: “(...) O meu pai nunca lidou bem com isso, para ele era um complemento e não um objectivo final. O objectivo final era ser uma rapariga universitária culta, mas com uma cultura eclética.”

M ML: “Sim... em particular Agronomia porque o meu pai trabalhava no Ministério da Agricultura e achava que seria fácil arranjar-me um emprego lá depois...”

P IN: “Os pais têm sempre expectativas boas em relação aos filhos, não é? Apoiavam-me sempre nos estudos.”

P MR: “Sim. Pressão não é o termo. O facto de eu ser o mais novo de 5 irmãos e pelo facto de haver uma aposta na nossa formação... eles apostaram de facto na nossa formação e isso passou a ser sentido por todos... e como eu era o mais novo e como os meus irmãos seguiram para o ensino superior fez com que eu naturalmente quisesse seguir. Não era obrigatório fazer o curso superior se tivesse condições de seguir outro caminho, mas o curso superior era a forma mais fácil de organizar a nossa vida.”

Aptidão social/comunicacional

O entrevistado considera que uma das suas maiores aptidões se relaciona com a área social, de contacto com os outros.

(4 referências)

M ML: “Para...ouvir as pessoas, estar com as pessoas, acho que consigo identificar os tempos que as pessoas precisam...”

P AO: “No resto eu acho que onde poderia ter algum êxito era mesmo na área social.”

P MT & TT: “Eu gosto muito de ensinar.”

P MR: “(...) para as relações humanas.”

Existência de interesses mais extremados

O entrevistado refere que tem interesses mais extremados, áreas que se dedica a analisar mais profundamente.

(4 referências)

M AB: “Eu diria história, antropologia e sociologia. Possivelmente na minha biblioteca em casa é o que há mais. Leio muitos estudos. Interessa-me muito a área da educação, da infância e da juventude.”

M ML: “Percursos pessoais, adoro ler biografias, conhecer mais as referências que para mim são muito importantes. Em termos de literatura... pesquisar... e outra área que eu também adoro é jardinagem.”

P AO: “Comportamento humano.”

P FR: “Tenho... tenho um grande gosto e leio muito, mais a nível de enciclopédia, e na internet farto-me de pesquisar tudo o que tenha a ver com o espaço... não tanto a astrologia, não sou muito dado à astrologia. Mais o espaço, a imensidão, os planetas... e felizmente consegui influenciar o meu filho nesse gosto porque ele só via dinossauros à frente e actualmente já partilha comigo esse gosto.”

Dinâmica familiar na infância

O entrevistado refere que durante a sua infância a dinâmica familiar que predominava era positiva, havendo um bom entendimento entre todos.

(4 referências)

M ML: “Muito. Eu tive um pai de extremos, por um lado autoritário, por outro excêntrico, e depois tive ela, sempre constante. Acho que foi com ela que eu aprendi a viver, a ser, a estar com os outros (...)”

P MT & TT: “Mas sempre nos demos e damos bem.”

P IN: “Foi boa.”

P MR: “Muito boa. Tínhamos um relacionamento muito bom...”

P IN: “Foi boa.”

Não existência de um interesse mais específico na infância

O entrevistado refere que não apresentou, na infância, nenhum interesse mais específico ou notório.

(4 referências)

P MT & TT: “Não... eu e os meus amigos brincávamos na rua. Tive essa sorte. E os meus interesses eram brincar com os meus amigos. Gostava de jogar a bola como guarda-redes e brincava com carrinhos, ao pião...”

P FR: “Não, eu quando era miúdo tinha mais aptidão, era o melhor da turma, era a educação visual. Tinha muita aptidão, era onde brilhava. Não me dedicava, mas gostava.”

JP IN: “Não, as colecções já apareciam aí, mas como eu lhe disse, eu em criança era muito irrequieto, não tinha interesses por nada, era só brincadeira mesmo.”

P MR: “Não... sempre gostei de puzzles... mas acho que não era obsessivo.”

Frequência universitária/ Formação específica

O entrevistado frequentou um curso superior, ou realizou uma formação específica.

(5 referências)

M ML: “(...) tenho também três anos de SENJOR, que é uma formação específica para jornalistas. Eu formei-me em jornalismo, na altura ainda não havia licenciaturas... e em Coimbra só passou a haver depois, e a formação mais credível era a que era dada pelo SENJOR, mas depois nunca foram reconhecidos aqueles cursos dentro da União Europeia.”

P AO: “Tenho... não chega a bacharelato de História... não acabei.”

P MT & TT: “Sou Licenciado em Filosofia.”

P MR: “Sou Licenciado em ensino da matemática.”

M AB: “Frequência universitária. Eu estive ainda no ISCTE, depois decidi que queria ser artista.”

Adaptação escolar positiva

O entrevistado obteve uma boa adaptação nos vários cenários escolares, ao longo do seu percurso.

(5 referências)

M ML: “Foi sempre boa.”

P MT & TT: “Não, não tive nenhum problema. Sempre geri de uma maneira ou de outra... mas nunca tive problemas de quebra psicológica, ou de me sentir chateado com a vida.”

P FR: “Foi boa.”

P IN: “Foi normal...”

P MR: “Em termos relacionais, não fui propriamente líder, por uma questão de educação também. Uma das coisas que se aprende numa família grande é o bem colectivo, e os meus pais incutiram isso em mim. E eu tinha uma família grande, estava habituado a não ter a atenção toda para mim. Mas não tive problemas relacionais e em tudo o que podia participava.”

Atitude favorável face à escola

O entrevistado, durante o seu percurso escolar, apresentava uma atitude positiva quanto à escola, ou seja, gostava de a frequentar e visionava-a como algo benéfico.

(5 referências)

M AB: “Eu gostava de ir à escola, gostava de conviver.”

M ML: “Adorava... Adorava ir à escola.”

P MT & TT: “Gostava, sim.”

P IN: “Sim, era positiva. Só não estudava...”

P MR: “Gostava, eu achava bom.”

Actividades complementares

O entrevistado, para além da sua profissão, realiza outras actividades complementares.

(5 referências)

M AB: “Eu agora não tenho muito tempo... mas cheguei a, fora do horário do trabalho, dar aulas em bairros sociais. Não era onde eu ia buscar muito dinheiro, mas era complementar.”

M ML: “Há o voluntariado, tanto no centro de dia como nos cuidados paliativos, onde fiz também formação em voluntariado e tive que parar agora porque é muito pesado para mim, mas retomarei a seguir porque faz todo o sentido... cada vez faz mais sentido.”

P AO: “Bem, sou secretário-geral da casa de Angola, que é uma associação, tenho alguma actividade política também, e pouco mais...”

P FR: “Este ateliê salvou-me a vida... salvou-me porque é “des-stressante”, quando estou ali não me lembro de mais nada, nem problemas que tenho...problemas, quer dizer, a nível de informática...se estiver ali não me lembro de mais nada.”

P MR: “O meu cargo na escola. Faço parte da direcção da casa do povo da minha aldeia. Faço parte da direcção da santa casa da misericórdia de Torres Novas. Apoio o pároco...”

Satisfação profissional

O entrevistado encontra-se satisfeito e concretizado com a profissão que realiza.

(6 referências)

P FR: “Eu gostava que estivesse melhor, mais realizado, mas... posso dizer, e aí digo com toda a sinceridade e com toda a convicção, que tenho feito sempre aquilo que gosto.”

P IN: “Era...”

P MR: “A minha preocupação sempre foi ter uma vida organizada, ordenado ao final do mês e segurança. (...) Acho que a nossa realização pessoal é ter uma família, uma casa, um carro... e podermos proporcionar uma vida estável à família.”

M AB: “Eu tive a sorte de não fazendo a primeira coisa, faço a segunda coisa para a qual nasci. Sou uma privilegiada neste sentido. Estou satisfeita... completamente.”

M ML: “Eu desejava ser jornalista, e fui.”

P MT & TT: “(...) e fui para professor e gosto daquilo que faço.”

Dinâmica familiar actual positiva

O entrevistado passa uma imagem positiva da dinâmica familiar, sendo que tentam passar o máximo de tempo todos juntos.

(6 referências)

P FR: “Não tanto quanto eu gostaria. Exactamente por causa do meu trabalho.

M ML: “Passamos o mais possível... (...) Jogos, vemos televisão com eles, portanto nós conhecemos perfeitamente a família toda da Anna Montanna, a L. é a Princesinha, também conhecemos e adoramos a Princesinha, todos lá em casa, vamos para o cinema, ao cinema não costumamos ir todos juntos, vou eu e eles, ou... o pai não costuma ir com eles, vou sempre eu. Mas vamos a Museus, costumamos ver aquelas pegadas de dinossauro, tentamos fazer coisas ou ir a exposições que vão de encontro aos interesses deles também. Vamos à praia, à pesca, o meu marido adora pesca, às vezes apanhamos grandes secas na praia, porque ele está lá descontraído, e nós os três lá a brincar a fazer buracos na areia, com as mãos e com os pés, e pronto, vivemos muito em família. Somos uma família presente, e eu acho que é muito importante.”

P AO: “Toda junta... acordada... 3 horas por dia, em média nos dias de semana. Ao fim de semana estamos sempre juntos. Os meus filhos nunca ficam em casa dos avós ou em casa dos tios, estamos sempre juntos.”

P MR: “Estamos há um ano na música. Gostava que todos aprendessem um instrumento para podermos brincar em família. A MR anda na banda e eu também. Elas têm um quarto de brinquedos e gostam que brinquemos com elas, como temos pouco tempo elas brincam as duas. A leitura, principalmente ao deitar... há os momentos para os miminhos... sentamo-nos a ver filmes da Disney. A MR chora quando acontece algo de mal nos filmes, chora imenso! Mas acho que também é de estar naquele ambiente terno. A parte emocional é algo em que gostamos de investir, apesar de não termos muito tempo. Elas gostam de ajudar em casa, nas tarefas de casa. Vamos à missa juntos. Aos domingos há tarde há sempre o resto da família. Às vezes andamos de bicicleta, ou de patins em linha...”

P IN: “Passamos. (...) Penso que não se fazer assim grandes coisas, só encontros, almoços e não há assim grandes actividades. Não há actividades que sejam sistemáticas.”

P MT & TT: “Estamos ao fim do dia e no fim-de-semana estamos sempre todos juntos.”

Bom processo de socialização

O entrevistado refere que apresenta um bom processo de socialização, boas relações com familiares, vizinhos, etc.

(6 referências)

M ML: “É boa. É ótima, visito doentes e às vezes levo-os comigo, pronto para eles perceberem que as pessoas por vezes estão doentes e que não custa nada ir lá desejar bom natal ou levar uma flor.”

P AO: “Mas depois no café e na escola e tal já toda a gente nos conhece apesar de só estarmos lá há dois anos, e toda a gente acha graça a ver-nos juntos, portanto não tenho problemas nenhuns.”

P MT & TT: “É. Não tenho propriamente aquelas pessoas para as quais não fale. Mas também não é uma relação... tirando alguns vizinhos com quem me dou melhor. Mas não sou assim um tipo muito popular no sentido em que ando sempre a procura de convívio. Não tenho tempo para frequentar o café. Mas falo com toda a gente. (...) Sim. Não tenho muito tempo mas falamos ao telefone, e uma ou outra vez vamos almoçar um grupo de amigos lá da escola, tenho muitos amigos da escola. Esporadicamente vejo amigos da faculdade. Comunicamos por e-mail’s.”

P FR: “Sim, sim... nunca discuti com um vizinho.”

P IN: “Sim.”

P MR: “Sim, o que conseguimos. Agora com esta casa recebemos mais amigos... e também vamos a casa de amigos. Há um processo de socialização próximo.”

Aproveitamento escolar médio

O entrevistado obteve, ao longo do seu percurso escolar, um aproveitamento considerado médio, com alguns altos e baixos. Contudo, são referidas notas mais elevadas nas disciplinas de maior interesse.

(7 referências)

P AO: “Excelente e péssimo. Comecei por ser excelente e acabei por ser péssimo.”

P FR: “(...) mesmo mediano está a ver, nem um mau aluno, nem um bom aluno, quer dizer, andava ali sempre à rasquinha para passar. Não tinha más notas mas também nunca me esforcei, sinceramente.”

M ML: “Médio, e muito alto em áreas que me interessavam. Mas nunca chumbei, nunca tive negativas.”

P MT & TT: “Foi muito bom no ensino primário, na preparatória também, depois tive problemas a Inglês e matemática no 7º e 8º ano, mas depois no 9º ano percebi que se não passasse a matemática tinha que fazer exame a todas as disciplinas do grupo de ciências e que se não passasse a inglês ia ter que fazer exame a todas as disciplinas do grupo de letras. Então estudei e passei. No 10º ano continuei sem fazer nada e tive um conjunto de professores que me chumbou e a minha mãe achou que eu não tinha razões para chumbar e pôs-me a trabalhar. Depois fui então trabalhar e estudava à noite. Fiz bem o 12º ano com média de 16 e fui para a faculdade.”

P MR: “Regular. Só a matemática é que me destacava por gostar. O resto era médio, com algumas dificuldades nas línguas. E como sentia que tinha essa lacuna mais tarde até investi num instituto de línguas para colmatar isso.”

P IN: “Alto e baixo.”

M AB: “Passei sempre com notas regulares, nunca estudei, as minhas notas situavam-se entre os 11 e os 14. Mas nunca estudei... acho que só quando entrei na faculdade. Quer dizer, se houvesse algum trabalho para fazer, para pensar, aí aplicava-me imenso. Mostrava respeito e atenção nas aulas, mas estudar não... e depois fiz sempre coisas em simultâneo, desporto com a escola, artes, dança. Digamos que a escola não

era o ponto central da minha vida, tinha outros interesses que me agradavam mais. E eu sabia que ia passando.”

Existência de dificuldades no percurso escolar

O entrevistado refere dificuldades no seu percurso escolar. Estas podem ser do foro pedagógico, de adaptação ou relacionais.

(7 referências)

P AO: “Tive problemas de adaptação durante todo o percurso escolar.”

P MT & TT: “A Inglês utilizava-se aquele método em que não podíamos perceber as palavras (...) e eu não me dei bem com esse método. Em matemática comecei a falhar porque de facto não estudada. (...) E como na altura andava motivado para outras coisas... não investi.”

P FR: “A nível pedagógico (...) aprendia mas tinha que fazer algum esforço de estudo, algum mínimo. (...) A nível social, principalmente com os professores não era assim muito bom.”

P IN: “(...) a maior dificuldade que houve da minha parte foi o meu empenho.”

P MR: “Eram as línguas...”

M AB: “Foi a matemática, sem dúvida.”

M ML: “Talvez o que eu gostasse menos fossem as trocas de professores e as constantes falhas de professores”

Existência de hobbies específicos

O entrevistado refere gosto específico por determinados hobbies.

(7 referências)

M ML: “Ler, adoro ler.”

M AB: “Nas artes é onde eu ocupo o meu tempo.”

P FR: “Tenho... tenho um grande gosto e leio muito, mais a nível de enciclopédias e internet, farto-me de pesquisar tudo o que tenha a ver com o espaço.”

P MT & TT: “Portanto, em geral, quando me interesso por uma coisa costumo ler bastante sobre isso, compro uma data de livros e leio e informo-me, trabalho a coisa mesmo...”

P AO: “A pensar. Pode parecer assim parvo, mas é o que gosto de fazer. Eu escolho um tema qualquer e depois estou ali a brincar com a mente, a dissecá-lo todo e a olhá-lo por várias perspectivas, e isso dá-me algumas vantagens quando são precisas soluções, ou na empresa ou assim... eu com facilidade tenho a solução porque eu treino muito e o meu treino é pensar.”

P IN: “Coleccionismo, fotografia... não muito mais.”

P MR: “A família pode ser um Hobbie, um ponto de investimento...”

Desenvolvimento considerado normal

Os entrevistados referem que consideram ter apresentado um desenvolvimento normativo.

(7 referências)

M AB: “Sim.”

M ML: “Acho que sim.”

P AO: “Sim.”

P MT & TT: “Sim.”

P FR: “Sim, equilibrado.”

P IN: “Normal.”

P MR: “Ligado às letras não desenvolvi muito bem naquele momento, por exemplo, os poemas a português... porque era muito objectivo. Mas também não foi fora das normas...”

Problemas de saúde

Os entrevistados referem ter tido, ou ainda apresentarem algum problema de saúde.

(7 referências)

M AB: “Só tive uma grande depressão na altura da separação. Teria ela 5/ 6 anos... e estive 8 meses sem poder trabalhar. Até aí só tive as amigdalites, tirei a apêndice e nada mais...”

M ML: “Aneurismas múltiplos...”

P FR: “Tive um tumor há 11 anos nas vias aéreas. E tive um quisto nas costas a que fui operado.”

P MR: “Apendicite... duas fracturas de crânio quando era miúdo. Rebentou-me uma úlcera no estômago no 2º ano de trabalho porque a minha esposa estava desempregada e a situação económica era complicada. Era stress todos os dias. Foi um período stressante, dava muitas explicações para termos dinheiro... de resto tudo normal.”

P AO: “(...) apêndice.

P IN: “(...) em criança tinha asma.”

P MT & TT: “Quer dizer há uns anos tive pedra no rim, mas nunca mais voltei a ter. Mas durante uma semana estive um bocado mal.”

Percepção de criatividade

O entrevistado considera ser uma pessoa criativa (no geral, ou para alguma área específica).

(7 referências)

P AO: “Sim. (...) Eu acho que uso a criatividade em quase todas as áreas”

M AB: “Sim. Considero-me criativa e os outros consideram-me extremamente criativa. (...) Escrita e concepção de produtos criativos.”

M ML: “Sim.” (...) Na expressão plástica, no artesanato, se bem que às vezes sou um bocadinho impaciente e a minha ansiedade não me permite ir aos pormenores... E na expressão do que eu sinto (...)

P FR: “Sim. A minha área é mesmo de criação de software, tem que haver criatividade. Tenho alguma. Mesmo para as coisas que eu fazia à mão. Ainda hoje se tiver tempo e interesse gosto de trabalhar madeira, para criar, construir...”

P MR: “(...) Em termos de argumentação e para arranjar soluções para problemas, aí sou habilidoso a argumentar, consigo dar a volta ao assunto para o lado que eu quero. Tenho alguma criatividade nas relações humanas.”

P IN: “Sim. A minha área puxa para isso.”

P MT & TT: “Mas acho que sou relativamente criativo em termos de escrita e também a contar histórias. Eles gostam que eu conte histórias, e eu invento-as na altura com personagens que eles gostam. E eu conto histórias que acho que são giras porque eles ficam presos àquilo. Portanto, tenho habilidades imaginativas. Sou dotado para escrita, sem falta modéstia, sou muito capaz para escrever e é a única coisa... E depois na escola, as minhas aulas são criativas. Não gosto que as aulas sejam iguais. E mesmo na informática gosto de inovar...”

Análise de conteúdos – Categorização das entrevistas**Entrevistas “pais” – Em relação aos filhos****Problemas no processo de socialização**

A criança apresenta problemas de socialização, mesmo junto de pessoas de pessoas com quem está diversas vezes.

(1 referências)

M AB: “Não, mesmo na escola onde estive só fez 2 amigos, mas só mantém um.”

Problemas de comportamentos na escola

A criança apresenta, na escola, problemas na postura ou comportamento.

(1 referência)

P FR: (...) É a postura na aula. Não é uma criança mal-educada, mas é muito irrequieto. Há dias trouxe um recado para casa porque ele cantou, dançou, tudo na aula... Ele é hiperactivo. Ainda não tinha referido. Quer dizer, tem uma percentagem pequena de hiperactividade, mas toma medicação.

Desempenho escolar regular

A criança apresenta um desempenho equilibrado, médio.

(1 referência)

P IN: “Neste momento normal. Já está equilibrada com o resto da turma, não se nota diferenças.”

Sem problemas de saúde

A criança não sofre de nenhuma doença.

(1 referências)

P AO: “Não.”

Contexto habitacional uni-familiar

A criança não mora com os dois pais, conjuntamente.

(1 referência)

M AB: “Como houve situações de violência doméstica quando ela tinha uns 5 meses eu pedi para ir viver com os meus pais.”

Preferência por um percurso escolar ou profissional

O entrevistado idealizam um percurso, que considera ser o melhor para o seu filho.

(1 referência)

P MR: “Agora que curso ela é que sabe. Apesar de eu achar que era melhor algo mais ligado às áreas da ciência(...). Eu sou muito racionar a nível profissional, eu preferir preferia que ela fosse para médica porque não há médicos pobres, mas não lhe vou dizer para ir para médica!”

Sobredotação – atitude de admiração

O entrevistado refere que o diagnóstico de sobredotação o deixou admirado.

(1 referência)

P IN: “Não teve assim grande efeito, um pouco mais admirados só.

Sobredotação – atitude de negação

O entrevistado refere algumas dúvidas relativas ao diagnóstico de sobredotação, considerando que este pode dever-se apenas a uma maior estimulação.

(2 referências)

M AB: “Mas desde os 4 anos que me falavam na sobredotação, mas eu sempre achei que ela era simplesmente muito estimulada. Porque eu sempre achei que ela não tinha jeito para nada... ela interessa-se por tudo com uma grande facilidade. É de paixões de 15 minutos arrebatadoras.”

P MR: “Aí é complicado porque nós não consideramos a MR sobredotada. De início assustou um pouco, no sentido de qualidade de resposta. Não sabíamos se o que estávamos a fazer estava correcto. Pensámos que se calhar éramos nós que estávamos a estimular.”

Diálogos de rotina

O entrevistado refere ser frequente ter conversas com o filho acerca de rotinas e deveres do dia-a-dia.

(2 referências)

P MT & TT: “Costuma acontecer: “MT veste-te, já te disse 3 vezes para te vestires!”. Há outros diálogos típicos, e com o TT não é tanto porque ele é cumpridor e o MT não, o MT é preciso puxar por ele.”

M ML: “Por exemplo, nós temos sempre o hábito de chegar a casa e descalçar os sapatos e ele deixa sempre o casaco desarrumado, e eu estou na cozinha e digo-lhe: “ML já arrumas-te o teu casaco?” e ele: “Eu já!”, “Olha que eu vou ver”! digo eu para ele. “Olha lá para mim”, e ponho-me assim a fazer-lhe um raio – X aos olhos e ele aí conheça-se a rir e eu digo-lhe “Estás a ver, as mães são uns detectores de mentiras, já arrumar o casaco!”. Pronto, brinco muito com ele, ou lavar os dentes, “Mostra-me os dentes! Que horror esses dentes estão tão mal lavados! Contas-te até 20?” e ele “Contei!” e eu “Deixa-me ver” e ele “Eu não lavei...” e lá vai ele outra vez.”

Diálogos emocionais

O entrevistado refere que tem com o filho conversas de foro emocional, profundas.

(2 referências)

M ML: “Ou então falamos sobre coisas mais profundas, há dias disse que não queria ser bisavô, e o raciocínio dele era que assim podíamos morrer os dois ao mesmo tempo, ou então pergunta-me “Oh mãe quando eu for para o céu ficar lá a minha espera?” e eu “Fico claro, não te preocupes que eu fico lá a tua espera”.

P MR: “Por exemplo esta semana cobrou-me a falta de tempo para a brincadeira: “Porquê que não tens tempo de brincar comigo? Eu arrumo e preparo tudo para que seja só chegares e brincaremos”.”

Dificuldades – pais

O entrevistado sente que as maiores dificuldades, relativamente à relação com o filho, advêm da sua própria postura.

(2 referências)

P MR: “A minha falta de paciência para algumas coisas. A consciência que sou muito exigente, mas que é a maior defesa que lhe posso proporcionar. Mas eu sou exigente porque ela percebe muito bem o que eu lhe digo. Às vezes quero quase que ela seja adulta... não gosto nada de as ouvir chorar, faz-me imensa confusão, e não sei lidar muito bem, e considero que ela devia conseguir resolver essas situações de outra maneira... mas também tenho que me lembrar que só tem 6 anos. A nível de temas consigo ainda dar resposta a todas as coisas que surgem...”

P AO: “A maior dificuldade de falar com o AO é... temos que parar para pensar que linha de pensamento é que ele está a seguir. Nós quando falamos com uma criança temos na mente a linha de raciocínio dele, com o AO é preciso primeiro perceber porquê que está a fazer aquilo porque nem sempre o que parece é. E às vezes reagimos reflexamente e depois percebemos que errámos porque o raciocínio dele era outro completamente diferente. E isso é o mais difícil, porque no dia-a-dia, com a agitação, e eu tenho mais três... este é o 2 casamento, eu tenho 4 filhos, um do primeiro casamento e 3 do segundo. Mas de qualquer forma, com aquela agitação nós reagimos e depois percebemos que bem não era bem aquilo, e essa é a maior dificuldade, ter que parar para falar com o AO.”

Dificuldades - Problemas de comportamento

O entrevistado refere determinados problemas comportamentais nos filhos.

(2 referências)

M ML: “(...) e ter que o repreender às vezes quanto à Cris, ele às vezes trata-a mal, grita com ela, é mal-educado para ela, não faz o que ela manda, mas eu acho que ela é um bocadinho o saco de Boxe dele.”

M AB: “A AB passa entre um carinho profundo e uma meiguice muito grande e também uma crueldade muito grande comigo. (...) Ela diz “ a minha avó é burra, o meu avô é muito inteligente. Eu saí ao meu avô”, portanto ela torna-se grosseira. (...) Passei a ter outro Ser em casa, agressivo, intempestivo... o que por um lado deve ter a ver com a ausência do pai.”

Dificuldades de percepção de emoções

O entrevistado refere sentir dificuldades em perceber os sentimentos do filho.

(2 referências)

M ML: “(...) e depois outra grande dificuldade que eu tenho é perceber o que ele está a sentir. E essa é uma das grandes preocupações que nós temos sempre...é não perceber o que ele está a sentir.”

P AO: “O AO para mim é uma grande preocupação, mais do que as irmãs, tenho muito medo porque ele é muito fechado... e tenho muito medo porque ele tem muita imaginação... e então fechado e imaginação, não me parece bom para uma pessoa que está a crescer, e isso pode de repente descambar.”

Adiantamento escolar

A criança encontra-se adiantada, relativamente ao ano escolar correspondente à sua faixa etária.

(2 referências)

P AO: “Sim. E é o melhor.”

P IN: “Ela tem 9 anos. Ela entrou um ano mais cedo para a escola e saltou outro. Ela entrou no 5º ano com 8 anos quando uma criança com 8 anos normalmente ou está no 2º ano ou no 3º ano.”

Não existência de actividades extra-curriculares

A criança não frequenta nenhum tipo de actividades, para além das realizadas na escola e da ANEIS.

(2 referências)

P FR: “Lá não tem nenhuma actividade.”

P AO: “Ele não frequenta... nós saímos pouco de casa.”

Parto com problemas

Durante o parto ocorreram algum tipo de problemas.

(2 referências)

M AB: “AB já nasceu por parto provocado, por cesariana com epidural, e foi parto provocado. E foi muito depois do tempo, penso que mais dois dias e podia ter havido problemas graves, porque já não tinha líquido e ninguém se apercebeu disso.”

M ML: “(...) ele nasceu e eu tive realmente dores, mas ele nasceu e a parteira disse: “Ai meu deus que problema! Se calhar vou empurrá-lo outra vez para dentro!” porque ele vinha com o cordão a tapar-lhe o nariz e foi uma situação de risco... e nesse momento eu fiquei ansiosa, e o meu marido mais porque ele é que percebeu melhor a situação.”

Desenvolvimento na 1ª infância com áreas tardias

A criança apresentou um défice a algum nível do seu desenvolvimento, durante a 1ª infância.

(2 referências)

M AB: “Dormia muito bem. Eu até liguei para saber se era normal e disseram-me que não, que tinha mesmo que acordar para dar de mamar por exemplo. Era capaz de fazer ciclos de 8 horas de sono. (...) Ela mamou até aos 6 meses e meio e depois houve problemas na transição para os outros alimentos. E houve muita coisa que rejeitou... e houve muitas tentativas, e experiências. O problema grande foi a introdução dos sólidos. (...) Gatinho pouco... andou muito tarde porque deu uma queda grande numa tentativa e acho que isso deve ter influenciado de alguma forma. Mas acho que foi para aí aos 14 meses.”

P IN: “Eu acho que ela largou as fraldas um bocadinho tarde, não sei... mas acho que devia ter sido mais cedo.”

Problemas de autonomia

A criança não consegue, ou não quer ser autónoma, dependendo ainda muito de adultos.

(2 referências)

M AB: “ (...) tem a cama dela no meu quarto, mas maior parte do tempo dorme na minha cama, é um

problema que não estou a conseguir resolver. Queria ver se este ano conseguia ter dinheiro para mudar o quarto e a atrair para o quarto dela. (...) Ela esforça-se por não ser autónoma para que eu cuide dela e tenha aquele momento de atenção. Eu entendo isso e por isso vou colaborando em ajudá-la... (...) A AB quando vai para fora de casa fica muito ansiosa nos dias antes de ir. Ainda tem algumas dificuldades em ir...”

P IN: “Ela comigo veste-se sozinha com a mãe não... (...) Não, temos que obriga-la. É muito mandriona. (...) Não. Não gosta muito de... só se for com alguém com quem ela tenha mais confiança como com os avós... Mas agora se tiver que ir sem a gente já não...”

Boa comunicação social

A criança apresenta uma boa comunicação social, conseguindo brincar com outras crianças sem nenhum problema.

(2 referências)

P MT & TT: “O TT completamente.”

P IN: “Sim.”

Personalidade fechada

A criança apresenta uma personalidade fechada, não gostando de conversar, nem desabafar acerca dos problemas do dia-a-dia.

(2 referências)

M ML: “Sim... mas não o faz com frequência, raramente o faz. Ele tinha uma situação na escola em que um menino lhe batia e eu falei na escola e então para eu não ir lá outra vez a escola falar ele saía da escola todos os dias e dizia “Oh mãe, hoje o Tiago não me bateu”. Que era para eu já não perguntar a ele se lhe tinha batido, mas ele continuava a bater. Portanto ele mentia para eu não ir perguntar. Como ele quer ser aceite no grupo e tem uma necessidade enorme de ser aceite no grupo escondia... agora a dias já veio dizer que outro o empurra, mas isto para ele vir dizer é porque as coisas já estão muito evoluídas.”

P AO: “É difícil, o AO não fala muito, é muito fechado e portanto nós falamos muito pouco. (...) É difícil ele contar.”

Personalidade intempestiva

A criança tem uma personalidade, por vezes, difícil e intempestiva.

(2 referências)

M AB: “Tem vários. Doce, enfurecida, ansiosa... se ela se enfurece pode começar a auto-mutilar-se.”

P FR: “É um furacão. Normalmente é agitado, de stress, de ansiedade. Não consegue estar quieto. É muito complicado”

Atitude negativa face à escola

A criança não gosta de frequentar a escola, visiona a mesma como algo negativo.

(2 referência)

P FR: “É rude. Mesmo para os professores, tem maus modos.”

M AB: “(...) é sempre uma desgraça porque ela não quer ir para a escola. É muito raro o dia em que quer ir à escola. (...) Sim, mas já está desmotivada para a escola, já nem tem prazer a fazer os trabalhos de casa. Ela tem problemas... ela não gosta dos intervalos... ela não gosta de ir para a escola, principalmente se não tem aulas! (...) A atitude dela está pior porque as aprendizagens de lá já não a motivam. (...) Gosta de alguns professores, mas outros acha que são burros... diz “Já vou andar na faculdade e o professor de Inglês só ainda está a fazer a contagem até ao 20. (...) Gosta de 1 ou 2 amigos, mas acha os colegas um pouco burros.”

Diálogos de conhecimento

O entrevistado refere conversas com o filho em que este procura obter conhecimentos sobre determinada área.

(3 referências)

P MT & TT: “Outros diálogos têm a ver com questões que eles põem da mais diversa ordem, o MT, por exemplo, hoje vínhamos para cá perguntou-me se eu achava que a religião islâmica era uma boa religião, e então viemos os 3 a conversar sobre aquilo. Depois eu falei sobre o facto das mulheres em alguns sítios do islão serem escravizadas, e foi mais uma chuva de perguntas. E eles ficaram muito surpreendidos, e estivemos a falar sobre esse tipo de coisas... e este também é um diálogo típico.”

P IN: “Não sou capaz de lhe relatar, mas pronto a IN tem algumas perguntas e algumas conversas que não sei se são normais dos miúdos desta idade que me surpreendem, penso que deviam ser um bocadinho mais a frente e não agora, acho que em relação à IN é isso que eu noto. (...) Agora não tenho assim nenhum exemplo para lhe dar, mas esta a perceber mais ou menos? Quando ela me pergunta alguma coisa, são coisas que eu não esperava que ela perguntasse, não têm nada de mal mas são aquelas perguntas que eu penso às vezes que calham mais em conversas de adultos do que de crianças.”

Não gosta de assumir o papel de liderança

A criança não gosta de assumir o papel de líder nas brincadeiras, sendo mais submisso ou plástico quando necessário.

(3 referências)

M ML.: “Não gosta de ser o líder... gosta de dar a sua opinião, mas só realmente com os amigos, senão é perfeitamente condicionado pelos outros.”

P AO: “Eu não acho que ele goste de ser o líder...”

P MT & TT: “Ele se estiver a liderar é naturalmente, mas se não estiver não há problema, ele é plástico nos papéis.”

Diálogos racionais

O entrevistado refere que muitas das conversas que tem com o filho se prendem com chamadas à razão, questões racionais.

(3 referências)

P AO: “O AO tem muita aptidão para jogos, ele inventa jogos desde miúdo, desde os 3/4 anos ele

inventa, constrói, cria regras... os jogos são de facto o mundo dele, mas não pode ser só jogos. Tem que perceber um bocado o que são as pessoas também. E essa parte, digamos mais humana da questão, tem sido o tema das nossas conversas.”

P FR: “Habitualmente... não quero parecer um pai à antiga mas é a massacrar-lhe a cabeça. Claro que gosto de brincar com ele e trocamos ideias sobre aquilo que gostamos, desse tipo de temas de espaço, planeta... partilhamos essas ideias. E quando não estamos a trocar essas ideias normalmente estou a massacrar-lhe a cabeça por causa das asneiras que ele fez. Tento chamá-lo à razão o mais possível.”

P MR: “Pergunto sempre como correu a escola e tento saber o máximo possível. Tento chamá-la à razão o mais possível. Interesse-me pela forma como a matemática lhe está a ser introduzida, mas tento não ser chato, porque os pais professores são chatos. Também conversas sobre o corpo humano, até porque ela já assistiu ao aparecimento de dois irmãos e explicamos tudo direitinho através de um livro.”

Pós-parto com problemas

Durante o pós-parto ocorreram alguns problemas de saúde.

(3 referências)

P MT & TT: “(...) ah, houve um problema com o MT, ele ficou amarelo e teve que fazer um tratamento numa incubadora com uma luz azul.”

P FR: “Teve apenas bronquite”

P MR: “Não, tirando a infecção urinária... nada.”

Gravidez com problemas

Durante a gravidez ocorreram algum tipo de problemas.

(3 referências)

M AB: “Sim, eu tive hipertireoidismo, ninguém se apercebeu da situação, apesar de eu estar a perder peso. Portanto, ela não pode ter um parto normal porque quem tem hipertireoidismo não entra em dilatação. Mais grave ainda, eu fui perdendo líquido amniótico, porque eu fiquei incontinente a partir do 5º mês. Depois tive alergias e tossia muito e com o esforço fui perdendo líquido. A AB já nasceu por parto provocado, por cesariana com epidural e foi parto provocado. E foi muito depois do tempo, penso que mais dois dias e podia ter havido problemas graves, porque já não tinha líquido e ninguém se apercebeu disso.”

P IN: “Houve alguns, a IN nasceu prematura.”

P FR: “(...) Apenas teve que fazer descanso absoluto a partir dos 6 meses.”

Problemas actuais

A criança apresenta problemas actuais no decurso do desenvolvimento normal, em algumas áreas.

(3 referência)

M AB: “Péssima. Só gosta de comer o que não pode comer. Tem colesterol genético. Ela tem uma alimentação de dieta que tenta quebrar o tempo todo. Odeia fruta e vegetais. E teve a coragem de dizer na escola que a alimentação é um hábito e que como não foi habituada a comer estes alimentos em casa que obviamente não era culpa dela não gostar das coisas... é aldrabona. É claro que na minha casa há imensos

vegetais! Mas ela não gosta de nada. Não come verdes, espinafres, nem vegetais... tem sempre uma justificação para tudo. Na escola obrigam-na a comer e o colesterol baixou. Para mim é a melhor escola do mundo. (...) Dorme pouco. Resiste ao sono. Eu muitas vezes chego tarde e ela quer falar comigo... e ela queixa-se da minha ausência. E acho que isto começou pela vontade de me querer dizer qualquer coisa. Ela só dorme para aí 7 horas e meia ou 8h. E acorda rabugenta. Depois vai para a cama ainda vai ler, ler, ler... a paranóia é a leitura.”

M ML: “Dorme mas tem muito medo. Tem muitos medos. Tem medo do quarto, não brinca sozinho no quarto. Tem muito medo da casa, talvez por ela ser grande... tem muitos medos. De estar sozinho...”

P AO: “Dorme, mas dorme tarde. Ele sempre dormiu pouco. Ele não adormece antes das 23h. E é preciso estar sempre a insistir e a apagar as luzes. (...) Ele não gosta muito de dormir.”

Personalidade calma

A criança apresenta uma personalidade considerada calma.

(3 referências)

M ML: “É uma criança calma, mas brincalhona.”

P IN: “Calma... Tímida. Pode-se dizer que é um pouco solitária, visto que no espaço onde habitamos basicamente não tem crianças. Mas se tiver alguém com quem brincar ela adapta-se bem e brinca bem.”

P IN: “É calma...”

Dificuldade de separação

A criança não se separa com facilidade dos pais.

(3 referências)

P AO: “Nós nunca tivemos essa experiência. Estamos sempre juntos, é a nossa regra. Eu não sou muito de me dar... a minha mulher não é muito de se dar... somos assim.”

M AB: “A AB quando vai para fora de casa fica muito ansiosa nos dias antes de ir. Ainda tem algumas dificuldades em ir,,,”

P IN: “Não. Não gosta muito de... só se for com alguém com quem ela tenha mais confiança como com os avós... Mas agora se tiver que ir sem a gente já não...”

Dificuldades desportivas

A criança apresenta algumas dificuldades em educação física, ou desportos, não sendo muito ágil.

(3 referências)

M ML: “São na ginástica, nas capacidades desportivas. Eu insisto um bocadinho para ele subir às árvores e dou-lhe liberdade com segurança para andarem em cima de muros pequeninos, tento estimulá-lo porque é a falha dele é a nível motor.”

P AO: “São a nível motor, ele não é muito bom a trabalhar com as mãos, nem a correr e jogar a bola. Agora anda na natação.”

P MT & TT: “Ele a nível motor é um cepo. Há tempos fez uma prova a educação física e ficou em último, mesmo depois das raparigas e ele ficou muito chateado, até porque a professora lhe disse que ele

estava abaixo do limite saudável... também porque ele está gordo, porque ele estava a tomar uma medicação para a tosse que causava o aumento do peso.”

Problemas de adaptação

A criança apresentou, em algum momento do seu percurso escolar, problemas de adaptação.

(3 referências)

P MT & TT: “A do MT foi mais ou menos boa. Foi boa, mas houve ali uma altura em que o MT teve uns conflitos com uns amiguinhos dele. Todos os dias ele dizia que alguém lhe tinha batido e eu achava aquilo um pouco esquisito. Quando fomos falar com a educadora nesse trimestre ela disse que ele estava muito dependente de adultos, que não resolvia os problemas entre pares. (...) Não foi lá grande coisa com o MT porque ele era um cepo a jogar futebol e a integração dos miúdos era muito através do futebol. Mas ele sempre referiu que gosta de ir à escola, sempre gostou... mas a ligação com os colegas é que falhou, tanto que eu fui uma ou outra vez ver o intervalo e ele andava sempre sozinho. A integração dele foi complicada.”

M AB: “E quando passou para o 1º ano ela continuou a ter problemas... talvez porque a turma era muito violenta... ela só conseguiu fazer 2 amigos. Agora, depois que mudou de escola está melhor, já viu que não pode puxar muito a corda e está mais regrada, mas continua a ter um grupo restrito de amigos...”

P IN: “Não. Nada. Ela gostar gostava de lá estar, mas não queria ficar sem aquela companhia que teve sempre. Pronto eu passei lá quase 3 meses, uma hora, 2 horas... e então depois ela já continuava bem. Mas chegar lá entregá-la e vir embora para ela era um trauma. (...) Má no 1º ano.”

Percepção de não estimulação

O entrevistado considera não ter estimulado o desenvolvimento intelectual da criança.

(3 referências)

M ML: “Pelo contrário, até acho que o deixei à balda. Nós investimos muito na primeira, andamos sempre preocupados com ela, ele já foi um bocado deixado... às vezes reflectimos sobre isso... e a terceira então! O que vale é que ela é mais independente que eles todos. Ela para nós é mais o saborear. Mas dele temos noção que o deixamos, não abandonado, mas não foi a mesma preocupação...”

P AO: “Não, mas também nunca o defraudei. Nós não lhe dizemos para ele ir aprender isto ou aquilo, mas se ele perguntar nós respondemos sempre. O passo é dele e nós suportamos o passo dele.”

P IN: “Não!”

Aptidão criativa

A criança apresenta uma grande aptidão criativa e artística.

(3 referências)

M AB: “Na criatividade escrita, ela quer ser letrista. É muito dramática na escrita... e acho que é a sua maior aptidão.”

P MT & TT: “O TT parece-nos a nós que ele tem algum jeito para representar, porque memoriza muito bem e tem muito à vontade.”

P MR: “Ciências e nas artes. Eu tenho que admitir as artes pelo que as pessoas me dizem. E ela diz que quer ser uma artista famosa, e eu tenho que aceitar. Eu sou muito racionar a nível profissional, eu preferir preferia que ela fosse para médica porque não há médicos pobres, mas não lhe vou dizer para ir para médica!”

Tentativa de dar resposta em casa

O entrevistado tenta de alguma forma responder aos interesses do filho, através de alguma estimulação em casa.

(3 referências)

M AB: “Nós em casa passámos a falar com ela que forma mais adulta.”

M ML: “Fichas, pesquisas de palavras por exemplo, no dicionário, experiências, adora fazer experiências, o que flutua, o que não flutua, compramos muitos materiais, encontrei há dias uma imagem a 3d do sol e a trás todas informações acerca do sol em várias línguas, e ele adorou. Comprámos-lhe um móbil com os planetas, e aquilo roda, compramos-lhe muitas coisas que vão de encontro ao que ele gosta. Na escola não está a ser feito nada, pelo contrário, acho que está a ser incomodado e eu não quero que isso continue...”

P MR: “Estimulamos com puzzles, com a aprendizagem de música... é arranjar actividades onde ela esteja a desenvolver.”

Aptidão científica

A criança apresenta claras aptidões para a área científica.

(3 referências)

P FR: “Ciência, garantidamente. Ciência do meio, natural. É pouco dado a matemáticas e letras. Não gosta de ler livros, só livros de conhecimento e enciclopédias. Só gosta de ler sobre uma área específica. (...) Áreas da ciência.”

M ML: “Na Ciência, na experimentação, na ciência e na matemática. (...) Na investigação, adora microscópios.”

P AO: “Eu acho que ele daria um bom investigador.”

Dificuldade de aceitação de regras/ extrema argumentação

O entrevistado sente que a maior dificuldade na relação com o filho se prende com a dificuldade deste aceitar regras e argumentar exaustivamente.

(4 referências)

M AB: “Regras, aceitação de regras. Porque vivemos de rotinas, e devemos viver de rotinas porque é importante para o crescimento.”

P FR: “Para já, dentro daquilo que eu noto teve duas coisas bastante negativas. Uma delas é a maneira como o FR impõe a sua opinião, sem aceitar a opinião dos outros. É uma grande dificuldade. Não interessa a opinião dos outros, a ideia dele é que prevalece, independentemente de estar mais ou menos correcta. A outra situação é o esforço que nós temos a direccioná-lo para outros tipos de gostos e ele só se empenha em determinadas coisas, só se empenha em determinadas coisas, como os legos. E eu que até gosto de legos já deito os legos pelos olhos. Mas a parte negativa começa porque ele sabe que aquilo está

bem feito, e todos nós sabemos que aquilo está bem feito, mas temos que lhe dar atenção sempre a qualquer hora, está sempre a interromper-nos e exige atenção. Mas ok as construções são mesmo complexas. Mas ele tem uma irmã e temos que dividir a atenção pelos dois e ele é muito exigente.”

M ML: “A insistência dele às vezes, ele não se cala... pronto, é mesmo... eu digo “Tu és uma chato de galochas gigante!”.”

P MT & TT: “Quer dizer, ultimamente o MT já começou a levantar problemas que eu levantava quando já era adolescente. Ele já reivindica direitos. Já há ali qualquer coisa que aponta para o facto de ele já saber o que quer e “isto é assim! Tenho os meus direitos e a minha autonomia.”

Facilidade de separação

A criança não tem problemas em separar-se dos pais, mostrando-se independente.

(4 referências)

P MR: “Sim. Todos eles. Mas também se estiverem a chorar eu não fico lá meia hora! Dou abraço e digo que gosto muito dela, e dizemos muito isso uns aos outros, mas quando é para ir embora é para ir embora! Senão não saíamos dali. Eu sei que elas ficam bem!”

P FR: “O mais possível! É muito independente.”

P MT & TT: “Hoje em dia mais. O MT há dias já dormiu em casa de um amigo, e com os padrinhos. Mas isso ainda não aconteceu muitas vezes... ah, só nos acampamentos dos escuteiros. Já estive quase uma semana fora. E não há problemas... agora pensando bem.”

M ML: “Sim, por períodos... ele também não se separa muito... mas assim normalmente sim... mas por períodos curtos.”

Aptidão para o cálculo/ estratégia

A criança apresenta uma grande aptidão para o cálculo, raciocínio lógico e pensamento estratégico.

(4 referências)

P AO: “Cálculo, estratégia. Adora regras, criá-las.... No aniversário dele foram lá os outros miúdos mas no final ele já estava danado porque os miúdos não sabiam jogar como ele e nunca mais lá quis os miúdos a brincar.”

P IN: “Na Matemática.”

P MT & TT: “O MT tem algumas capacidades de pensamento abstracto. Há uns anos ele teve contacto com jogos e notámos que ele tinha muita destreza. Mas como era tudo muito mental achámos melhor também encaminhá-lo para outras coisas. Como, por exemplo, o xadrez... não incentivámos muito. Por acharmos que ele era demasiado mental... mas a habilidade dele é claramente mental.”

P MR: “Para a matemática, tem um raciocínio fantástico.”

Existência de actividades extra-curriculares

A criança frequenta actividades extra-curriculares, fora da escola (para além da ANEIS)

(5 referências)

M AB: “Sim, ela vai ao ginásio fazer judo. E que a escola tem muitas actividades! Ginástica, natação, Inglês, Informática, música, expressão dramática... a escola é caída do céu. Consegui alugar um quarto

que tenho lá em casa e metia nesta escola, estou a pagar 400 euros por mês.”

M ML: “E a música, o conservatório. E a catequese.”

P MT & TT: “Têm o karaté e escuteiros e vai a casa uma professora de música, e a mãe acha que é importante devido à disciplina mental.”

P MR: “(...) Tem sevilhanas. (...) E tem dança tipo ballet, o que lhe faz bem a nível de postura. (...) Tem também piscinas, a ANEIS, a banda onde ela está a prender solfejo. Eu atribuo importância à música, é bom para descontrair e também a nível intelectual desenvolve o cálculo mental. Tem também catequese e missa. Ela está muito preenchida.”

Gravidez sem problemas

Durante a gravidez não foram detectados nenhuns problemas, e procedeu tudo de forma normal.

(5 referências)

M ML: “Não. Tirando a anemia falsiforme que eu sempre tive.”

P AO: “Não. Não houve mesmo nenhum, zero.”

P MT & TT: “Não. Nenhum deles chegou às 40 semanas. Mas estava tudo controlado. (...) Medicação propriamente... só para os enjoos. E um ferro e ácido fólico.”

P MR: “Não. A MR teve um falso positivo de espinha bífida. E a minha esposa não é boa parideira porque tem muitas dores de ossos, para as crianças não, foi só para a minha mulher.”

Espírito de liderança

A criança apresenta espírito de liderança, tentando liderar as brincadeiras.

(5 referências)

M AB: “Ela tem tendência a dar-se com líderes e quer dominá-los! Porque os outros não lhe dão gozo... ela escolhe como amigos crianças com histórias de vida complicadas, porque de certa forma são mais adultos. Mas como dominar líderes não é fácil ela anda sempre metida em confusões, mas não pede desculpa nunca.”

P MT & TT: “O MT gosta de ser líder. Mas nem sempre consegue...”

P FR: “É a imposição das ideias dele, o espírito de liderança que ele acha que é um direito adquirido dele. Acho que vai dar barraca de certeza absoluta...”

P IN: “De autoridade.”

P MR: “O importante é que façam como ela quer. E aqui ela está a conseguir o que eu queria que ela fizesse em casa, tentasse chegar a um acordo, a um equilíbrio entre as ideias dela e dos outros. A ideia dos 3 filhos é precisamente para conseguirem chegar a uma democracia.”

Interesses mais específicos ou obsessivos

A criança apresenta gostos específicos a que se dedica.

(5 referências)

M ML: “Científicos. Ele adora ciências. Brinca com as irmãs e livros, adora livros. Ainda ontem ele estava de castigo porque gritou com a Cris e não podia ser e então ele sentou-se e como estavam vários livros de cima da mesa, pronto, passou o castigo todo a ver os livros, alguns de ciências, e pronto,

contornou o castigo. (...) se estiver a dar algum programa no Odisseia ele já não vai brincar com as irmãs, elas podem estar a fazer o que quiserem mas ele fica ali a ver aquilo. Depende do interesse dele, por exemplo, se ele receber um lego, ele enquanto não construir o lego todo ele não termina...”

P MT & TT: “O MT começou com o hobbie de montar legos com 3/4 anos e ficou viciado. (...) Ele agora está com uma fixação com o Egipto e ele devora essa informação toda. E todos os dias ele esta a ler qualquer coisa sobre o Egipto. Aquilo está tudo sabido.”

P FR: “(...) outra situação é o esforço que nós temos a direccioná-lo para outros tipos de gostos e ele só se empenha em determinadas coisas, só se empenha em determinadas coisas, como os legos.”

M AB: “Depois vai para a cama ainda vai ler, ler, ler... a paranóia é a leitura.”

Frequentou ama ou creche

A criança frequentou creche ou ama enquanto bebé.

(5 referências)

M AB: “Sim, ela foi para lá aos 2 anos e 6 meses.”

M ML: “Sim, três anos. Eu não estava presente o dia todo, estava com a educadora.”

P AO: “Sim.”

P FR: “Creche, colégio, ATL... tudo no mesmo sítio.”

P MR: “Sim, até aos 2 anos. Essa ama foi fantástica, fez uma estimulação que eu não conseguia fazer porque não tinha tempo. E depois foi também para o jardim-de-infância.”

Adaptação escolar regular

A criança apresentou sempre, até ao momento, uma boa adaptação ao contexto escolar.

(5 referências)

M ML: “Adaptou-se relativamente bem ao infantário, (...) Foi, nós escolhemos essa escola por causa do grupo de amigos que iam com ele, porque ele poderia ter ido para uma escola melhor, nova, que era a da irmã. Mas como ele é uma criança mais tímida, achamos que aquela escola mais pequenina, com os amigos, seria o melhor para ele...”

P AO: “Foi boa, ele ajudava os outros meninos todos, como ele já sabia ler, então ele contava histórias aos outros, os outros meninos chamavam-lhe o pai.”

P MT & TT: “TT nunca teve este tipo de conflitos. Nem nunca tivemos conhecimento que lhe batessem ou que ele batesse a outros. Nunca houve assim nada de mais. E mesmo no banho, enquanto encontro no MT nódoas negras dos pontapés... no TT não. (...) A integração do TT é ótima, quer dizer, às vezes também brinca sozinho porque não alinham nisto ou naquilo, mas para ele é na boa. Ou seja, também tenho dúvidas que seja um integração padrão... ele é popular, disso ano tenho dúvida, mas também não gosta muito de jogar futebol. Brinca com um ou com outro, mas não brinca com o grupo grande. E isto também se pode dever ao facto de os outros meninos andarem no ATL e ele não... no fundo ele só está com os colegas durante as aulas, porque não almoça com eles, não vai ao ATL nem às actividades extra-curriculares.”

P FR: “Adaptou-se bem. Excelente. Até ao 5º ano.”

P MR: “Sempre boa.”

Percepção de estimulação

O entrevistado considera ter estimulado o desenvolvimento intelectual da criança.

(5 referências)

M AB: “Sim, considero que estimei muito o desenvolvimento intelectual dela. No início eu não acreditava muito que seria sobredotação, eu associava a estimulação e que as outras crianças é que estavam pouco estimuladas...”

P MR: “Sim, sem dúvida nenhuma. Eu acho que não há brincadeira nenhuma que eu tenha que não tenha um outro intuito. Agora eu faço o mesmo com outros filhos e a resposta não é igual. Por um lado sei que estimei, mas por outro sei que ela tem capacidades.”

P MT & TT: “Devo tê-lo feito. Incentivei a leitura... não há playstation em casa, o tempo de televisão e computador é reduzido.”

P FR: “Sugerir conhecimentos... sim.”

Expectativas altas face ao futuro escolar

O entrevistado considera que o filho pode vir a ter um percurso escolar muito bom, ao longo do tempo.

(5 referências)

M ML: “Nós achamos que ele vai ser sempre um bom aluno quer pela postura pessoal dele, ele é hiper – responsável.”

P AO: “Eu posso parecer muito presunçoso mas o AO tem tudo para ser muito bom no que ele quiser fazer.”

P FR: “Como pai sou suspeito... como um indivíduo brilhante, se não brilhante pelo menos acima da média, ou bom. É como idealizo. Claro que isto é uma particularidade que pode estabilizar e atingir o normal, mas se ele mantiver as capacidades que ele tem actualmente de compreensão, de percepção... ele aprende de ouvido... porque ele não estuda mais nada!”

P IN: “Eu gostava de um bom futuro para ela, com uma carreira de sucesso, mas pronto isso é muito vago, nós imaginamos tudo muito positivo mas não sabemos o que a vida nos reserva.”

P MR: “Eu tenho que a desafiar sempre, mas acho que vai ter facilidade. Acho que se vai dar bem”

Sobredotação – atitude de preocupação

O entrevistado refere que o diagnóstico de sobredotação lhe causou muita preocupação.

(6 referências)

M AB: “Entretanto quando recebo a notícia penso “mais um problema e eu não tenho recursos” porque no meu imaginário uma criança destas precisa de encontrar o seu caminho, onde ela pode encontrar o seu potencial... eu sentir-me-ia mais segura se fosse notória a vertente dela e eu soubesse onde ia investir, uma zona de conforto e segurança. Ou seja, eu não tenho dinheiro para experimentações, ou para lhe alargar o leque que os meus pais por exemplo me fizeram a mim... isso tinha custos altos. E o meu pai podia pagar porque era quem era. Mas eu não conclui licenciatura, estive 3 anos em Cabo Verde... não tenho um ordenado muito bom. (...) Mas fiquei muito assustada porque pensei que se calhar ela tem talentos que vão vir ao de cima e eu não tenho possibilidades de a ajudar a encontrar o seu caminho.”

M ML: “A partir daí surgiu uma preocupação em saber como responder porque nós sempre achámos que a escola deveria estimulá-lo e que isso devia ser para a escola e nós acompanhá-lo mas sem nunca o pressionarmos, a partir daí ficámos sem saber o que fazer.”

P AO: “Uma maior preocupação, a preocupação de podermos estar a fazer as coisas de forma menos correcta, mas eu acho que isso é comum a quase todos os pais que estão aqui... é a nossa maior preocupação, e é absolutamente normal que nem sempre façamos o melhor, mas enquanto pais não gostamos que isso aconteça.”

P FR: “Para já, dentro daquilo que eu noto teve duas coisas bastante negativas. Uma delas é a maneira como o FR impõe a sua opinião, sem aceitar a opinião dos outros. É uma grande dificuldade. Não interessa a opinião dos outros, a ideia dele é que prevalece, independentemente de estar mais ou menos correcta. A outra situação é o esforço que nós temos a direccioná-lo para outros tipos de gostos e ele só se empenha em determinadas coisas, só se empenha em determinadas coisas, como os legos.”

P MR: “De início assustou um pouco, no sentido de qualidade de resposta. Não sabíamos se o que estávamos a fazer estava correcto. Pensámos que se calhar éramos nós que estávamos a estimular, e tínhamos receio que as pessoas pensassem que éramos nós, que era o pai professor que andava a mexer os cordelinhos...”

P MT & TT: “(...) porque nós quando nos informámos da sobredotação ficamos muito preocupados com o MT e surgiram dificuldades”

Atitude favorável quanto à escola

A criança gosta de frequentar a escola, visionando a mesma como positiva.

(6 referências)

M ML: “Gosta...”

P AO: “Gosta...”

P MT & TT: “O TT prefere brincar a ir à escola, eu já lhe disse que ele é um gazeteiro. Mas indo ele é trabalhador e desempenha bem. É concentrado... ele quando assume um compromisso ele cumpre. O MT já não é tanto. O TT é muito responsável. (...) O MT gosta muito de ir à escola, até porque é uma maneira de estar com os colegas, porque ele tem um problema, ele não é solitário por natureza, como eu sou. Por exemplo o TT se estiver em casa uma manhã inteira enquanto eu estou a trabalhar ele entretém-se, o MT não. Ele tem necessidade de socializar e de ter atenção. E ele gosta de ir para a escola porque interage e gosta porque está bem nas matérias. O MT neste momento já vai e vem bem.”

P IN: “Gosta... excelente.”

P MR: “Gosta...”

Existência de autonomia

A criança já adquiriu um grau considerável de autonomia.

(6 referências)

M ML: “Também...”

P AO: “Veste, mas prefere ajuda, uns miminhos, como é óbvio. (...) Já, mas continua a preferir ajuda também.”

P MT & TT: “Vestem-se sozinhos. Mas o TT é mais autónomo, começou a vestir-se sozinho mais cedo. É mais despachado e autónomo. O MT toma banho sozinho... já lavam os dentes sozinhos. “

P FR: “Muito lentamente! Mas sim.”

P MR: “Consegue. Nós é que com a presa não deixamos. Mas agora começámos a trabalhar no banho. Até porque vamos à piscina e para tomar banho vão para os balneários dos homens, mas penso que não é muito saudável estar ali a ver os homens nus. E vamos tentar que a mãe faça o apoio aos balneários, mas ela tem que ter alguma autonomia para que a mãe não tenha que se molhar toda. E já sinto alguma autonomia. Mas já lava os dentes e veste-se...”

Parto normal

Durante o parto da criança não ocorreram complicações

(6 referências)

P AO: “Foi normal e correu bem.”

P MT & TT: “Correram... mas o MT nasceu de ventosas. Mas o parto foi rápido. O TT estava a ver que nascia no carro e foi ainda mais rápido que o MT”.

P FR: “Sim.”

P MR: “Com ventosas.”

P IN: “Sim, foi provocado mas não ocorreram complicações.”

Problemas de saúde

A criança sofre de alguma doença.

(6 referências)

M AB: “A AB faz uma dieta, ela tem hipercolesterolémia genética. (...) tem rinite alérgica e problemas do foro psicológico. Ansiedade incontrolável e tendência para a auto-mutilação.

M ML: “Bronqueolites, quando era bebé. E alergias, desencadeia reacções alérgicas psicossomáticas às vezes. Agora quando eu estive doente no hospital ele começou a ter feridinhas pelo corpo todo, e só quando eu voltei para casa é que consegui que ele parasse de coçar e de fazer cada vez mais. Portanto, o ponto fraco dele é mesmo a pele e é aí que ele desencadeia outras reacções.”

P MT & TT: “O MT tem asma. (...) o TT tem adenóides grandes e pôs-se a hipótese de operação, mas agora está em tratamento e não deve ser necessário operar, e os adenóides devem ficar mais pequenos.”

P FR: “É asmático.”

P IN: “(...) A IN só tem um problema dentário, ela tem predisposição para a cárie.

Comunicação social limitada

A criança não se dá com pessoas indiscriminadamente, ou seja, consegue manter uma comunicação social, mas só com algumas pessoas.

(6 referências)

P FR: “(...) porque ele era muito posto de lado pelos amigos, porque queria expor as ideias dele, e só o que ele dizia é que estava certo.”

M AB: “Não, mesmo na escola onde estive só fiz dois amigos, mas só mantém um. A AB só consegue ter para aí dois amigos. Mas com esses consegue brincar desde que façam as coisas como ela quer. Ela tem tendência a dar-se com líderes e quer dominá-los.”

M ML: “Brinca se conhecer, se forem amigos (...).”

P AO: “Sim, mas escolhe-as a dedo.”

P MT & TT: “o MT também mas já cria mais problemas, porque acha que tem as melhores ideias, mas os outros não deixam e ele amua, fica xôxo. Outras vezes resmunga e faz queixas dos outros.”

P MR: “Sim, mais com aquelas que brincam ao que ela gosta de brincar. A maior dificuldade é aceitar as regras dos outros.”

Bom nível intelectual

O entrevistado considera que o filho apresenta um nível intelectual mais avançado do que as crianças da mesma idade.

(6 referências)

P MR: “Comparando com outros até há coisas que ela compreende e que correm bem com a MR.”

P AO: “A nível intelectual, comparando, é que não tem mesmo nada a ver, é mesmo muito longe.”

M AB: “Intelectualmente ela está mais acima do que outras crianças.”

M ML: “É uma criança muito perspicaz.”

P MT & TT: “A nível intelectual está num nível superior. (...) a nível intelectual é bocadinho melhor.”

Preocupações a nível emocional

O entrevistado demonstra preocupações relativamente a problemas emocionais que o filho possa vir a ter.

(7 referências)

M AB: “Eu só espero que ela consiga ultrapassar os problemas relacionais, psicológicos, que tem agora, para que se possa tornar numa adulta equilibrada... não tenho mais expectativas...”

M ML: “(...) acho que vai ter sempre dificuldades em exprimir-se e em falar das emoções, porque isso realmente...é os afectos... o abraçar, e acho que vai sempre se tentar diluir nas pessoas para não se evidenciar, é capaz de vir a prejudicar-se para não se evidenciar...”

P AO: “Mas a vida não é só isso e tenho que lhe responder honestamente que não tenho expectativas, vamos vendo. Do ponto de vista teórico, eu tenho que pensar no que ele não poderia ser, porque tudo o que lhe metem a frente ele aprende e faz bem, ele se quiser ser engenheiro é, se quiser ser cientista é, se quiser ser filósofo é, o que ele quiser ser ele é. Mas a vida não é só isso, e se calhar ficarei muito contente se ele fizer o 12º ano. (...) Não sei se é como o vejo ou se é o meu receio. Por exemplo, eu tenho uma filha a seguir que não está ao mesmo nível de inteligência que o AO, se bem que é uma miúda com umas capacidades muito interessantes também, mas a postura e determinação dela... eu acho que ela é capaz de ir mais longe que o AO. Eu tenho muito medo que o AO não singre e que se desilude. Tenho muito medo que isso aconteça, e pode acontecer, eu tenho consciência que isso pode acontecer, por isso tenho muita dificuldade em responder. O AO para mim é uma grande preocupação, mais do que as irmãs, tenho muito medo porque ele é muito fechado... e tenho muito medo porque ele tem muita imaginação... e então fechado e imaginação, não me parece bom para uma pessoa que está a crescer, e isso pode de repente

descambar. Por isso, se ele conseguir ser forte e determinado, se eu puder ajudar nisso, aí ele vai longe...”

P MT & TT: “É difícil... eu acho que o MT, mais que o TT, porque o TT é aquele rapaz otimista, se cair levanta-se, “amanha é outro dia”, o MT não. Acho que pode vir a ter problemas na área afetiva, na área do relacionamento social, porque ele é muito exigente com ele e com os outros. Se os outros lhe quebram a confiança está tudo estragado, e ele sofre com isso. Fica quebrado. E isso levanta-me algumas preocupações. E temos tentado que ele não leve as coisas tão a peito. Em relação ao TT não tenho essas preocupações.”

P FR: “É muito complicado. Porque o FR tem tudo para ser um génio, mas também tem tudo para ser um falhado. Porque se ele levar a vida a pensar que é o maior e que é o líder, ele não vai longe. Agora se levar as coisas com empenho, pelas capacidades que ele tem pode ser brilhante. É complicado. Ou brilhante ou caótico.”

P MR: “Eu tenho que a desafiar sempre, mas acho que vai ter facilidade. Acho que se vai dar bem. Em termos de estudo não tem problemas, em termos emocionais não sei se vai acompanhar, poderá ter aí alguma fase complicada, mas penso que a nível familiar temos uma estrutura que não permita problemas na adolescência, tentamos criar as bases necessárias.”

Pós – Parto normal

O pós-parto da criança deu-se sem problemas

(7 referências)

M AB: “Mas depois a recuperação cá fora foi espectacular, nunca perdeu peso, foi só amamentada até aos 6 meses e meio.”

M ML: “Tudo normal.”

P AO: “Tudo normal. Comia e dormia...”

P IN: “Tudo normal. Teve só na incubadora uma semana a aprender a mamar porque ainda não tinha o estímulo de mamar. Então esteve uma semana a ser estimulada para aprender a mamar. Foi a única coisa, passado uma semana veio para casa.”

P MT & TT: “Sim.”

P MR: “Tudo bem.

Contexto habitacional familiar

A criança vive com os pais (e irmãos)

(7 referências)

P AO: “Sempre. 24 horas por dia, tirando a escola.”

M ML: “Sim.”

P IN: “Sim.”

P MT & TT: Sim

P MR: Sim.

P FR: Sim. Sempre, desde o primeiro dia.

Bom processo de socialização

A criança apresenta um bom processo de socialização, mantendo boas relações com a vizinhança e família.

(7 referências)

M ML: “Também...”

P AO: “Normal... gosta mais de uns, menos de outros, cumprimenta uns, não cumprimenta outros... é normal. (...) Ele dá-se bem Principalmente com o avô.”

P MT & TT: “São muito queridos. São simpáticos e alegres e são conhecidos ali por toda a gente. (...) Sobretudo com os avós maternos. Às vezes encontramos-nos com uns tios. Mas dão-se bem com toda a gente.”

P FR: “Socialmente ele é muito bom.”

P IN: “Não há muitas crianças perto dela mas aquelas que tem ela dá-se bem com os miúdos. Mas assim da idade dela, realmente ali na rua não tem muitas crianças. Do circuito escolar dela todos os amigos são de fora da área de onde a gente mora, são perto mas são longe mão mesmo tempo. Não é ali ao lado, ela não sai de casa para brincar com eles, não tem ali assim ninguém praticamente ao lado. (...)

Dá-se bem com todos.”

P MR: “Muito boa. Dá-se bem com toda a gente e fala e conversa...”

1ª infância nos níveis normais

A criança apresentou, de forma geral, um desenvolvimento na 1ª infância considerada normal.

(7 referências)

P AO: “Ótimo. Dormia e comia, não incomodava nada.

P MT & TT: “Foi muito bom em recém-nascidos. (...) Foram muito amamentados. (...) Não foi cedo, mas também não foi tarde... foi normal. (...) Normal. Relativamente cedo, naturalmente. O TT durante algum tempo fazia chichi na cama. Nós nunca o penalizamos mas reforçávamos o facto que não fazer chichi na cama.”

M ML: “Dormia bem, sempre foi um bebé que dormiu bem. (...) Ele foi amamentado até aos 5 meses mais ou menos, ele era muito gorducho, não tem nada a ver com o que é hoje, era super gorducho e a pediatra recomendou acrescentar um suplemento e ele depois já não quis o meu, ficou só com o outro. Mas comeu sempre bem... pastelão sempre. Até hoje. O que ele gosta ele come muito bem. Mas é um pastelão de primeira. (...) Gatinho... gatinho pouco... por volta de um ano e pouco começou a andar. (...) Normal... não tenho assim uma ideia... mas começou a falar, a dizer as primeiras palavras 9, 10 meses... Eu já não me recordo, sinceramente, mas tenho ideia de não ter sido antes nem depois. Enquanto a irmã começou a andar aos 10 meses e me recordo porque foi cedo, de resto foi normal.”

P MR: “Tudo normal.

P FR: “Dormia bem. (...) Era normal. Sempre fez uma alimentação adequada.”

P IN: “Ela sempre teve um sono muito regular. (...) Ela não teve alimentação materna, no resto foi normal, apesar de nunca ter sido uma criança que comesse bem ate a data de hoje. Tem que ser obrigada, qualquer coisinha lhe enche a barriga. (...) Acho que foi normal. (...) Acho que ela começou a falar

quando começou a caminhar praticamente, não sei se foi aos 8 ou 9 meses. Mas acho que foi normal, não houve nada assim de diferente das outras crianças, a pediatra dizia que estava normal.”

Níveis actuais normais

A criança apresenta, actualmente, em alguns níveis, um desenvolvimento normal, sem problemas.

(7 referências)

M ML: “Adora peixe e vegetais, não gosta muito de carne, não gosta de doces, de chocolate então não gosta mesmo. (...) Não... nunca fez. Quer dizer, terá feito pontualmente, mas não era recorrente.”

P AO: “É uma trituradora. Ele sempre comeu muito bem. Nós brincamos com isso até porque ele come mesmo bem.”

P MT & TT: “Dormem. (...) É boa. De grande qualidade, variada, carne, peixe, sopa, fruta, frescos, legumes, cortamos nos doces.”

P FR: “Dorme bem. (...) Come bem.”

P MR: “Sim, muito bem (...) Alimenta-se bem. Não é com um prazer imenso, mas come bem”.

P IN: “Normal.”

Expectativas relativamente ao ensino superior

O entrevistado tem a expectativa que o filho venha a frequentar o ensino superior.

(7 referências)

M ML: “Sim, espero que sim.”

P AO: “Gostávamos que tivessem um curso superior. Mas vamos ver... às vezes as coisas não são como nós esperamos.”

P MT & TT: “Gostávamos que tivessem um curso superior. Mas vamos ver... às vezes as coisas não são como nós esperamos.”

P FR: “É o percurso que eu queria.”

P IN: “Sim.”

P MR: “Ensino superior, não tenho dúvidas nenhuma. É uma defesa que vão ter na vida. Agora que curso ela é que sabe. Apesar de eu achar que era melhor algo mais ligado às áreas da ciência. Mas é o que elas quiserem. Mas o ensino superior sim.”

Criatividade

A criança é vista como criativa, ou muito criativa.

(7 referências)

M ML: Muito! No desenvolvimento de ideias, em suposições, histórias que desencadeia, mas é sempre na área da ciência que ele mais gosta de inventar...

P AO: Sim, muito.

P MT & TT: São ambos imaginativos. O TT arranja umas histórias... o MT também. Em termos de imaginação eles têm. Agora outro tipo de criatividade, ligada a estética, isso não... eles são mais criativos no conto. O TT tem bastante jeito para a música. Os dois têm evoluído na música.

P FR: Sim! Em desenho, formas...

P MR: Sim, sim!

M AB: Sim. (...) Na criatividade escrita (...)

Não preferência por um percurso escolar ou profissional

O entrevistado não tem um percurso idealizado que gostaria que o filho seguisse, sendo que considera que esta é uma decisão dele.

(7 referências)

M AB: “Mas ela será o que ela quiser ser, só espero que ela seja realizada, e preocupa-me que ela não arranje emprego claro.”

M ML: “Mas eu sinceramente, se calhar não acredita nisto, mas eu só queria que ele fosse feliz, e o que lhes peço é que sejam justos, se eles forem felizes a ser bombeiros quero lá saber! O que lhes digo é que têm que ter uma profissão que os sustente, que faça com que contribuam para a sociedade, que não façam coisas para prejudicar os outros, mas para mim que eles sejam felizes, acho que isso é o mais importante.

P AO: “Isso é complicado. Não sei. O que ele quiser ser... porque se o vejo investigador dá-me logo um frio no coração porque o imagino muito frio e lógico, racional, e penso que perde uma parte humana muito importante. Se o vejo só humano vejo o sofrimento que isso lhe pode trazer... quero que seja feliz, mais nada.”

P MT & TT: “Não... nós só queremos que eles sejam felizes. Para nós é assim, se eles quiserem seguir um curso superior muito bem, se quiserem seguir um curso mais informar para nós também está bem... eles é que vão saber o que é melhor para eles. Nós não tentamos estimular. (...) Não... o que eles quiserem. E nós tentaremos sempre apoiá-los. Claro que se ele seguir filosofia ou história tenho receio do desemprego, mas vamos tentar apoiar”

P FR: “É muito complicado. Porque o FR tem tudo para ser um génio, mas também tem tudo para ser um falhado. Porque se ele levar a vida a pensar que é o maior e que é o líder, ele não vai longe. Agora se levar as coisas com empenho, pelas capacidades que ele tem pode ser brilhante. É complicado. Ou brilhante ou caótico. (...) O que ele quer ser, engenheiro náutico.”

P IN: “É um ponto de interrogação. Que ela tenha sucesso dentro daquilo que ela goste, que faça o que goste, sobretudo.”

Facilidade na aquisição de conhecimentos/aprendizagens

O entrevistado considera que uma das maiores facilidades do filho, a nível escolar, se prende com a facilidade de aquisição de conhecimentos e raciocínio lógico.

(8 referências)

M AB: “Ela tem muita facilidade na aquisição de aprendizagens.”

M ML: “Na aquisição dos conhecimentos.”

P MT & TT: “Acho que a nível de matemática, de compreensão de textos... acho que a coisa corre bem. Acho que qualquer um deles tem facilidade de aprendizagem.”

P FR: “Compreensão e resultados.”

P IN: “Aquisição de conhecimento.”

P AO: “Cálculo, estratégia. Adora regras, criá-las.”

P MR: “Raciocínio, ler, contar histórias, relaciona facilmente várias coisas...”

Gravidez desejada e planeada

A gravidez da criança foi planeada e desejada.

(8 referências)

M AB: “Sim”

M ML: “Muito, e muito ansiada. Eu só consegui engravidar do ML ao fim de quase um ano, da MRna também, e da L. foram 3 ou 4 anos.”

P AO: “Sim, sim...”

P MT & TT: “Sim, sim...”

P FR: “Sim.”

P IN: “Foi.”

P MR: “Sim, todas elas.”

Sinais de precocidade

Durante o seu desenvolvimento a criança apresentou áreas de desenvolvimento precoce.

(8 referências)

M AB: “O mais básico foi a partir dos 9 - 10 meses. E teve uma particularidade, entendia-se bem. Mas depois quando começa a falar já tinha um léxico grande, de repente! Ela quando entrou para o jardim-de-infância era de longe a que se expressava melhor. No primeiro dia no jardim almoçou frango e ela referiu: “prefiro churrasco”, e contava tudo o que se passava lá!”

M ML: “Em primeiro lugar desenhar o nome dele sozinho, começou a escrever o nome dele com 3 anos e tal /4. O aprender a ler sozinho e o raciocínio que ele faz, matemático. E isso é que nos surpreende imenso, o cálculo mental dele chama a atenção. Portanto reparamos desde os 4/5 anos.”

P AO: “Muito evoluída antes dos 2 anos. Mas mesmo muito evoluída. E nessa altura já sabia contar até 11. Já conhecia os números. Ele aprendeu a ler sozinho. (...) O AO com 3 anos, por exemplo desenhou o planeta e um menino a desenhar para o planeta e a educadora perguntou-lhe o que era aquilo e ele disse que era ele a olhar para o mundo. E ela a partir daí percebeu que a percepção que aquela criança tinha de planeta e essas coisas não tinha nada a ver com a idade dele. Depois o AO desenhava muito bem, agora já não desenha tão bem, mas ele desenhava muito bem. (...) O AO com 5/6 anos estava a fazer um puzzle de 1000 peças, com 3 anos fazia puzzles com 100 peças. Uma das brincadeiras que eu e o AO temos é ir a subtrair as matrículas dos carros, e ele de cabeça... ele a fazer triplos, antes de entrar para a escola primária chegava aos 50 e tal mil. (...) Notei desde sempre, o AO nunca foi um bebé igual, foi sempre diferente. Se calhar as outras pessoas não viam, mas eu via.”

P MT & TT: “O MT começou a falar muito cedo. Nós não notamos nada porque ele foi o primeiro filho, mas as pessoas é que começaram a chamar à atenção. Aos 3 anos ele foi para o infantário e a educadora disse que ele até metia medo, no primeiro dia que lá chegou viu um berbequim e disse “berbequim”, com uma linguagem cristalina. Disse que não era muito comum. Falava muito claro e com as frases bem

construídas. E chamava a atenção das pessoas porque falava muito e bem. O TT não é tão habilidoso na linguagem. (...) Sobretudo a fala, começaram a falar muito cedo. Mas ainda não tinham chegado aos 3 anos. Creio que o MT mais cedo e mais que o TT. E também a capacidade de construir séries numéricas... e a memória. Mas na altura aquilo para nós era normal, nós não sabíamos.”

P FR: “A falar... Também foi cedíssimo. Deve ter começado a falar para aí com um ano e meio.”

P IN: “Para nós como era a primeira filha estava tudo normal, a professora é que nos disse que ela estava um passo à frente. Porque para nós era normal, talvez um pouco mais a cima, não é? Mas a professora é que disse.”

P MR: “Cedo. Já andava e falava muito bem sem ter dentes. Ela teve dentes para aí ao 1 ano e meio. E ela já cantava algumas coisas. Não era correctamente mas já se expressava bem. (...) Foi o pediatra, não fui eu. Porque eu não tinha outros filhos não tinha comparação. Mas o pediatra disse que não tinha dúvidas, devia à comunicação que ela tem... e disse para consultarmos alguém, e acabámos por consultar. Ela tinha 3 anos nesta altura.”

Bom/muito bom nível de comunicação

A criança fala, comunica e expressa-se bem, sem problemas. Por vezes melhor do que as crianças da sua idade.

(8 referência)

P MT & TT: “Compreendem melhor... ambos. (...) Sim. O TT fala um pouco melhor que os colegas da idade dele, mas ainda tem algumas aldrabices sintácticas, e não é tão perfeito como o irmão. (...) O TT com menos clareza, e até achamos que houve uma regressão à uns tempos, porque tínhamos que reconstruir o que ele falava, era uma confusão. Mas entretanto aquilo passou. E agora está normal. Isto foi agora no 2º ano, ele partiu um braço porque caiu de um muro, e ele esteve um mês sem ir à escola. E talvez tenha a ver com esse mês em que ele esteve em casa, e nós não conseguimos estar sempre a dar-lhe atenção, devido ao trabalho.”

P MR: “Sim. Como não tínhamos outros filhos achávamos tudo normal... mas reconheço que tem um vocabulário diferente, tem um entendimento melhor, perceber intenções, e faz linhas de pensamento. E revela um poder de compreensão.”

P IN: “Sim.”

P FR: “Sim. (...) O mais possível. Desde sempre na escola esse aspecto vinha registado como nota máxima.”

P AO: “Sim, eu falo com ele como se ele fosse mais crescido. E a regra é mais ou menos esta, se não perceberes questiona, porque eu não sei de que forma me deve sintonizar para... então opto por um mais, porque o AO me surpreende muito com afirmações que não são para a idade dele, e com sugestões que não têm nada a ver com a idade dele. O nível de compreensão dele está claramente a cima do das crianças da idade dele. Porque mesmo sobre a educação dele, ele fala comigo sobre isso, não é? E refere que não precisamos de nos preocupar com a educação dele porque ele sabe... é como se tivesse nascido educado.”

M AB: “A AB não aceita ser tratada como uma criança e exige um tratamento de adulto. Quando é tratada como uma criança enfurece-se. Portanto ela percebe uma conversa e argumenta como um adulto. Mas expressa-se e fala muito bem, tem uma capacidade de argumentação espantosa. Ela não aceita um

não, quer sempre saber o porquê das coisas senão diz: “quem diz não só por dizer são os burros”. Ela considera-se muito inteligente e tem tendência para achar as pessoas burras e desinteressantes...”

M ML: “Compreende mais. Nós nunca lhe mentimos, mas contornamos às vezes algumas situações, mas ele cobra-nos... e às vezes diz: “ah, estão a falar disso...” e nós a pensar que estávamos a contornar a situação. Mas ele sabe perfeitamente o que estamos a dizer e faz questão de nos mostrar que sabe. Portanto é perspicaz.”

Frequentou jardim-de-infância

A criança frequentou jardim-de-infância.

(8 referências)

M AB: “Sim, ela foi para lá aos 2 anos e 6 meses. E jardim também. E foi no jardim que a educadora reparou que ela se expressava muito bem, mas que tinha problemas relacionais.”

M ML: “Depois foi para o jardim-de-infância público, que foi o primeiro contacto dele com um grupo maior, e agora a escola...”

P AO: “Sim. E jardim-de-infância.”

P MT & TT: “Não só jardim-de-infância.”

P FR: “Creche, colégio, ATL... tudo no mesmo sítio.”

P IN: “Não. Esteve com a avó. E frequentou jardim-de-infância um ano.”

P MR: “Sim, até aos 2 anos. Essa ama foi fantástica, fez uma estimulação que eu não conseguia **fazer** porque não tinha tempo. E depois foi também para o jardim-de-infância.”

Acompanhamento escolar

O entrevistado acompanha de perto o percurso escolar da criança.

(8 referências)

M AB: “(...) eu confirmo se está tudo bem na pasta, revejo os trabalhos de casa. (...) Acompanho. Eu até organizo todos os anos eventos para a escola e a AB fica contente por me ter na escola naquele dia...”

M ML: “Voluntariamo-nos sempre para ajudar no que seja necessário, participamos na escola sempre que nos pedem... houve uma sessão da sala da M. sobre segurança na internet e eu era a única mãe, tentamos sempre estar presentes e eles gostam muito disso.”

P AO: “Sim, com a ajuda da mãe.”

P MT & TT: “Sim, com a ajuda da mãe e minha. (...) Não vamos à escola a toda a hora, vamos às reuniões, mas tentamos estar sempre informados através deles.”

P FR: “Sim, mais a minha mulher.”

P IN: “Sim, com a nossa ajuda. Mais da mãe. (...) Estudamos com ela, vemos o que ela faz por dia...”

P MR: “Como está no primeiro ano ela não tem trabalhos de casa. Só pequenas fichas que eu vejo com ela. Por vezes lê com a mãe, mas ela habitualmente até já lê todos os dias à noite. No outro dia pediu a mãe para lhe fazer um ditado... mas foi esporádico. (...) Sim. Falo com os professores, a escola é pequena, conhecemos os professores todos. Mas a MR quando alguma coisa corre mal ela é a primeira a contar, pelo menos tem sido até aqui. E também vemos as fichas que a professora manda. Os cadernos da escola ficam lá, por isso não podemos ver.”

Análise de conteúdos – Categorização das entrevistas

Entrevistas “filhos”

Desempenho satisfaz

A criança considera estar a apresentar um desempenho escolar satisfatório.

(1 referência)

FR: “Mais ou menos, a maioria é «bom».”

Problemas na dinâmica familiar

A criança refere uma dinâmica familiar não totalmente satisfatória.

(1 referência)

AB: “Eu passo pouco tempo com a mãe, é mais com os avós. Com a mãe passo pouco... Às vezes ela chega às 2h... às vezes espero por ela. (...) Mas a mãe diz para eu brincar sozinha e deixar os avós em paz. Quando só estou com a mãe ela vai lavar a loiça... eu só estou com ela aos domingos, ao sábado estou com os avós e ao domingo ela está a fazer comidas para a semana. (...) Às vezes a mãe entorna comida para cima do meu caderno... vou para a cozinha para estarem ao pé de mim.”

Atitude negativa face à escola

A criança visiona a escola como algo negativo.

(1 referência)

AB: “Está a correr bem mas não gosto nada!”

Não continuar a estudar

A criança não deseja continuar a estudar a um nível superior.

(1 referência)

AB: “Não quero continuar a estudar...”

Existência de expectativas parentais

A criança afirma que os pais já lhe referiram algumas profissões que gostariam que ela seguisse.

(2 referências)

MR: “Cientista da terra para eu ganhar muito dinheiro.”

AO: “O meu pai disse-me que gostava que eu fosse Pintor, mas eu ainda não sei... ainda não conheço muito de pintura.”

Problemas de adaptação

A criança refere alguns problemas de adaptação, de relação com alguns colegas.

(2 referências)

AB: “Gosto de todos, menos de uns da turma que batem. Não sei porquê! É um menino e da menina... dão pontapés, eu não posso fazer nada, só me defendo.”

FR: “Dos professores... depende, da directora de turma é que não. Com os colegas, não me dou bem com todos, um bate-me. Batia-me, mas agora já não bate.”

Gosto por estudar

A criança estuda diariamente.

(3 referência)

AB: “Estudo, apesar de não precisar. 60 minutos...”

IN: “Sim. Vou estudando todos os dias.”

AO: “E gosto de estudar Ciências, mesmo sem ninguém me pedir, porque acho interessante estudar aquelas coisas.”

Existência de interesses específicos

A criança refere gostos/ interesses obsessivos específicos

(4 referências)

AB: “Leio muito, muito, muito! Já li os livros da escola todinhos.”

FR: “Eu gosto de muitas coisas! De fazer legos, leio enciclopédias”

TT: “Jogar a jogos. A um jogo do Egipto, que se passa só no Egipto...”

MT: “Só faço isso a história!”

Não existência de pressão escolar parental

A criança refere que os pais nunca lhe disseram que cursos superiores gostariam que ele tirasse.

(6 referências)

AB: “Não sei... nem que me digam, não vou dar ouvidos, eu sou o que quiser ser.”

FR: “Eles não dizem...”

IN: “Eles não dizem...”

ML: “Eles nunca me disseram...”

TT: “Nunca disseram...”

MT: “Eles nunca me disseram...”

Boa dinâmica familiar

A criança deixa transparecer uma visão positiva da dinâmica familiar.

(7 referências)

FR: “Vamos passear, como amanhã vamos. Ou então ficamos em casa... ou então eu a minha irmã vamos para o trabalho do pai.”

IN: “A mãe vai sempre lavar ou passar a roupa e eu estou a jogar Wii e o meu pai vai interromper-me e liga a televisão no canal que ele quer. Às vezes, se são jogos que ele gosta, ele também joga... mas se é para cantar ou dançar... também tenho um da Hanna Montana para dançar aí ele interrompe-me.”

ML: “Nós mesmo durante a semana passamos muito tempo juntos. Vamos para o computador... todos não, mas eu vou. E o resto é jogar Nintendo...”

TT: “Na semana não passamos muito... ao sábado temos escuteiros... mas ao domingo sim. Ao domingo fazemos os TPC’S, fazemos jogos (eu com o MT, apenas...), jogamos no computador. Vamos a net... os pais trabalham. Eles são professores.”

MT: “Nós passamos bastante tempo juntos, mas por vezes atarefados... eu divirto-me no computador e na televisão... também podemos dar um passeio de bicicleta mas quase nunca é possível por causa do trabalho... juntos ultimamente vimos os filmes do Indiana Jones, e temos jogado ao monopólio. Às vezes vamos passear...”

MR: “Muita coisa! Enquanto o mano está na caminha de brincar, eu e a L. brincamos e vemos um bocadinho de televisão de vez em quando. Depois brincamos com o mano, às vezes até vamos para dentro da cama pelo fecho!”

AO: “Sim, mais ao fim-de-semana. Ou passeamos ou ficamos todos em casa. Tenho mais 3 irmãs, mas uma quase nunca está, outra tem 4 meses. A minha irmã de 3 anos é que já brinca comigo.”

Bom desempenho escolar

A criança considera estar a apresenta um bom desempenho escolar.

(7 referências)

AB: “Sempre boas...”

IN: “Boas. Tive 5 a matemática e a ciências, 3 a física, EVT e história, e 4 a Inglês, português... não me lembro de mais.”

ML: “Mais ou menos... sim... tenho muitas vezes excelentes.”

MR: “Boas! Fui a que teve mais excelentes da turma!”

MT: “No último período foram três 5, o resto 4 e dois 3. Os três foram a educação física e EVT...”

TT: “Estão a ser bons, 99%, 100%, 90%, 82%...”

AO: “90% ou 100%...”

Boa atitude face à escola

A criança visiona a escola como algo positivo.

(7 referências)

IN: “Está a correr bem, gosto dos professores e das colegas.”

FR: “Mas gosto de ir à escola. Mas antes ficava farto de férias, queria ir para a escola!”

ML: “Está a correr bem e gosto de ir à escola, dos professores e dos colegas”

MR: “Está a correr bem!”

TT: “Está a correr bem. Eu gosto de aprender. Dou-me bem com toda a gente.”

MT: “Está a correr bem... eu quero sempre ter um 5 a história... este período ainda não se vou ter... mas tenho amigos e dou-me bem com toda a gente.”

AO: “Tenho óptimos resultados e gosto dos colegas e dos professores... só não gosto muito da professora de Inglês...”

Acompanhamento escolar

A criança refere que os pais acompanham o seu percurso escolar e ajudam quando necessário.

(7 referência)

AB: “Faço sempre, com o avô ou a avó.”

FR: “(...) mas nos de inglês se não souber alguma coisa eu pergunto ao pai ou à mãe. Mas não fazem a revisão, só se eu tiver dúvidas.”

IN: “Se tiver dificuldades pergunto à minha mãe ou ao meu pai.”

ML: “Às vezes acompanhado pela mãe”

TT: “(...) e a mãe ou o pai ajudam-me, eu vou mostrar quando acabo.”

MT: “Faço em casa, às vezes com ajuda... quando quero corrigir os trabalhos”

AO: “Faço sozinho, e a mãe verifica, porque o pai está a trabalhar.”

Curso superior

A criança pretende seguir um curso superior.

(7 referências)

FR: “Sim, quero estudar.”

IN: “Sim, ir para a universidade.”

ML: “Sim, de ciências ou matemática.”

MR: “Sim, ir para a faculdade.”

MT: “Sim, engenharia de robótica, há no técnico. E também há nos Estados Unidos...”

TT: “Sim, quero estudar”

AO: “Sim. Quero ser veterinário. E também gosto de Ciências e de animais... Já dei os sistemas.”

Bom processo de socialização

A criança refere apresentar boas relações com amigos, familiares ou vizinhos.

(8 referências)

AB: “Mas prefiro brincar acompanhada, pela casa toda! (...) Eu dou-me com a minha prima, o meu primo, os meus tios... mas dou-me melhor com o meu primo.”

FR: “Prefiro brincar com o meu melhor amigo. Mas já não o vejo há muito tempo, ele foi para outra escola. Mas prefiro com outros meninos (...). Com os 3 avós, com o tio... com os primos, mas raramente nos vemos. Às vezes brinco com as primas, mas a minha prima favorita já não a vejo há mais de um ano. Brincamos a muitas coisas, mas a Andreia agora passa demasiado tempo no computador e não brinca connosco.”

IN: “Brincar com outros meninos porque é mais divertido. Jogamos às cartas, ao peixinho ao polícia e ladrão, à apanhada, às escondidas... (...) Às vezes, sobre várias coisas, sobre brincadeiras. (...) Gosto de todos. Dou-me com a minha prima que mora na casa ao lado, tem 12 anos. Também me dou com umas primas que moram no Algarve. Eu vou lá nas férias.”

ML: “Sim. Sobre os nossos jogos. (...) Dou-me bem com todos”

MR: “Eu prefiro brincar com a mana! (...) Sim, eu converso com a mamã. Com a mana... (...) Eu conheço melhor os avós da parte do pai do que os da parte da mãe. Olha o meu pai tem uma irmã e essa irmã tem um marido e estão na casa ao lado da minha, então a minha irmã como tem andado com febre e o mano está a dormir e eu não tenho nada para fazer vou para casa dele acabar uma boneca que eu tenho.”

TT.: “Bem, se não tivesse ecrãs e o castelo brincava com outros meninos. Há dias em que gosto de brincar sozinho, outros em que gosto de brincar acompanhado. Com outros meninos gosto de jogar futebol, à gloria... (...) Gosto de conversar sobre o Egipto. (...) Dou-me com o Tiago, é o único que tenho... brincamos aos carros. Com os avós também me dou bem.”

MT: “Sim. Muitas vezes, ou quase sempre faço sozinho, mas de preferência faço com amigos. (...) Ultimamente falamos sobre jogos de cartas... mas falamos sobre várias coisas. Com uns é sobre as cartas, com outros sobre outras coisas... varia. (...) Vou muitas vezes a casa da minha avó que mora um andar a baixo. Com os primos jogo e brinco, e com os amigos a mesma coisa.”

AO: “Com os amigos, é mais divertido, cada um tem um papel. (...) Sim! Falamos sobre as provas ou brincadeiras novas dos jogos. (...) Gosto do meu avô paterno. Ele trás dvd’s dos poquemons. E do avô materno, ele também assiste a esses filmes comigo. De resto, não sou muito próximo.”

Categoria: Precocidade

<Internals\\Entrevista Mãe AB> - § 1 reference coded [1,06% Coverage]

Reference 1 - 1,06% Coverage

Inv.: E a falar? Quando começou?

M AB: O mais básico foi a partir dos 9 - 10 meses. E teve uma particularidade, entendia-se bem. Mas depois quando começa a falar já tinha um léxico grande, de repente! Ela quando entrou para o jardim-de-infância era de longe a que se expressava melhor. No primeiro dia no jardim almoçou frango e ela referiu: “prefiro churrasco”, e contava tudo o que se passava lá!

<Internals\\Entrevista Mãe ML> - § 1 reference coded [0,82% Coverage]

Reference 1 - 0,82% Coverage

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nele primordialmente?

M ML: Em primeiro lugar desenhar o nome dele sozinho, começou a escrever o nome dele com 3 anos e tal /4. O aprender a ler sozinho e o raciocínio que ele faz, matemático. E isso é que nos surpreende imenso, o cálculo mental dele chama a atenção. Portanto reparamos desde os 4/5 anos.

<Internals\\Entrevista pai AO> - § 3 references coded [7,68% Coverage]

Reference 1 - 0,74% Coverage

Inv.: E a falar? Quando começou?

P AO: Muito evoluída antes dos 2 anos. Mas mesmo muito evoluída. E nessa altura já sabia contar até 11. Já conhecia os números. Ele aprendeu a ler sozinho.

Reference 2 - 6,11% Coverage

Inv.: E nessa altura as educadoras já referiam alguma particularidade?

P AO: Sim, sim... eu ao princípio abri o jogo e disse como é que o AO é, eu não precisei de ir a lado nenhum para saber como era o meu filho. Ele nasceu e eu percebi como ele era, assim como nasceu agora outra e vai ser igual ao AO. Basta olhar para eles, percebê-los, senti-los e sei que eles são assim. Eu nunca falei disso com ninguém mas quando chegou a altura do jardim achei que devia dizer. E as pessoas olharam para mim como se eu fosse o maior atrasado mental daquela rua, mas um mês depois estavam a chamar-me e a pedir desculpas, porque o AO com 3 anos, por exemplo

desenhou o planeta e um menino a desenhar para o planeta e a educadora perguntou-lhe o que era aquilo e ele disse que era ele a olhar para o mundo. E ela a partir daí percebeu que a percepção que aquela criança tinha de planeta e essas coisas não tinha nada a ver com a idade dele. Depois o AO desenhava muito bem, agora já não desenha tão bem, mas ele desenhava muito bem. Portanto foi sempre o mesmo ritual, eu chego e digo que o AO é diferente e as pessoas olham para mim e dizem que o pai é parvo e depois pedem-me desculpa. Isso foi o que se passou nos dois sítios onde ele andou. O AO com 5/6 anos estava a fazer um puzzle de 1000 peças, com 3 anos fazia puzzles com 100 peças. Uma das brincadeiras que eu e o AO temos é ir a subtrair as matrículas dos carros, e ele de cabeça... ele a fazer triplos, antes de entrar para a escola primária chegava aos 50 e tal mil.

Reference 3 - 0,84% Coverage

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nele priMRmente?

P AO: Notei desde sempre, o AO nunca foi um bebé igual, foi sempre diferente. Se calhar as outras pessoas não viam, mas eu via.

<Internals\\Entrevista pai do MT & TT> - § 2 references coded [2,28% Coverage]

Reference 1 - 1,37% Coverage

Inv.: E a falar?

P MT & TT: O MT começou a falar muito cedo. Nós não notamos nada porque ele foi o primeiro filho, mas as pessoas é que começaram a chamar à atenção. Aos 3 anos ele foi para o infantário e a educadora disse que ele até metia medo, no primeiro dia que lá chegou viu um berbequim e disse “berbequim”, com uma linguagem cristalina. Disse que não era muito comum. Falava muito claro e com as frases bem construídas. E chamava a atenção das pessoas porque falava muito e bem. O TT não é tão habilidoso na linguagem.

Reference 2 - 0,91% Coverage

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente neles priMRmente?

P MT & TT: Sobretudo a fala, começaram a falar muito cedo. Mas ainda não tinham chegado aos 3 anos. Creio que o MT mais cedo e mais que o TT. E também a capacidade de construir séries numéricas... e a memória. Mas na altura aquilo para nós era normal, nós não sabíamos.

<Internals\\Entrevista pai FR> - § 1 reference coded [0,51% Coverage]

Reference 1 - 0,51% Coverage

Inv.: E a falar? Quando começou?

P FR: Também foi cedíssimo. Deve ter começado a falar para aí com um ano e meio.

<Internals\\Entrevista pai IN> - § 1 reference coded [2,08% Coverage]

Reference 1 - 2,08% Coverage

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nele priMRmente?

P IN: Para nós como era a primeira filha estava tudo normal, a professora é que nos disse que ela estava um passo à frente. Porque para nós era normal, talvez um pouco mais a cima, não é? Mas a professora é que disse.

<Internals\\Entrevista pai MR> - § 2 references coded [2,17% Coverage]

Reference 1 - 0,92% Coverage

Inv.: Quando é que ela começou a andar? A adquirir o controlo motor...

P MR: Cedo. Já andava e falava muito bem sem ter dentes. Ela teve dentes para aí ao 1 ano e meio. E ela já cantava algumas coisas. Não era correctamente mas já se expressava bem.

Reference 2 - 1,25% Coverage

Inv.: Relativamente à sobredotação... O que notou de diferente nela priMRmente?

P MR: Foi o pediatra, não fui eu. Porque eu não tinha outros filhos não tinha comparação. Mas o pediatra disse que não tinha dúvidas, devia à comunicação que ela tem... e disse para consultarmos alguém, e acabámos por consultar. Ela tinha 3 anos nesta altura.